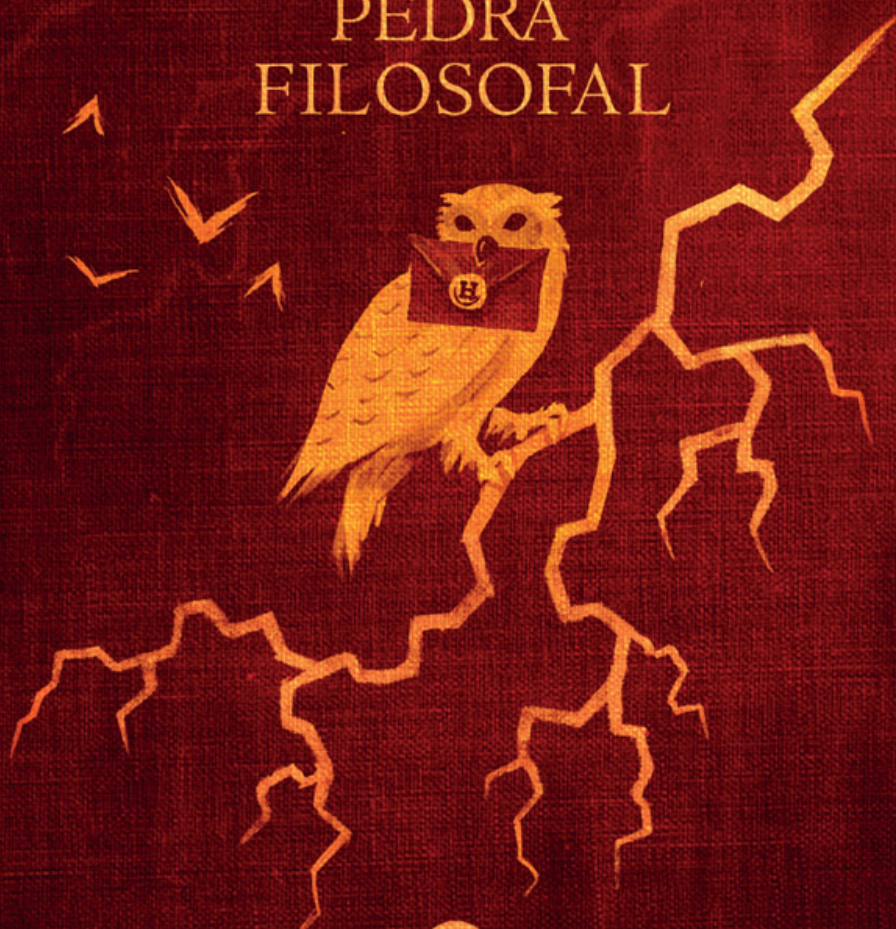


HARRY POTTER

ea

PEDRA
FILOSOFAL



1

J.K. ROWLING

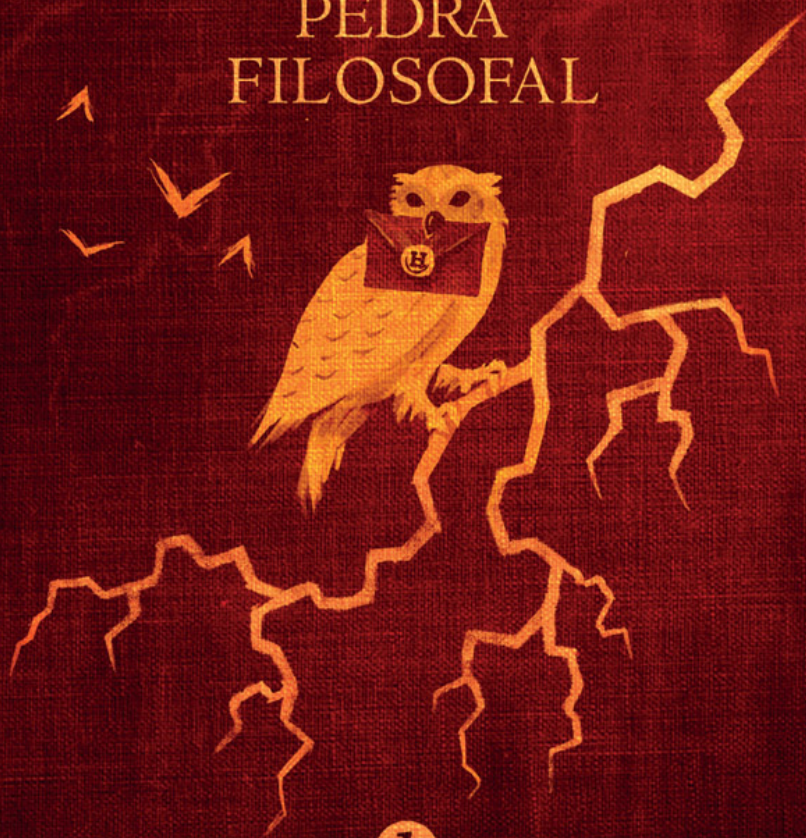
VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

HARRY POTTER

ea

PEDRA
FILOSOFAL



1

J.K. ROWLING

HARRY POTTER

ea
PEDRA
FILOSOFAL

J.K. ROWLING

Pottermore[™]
from J.K. Rowling

Pottermore™

from J.K. Rowling

À Jessica, que adora histórias.

*À Ana, que também as adora
e à Di, que foi a primeira a ouvir esta.*

ÍNDICE

- I O rapaz que sobreviveu
- II O vidro desaparecido
- III As cartas de ninguém
- IV O guarda das chaves
- V Diagon-Al
- VI A viagem da plataforma nove e três quartos
- VII O Chapéu Seleccionador
- VIII O professor de Poções
- IX O duelo da meia-noite
- X Hallowe'en
- XI Quidditch
- XII O Espelho dos Invisíveis
- XIII Nicolas Flamel
- XIV *Norbert*, o dragão norueguês
- XV A floresta proibida
- XVI Pelo alcapão
- XVII O homem com duas caras

I

O RAPAZ QUE SOBREVIVEU

Mr. e Mrs. Dursley, que vivem no número quatro de Privet Drive, sempre afirmaram, para quem os quisesse ouvir, ser o mais normal que é possível ser-se, graças a Deus. Eram as últimas pessoas que alguém esperaria ver envolvidas em algo estranho ou misterioso porque, pura e simplesmente, não acreditavam nesses disparates.

Mr. Dursley era director de uma empresa chamada Grunnings que fabricava brocas. Era um homem atarracado, quase sem pescoço, apesar do seu farto bigode. Mrs. Dursley era magra e loira e tinha um pescoço com o dobro do tamanho normal, que lhe era extremamente útil para espreitar os vizinhos através das sebes, o que sucedia com grande frequência. Os Dursley tinham um filho pequeno chamado Dudley que, na opinião de ambos, era melhor do que qualquer outro rapazinho à face da Terra.

Tinham tudo o que queriam, mas, infelizmente, tinham também um segredo e o seu maior pavor era a ideia de que este pudesse alguma vez ser descoberto. Seria insuportável se alguém suspeitasse da existência dos Potter.

Mrs. Potter era irmã de Mrs. Dursley, mas não se viam havia muitos anos. A verdade é que Mrs. Dursley fazia-se passar por filha única, porque a irmã e o imprestável do cunhado eram o mais diferentes deles que imaginar se pode. Os Dursley ficavam arrepiados só de pensar no que diriam os vizinhos se os Potter alguma vez aparecessem lá na rua. Sabiam que tinham também um filho pequeno que eles nunca tinham visto e esse rapazinho era mais um motivo para os querer manter afastados. A última coisa que lhes interessava era verem Dudley perto de uma criança daquelas.

Quando Mr. e Mrs. Dursley acordaram, na manhã cinzenta e pesada de terça-feira em que começa a nossa história, nada fazia prever naquele céu

enevoadas as coisas insólitas e misteriosas que começariam em breve a suceder por todo o país. Mr. Dursley retirou do armário a sua gravata mais vulgar para levar para o trabalho, enquanto Mrs. Dursley tagarelava e se debatia para conseguir sentar na cadeirinha das refeições o pequeno Dudley, que não parava de gritar.

Nenhum deles reparou na janela, através da qual se teria podido ver uma enorme coruja amarelada esvoaçando em grande alvoroço.

Às oito e meia da manhã, Mr. Dursley pegou na pasta, deu um beijo de despedida a Mrs. Dursley e tentou fazer o mesmo a Dudley, mas não conseguiu porque ele estava a meio de uma birra, atirando com papa às paredes. «Que peste!», queixou-se Mr. Dursley depois de sair de casa, entrar no carro e afastar-se do número quatro.

Só quando chegou à esquina teve o primeiro sinal de que algo estranho se passava — uma gata estudava um mapa. No primeiro segundo, Mr. Dursley não teve consciência do que vira — mas, depois, voltou a cabeça para olhar melhor. E lá estava a gata malhada, na esquina de Privet Drive, mas não havia mapa nenhum à vista. Onde diabo tinha ele a cabeça? É claro que tinha sido uma ilusão de óptica. Mr. Dursley piscou os olhos e fixou bem a gata. Ela olhou para ele. Quando virou a esquina para subir a rua, espreitou pelo retrovisor. A gata lia agora a tabuleta onde estava escrito «Privet Drive» — não, não lia, olhava, os gatos não podem ler mapas nem tabuletas. Mr. Dursley sacudiu a cabeça para afastar aquele episódio e, enquanto atravessava a cidade, não pensou senão na grande encomenda de brocas que esperava receber nesse mesmo dia.

Todavia, à saída da cidade, o seu espírito foi afastado das brocas por outra coisa. Enquanto esperava no habitual engarrafamento, não pôde deixar de reparar que havia uma série de gente vestida de uma forma muito pouco usual. Gente coberta com longas capas. Mr. Dursley não suportava as pessoas que se arranjavam de modo excêntrico — as figuras de alguns jovens! — e partiu do princípio de que se tratava de uma nova moda estúpida. Tamborilou com os dedos no volante do automóvel e os olhos prenderam-se-lhe num desses grupos tumultuosos de exibicionistas. Murmuravam entre si, num estado de grande excitação e Mr. Dursley ficou ainda mais irritado ao constatar que alguns deles não eram de todo jovens. Que lata, aquele indivíduo devia ser mais velho do que ele e usava uma longa capa verde-esmeralda! Porém, nessa altura, pensou que muito provavelmente se trataria de uma manobra de propaganda ou de um peditório — sim, devia ser isso. O trânsito avançou e, alguns minutos mais tarde, Mr. Dursley chegava ao estacionamento da Grunnings, novamente a pensar nas brocas.

No escritório, era seu costume sentar-se de costas para a janela. Se assim não fosse, ter-lhe-ia sido bem mais difícil concentrar-se no trabalho durante a manhã. Assim, não viu as corujas descendo rapidamente em plena luz do dia, apesar de todos os transeuntes apontarem estarrecidos e de boca aberta enquanto coruja após coruja passava sobre as suas cabeças a grande velocidade. A maior parte nunca tinha visto uma ave daquelas, nem mesmo à noite, mas Mr. Dursley teve uma manhã absolutamente normal e livre de corujas. Gritou com cinco pessoas e fez várias chamadas telefônicas de grande importância, nas quais gritou ainda mais. Esteve bastante bem-disposto até à hora de almoço, quando decidiu dar um pequeno passeio para esticar as pernas e ir comprar um pão de leite à padaria da frente.

Tinha esquecido por completo as pessoas com capas até deparar com um grupo que se encontrava junto da padaria. Lançou-lhes um olhar enfurecido. Não sabia explicar porquê, mas faziam-no sentir-se desconfortável. Este grupo estava também a murmurar, denotando uma grande excitação. Só quando passou por eles, levando um enorme *donut* num saco, conseguiu apanhar no ar algumas palavras do que eles estavam a dizer.

— Os Potter, sim, foi o que ouvi dizer.

— Sim, o filho deles, o Harry.

Mr. Dursley ficou transido. O medo apoderou-se dele. Olhou para trás, para os indivíduos que estavam a falar, como se quisesse dizer-lhes alguma coisa, mas, pensando melhor, desistiu.

Desceu a rua a correr direito ao escritório, disse à secretária que não o interrompesse, pegou no telefone e estava quase a acabar de discar o número quando mudou de ideias. Pôs o auscultador no descanso e cofiou o bigode. Pensando bem, estava a ser estúpido. Potter não era um nome assim tão raro. Devia haver imensos Potter com filhos chamados Harry. Aliás, ele nem tinha a certeza se seria esse o nome do sobrinho, nunca sequer o tinha visto. Podia ser Harold ou Harvey, não havia motivo para deixar Mrs. Dursley preocupada. Ela ficava sempre tão fora de si quando se tocava no nome da irmã. E não podia censurá-la, se ele tivesse tido uma irmã assim... mas, ao mesmo tempo, toda aquela gente de capas longas...

Foi bastante mais difícil naquela tarde concentrar-se nas brocas e, quando deixou o edifício, às cinco horas, estava ainda tão preocupado que chocou contra uma pessoa logo à saída da porta.

— Desculpe — resmungou, enquanto o homenzinho se desequilibrava, quase caindo. Só alguns segundos mais tarde Mr. Dursley se apercebeu de que o homem vestia uma capa roxa. Não parecia minimamente preocupado por ter tropeçado e por quase ter ido parar ao chão. Pelo contrário, o seu

rosto abriu-se num enorme sorriso e disse numa voz tão aguda que levou alguns transeuntes a pararem para olhar:

— Não se preocupe, meu caro senhor, no dia de hoje nada poder ia aborrecer-me! Alegremo-nos porque o Quem-Nós-Sabemos desapareceu finalmente do mapa! Até os Muggles, como você, deviam festejar este dia tão feliz!

O velhote envolveu-o num grande abraço e em seguida afastou-se.

Mr. Dursley ficou pregado ao chão. Tinha sido abraçado por um indivíduo que lhe era totalmente estranho e que lhe tinha chamado «Muggle», fosse lá isso o que fosse. Estava confuso. Apressou-se a chegar ao carro e dirigiu-se para casa na esperança de que tudo aquilo não passasse de imaginação sua, coisa que até então nunca tinha desejado, uma vez que não era muito adepto da imaginação.

A primeira coisa que avistou ao aproximar-se do número quatro — e que não melhorou em nada o seu estado de espírito — foi a gata malhada que vira de manhã. Estava agora sentada no muro do seu jardim. Tinha a certeza de que era a mesma por causa das marcas em volta dos olhos.

— Choo! — enxotou-a bem alto.

A gata não se moveu. Limitou-se a lançar-lhe um olhar ríspido. Seria o comportamento normal de uma gata?, questionou-se Mr. Dursley. Depois, fazendo um esforço por aparentar um ar absolutamente normal, entrou em casa, ainda decidido a não falar em nada daquilo à mulher.

Mrs. Dursley tinha tido um dia igual a todos. Contou-lhe, durante o jantar, os problemas que os vizinhos do lado estavam a ter com a filha e que Dudley aprendera a dizer «não quero». Mr. Dursley tentou agir com a maior naturalidade. Depois de terem deitado Dudley, encaminhou-se para a sala chegando mesmo a tempo de ouvir a última notícia do telejornal:

— E, por fim, os observadores de pássaros comunicaram-nos que as corujas do país tiveram um comportamento bastante estranho durante o dia de hoje. Apesar de ser hábito caçarem durante a noite, não sendo praticamente vistas à luz do dia, milhares destas aves foram vistas a voar em todas as direcções desde o nascer do Sol. Os peritos não conseguem explicar esta súbita alteração do seu padrão de sono. — O apresentador permitiu-se um sorriso. — Muito misterioso. E agora passemos a Jim McGuffin e às previsões do tempo. Continuará a haver chuva de corujas durante a noite, Jim?

— Bem, Ted — disse o meteorologista —, quanto a isso não posso afiançar, mas as corujas não foram o único fenómeno do dia de hoje. Observadores de Kent, Yorkshire e Dundee têm telefonado insistentemente a informar-nos de que, em vez da chuva que eu previra ontem, têm tido

uma tempestade de estrelas cadentes! É como se as pessoas tivessem decidido festejar mais cedo a *Bonfire Night*... que é só na próxima semana... mas posso prometer-vos chuva para esta noite.

Mr. Dursley sentou-se petrificado na poltrona. Estrelas cadentes em toda a Grã-Bretanha? Corujas a voarem durante o dia? Gente estranha usando longas capas em todo o lado? E aqueles murmúrios sobre os Potter...

A senhora Dursley entrou na sala, trazendo duas chávenas de chá. Não podia ser, tinha de falar com ela. Clareou nervosamente a voz.

— Hã... Petúnia, minha querida... não tens sabido nada da tua irmã nos últimos tempos, pois não?

Como era de esperar, Mrs. Dursley ficou chocada e indisposta. Não tinham decidido esquecer que ela tinha uma irmã?

— Não — respondeu secamente. — Porquê?

— Informações estranhas no telejornal — resmungou Mr. Dursley. — Corujas... estrelas... e uma série de gente com um aspecto fora do normal que encheu as ruas durante o dia de hoje...

— E daí? — perguntou Mrs. Dursley.

— Bem... eu pensei que... talvez... tivesse alguma coisa a ver com... sabes... a gente dela.

Mrs. Dursley bebeu o chá aos golinhos, enquanto o marido se perguntava se deveria dizer-lhe que ouvira uma referência aos Potter. Decidiu não arriscar. Em vez disso, proferiu com tanta naturalidade quanto lhe foi possível: — O filho deles deve ter mais ou menos a idade do Dudley, não deve?

— Acho que sim — respondeu, constrangida, Mrs. Dursley.

— Como é que se chama o garoto? Howard, não é?

— Harry, o nome mais vulgar que podiam ter encontrado.

— Ah! — exclamou Mr. Dursley com o coração apertado. — Claro, concordo inteiramente contigo, que nome vulgar.

Não voltou a falar-se no assunto e subiram para se deitar. Enquanto a esposa estava na casa de banho, Mr. Dursley aproximou-se da janela do quarto e espreitou para o jardim. A gata ainda lá estava. Olhava para a parte de baixo da rua como se esperasse por alguma coisa.

Estaria ele a imaginar coisas? Haveria alguma relação entre tudo aquilo e os Potter? Se tivesse... se viesse a saber-se que eles eram da família de um casal de... bem, ele não suportaria isso.

Deitaram-se. Mrs. Dursley adormeceu rapidamente, mas o marido ficou acordado com a cabeça às voltas. O último pensamento reconfortante que teve, antes de adormecer, foi que, mesmo que os Potter tivessem alguma coisa a ver com aquilo, não havia motivo algum para se aproximarem.

Sabiam perfeitamente o que ele e Petúnia pensavam sobre eles e os da sua espécie... não havia motivo para se verem envolvidos no que quer que fosse que estivesse a acontecer. Bocejou e virou-se na cama. Aquilo não iria afectá-los.

Como ele se enganava!

Mr. Dursley podia ter caído num sono agitado, mas a gata que continuava em cima do muro não aparentava o menor sinal de sono. Estava imóvel como uma estátua, os olhos bem abertos, fixos na esquina de Privet Drive. Nem sequer estremeceu quando a porta de um carro se fechou ruidosamente na rua de trás, nem quando duas corujas fizeram um voo rasante sobre a sua cabeça. Era quase meia-noite quando a gata se moveu.

Um homem surgiu na esquina onde os olhos da gata tinham estado fixos. Apareceu tão súbita e silenciosamente que parecia ter saído do chão. A cauda da gata contorceu-se e os olhos contraíram-se.

Nunca fora visto em Privet Drive ninguém que se parecesse com aquele homem. Era alto, magro e muito velho, a julgar pela barba e pelo cabelo prateado, ambos tão longos que lhe chegavam à cintura. Usava uma capa até aos pés, um manto cor de púrpura que varria o solo e botas afiveladas de tacão. Tinha uns olhos azuis muito claros que brilhavam intensamente por detrás de uns óculos de meia-lua. O nariz era longo e torto como se lho tivessem partido pelo menos duas vezes. O nome desse homem era Albus Dumbledore.

Albus Dumbledore parecia não se dar conta de que acabava de chegar a uma rua onde tudo, desde o seu nome até às suas botas, era indesejável. Estava distraído a vasculhar na capa como quem procura alguma coisa, quando lhe pareceu estar a ser observado. Olhou subitamente para a gata que continuava a fitá-lo do outro lado da rua. A visão da gata pareceu diverti-lo. Riu-se entredentes e murmurou: — Eu devia ter adivinhado.

Encontrou o que procurava nos bolsos. Parecia um isqueiro prateado. Abriu a tampa, segurou-o no ar e carregou com o dedo, provocando um pequeno estalido. O candeeiro mais próximo apagou-se com um ruído seco. Ele voltou a premir o objecto e o outro candeeiro apagou-se também. Repetiu doze vezes aquela operação até que as únicas luzes acesas em toda a rua, dois minúsculos pontinhos lá longe, eram os olhos da gata a observá-lo. Se alguém espreitasse pela janela naquele momento, mesmo que fossem os olhinhos pequeninos e vivos de Mrs. Dursley, não conseguiria ver absolutamente nada do que estava a acontecer no passeio. Dumbledore guardou o Apagador no bolso da capa, aproximou-se do número quatro e sentou-se no muro, ao lado da gata. Não a olhou directamente, mas, passados alguns momentos, dirigiu-se a ela:

— Curioso vê-la aqui, professora McGonagall. — Voltou-se para sorrir à gata, mas esta tinha desaparecido. Estava agora a sorrir para uma mulher de aspecto austero, com óculos quadrados com a forma exacta das marcas que a gata tinha em volta dos olhos. Também ela vestia uma capa verde-esmeralda, tinha o cabelo negro apanhado num rolo e parecia claramente irritada.

— Como soube que era eu? — perguntou.

— Minha cara professora, nunca vi uma gata sentada de uma forma tão rígida!

— Também você ficaria rígido se estivesse um dia inteiro sentado num muro — ripostou a professora McGonagall.

— Todo o dia? Quando podia ter estado a festejar? Eu devo ter encontrado pelo caminho uma dúzia de festas e celebrações.

A professora McGonagall torceu o nariz, irritada.

— Ah! sim, estão todos a festejar — disse com impaciência. — Seria de esperar que fossem um pouquinho mais cautelosos, mas não, até os Muggles já se aperceberam de algo invulgar, deram a notícia no telejornal deles. — Fez um sinal com a cabeça na direcção da janela escura da sala dos Dursley. — Ouvi. Bandos de corujas... estrelas cadentes... Bem, eles não são totalmente estúpidos. Foram obrigados a perceber que se passa alguma coisa. Estrelas cadentes em Kent, aposto que anda por aí o dedo do Dedalus Diggle, ele não tem muito juízo naquela cabeça.

— Não pode censurá-los — disse Dumbledore suavemente —, tivemos muito pouco para festejar durante os últimos onze anos.

— Eu sei muito bem disso — respondeu, irritada, a professora McGonagall. — Mas não é motivo para perderem a cabeça. Têm andado para aí em plena luz do dia a espalhar boatos, sem sequer terem o cuidado de se vestir como os Muggles.

Lançou um olhar ríspido de lado a Dumbledore como se esperasse que ele dissesse alguma coisa, mas este manteve-se calado. Ela prosseguiu: — Era lindo se no dia em que o Quem-Nós-Sabemos parece por fim ter desaparecido, os Muggles descobrissem tudo a nosso respeito. Sim, porque eu julgo que ele desapareceu mesmo, não foi, Dumbledore?

— Parece que sim — respondeu ele. — Temos de estar muito gratos. Não quer tomar uma limonada comigo?

— Uma *quê*?

— Uma limonada. É uma bebida dos Muggles de que eu gosto muito.

— Não, muito obrigada — recusou a professora McGonagall, friamente, como se considerasse não ser aquele o melhor momento para tomar limonadas. — Como eu estava a dizer, mesmo tendo o Quem-Nós-

Sabemos desaparecido...

— Minha querida professora, com certeza uma pessoa sensata como a senhora pode referir-se a ele usando o seu verdadeiro nome. Toda essa história disparatada do Quem-Nós-Sabemos; há onze anos que tento convencer as pessoas a proferirem o seu nome: *Voldemort*. — A professora McGonagall vacilou, mas Dumbledore, que estava a abrir duas limonadas, pareceu não dar por isso. — Torna-se tão confuso continuar a dizer o Quem-Nós-Sabemos. Honestamente nunca vi qualquer motivo para ter medo de proferir o nome de *Voldemort*.

— Eu sei que não — disse a professora McGonagall num tom que expressava surpresa e admiração. — Mas você é diferente. Todos sabem que era o único de quem o Quem-Nós-Sabemos..., oh! está bem, o *Voldemort* tinha medo.

— Sinto-me elogiado — disse Dumbledore calmamente —, *Voldemort* tinha poderes que eu nunca possuirei.

— Apenas porque você é demasiado... como direi, nobre, para os utilizar.

— Felizmente está escuro. Eu não corava tanto desde que a Madame Pomfrey me disse que adorava o meu novo barrete.

A professora McGonagall lançou um olhar penetrante a Dumbledore e disse: — As corujas não são nada comparadas com os boatos que correm. Sabe o que dizem por aí sobre o motivo do seu desaparecimento? Sobre o motivo que acabou com ele?

Parecia que a professora McGonagall tinha chegado ao ponto que lhe interessava mesmo discutir, à verdadeira razão que a levava a esperar num muro duro e frio durante um dia inteiro, pois nunca antes, nem como gata nem como mulher, tinha olhado para Dumbledore com um olhar tão penetrante como naquele momento. Era óbvio que, fosse o que fosse que se dissesse, ela só acreditaria depois de o ouvir da boca de Dumbledore. Mas este estava a escolher outra limonada e não lhe respondeu.

— Dizem — prosseguiu ela — que ontem o *Voldemort* apareceu em Godric's Hollow e foi procurar os Potter. O que corre é que a Lily e o James Potter... *morreram*.

Dumbledore baixou a cabeça. A professora McGonagall suspirou.

— A Lily e o James... custa a crer... eu não queria acreditar... oh! Albus...

Dumbledore aproximou-se e deu-lhe uma palmadinha no ombro. — Eu sei, eu sei — disse, com pesar.

A voz da professora McGonagall tremia, à medida que continuava a falar. — E não é tudo. Dizem que ele tentou matar o filho deles, o pequeno

Harry, mas que não foi capaz. Não conseguiu matar o rapazinho. Ninguém sabe porquê nem por que não, mas dizem que ao não lhe ser possível matar o Harry Potter, o seu poder se esvaiu e que foi por isso que o Voldemort desapareceu.

Dumbledore acenou com ar sorumbático.

— Mas, é... *verdade*? — hesitou a professora McGonagall. — Depois de tudo o que ele fez... toda a gente que matou... não foi capaz de matar um rapazinho? É tão confuso, como terá o Harry conseguido sobreviver?

— O máximo que podemos fazer são suposições — disse Dumbledore. — Talvez nunca cheguemos a saber.

A professora McGonagall puxou de um lenço de renda e limpou os olhos por detrás dos óculos. Dumbledore fungou, enquanto retirava um relógio de ouro do bolso e o observava. Era um relógio bastante insólito. Tinha doze ponteiros, mas não tinha números. Em vez deles, pequenos planetas movimentavam-se em círculos. Contudo, devia fazer sentido para Dumbledore, porque voltou a metê-lo no bolso, dizendo: — O Hagrid está atrasado. A propósito, deve ter sido ele quem lhe disse que eu viria aqui, não?

— Sim — confirmou a professora McGonagall. — E já agora não querará explicar-me por que é que veio?

— Vim trazer o pequeno Harry à tia e ao tio. São a sua única família.

— Não está a querer dizer-me que... não pode estar a referir-se às pessoas que vivem *aqui*? — gritou a professora McGonagall, pondo-se em pé e apontando para o número quatro. — Dumbledore, você não pode fazer uma coisa dessas. Tenho estado a observá-los durante todo o dia e não é possível encontrar duas pessoas mais diferentes de nós. E têm um filho... vi-o a massacar a mãe durante todo o caminho para lhe comprar doces. O Harry Potter, aqui?!

— É o melhor lugar para ele — declarou Dumbledore com firmeza. — A tia e o tio poderão explicar-lhe tudo um dia mais tarde, quando for mais crescido. Eu escrevi-lhes uma carta.

— Uma carta? — repetiu a professora McGonagall quase sem voz, voltando a sentar-se no muro. — Francamente, Dumbledore, acha que é possível explicar tudo isto numa carta? — Esta gente nunca na vida vai entendê-lo. Ele vai ser famoso... uma verdadeira lenda, não me espantaria nada se o dia de hoje viesse no futuro a ser conhecido como o dia de Harry Potter... vão escrever-se livros a seu respeito, todas as crianças do nosso mundo conhecerão o seu nome!

— Precisamente — afirmou Dumbledore com a maior seriedade, olhando-a por cima dos óculos de meia-lua. — Tudo isso daria a volta à

cabeça de um rapazinho. Ser famoso antes mesmo de saber andar e falar! Famoso por uma coisa de que nem ele consegue lembrar-se. Não vê que é muito melhor para ele crescer afastado de tudo isso, até estar preparado para entender as coisas?

A professora McGonagall abriu a boca, mudou de ideias, engoliu em seco e em seguida disse: — Sim, claro, tem toda a razão. Mas como é que o rapaz cá chega, Dumbledore? — Olhou para o manto dele como se pensasse que ele podia estar a esconder o garoto.

— O Hagrid vai trazê-lo.

— Acha que é *sensato* confiar ao Hagrid algo tão importante como isto?

— Eu confiaria ao Hagrid a minha própria vida — afirmou Dumbledore.

— Não estou a dizer que ele não tenha bom coração — afirmou a professora McGonagall renitentemente —, mas não podemos ignorar que é pouco cauteloso. Tem tendência para... o que foi aquilo?

Um som semelhante ao ribombar de um trovão quebrou o silêncio. Tornou-se ainda mais intenso enquanto percorriam a rua com o olhar, procurando avistar um par de faróis e era já um verdadeiro estrondo quando olharam para o céu... e uma imensa motorizada aterrou, mesmo ao lado deles.

Se a moto era grande, o que dizer do homem que vinha lá sentado? Devia ter o dobro da altura de um indivíduo normal e era, pelo menos, cinco vezes mais largo. Parecia maior do que era humanamente possível e verdadeiramente animalesco — os cabelos e a barba negros, ambos emaranhados, ocultavam-lhe a maior parte do rosto, as mãos pareciam tampas de caixotes do lixo e os pés, dentro de umas enormes botas de couro, lembravam dois golfinhos-bebés. Nos braços fortes e musculados transportava uma trouxa de cobertores.

— Hagrid — disse Dumbledore parecendo aliviado —, até que enfim. Onde diabo arranjaste essa moto?

— Pedi-a emprestada, professor Dumbledore — respondeu o gigante, saindo com todo o cuidado da moto, enquanto falava. — Foi o Sirius Black que m'emprestou. Tenh'aqui a criança, senhor professor.

— Não houve problemas?

— Não, senhor... a casa estava praticamente destruída, mas eu consegui tirá-lo antes qu'os Muggles comessem a invadi-la. Ele adormeceu quando sobrevoávamos Bristol.

Dumbledore e a professora McGonagall inclinaram-se para a trouxa de cobertores. Lá bem no meio, muito pequenino, estava um bebé do sexo masculino a dormir. Sob um tufo de cabelo preto que lhe caía para a testa podia ver-se um golpe invulgar em forma de raio.

— Foi aí que...? — perguntou num sussurro a professora McGonagall.

— Sim — disse Dumbledore. — Ele vai ficar com esta cicatriz para sempre.

— Não pode fazer nada para a tirar, Dumbledore?

— Mesmo que pudesse, não o faria. As cicatrizes podem vir a ser muito úteis no futuro. Eu próprio tenho uma acima do joelho esquerdo que é um mapa perfeitíssimo do Metro de Londres. Bem, dá-o cá, Hagrid, é melhor resolvermos já isto.

Dumbledore tomou Harry nos braços e voltou-se de frente para a casa dos Dursley.

— Posso... posso despedir-me dele? — perguntou Hagrid.

Inclinou a grande cabeça hirsuta sobre Harry e deu-lhe um beijo que deve ter sido áspero devido ao roçar dos bigodes. Em seguida, Hagrid soltou um uivo que parecia vindo de um cão ferido.

— Shhhhhh — fez a professora McGonagall. — Vais acordar os Muggles!

— Deeeesculpem — soluçou Hagrid, pegando num enorme lenço de assoar onde enterrou toda a cara —, mas não consigo evitar... a Lily e o James mortos e o pobrezinho do Harry a ter d'ir viver com Muggles...

— Eu sei, eu sei que é triste, mas vê se te controlas, Hagrid, ou vão acabar por descobrir-nos — disse baixinho a professora McGonagall, dando uma palmadinha no ombro de Hagrid, enquanto Dumbledore entrava no jardim, em direcção à porta principal. Colocou cautelosamente o pequeno Harry no degrau da porta, retirou uma carta de dentro da capa, enfiou-a no meio dos cobertores que envolviam o bebé e veio juntar-se aos outros. Durante um minuto, ficaram os três a olhar para a trouxa. Os ombros de Hagrid estremeceram, a professora McGonagall piscou os olhos nervosamente e a luz brilhante que costumava irradiar do olhar de Dumbledore parecia ter desaparecido.

— Bem — disse por fim Dumbledore —, está feito. Não vale a pena ficarmos aqui. O melhor que temos a fazer é juntarmo-nos aos que estão a festejar.

— Sim — disse Hagrid numa voz abafada. — É melhor livrar-me desta moto. B'noite, professora McGonagall, b'noite professor Dumbledore.

Limpando os olhos húmidos à manga do casaco, Hagrid subiu para a moto e ligou o motor. Com um ruído, esta elevou-se no ar e desapareceu na escuridão da noite.

— Espero vê-la em breve, professora McGonagall — despediu-se Dumbledore, fazendo um aceno com a cabeça. A professora McGonagall assoou o nariz como resposta.

Dumbledore voltou-se e desceu a rua. Quando chegou à esquina, parou e pegou no Apagador prateado. Premiu o botão uma vez e doze bolas de luz regressaram aos candeeiros da rua, envolvendo Privet Drive numa luz alaranjada e permitindo avistar uma gata malhada a desaparecer furtivamente pela esquina oposta da rua. A trouxa de cobertores no degrau do número quatro mal se distinguia.

— Boa sorte, Harry — murmurou. Deu meia-volta e, cortando o ar com um golpe do manto, desapareceu.

Uma brisa forte agitou as sebes rigorosamente aparadas de Privet Drive, que continuou silenciosa e metódica sob a escuridão cerrada do céu. Aquele era o último lugar onde poderia esperar-se que algo fantástico pudesse suceder. Harry Potter rolou no meio dos cobertores sem acordar, uma mãozinha fechada sobre a carta que fora colocada ao seu lado, sem saber que era especial, sem saber que era famoso, sem saber que iria ser acordado dentro de algumas horas pelo grito de Mrs. Dursley, quando esta abrisse a porta para colocar no chão as garrafas vazias do leite, sem saber que durante as próximas semanas iria ser espicaçado e beliscado pelo seu primo Dudley e ignorando por completo que, naquele preciso momento, em festas secretas espalhadas por todo o país, milhares de pessoas brindavam com os copos no ar, gritando:

— Ao Harry Potter, o rapaz que sobreviveu!

II

O VIDRO DESAPARECIDO

Tinham passado quase dez anos desde o dia em que os Dursley haviam acordado e descoberto o sobrinho no degrau da porta, mas Privet Drive praticamente não mudara. O Sol nascia sobre os mesmos jardinzinhos bem arranjados em frente das casas e iluminava a placa de latão amarelo que tinha gravado o número quatro na porta principal dos Dursley, entrando lentamente pela sala de estar que se mantinha tal e qual como na noite em que Mr. Dursley ouvira na televisão aquelas notícias fatídicas sobre as corujas. Apenas as fotografias por cima da lareira deixavam ver como, de facto, o tempo tinha passado. Dez anos antes havia montes de fotos de uma coisa que parecia uma bola insuflável cor-de-rosa com chapéus com pompons de várias cores. Mas Dudley Dursley deixara de ser um bebé e agora as fotografias mostravam um rapaz gordo e loiro na sua primeira bicicleta, num carrocel no parque de diversões, a jogar um jogo de computador com o pai, a ser abraçado e beijado pela mãe. A sala não apresentava qualquer vestígio de que naquela casa vivesse outro rapazinho.

Contudo, Harry Potter ainda lá estava, a dormir naquele momento, mas não por muito mais tempo. A tia Petúnia tinha acordado e a sua voz estridente foi o primeiro ruído do dia.

— Toca a levantar, já!

Harry acordou sobressaltado. A tia bateu de novo na porta. «Levantar», guinchou. Harry ouviu-lhe os passos a dirigirem-se à cozinha e em seguida o som da frigideira a ser posta ao lume. Enroscou-se na roupa e tentou recordar-se do sonho que tinha tido. Era um sonho agradável onde entrava uma moto aérea. Não conseguia evitar a estranha sensação de que não era a primeira vez que tinha aquele sonho.

A tia estava de novo junto da porta.

— Já te levantaste? — perguntou.

— Quase — disse Harry.

— Bem, vamos a despachar, quero que tomes conta do *bacon* e não te atrevas a deixá-lo queimar. Tudo tem de estar perfeito no aniversário do Duddy.

Harry resmungou.

— O que é que disseste? — perguntou a tia, do lado de fora da porta.

— Nada, nada...

O aniversário de Dudley... como podia ter-se esquecido? Harry saltou da cama e começou a procurar as peúgas. Encontrou um par debaixo da cama e, depois de sacudir uma aranha de cima de uma delas, calçou-se. Já estava habituado às aranhas, porque o armário debaixo das escadas, onde dormia, estava cheio delas.

Quando acabou de se vestir, atravessou o vestíbulo e entrou na cozinha. A mesa quase não se via debaixo dos presentes de aniversário de Dudley. Parecia que ele tinha conseguido que lhe dessem o novo computador que tanto queria, para não falar da segunda televisão e da bicicleta de corrida. O motivo pelo qual Dudley queria uma bicicleta de corrida era um mistério absoluto para Harry, uma vez que ele era gordíssimo e detestava fazer exercício — a não ser, claro, que se tratasse de bater em alguém. O saco de pancada preferido de Dudley era Harry, mas geralmente não conseguia apanhá-lo, porque, apesar de não parecer, Harry era extremamente rápido.

Talvez isso se devesse ao facto de viver num armário sem luz, mas Harry fora sempre pequeno e franzino para a idade. Parecia ainda mais pequeno e mais franzino por ter de usar as roupas que deixavam de servir a Dudley, que tinha quatro vezes o seu tamanho. O rosto de Harry era magro e pálido, os joelhos ossudos, o cabelo preto e os olhos verdes brilhantes. Usava uns óculos redondos, ligados ao meio com fita-cola devido a todos os murros que Dudley lhe tinha dado no nariz. A única coisa de que Harry gostava, no seu aspecto físico, era daquela pequena cicatriz na testa que tinha a forma de um raio. Lembrava-se dela desde sempre e a primeira pergunta que se recordava de ter feito à tia Petúnia era qual a origem daquela cicatriz.

— Ficou-te do acidente de automóvel em que os teus pais morreram — respondeu ela —, e não faças perguntas.

Não fazer perguntas... aquela era a primeira regra para uma vida tranquila com os Dursley.

O tio Vernon entrou na cozinha no momento em que Harry estava a virar o *bacon*.

— Penteia-te — vociferou como forma de dar os bons-dias.

Cerca de uma vez por semana, o tio Vernon olhava por cima do jornal da

manhã e dizia a gritar que Harry precisava de cortar o cabelo. Harry tinha de cortar mais vezes o cabelo do que todos os rapazes da sua turma juntos, mas mesmo assim ele continuava a crescer desordenadamente.

Estava a fritar os ovos quando Dudley chegou à cozinha com a mãe. O primo era fisicamente muito parecido com o tio Vernon. Tinha uma cara grande e rosada, um pescoço curto, olhos de um azul deslavado e espessos cabelos loiros, uniformemente penteados na sua cabecinha gorda. A tia Petúnia dizia muitas vezes que ele parecia um anjinho... Harry costumava dizer que ele parecia um porco de chinó.

Harry pôs os pratos de ovos com *bacon* sobre a mesa, o que não foi fácil, uma vez que esta estava cheia e não restava muito espaço. Dudley, entretanto, contava os presentes. De repente, a sua expressão tornou-se carrancuda.

— Trinta e seis — disse, olhando para o pai e para a mãe. — São menos dois do que no ano passado.

— Querido, não contaste com o da tia Marge, vês? Está aqui, debaixo deste grande do papá e da mamã.

— Está bem, trinta e sete — disse Dudley, corando um pouco.

Harry, que podia ver uma enorme birra a aproximar-se, começou a devorar o seu pequeno-almoço antes que Dudley virasse a mesa.

A tia Petúnia, naturalmente, sentiu o mesmo perigo, porque disse rapidamente: — Então vamos comprar-te mais dois presentes hoje à tarde, quando sairmos para o nosso passeio habitual. O que dizes, queridinho, mais dois presentes, achas bem?

Dudley pensou durante alguns segundos. Parecia complicado. Por fim, repetiu lentamente: — Então fico com trinta e... trinta e...

— Trinta e nove, fofinho — disse a tia Petúnia.

— Ah! — Dudley sentou-se e agarrou o embrulho que estava mais à mão. — Está bem, então.

— Meu grande maroto, quer tudo aquilo a que tem direito. Tal como o pai. É assim mesmo, Dudley! — elogiou-o Mr. Dursley, fazendo-lhe uma festa e desalinando-lhe os cabelos.

Nesse momento tocou o telefone e a tia Petúnia foi atender, enquanto Harry e o tio Vernon observavam Dudley desembrulhando a bicicleta de corrida, uma câmara de filmar, um avião de comando à distância, dezasseis novos jogos de computador e um videogravador. Estava a rasgar o papel de um relógio de pulso de ouro quando a tia Petúnia regressou do telefone com um ar aborrecido e preocupado.

— Más notícias, Vernon — anunciou. — Mrs. Figg partiu uma perna e não pode ficar com ele — e acenou com a cabeça na direção de Harry.

A boca de Dudley ficou aberta, expressando verdadeiro horror, mas o coração de Harry deu um salto. Todos os anos, no aniversário de Dudley, os pais levavam-no a passear, a ele e a um amigo, e iam a parques de diversões, hamburguerias ou ao cinema. E todos os anos Harry era deixado com Mrs. Figg, uma velhota meio tonta que vivia ali perto. Harry detestava ficar lá. A casa cheirava a couve e Mrs. Figg obrigava-o a ver as fotografias de todos os gatos que tinha tido ao longo da vida.

— O que é que podemos fazer agora? — perguntou a tia Petúnia, olhando com um ar furioso para Harry como se ele tivesse tido alguma culpa. Harry sabia que devia sentir pena de Mrs. Figg por ela ter partido uma perna, coitada, mas não era fácil pois agradava-lhe bastante a ideia de passar mais um ano sem ter de ver as fotografias do *Tibbles*, do *Snowy*, do *Mr. Paws* e do *Tufty*.

— Podíamos telefonar à Marge — sugeriu o tio Vernon.

— Que disparate, Vernon, ela detesta o miúdo. — Os Dursley falavam muitas vezes assim, como se ele não estivesse presente ou melhor, como se ele fosse uma coisa muito desagradável, incapaz de os entender, uma espécie de lesma.

— E aquela tua amiga, como é o nome dela? Ivonne?

— Está a passar férias em Maiorca — disse bruscamente a tia Petúnia.

— Podiam deixar-me ficar aqui — arriscou Harry, cheio de esperança (sempre podia ver o que lhe apetecesse na televisão, para variar, e talvez até jogar um pouco no computador de Dudley).

A tia Petúnia olhou para ele como se tivesse engolido um limão.

— E quando voltasse encontrava a casa em ruínas? — perguntou cinicamente.

— Eu não destruo a casa — assegurou-lhe Harry, mas ninguém o ouvia.

— O melhor será ele vir connosco até ao jardim zoológico — decidiu numa voz arrastada a tia Petúnia — ... e depois ficar no carro à nossa espera...

— No meu carro novo, nem pensar em deixá-lo lá sozinho...

Dudley começou a chorar em altos berros. Não exactamente a chorar, chorar. Havia anos que ele não chorava, mas sabia perfeitamente que se contraísse os músculos do rosto e gritasse bem alto, a mãe dar-lhe-ia tudo e mais alguma coisa.

— Não chores, meu Dudleyzinho, lindo, a mamã não vai deixar que ele estrague o teu dia! — murmurou-lhe enquanto o envolvia num enorme abraço.

— Eu... não... quero... que... ele... venha! — gritava Dudley entre enormes gritos de pretenso choro. — Ele estraga... s... empre... tudo! —

Lançou a Harry um sorriso maldoso enquanto a mãe o abraçava.

Foi então que a campainha da porta soou. — Oh! Santo Deus, eles chegaram! — exclamou a tia Petúnia muito nervosa, e, no momento seguinte, o melhor amigo de Dudley, Piers Polkiss, entrou com a mãe. Piers era um rapazinho magricela com carinha de rato. Era geralmente ele quem agarrava os braços dos outros garotos, enquanto Dudley lhes dava socos. O primo parou de imediato com aquele choro fingido.

Meia hora mais tarde, Harry, que nem acreditava na sua sorte, estava sentado no banco de trás do carro dos Dursley com Piers e Dudley, a caminho do jardim zoológico, aonde ia pela primeira vez em toda a sua vida. Os tios não tinham conseguido encontrar outra solução, mas, antes de saírem de casa, o tio Vernon chamara-o à parte.

— Estou a avisar-te — disse, aproximando a sua enorme cara rosada do rosto de Harry — e toma bem atenção, qualquer gracinha e ficas fechado no armário até ao Natal.

— Eu não vou fazer nada de mal — prometeu Harry —, a sério...

Mas o tio Vernon não acreditou. Nunca ninguém acreditava.

A verdade é que aconteciam coisas estranhas em volta dele e não servia de nada dizer aos Dursley que ele não as tinha provocado.

Certo dia, a tia Petúnia, farta de o ver regressar do barbeiro com o mesmo aspecto com que lá entrara, pegou numa tesoura e cortou-lhe o cabelo tão curtinho que ficou praticamente calvo com excepção da franja que ela deixou para lhe tapar «aquela horrível cicatriz». Dudley tinha-se fartado de o gozar e Harry passou a noite inteira sem conseguir dormir, a imaginar como seria a sua entrada na escola no dia seguinte, onde ele já era alvo de gozo por parte dos colegas por usar aquelas roupas larguíssimas e os óculos colados com fita-cola. Contudo, na manhã seguinte, descobriu que o cabelo estava exactamente como antes de a tia Petúnia lho ter cortado. Como castigo, passou uma semana inteira no armário, por mais que tivesse tentado explicar que *não sabia* como o cabelo crescera com aquela rapidez.

De outra vez, a tia Petúnia tentou obrigá-lo a vestir uma horrorosa camisola de lã de Dudley (castanha com borlas cor de laranja). Quanto mais ela se esforçava por lhe enfiar a camisola pela cabeça, mais pequena ela se tornava, até que, por fim, ficou reduzida às dimensões de uma camisola de boneco. A tia Petúnia concluiu que certamente encolhera na lavagem e, para seu grande alívio, dessa vez não foi castigado.

Por outro lado, meteu-se num tremendo sarilho ao ser encontrado no telhado da escola. O grupo de Dudley perseguira-o como era costume quando, para sua grande surpresa, deu consigo sentado na chaminé. Os

Dursley receberam uma carta muito acintosa da directora a dizer que Harry andava a subir aos telhados da escola. Mas a única coisa que ele queria (como se fartou de gritar ao tio Vernon através da porta fechada do armário) era saltar por detrás dos grandes caixotes que estavam fora da cozinha. Harry pensava que uma rabanada de vento o empurrara a meio do salto.

Mas naquele dia não ia suceder nada de mal. Até valia a pena aturar Dudley e Piers só para estar num lugar que não fosse a escola, o armário ou a sala a cheirar a couve de Mrs. Figg.

Enquanto conduzia, o tio Vernon queixava-se à tia Petúnia. Ele adorava queixar-se de tudo: dos colegas de trabalho, de Harry, do Governo, de Harry, do mau estado das estradas, de Harry... Naquela manhã eram as motocicletas.

— ... Fazem um ruído ensurdecedor, parecem doidos, estes juvenzinhos marginais — praguejou quando foi ultrapassado por uma moto.

— Eu tive um sonho com uma moto... — disse Harry, lembrando-se subitamente — ... que voava.

O tio Vernon quase bateu no carro da frente. Deu meia-volta no assento e gritou a Harry com o rosto a fazer lembrar uma gigantesca beterraba com bigode: — AS MOTOS NÃO VOAM.

Dudley e Piers riram à socapa.

— Eu sei que não voam — disse Harry. — Foi só um sonho.

Mas lamentou ter aberto a boca. Se havia alguma coisa que os Dursley detestassem mais ainda do que perguntas, era que ele falasse sobre alguma coisa fora do comum, quer se tratasse de um sonho ou de um desenho animado — pareciam recear que ele pudesse vir a ter ideias perigosas.

Era um sábado cheio de sol e o jardim zoológico estava apinhado de famílias. Os Dursley compraram a Dudley e a Piers dois grandes sorvetes de chocolate, logo à entrada, e depois, como a vendedora era uma senhora simpática que perguntou a Harry se ele não queria nada antes de terem tido tempo de sair dali, compraram-lhe um gelado de limão dos mais baratos. Não era mau, pensou Harry, lambendo-o enquanto observava um gorila a coçar a cabeça e se apercebia da incrível semelhança entre o símio e Dudley, apesar de este ter o cabelo loiro.

Foi a sua melhor manhã desde há muito, muito tempo. Harry teve o cuidado de se afastar um pouco dos Dursley para que Dudley e Piers, que, próximo da hora do almoço, começavam a estar fartos de ver animais, não se lembrassem de passar à sua brincadeira predilecta: sová-lo. Comeram num restaurante ali mesmo no jardim zoológico e, quando Dudley fez uma enorme birra porque a sua sobremesa não era suficientemente grande, o tio

Vernon mandou vir outra e Harry teve licença para acabar a primeira.

Harry pensou, mais tarde, que devia ter desconfiado de que tudo estava a ser bom de mais para durar muito.

Depois do almoço, foram ver a casa dos répteis. Estava tudo escuro lá dentro, com jaulas de vidro iluminadas ao longo das paredes. Por detrás dos vidros, toda a espécie de lagartos e cobras rastejavam e trepavam a pequenas pedras e pedaços de troncos. Dudley e Piers queriam ver as grandes serpentes venenosas e as gigantescas píton, capazes de engolir e triturar seres humanos. Dudley depressa descobriu a maior serpente de todas. Era tão grande que o seu corpo poderia dar duas voltas ao carro do tio Vernon, esmagando-o e reduzindo-o a sucata. Mas, naquele momento, o animal não parecia estar com disposição para isso. Na verdade, estava profundamente adormecido.

Dudley encostou o nariz ao vidro, olhando fixamente para os brilhantes anéis acastanhados.

— Fá-la mexer-se — pediu ao pai. O tio Vernon tocou ao de leve no vidro, mas a serpente não se moveu.

— Faz outra vez — ordenou Dudley. O tio Vernon bateu com mais força, mas a cobra continuou a dormir.

— Isto é uma chatice — resmungou Dudley, afastando-se.

Harry aproximou-se e olhou atentamente para a cobra. Não se espantaria se ela tivesse morrido de tédio — sozinha, rodeada de gente estúpida, a bater com os dedos no vidro e a tentar incomodá-la a toda a hora. Era pior ainda do que ter um armário como quarto, onde a única visita era a tia Petúnia a matraquear na porta para o acordar — pelo menos ele podia andar pelo resto da casa.

De repente, a serpente abriu os olhos ensonados. Lenta, muito lentamente, levantou a cabeça até que os olhos ficaram ao nível dos de Harry.

Piscou os olhos.

Harry olhou-a fixamente. Em seguida, verificou se alguém por perto estava a observá-lo. Não se avistava ninguém. Voltou a olhar para a cobra e piscou também.

A cobra fez um sinal de cabeça apontando para o tio Vernon e para Dudley, depois ergueu os olhos para o tecto e lançou a Harry um olhar que dizia claramente: — *Eu tenho daquilo a toda a hora.*

— Eu sei — murmurou Harry, através do vidro, embora não tivesse a certeza absoluta de que a cobra conseguia ouvi-lo. — Deve ser bastante chato.

A serpente acenou vivamente.

— De onde é que tu vieste, afinal? — perguntou Harry.

A serpente fez sinal com a cauda chamando a atenção para um pequeno letreiro junto do vidro. Harry leu.

JIBÓIA, BRASIL.

— Era bom viver lá?

A jibóia abanou de novo com a cauda e Harry leu: ESTE ESPÉCIMEN NASCEU NO ZOOLOGICO. — Ah!, já percebi, nunca foste ao Brasil?

Quando a serpente fez que não com a cabeça, um grito horripilante por detrás de Harry fê-los saltar aos dois. — DUDLEY, MR. DURSLEY! VENHAM VER ESTA SERPENTE. NÃO VÃO ACREDITAR NO QUE ELA ESTÁ A FAZER!

Dudley veio a correr atrás deles o mais depressa que podia.

— Sai da frente, palerma — disse, dando um soco nas costas de Harry. Apanhado de surpresa, este caiu no chão duro de cimento. O que aconteceu a seguir foi tão rápido que ninguém conseguiu ver coisa alguma. Num momento, Piers e Dudley estavam inclinados junto do vidro, no momento seguinte tinham dado um salto para trás, soltando gritos de verdadeiro horror.

Harry sentou-se no chão e suspirou. O vidro da jaula da jibóia tinha desaparecido. A enorme serpente desdobrava-se, deslizando pelo chão, e toda a gente que estava na casa dos répteis gritava descontrolada e corria para as portas de saída.

Quando deslizou perto dele, Harry poderia jurar ter ouvido uma voz sibilante a dizer: — Brassil, estou chegando. Obrigada, amigão.

O guarda da casa dos répteis estava em perfeito estado de choque.

— Mas o vidro — repetia sem entender —, para onde foi o vidro?

O director do jardim zoológico fez questão de oferecer à tia Petúnia uma chávena de chá forte, enquanto lhe pedia repetidas desculpas. Piers e Dudley não conseguiam calar-se. Tanto quanto Harry tinha visto, a cobra não fizera nada a não ser um ruído brincalhão, ao passar junto dos calcanhares dos dois, mas, quando chegaram ao carro do tio Vernon, Dudley já estava a contar que ela por pouco não lhe mordera a perna, enquanto Piers jurava a pés juntos que ela tinha tentado matá-lo. Mas o pior de tudo foi a frase de Piers, quando se acalmou: — O Harry estava a falar com a cobra. Não estavas, Harry?

O tio Vernon esperou até Piers se ter ido embora antes de «tratar» do sobrinho. Estava tão zangado que mal conseguia articular as palavras, mas ainda foi capaz de dizer: — Vai... armário... ficas... sem comer —, antes de se afundar na cadeira, enquanto a tia Petúnia corria a preparar-lhe um copo grande de brande.

Harry ficou na escuridão do armário durante muito tempo, desejando ter

um relógio. Como não sabia as horas, não tinha a certeza se os Dursley já se teriam deitado. Antes disso não se arriscava a tentar chegar à cozinha para comer qualquer coisa.

Vivia com os Dursley havia quase dez anos. Dez anos de infelicidade, desde bebé, quando os pais tinham morrido num acidente de automóvel. Não se lembrava de ter estado dentro desse carro em que os pais tinham morrido. Às vezes, quando puxava pela memória, durante as longas horas que passava trancado no armário, tinha uma estranha reminiscência: uma fortíssima luz verde e uma dor a queimar-lhe a testa. Aquilo, imaginava ele, deveria ter sido por causa do acidente, apesar de não conseguir entender de onde vinha a luz verde. Não tinha qualquer imagem dos pais. O tio e a tia nunca falavam deles, ele estava proibido de fazer perguntas e, naturalmente, não existiam fotografias deles naquela casa.

Quando era mais pequeno, Harry sonhava repetidamente que um parente desconhecido viria buscá-lo um dia, mas tal nunca acontecera. Os Dursley eram a sua única família. Todavia, parecia-lhe, por vezes, ou talvez fosse esse o seu desejo, que certos desconhecidos o reconheciam na rua. E eram decididamente estranhos. Um homem pequenino com um chapéu alto cor de violeta cumprimentara-o com uma vénia num dia em que ele andava às compras com Dudley e a tia Petúnia. Depois de lhe perguntar, furiosa, se conhecia aquele homem, a tia Petúnia saiu apressadamente do armazém sem comprar coisa alguma.

Uma mulher de idade com um aspecto rude, vestida de verde dos pés à cabeça, acenara-lhe alegremente num autocarro. Um homem calvo, vestindo um casaco excessivamente longo cor de púrpura, apertara-lhe a mão na rua e em seguida continuara o seu caminho sem terem trocado uma única palavra.

O mais esquisito em todas aquelas pessoas era a forma de desaparecerem no momento em que Harry tentava vê-las melhor.

Na escola, Harry não tinha nenhum amigo. Todos sabiam que o grupo de Dudley detestava o estranho Harry Potter com as suas roupas enormes e velhas e os seus óculos partidos, presos com fita-cola e ninguém queria desagradar ao grupo de Dudley.

III

AS CARTAS DE NINGUÉM

A fuga da jibóia do Brasil valeu a Harry o maior castigo de sempre. Quando teve licença para sair do armário, já as férias de Verão tinham começado, já Dudley tinha partido a câmara de filmar, destruído o aviãozinho de comando à distância e atropelado, da primeira vez que experimentou a bicicleta de corrida, a pobre Mrs. Figg que atravessava a rua, de muletas.

Harry estava satisfeito por as aulas terem acabado, mas não havia como escapar ao grupo de Dudley que ia lá a casa todos os dias. Piers, Dennis, Malcolm e Gordon eram todos grandes e estúpidos, mas como Dudley era o maior e o mais estúpido de todos, era ele quem liderava. Os outros alinhavam sempre no seu desporto preferido: a caça ao Harry.

Este era o motivo pelo qual Harry passava o máximo de tempo possível longe de casa, a vaguear pelas ruas e a pensar no final das férias, o que lhe trazia pelo menos uma pequena luz ao fundo do túnel. Quando chegasse o mês de Setembro, iria para o liceu e, pela primeira vez na vida, seria separado de Dudley, que já estava inscrito na antiga escola do tio Vernon, Smeltings. Piers Polkiss ia também para lá. Harry, por sua vez, ia para Stonewall High, a escola secundária da sua zona, o que divertia imensamente Dudley.

— Eles metem a cabeça dos caloiros dentro da sanita, no primeiro dia de aulas, lá em Stonewall — disse ele a Harry —, queres vir até lá acima para começar a praticar?

— Não, obrigado — respondeu Harry —, a pobre sanita nunca teve lá dentro nada tão nojento como a tua cabeça, podia ficar enjoada — e largou a correr antes que Dudley fosse capaz de perceber o que ele lhe tinha dito.

Um dia, em Julho, a tia Petúnia levou Dudley a Londres para lhe

comprar os uniformes para a escola, deixando Harry em casa de Mrs. Figg. As coisas não correram tão mal como de costume. A verdade é que ela tinha partido a perna por ter tropeçado num dos gatos e já não parecia gostar tanto deles como antes. Deixou-o ver televisão e deu-lhe uma fatia de bolo de chocolate que devia ter anos de existência.

Nessa noite, Dudley exibiu-se na sala, para toda a família, no seu uniforme novinho em folha. Os rapazes de Smeltings usavam casaco castanho-avermelhado, calças tipo golfe cor de laranja e chapéu de palha duro e achatado. Usavam também um pequeno bastão com que se espancavam uns aos outros, quando os professores não estavam a olhar, o que supostamente deveria dar-lhes experiência para a vida futura.

Ao olhar para Dudley nas suas novas calças, o tio Vernon disse, emocionado, que nunca se sentira tão orgulhoso em toda a vida como naquele momento. A tia Petúnia desfez-se em lágrimas, achando quase impossível que aquele fosse o seu Dudleyzinho, tão bonito e tão crescido, envergando o seu novo uniforme. Harry foi incapaz de abrir a boca. Receava que duas das suas costelas se tivessem partido com o tremendo esforço que estava a fazer para não se rir.

No dia seguinte, havia um cheiro nauseabundo na cozinha, quando Harry chegou para tomar o pequeno-almoço. Parecia vir de uma enorme bacia de metal que tinha algo de molho. Foi espreitar. A bacia estava cheia de uma espécie de farrapos sujos que boiavam numa aguadilha cinzenta.

— O que é isto? — perguntou à tia Petúnia.

Os lábios da tia comprimiram-se como sucedia sempre que ele lhe fazia alguma pergunta.

— O teu novo uniforme — respondeu.

Harry voltou a olhar para a bacia.

— Ah! — disse. — Não sabia que tinha de ser tão molhado.

— Não sejas estúpido — respondeu asperamente a tia Petúnia. — Estou a tingir de cinzento algumas roupas usadas do Dudley. Vão parecer um uniforme igual a todos os outros.

Harry ficou com sérias dúvidas, mas achou melhor não dizer nada. Sentou-se à mesa e tentou não pensar na figura que ia fazer no dia seguinte em Stonewall High... como se estivesse a usar pedaços de pele de elefante, muito provavelmente.

Dudley e o tio Vernon entraram ambos de nariz torcido por causa do cheiro do novo uniforme de Harry. O tio Vernon abriu o jornal como de costume e Dudley bateu na mesa com o bastão dos Smeltings que agora levava para todo o lado.

Ouviram o estalido da caixa do correio e as cartas a caírem no tapete.

— Vai buscar o correio, Dudley — ordenou o tio Vernon, escondido pelo jornal.

— O Harry que vá!

— Vai buscar o correio, Harry!

— O Dudley que vá!

— Espicaça-o com o teu bastão, Dudley.

Evitando o bastão dos Smeltings, Harry foi buscar o correio. Estavam três coisas sobre o tapete: um postal da irmã do tio Vernon, Marge, que estava a passar férias na ilha de Wight, um sobrescrito castanho que parecia ser uma conta para pagar e... uma carta *para Harry*.

Harry pegou na carta e ficou a olhar espantado, o coração a tremer como se quisesse saltar-lhe do peito. Nunca, ninguém, em toda a sua vida lhe tinha escrito. Quem poderia ser? Não tinha amigos nem parentes... não era sócio da biblioteca e por isso também nunca recebera avisos desagradáveis a mandá-lo entregar os livros. Contudo, ela ali estava, uma carta com um endereço tão claro que não havia qualquer margem para dúvidas.

Mr. H. Potter

Armário debaixo das escadas

Privet Drive, N.º 4

Little Whinging

Surrey

O sobrescrito era pesado e espesso, de uma espécie de pergaminho amarelado e a morada vinha escrita a tinta verde-esmeralda. Não trazia selo.

Voltando o sobrescrito ao contrário, com as mãos a tremer, Harry viu um selo de lacre cor de púrpura com um brasão onde podia distinguir-se um leão, uma águia, um texugo e uma serpente envolvendo a letra H.

— Despacha-te, rapaz! — gritou o tio Vernon da cozinha. — O que é que estás a fazer, à procura de uma bomba no correio? — E riu-se da sua própria piada.

Harry voltou à cozinha, olhando ainda para a carta que trazia na mão. Entregou ao tio a conta e o postal, sentou-se e começou lentamente a abrir o sobrescrito amarelo.

O tio Vernon abriu num gesto repentino a carta da conta, bufou, irritado, e leu em poucos segundos o postal.

— A Marge está doente — comunicou à tia Petúnia —, comeu por lá um molusco esquisito...

— Pai! — disse Dudley sem perder tempo. — Pai, o Harry recebeu

qualquer coisa!

Harry estava a desdobrar a carta que estava escrita no mesmo tipo de pergaminho do envelope, quando esta lhe foi arrancada das mãos pelo tio Vernon.

— Essa carta é *minha*! — gritou ele, tentando recuperá-la.

— E quem iria escrever-te? — perguntou sarcasticamente o tio, agitando a carta numa das mãos e deitando-lhe uma vista de olhos. O seu rosto passou de vermelho a verde mais depressa do que as luzes de um semáforo. E não parou por aí. Alguns segundos mais tarde estava de um cinzento-pálido, cor de papas de aveia requentadas.

— P-P-Petúnia — chamou quase sem conseguir respirar.

Dudley tentou agarrar a carta para a ler, mas o tio Vernon segurava-a bem alto, fora do seu alcance. A tia Petúnia pegou nela, cheia de curiosidade e leu a primeira linha. Por momentos pareceu que ia desmaiar e fez um estranho ruído com a garganta.

— Vernon! Virgem Santíssima, Vernon!

Olharam um para o outro como se se tivessem esquecido de que Harry e Dudley ainda estavam presentes. Dudley, que não estava habituado a ser ignorado, deu ao pai uma forte pancada na cabeça com o bastão dos Smeltings.

— Quero ler a carta — exigiu bem alto.

— Quero lê-la — bradou Harry, furioso como se dissesse «*É minha*».

— Saíam daqui, os dois — resmungou o tio Vernon, voltando a meter a carta no sobrescrito.

Harry não se moveu.

— QUERO A MINHA CARTA! — gritou.

— Deixa-me *vê-la* — exigiu Dudley.

— Fora — vociferou o tio Vernon e levou os dois, Harry e Dudley, pelo pescoço até ao vestíbulo, fechando com força a porta da cozinha. Harry e Dudley iniciaram de imediato uma briga acesa mas silenciosa sobre quem encostaria o ouvido ao buraco da fechadura. Dudley venceu, por isso, Harry, com os óculos pendurados numa das orelhas, deitou-se no chão para ouvir pela fenda entre a porta e o soalho.

— Vernon — dizia a tia Petúnia numa voz trémula —, olha para a morada; como é que eles sabem onde ele dorme? Será que andam a vigiar a casa?

— A vigiar, a espiar, talvez a seguirem-nos — respondeu precipitadamente e entredentes o tio Vernon.

— Mas o que é que vamos fazer, Vernon? Deveremos responder? Dizer-lhes que não queremos...

Harry podia ver pela fresta os sapatos brilhantes do tio, de um lado para o outro da cozinha.

— Não — decidiu por fim. — Não. Vamos ignorar esta carta. Se não tiverem resposta... sim, o melhor é não lhes dar resposta nenhuma...

— Mas...

— Não quero ter um deles em casa, Petúnia! Não jurámos quando ficámos com o garoto que poríamos fim a esse perigoso disparate?

Nessa noite, quando voltou do trabalho, o tio Vernon fez uma coisa que nunca tinha feito antes: foi visitar Harry ao armário.

— Onde está a minha carta? — perguntou ele, no momento em que o tio apareceu à porta. — Quem foi que me escreveu?

— Ninguém. Vinha dirigida a ti por engano — disse o tio Vernon sinteticamente. — Achei melhor queimá-la.

— Não *era* engano — ripostou Harry furioso —, vinha endereçada ao meu armário.

— SILÊNCIO! — gritou o tio Vernon fazendo com que, com o susto, algumas aranhas caíssem do tecto. Respirou fundo várias vezes e depois, com um sorriso forçado que quase parecia doloroso, acrescentou:

— Hã... sim, Harry, acerca do armário, eu e a tua tia temos estado a pensar e... estás a ficar grande de mais para este espaço. Achámos que seria melhor para ti mudares para o segundo quarto do Dudley.

— Porquê? — perguntou Harry.

— Não faças perguntas — disse bruscamente o tio —, leva as tuas coisas para cima.

A casa dos Dursley tinha quatro quartos de cama. O do tio Vernon e da tia Petúnia, o quarto de hóspedes (onde ficava geralmente a tia Marge, irmã do tio Vernon), um onde Dudley dormia e outro onde ele guardava todos os brinquedos e coisas que não cabiam no quarto de dormir. Bastou a Harry subir uma vez a escada para transportar todos os seus haveres do armário para este quarto. Sentou-se na cama e olhou em volta. Quase tudo ali estava partido. A câmara de vídeo, que só tinha alguns meses de existência, estava em cima de um pequeno carro de assalto com que Dudley atropelara o cão do vizinho do lado. A um canto, estava a primeira televisão que lhe tinham oferecido, na qual ele enfiara um pé, no dia em que cancelaram o seu programa preferido. Havia também uma enorme gaiola, que tivera em tempos um papagaio que Dudley trocara na escola por uma verdadeira espingarda de pressão de ar, que estava agora sobre uma das prateleiras com a extremidade torcida, porque ele se sentara um dia em cima dela. As outras prateleiras estavam cheias de livros e eram as únicas coisas em todo o quarto que pareciam nunca ter sido tocadas.

Do andar de baixo ouvia-se a voz de Dudley a discutir com a mãe: — Não o quero ali, preciso daquele quarto... tira-o de lá.

Harry suspirou e esticou-se em cima da cama. Um dia antes teria dado tudo para poder estar naquele lugar. Agora, preferia ter a sua carta e dormir de novo no armário em vez de ter aquele quarto sem ter a carta.

Na manhã seguinte, ao pequeno-almoço, estavam todos muito calados. Dudley ainda manifestava efeitos do choque. Tinha gritado, batido no pai com o bastão dos Smeltings, fingido adoecer, dado pontapés à mãe e atirado o cágado para o tecto da estufa sem conseguir que lhe devolvessem o quarto. Harry lembrava-se de que na véspera, àquela mesma hora, tinha recebido a carta e pensava amargamente que devia tê-la aberto no vestíbulo. O tio Vernon e a tia Petúnia não paravam de olhar um para o outro com um ar sombrio.

Quando chegou o correio, o tio Vernon, que parecia estar a ser simpático com Harry, mandou Dudley buscá-lo. Ouviram-no bater em todas as coisas com o bastão dos Smeltings até chegar à entrada. A seguir gritou: — Há outra! Mr. H. Potter, quarto mais pequeno da casa, Privet Drive, e...

Com um grito abafado o tio Vernon deu um salto na cadeira e atravessou o vestíbulo a correr, seguido por Harry. Teve de atirar o filho ao chão para conseguir arrancar-lhe a carta, o que foi dificultado pelo facto de Harry lhe ter agarrado o pescoço por detrás. Depois de alguns momentos de luta e confusão, durante os quais todos levaram com o bastão dos Smeltings, o tio Vernon levantou-se, com a carta na mão e respirando com alguma dificuldade.

— Vai para o armário, quero dizer, para o quarto — ordenou a Harry. — Dudley, sai daqui.

Harry deu voltas e voltas no seu novo quarto. Alguém sabia que ele se mudara do armário para ali e parecia ter também conhecimento de que ele não recebera a primeira carta. Assim sendo, era bem provável que tentasse escrever-lhe de novo. E desta vez havia que tomar precauções para que a carta lhe chegasse às mãos. Tinha um plano.

O despertador, que fora consertado, tocou às seis na manhã seguinte. Harry desligou-o rapidamente e vestiu-se em silêncio. Não podia acordar os Dursley. Desceu as escadas sem acender nenhuma luz.

Ia esperar pelo carteiro na esquina de Privet Drive e recolher as cartas para o número 4 em primeiro lugar. O coração batia-lhe enquanto se arrastava vagarosamente, no escuro, em direcção à porta da rua.

AAAAAAAHHHHH!!!

Harry deu um salto. Acabava de pisar uma coisa grande e mole que

estava no tapete, uma coisa *viva*!

As luzes acenderam-se no andar de cima e Harry apercebeu-se de que a coisa grande e mole era a cara do tio Vernon que tinha dormido no tapete, dentro de um saco-cama, para se assegurar de que Harry não faria precisamente aquilo de que se lembrara de fazer. Gritou com ele durante quase meia hora e depois mandou-o preparar uma chávena de chá. Harry arrastou-se, infelicíssimo, até à cozinha e, quando regressou, o correio já estava no colo do tio Vernon. Harry pôde distinguir perfeitamente três cartas escritas a tinta verde.

— Eu quero... — começou por dizer, mas o tio estava a rasgá-las em mil pedacinhos mesmo à frente do seu nariz.

Nesse dia o tio Vernon não foi trabalhar. Ficou em casa e fechou com pregos a caixa do correio.

— Vês? — explicou à tia Petúnia, com a boca cheia de pregos. — Se eles não puderem *entregá-las*, acabarão por desistir.

— Não tenho tanta certeza assim de que isso resulte, Vernon.

— Ora, a cabeça daquela gente funciona de um modo estranho, Petúnia. Eles não são como nós — disse o tio Vernon, tentando pregar um prego com o pedaço de bolo de frutas que a tia Petúnia acabara de lhe trazer.

Na sexta-feira, chegaram doze cartas para Harry. Como não podiam entrar na caixa do correio, foram metidas por debaixo da porta, outras introduzidas pelas frinchas laterais e algumas empurradas pela pequena janela da casa de banho do rés-do-chão.

O tio Vernon voltou a ficar em casa. Depois de queimar todas as cartas, foi buscar um martelo e pregos e pregou tábuas nas portas, de tal modo que ninguém podia sair. Enquanto trabalhava ia cantarolando entredentes o «Tiptoe through the Tulips» («Em bicos dos pés entre as túlipas») e dava um salto sempre que ouvia qualquer barulhinho.

No sábado, as coisas começaram a fugir por completo ao seu controlo. Vinte e quatro cartas endereçadas a Harry conseguiram entrar lá em casa, embrulhadas e escondidas nas duas dúzias de ovos que o leiteiro entregou, bastante confuso, à tia Petúnia, através da janela da sala. Enquanto o tio Vernon, muito exaltado, fazia chamadas telefónicas para a repartição dos correios, tentando encontrar alguém com quem implicar, a tia Petúnia triturava as cartas na 1, 2, 3, como se fossem carne para picar.

— Quem diabo é que quer tanto falar contigo? — perguntava Dudley no meio de um enorme espanto.

No domingo de manhã, o tio Vernon sentou-se à mesa do pequeno-almoço com um ar cansado e adoentado, mas, apesar de tudo, satisfeito.

— Felizmente ao domingo não há correio — recordou-lhes, enquanto espalhava o doce nos jornais. — Nada de estupidas cartas, hoje.

Mal acabara de pronunciar esta frase, algo caiu pela chaminé da cozinha, batendo-lhe bruscamente na nuca e, no momento a seguir, trinta ou quarenta cartas tombaram ruidosamente, como uma chuva de balas, pela chaminé abaixo. Os Dursley desviaram-se, mas Harry deu um enorme salto na tentativa de agarrar alguma.

— Fora! FORA DAQUI!

O tio Vernon agarrou Harry pelo cinto das calças e atirou-o para o vestíbulo. Quando a tia Petúnia e Dudley baixaram os braços com que protegiam o rosto e a cabeça, o tio Vernon bateu com a porta. Cá fora ouviam-se as cartas que continuavam a entrar a jorros pela sala, batendo fortemente contra as paredes e o soalho.

— Está decidido — disse o tio Vernon, tentando falar com toda a calma, mas arrancando ao mesmo tempo tufos de bigode. — Quero-vos a todos aqui, dentro de cinco minutos, prontos para sair. Vamos para fora. Arrumem algumas coisas e nada de perguntas!

Parecia tão perigoso com metade do bigode arrancado que ninguém se atreveu a abrir a boca. Dez minutos mais tarde tinham conseguido esgueirar-se através das portas trancadas com tábuas e estavam todos no carro, seguindo na direcção da auto-estrada.

Dudley fungava no banco de trás, porque o pai lhe dera um carolo na cabeça por ele estar a atrasá-los a todos, tentando meter no saco de desporto a televisão, o vídeo e o computador.

Fizeram quilómetros e quilómetros. Nem a tia Petúnia ousava perguntar ao marido para onde iam. De vez em quando, o tio Vernon dava a volta e tomava a direcção contrária. — Despistá-los... despistá-los — resmungava sempre que fazia aquilo.

Não pararam para comer nem para beber durante o dia inteiro. À noite, Dudley estava de péssimo humor. Nunca passara um dia tão mau em toda a sua vida. Tinha fome, perdera cinco programas de televisão que queria ver e nunca tinha estado tanto tempo sem destruir um extraterrestre num dos seus jogos de computador.

Finalmente, o tio Vernon parou à porta de um hotelzinho sombrio, à entrada de uma grande cidade. Dudley e Harry dividiram o mesmo quarto de duas camas com lençóis húmidos e a cheirar a mofo. Dudley ressonou, mas Harry ficou acordado, sentado no peitoril da janela, a olhar para baixo, para as luzes dos carros que passavam e a pensar...

No dia seguinte, ao pequeno-almoço, comeram *corn flakes* e torradas com tomate frio de conserva e tinham todos terminado no momento em que a dona do hotel se aproximou da mesa.

— Peço imensa desculpa, mas algum dos senhores é o senhor H. Potter? É que acabo de receber uma centena de cartas destas na minha secretária.

A senhora mostrou uma das cartas para que pudessem ler o endereço escrito a tinta verde:

Mr. H. Potter
Quarto 17
Hotel Railview
Cokeworth

Harry fez um gesto no sentido de pegar na carta, mas o tio Vernon agarrou-lhe no braço e fê-lo baixar a mão. A senhora ficou a olhar espantada.

— Eu trato disso — afirmou o tio Vernon, levantando-se rapidamente e saindo atrás dela da sala de jantar.

— Não seria melhor voltarmos para casa, querido? — sugeriu timidamente a tia Petúnia, algumas horas mais tarde, mas o tio Vernon pareceu nem ter ouvido as suas palavras. Ninguém sabia ao certo qual era a ideia dele. Levou-os até ao meio da floresta, saiu, olhou em volta, abanou a cabeça, voltou ao carro e continuou a conduzir. Fez o mesmo no meio de um campo cultivado, a meio de uma ponte e no topo de um imenso parque de estacionamento.

— O pai enlouqueceu, não enlouqueceu? — perguntou nessa tarde Dudley à mãe.

O tio Vernon tinha estacionado o carro junto à costa, deixara-os fechados lá dentro e desaparecera.

Começou a chover. Enormes pingos de chuva batiam no tejadilho do carro. Dudley choramingava.

— Hoje é segunda-feira — dizia ele à mãe. — Há o *show* do Grande Humberto, quero ir para qualquer lado onde haja televisão.

Segunda-feira! Aquilo lembrava a Harry qualquer coisa. Se *era* de facto segunda-feira — e geralmente Dudley nunca se enganava nos dias por causa da televisão —, então, no dia seguinte, terça-feira, era o seu aniversário. Harry ia fazer onze anos. É claro que os seus aniversários não costumavam ser propriamente divertidos: no ano passado os Dursley tinham-lhe oferecido um cabide para pendurar o casaco e um par de peúgas

velhas do tio Vernon. Mesmo assim, não é todos os dias que se faz onze anos.

O tio estava de volta e vinha sorridente. Trazia consigo um pacote grande e estreito e não respondeu à tia Petúnia quando esta lhe perguntou o que tinha comprado.

— Descobri o lugar ideal! — declarou. — Vamos lá, toca a sair, todos!

Estava um frio de enregelar fora do carro. O tio Vernon apontou para uma coisa que parecia um grande rochedo no meio do mar. Encarrapitada no cume do rochedo, estava a cabana mais miserável que imaginar se pode. Uma coisa era certa, ali não havia televisão.

— As previsões são de tempestade para esta noite! — anunciou o tio Vernon jovialmente, batendo as palmas. — E este senhor aceitou alugarmos o barco!

Um velhote sem dentes aproximou-se vagarosamente, apontando com um sorriso perverso para um velho barco a remos que boiava na água acinzentada.

— Já fui comprar algumas provisões — disse o tio Vernon —, portanto, todos a bordo!

Estava um frio de rachar dentro do barco. Os salpicos gélidos da água do mar e a chuva molharam-lhes o pescoço e as costas e um vento frio fustigou-lhes o rosto. A viagem pareceu ter demorado horas até que chegaram ao rochedo onde o tio Vernon, escorregando e deslizando, lhes indicou o caminho para a cabana em ruínas.

O interior da cabana era um susto. Cheirava intensamente a algas podres, o vento assobiava pelas fendas das paredes de madeira e o fogão estava húmido e sem lenha. A cabana tinha apenas dois quartos.

As provisões do tio Vernon, afinal, eram apenas um pacote de batatas fritas para cada um e quatro bananas. Tentou acender a lareira, mas as embalagens vazias das batatas fritas deitaram fumo e apagaram-se de imediato.

— Davam jeito agora aquelas cartas todas, hein? — disse alegremente.

Estava muito bem-disposto. Pensava obviamente que ninguém conseguiria encontrá-los ali, no meio da tempestade, para lhes entregar o correio. Harry partilhava da mesma opinião, apesar de isso não o alegrar de modo algum.

Quando anoiteceu, a anunciada tempestade deflagrou em volta deles. A espuma das ondas enormes salpicava as paredes da choupana e um vento feroz agitava, com grande ruído, as janelas imundas. A tia Petúnia descobriu alguns cobertores no segundo quarto e fez uma cama para Dudley no velho sofá roído pela traça. Ela e o tio Vernon ficaram na cama

cheia de covas do quarto ao lado e Harry ficou à vontade para procurar o bocado de chão menos duro e embrulhar-se no cobertor mais ralo e esfarrapado.

A tempestade tornava-se cada vez mais violenta à medida que a noite avançava. Harry, com o estômago revoltado com fome, tiritava e dava voltas e reviravoltas, tentando encontrar a melhor posição. O ressonar dos Dursley era abafado pela trovoadas que começou perto da meia-noite. O ponteiro luminoso do relógio de Dudley, tombado na beira do sofá, no seu pulso gordo, permitia-lhe ver que dentro de dez minutos faria onze anos. Ficou a olhar fixamente e a ver aproximar-se o seu aniversário, perguntando a si próprio se os Dursley se lembrariam e onde estaria a pessoa que lhe tinha escrito todas aquelas cartas.

Faltavam cinco minutos. Harry ouviu um barulho lá fora. Desejou que não fosse o tecto a ruir, embora talvez ficasse mais quentinho se isso acontecesse. Faltavam quatro minutos. Talvez a casa em Privet Drive estivesse tão cheia de cartas quando voltassem que lhe fosse possível roubar uma.

Faltavam três minutos. Seria o mar a bater na rocha daquela maneira? E (faltavam dois minutos) que barulho, que parecia de passos, seria aquele? Estaria a rocha a desagregar-se?

Faltava um minuto para ele completar onze anos. Trinta segundos... vinte... dez... nove... e se acordasse Dudley só para o chatear?... três... dois, um...

BUUUUM.

Toda a cabana estremeceu. Harry sentou-se de um salto e ficou a olhar. Alguém estava lá fora a bater à porta.

IV

O GUARDA DAS CHAVES

BUUM. Voltaram a bater. Dudley acordou estremunhado. — Onde está o canhão? — perguntou estupidamente. Ouviu-se um ruído por detrás deles e o tio Vernon entrou no quarto aos tropeções com uma espingarda na mão; agora já sabiam o que ele trazia naquele pacote alto e estreito.

— Quem está aí? — gritou. — Previno-o de que estou armado!

Fez-se uma pausa. Em seguida...

TRÁS!

A pancada na porta foi de tal modo forte que esta saiu dos gonzos e, com um ruído ensurdecedor, estatelou-se no chão.

Um homem gigantesco estava de pé no umbral da porta. O rosto estava praticamente tapado por uma enorme juba hirsuta e por uma barba emaranhada, mas mesmo assim era possível vislumbrar os seus olhos, a brilharem como baratas negras debaixo de todo aquele cabelo.

O gigante encolheu-se para entrar na choupana, baixando a cabeça para não bater no tecto. Inclinou-se, apanhou a porta e colocou-a de novo, com a maior facilidade, nas dobradiças. O estrépito da tempestade diminuiu um pouco. Voltou-se para olhar bem para toda a família.

— Poderiam oferecer-me uma chávena de chá. Não foi uma viagem fácil...

Deu uma enorme passada em direcção ao sofá onde Dudley estava sentado, a tremer de medo.

— Salta daí, massa informe — disse o estranho. Dudley deu um grito e correu a esconder-se atrás da mãe, que tremia apavorada atrás do tio Vernon.

— Ah! Aqui 'tá o Harry! — exclamou o gigante. Harry olhou para aquele rosto feroz, tosco e indistinto e viu que os olhinhos de barata lhe

sorriam.

— Da última vez que te vi ind'eras bebé — observou o gigante. — É engraçado, pareces-te bastante co'teu pai, mas os olhos são os da tua mãe.

O tio Vernon fez um ruído áspero e estranho.

— Exijo que o senhor saia daqui! — ordenou. — Forçou a entrada nesta casa!

— Está calado, Dursley. És um parvo — disse o gigante. Aproximou-se do sofá, tirou a arma das mãos do tio Vernon, dobrou-a, dando-lhe um nó como se fosse feita de borracha e atirou-a para um canto da sala.

O tio Vernon fez outro som estranho, como o de um rato a ser pisado.

— De qualquer modo, Harry — disse o gigante —, feliz aniversário. Tenho uma coisa p'ra ti, se calhar sentei-me em cima dela, mas o sabor é o mesmo.

De dentro do bolso do sobretudo preto, retirou uma caixa ligeiramente achatada. Harry abriu-a com os dedos trémulos. Lá dentro estava um grande bolo de chocolate com uma cobertura doce onde estava escrito em letras verdes «Feliz aniversário, Harry».

Harry olhou para o gigante. Queria dizer-lhe obrigado, mas as palavras perderam-se pelo caminho e o que saiu foi: — Quem é você?

O gigante riu entredentes.

— É verdade, nem me apresentei. Rubeus Hagrid, guarda das chaves e dos campos em Hogwarts.

Estendeu uma mão enorme e sacudiu todo o braço de Harry.

— Então e o chá, hein? — perguntou logo a seguir, esfregando as mãos. — Eu não digo que não, se m'oferecerem alguma coisa mais forte p'ra tomar.

Os olhos detiveram-se no fogão de sala vazio, com os pacotes de batatas fritas semiardidos. Começou a soprar. Inclinou-se sobre a lareira de tal modo que ninguém conseguia ver o que estava a fazer, mas quando se afastou, um segundo depois, havia ali um lume forte que enchia a cabana de luz e Harry sentiu o calor envolvê-lo como se tivesse acabado de entrar num banho quente.

O gigante sentou-se no sofá, que abateu sob o seu peso, e começou a tirar as mais diversas coisas dos bolsos do sobretudo: uma chaleira de cobre, uma embalagem amolgada de salsichas, um atiçador de fogão, um bule, várias canecas rachadas e uma garrafa de um líquido âmbar da qual bebeu um trago antes de começar a fazer o chá. Poucos minutos depois, a cabana estava cheia do som e do cheirinho das salsichas a serem fritas. Ninguém disse palavra enquanto o gigante fazia o seu trabalho, mas quando ele fez deslizar para fora do atiçador as primeiras seis salsichas

sumarentas e ligeiramente tostadas, Dudley mostrou-se inquieto.

O tio Vernon disse-lhe secamente: — Não mexas em nada, ele dá-te, Dudley.

O gigante riu-se.

— O grande pudim do teu filho não precisa de engordar mais, Dursley, não te preocupes.

Passou as salsichas a Harry que estava com tanta fome que teve a impressão de nunca ter comido nada tão saboroso em toda a sua vida. Não conseguia tirar os olhos do gigante. Por fim, como ninguém lhe explicava o que quer que fosse, disse: — Desculpe, mas eu ainda não sei quem o senhor é realmente.

O gigante tomou um gole de chá e limpou a boca com a palma da mão.

— Chama-me Hagrid — disse. — É como todos me chamam. E, como já te disse, sou o guarda das chaves em Hogwarts; certamente sabes o que é Hogwarts.

— Hã... não — confessou Harry.

Hagrid ficou estarelecido.

— Desculpe — completou Harry o mais rapidamente possível.

— Desculpe? — rosnou Hagrid, voltando-se para os Dursley que recuaram para a sombra.

— São eles que deveriam pedir desculpa! Eu sabia que não estavas a receber as cartas, mas nunca pensei que nem sequer soubesses o qu'era Hogwarts. Nunca tiveste curiosidade de saber onde os teus pais aprenderam tudo?

— Tudo o quê? — perguntou Harry.

— TUDO O QUÊ??? — vociferou Hagrid. — Espera lá!

Pusera-se de pé num salto. Enraivecido como estava, parecia encher por completo a choupana. Os Dursley estavam colados à parede.

— Querem dizer que — rosnou na direcção dos Dursley —, qu'este rapaz... este rapaz!... não sabe nada DE NADA?

Harry achou que as coisas estavam a ir um pouco longe de mais. Também não era assim. Ele tinha ido à escola e, ao fim e ao cabo, até nem tivera muito más notas.

— Eu sei algumas coisas — adiantou. — De matemática, de...

Mas Hagrid acenou com a mão e esclareceu: — Eu refiro-me ao nosso mundo. Isto é, ao meu mundo, ao teu mundo, ao mundo dos teus pais.

— Qual mundo?

Hagrid parecia prestes a explodir.

— DURSLEY! — gritou.

O tio Vernon, que ficara de repente muito pálido, murmurou qualquer

coisa que pareceu «Mimblewimble». Hagrid olhou fixamente para Harry.

— Mas deves saber sobre a tua mãe e o teu pai — insistiu. — Afinal eles eram famosos, tu és famoso.

— O quê? A minha mãe e o meu pai eram famosos?

— Tu não sabes... não sabes. — Hagrid passou os dedos pelos cabelos, olhando para Harry com um olhar desnorteadado. — Tu não sabes quem és? — perguntou por fim.

O tio Vernon encontrou finalmente a voz.

— Pare — disse num tom de comando. — Pare imediatamente, se faz favor, proíbo-o de contar ao rapaz seja o que for!

Um homem mais corajoso do que Vernon Dursley teria perdido o ânimo perante o olhar de fúria incontida que Hagrid lhe lançou. Quando falou, cada uma das sílabas que pronunciava tremia de raiva.

— Você nunca lhe disse? Nunca lhe disse o que 'tava escrito na carta qu' o Dumbledore deixou p'ra ele? Eu 'tava presente. Vi o Dumbledore deixar a carta, Dursley! E você nunca lha entregou em todos estes anos?

— Nunca me entregou o quê? — perguntou Harry ansiosamente.

— CALE-SE. PROÍBO-LHE! — gritou o tio Vernon em pânico.

A tia Petúnia estremeceu horrorizada.

— Vão p'ró raio que vos parta, vocês os dois — disse Hagrid. — Harry, tu és um feiticeiro.

Fez-se um enorme silêncio dentro da cabana. Apenas se ouvia o mar e os assobios do vento.

— Eu sou o quê? — repetiu Harry sem conseguir entender.

— Um feiticeiro, claro — disse Hagrid, sentando-se no sofá, que chiou e se afundou mais um pouco. — E um excelente feiticeiro, arriscaria eu, basta qu' aprendas algumas coisas. C'uma mãe e um pai com'os teus, como poderias deixar de ser? E acho que chegou a altura de leres a tua carta.

Harry estendeu a mão, agarrando por fim o sobrescrito amarelo, endereçado em tinta verde-esmeralda a *Mr. H. Potter, rés-do-chão, Cabana da rocha, Oceano*. Pegou na carta e leu:

ESCOLA HOGWARTS DE MAGIA E FEITIÇARIA

Director: Albus Dumbledore

(Ordem de Merlin, Primeira Classe, Feiticeiro Chefe, Mandatário-Supremo, Confeder. Internacional de Feiticeiros)

Caro Mr. Potter É nosso prazer informá-lo de que tem um lugar à sua espera na Escola de Magia e Feitiçaria de Hogwarts. Junto enviamos uma

lista dos livros e equipamento necessários.

O ano lectivo começa a 1 de Setembro. Queira enviar-nos a sua coruja até dia 31 de Julho, sem falta.

*Atenciosamente
Minerva McGonagall
Subdirectora*

As perguntas estoiraram dentro da cabeça de Harry como se fossem fogo-de-artifício, de tal modo que ele não conseguia decidir qual a pergunta que queria fazer em primeiro lugar. Após alguns minutos balbuciou:

— O que é isso de enviar a minha coruja?

— Górgones galopantes! Só agora me lembro! — exclamou Hagrid, batendo com a mão na testa com uma força capaz de deitar abaixo um cavalo de corrida e tirando do outro bolso interior uma coruja (uma coruja verdadeira, viva e bastante emaranhada), uma pena longa e um rolo de pergaminho. Com a língua entre os dentes escreveu uma nota que Harry conseguiu ler de baixo para cima.

Caro Mr. Dumbledore

Dei ao Harry a carta que era para ele. Vou levá-lo amanhã para comprar as coisas necessárias.

O tempo está péssimo. Espero que se encontre bem.

Hagrid

Hagrid enrolou a nota, deu-a à coruja, que a agarrou com o bico e, dirigindo-se à porta, soltou a ave no meio da tempestade. Em seguida, voltou a sentar-se como se tivesse feito a coisa mais normal deste mundo, como, por exemplo, uma chamada telefónica.

Harry apercebeu-se de que estava de boca aberta e fechou-a apressadamente.

— Onde é que eu ia? — perguntou Hagrid, mas naquele momento o tio Vernon, ainda pálido mas mostrando-se muito zangado, aproximou-se do lume.

— Ele não vai — afirmou.

Hagrid grunhiu.

— Gostava de ver um Muggle do seu tamanho impedi-lo — proferiu Hagrid.

— Um quê? — perguntou Harry, interessado.

— Um Muggle — disse Hagrid —, é como nós chamamos aos não-

mágicos como eles. E tiveste mesmo pouca sorte em teres crescido no seio d'uma família dos maiores Muggles qu'alguma vez conheci.

— Jurámos no dia em que o recebemos que acabaríamos com esse disparate — disse o tio Vernon —, que o limparíamos disso. Um feiticeiro, francamente!

— Vocês sabiam? — perguntou Harry. — Sabiam que eu era feiticeiro?

— Sabíamos! — guinchou a tia Petúnia, inesperadamente. — Sabíamos, claro que sabíamos. Como seria possível que não o fosses, sendo a maldita da minha irmã como era? Sim, ela recebeu uma carta igual à tua e desapareceu para ir para essa... essa escola e aparecia depois em casa nas férias com os bolsos cheios de ovas de rã, transformando canecas em ratazanas. Eu era a única que a via como ela era... uma *anormal*! Mas para o meu pai e para a minha mãe, não. Era a Lily isto, a Lily aquilo, eles orgulhavam-se de ter uma feiticeira na família!

Calou-se para respirar fundo e em seguida continuou. Dava a impressão de que tinha tudo aquilo preso na garganta havia muitos anos.

— Depois de conhecer o Potter na escola, eles casaram e nasceste tu. É claro que eu sabia que irias ser tão estranho... tão *anormal*... como eles. Por fim, acabou por fazer com que rebentassem com ela e tu vieste aterrar aqui!

Harry tinha ficado branco. Quando conseguiu falar disse: — Rebentassem com ela? Vocês disseram-me que eles tinham morrido num acidente de automóvel!

— ACIDENTE D'AUTOMÓVEL! — berrou Hagrid, dando um salto, tão furioso, que os Dursley voltaram a recuar para o canto da sala. — Como poderia um acidente de automóvel matar a Lily e o James Potter? É um ultraje, uma vergonha, um escândalo o Harry Potter desconhecer a sua própria história, quando todos os garotos do nosso mundo conhecem o seu nome!

— Mas porquê, o que aconteceu? — perguntou Harry, cheio de impaciência.

A raiva desvaneceu-se do rosto de Hagrid. Parecia subitamente ansioso.

— Nunca esperei qu'isto acontecesse — disse num tom de voz baixo e triste. — Não me passou p'la cabeça, quando o Dumbledore me disse que podia haver problemas contigo, até que ponto esta gente seria capaz de te manter na ignorância. Ah! Harry, não sei se sou a pessoa certa p'ra te contar... alguém tem de te dizer... não podes ir para Hogwarts sem saber de nada.

Lançou um olhar de nojo aos Dursley.

— Bem, é melhor contar-te tudo aquilo que sei... apesar de não poder

explicar-te tudo, algumas partes 'inda são um perfeito mistério...

Sentou-se, olhou para o fogo durante alguns segundos e, em seguida, disse: — Tudo começa, penso eu, com uma pessoa chamada... mas é incrível que nem saibas o seu nome; toda a gente no nosso mundo o conhece...

— Quem?

— Bem... eu detesto pronunciar-lo e evito sempre que possível. Ninguém gosta.

— Porquê?

— Górgones galopantes, Harry, porque as pessoas ainda têm medo. Isto é difícil de explicar. Havia um feiticeiro que se tornou cruel. O pior qu' é possível imaginar. Horrível. Pior qu' horrível. O seu nome era...

Hagrid engoliu em seco, mas nenhuma palavra saía.

— Podes escrever? — sugeriu Harry.

— Na' sei soletrar. Lá vai... *Voldemort* — disse Hagrid estremecendo. — Não me obriguem a repeti-lo. De qualquer modo, este... este feiticeiro, há cerca de vinte anos começou a procurar seguidores. Conseguiu alguns, uns porque tinham medo, outros pela sede de poder. Dias negros, esses, Harry. Não se sabia em quem se podia confiar. Não arriscávamos tornarmos amigos de feiticeiros ou feiticeiras desconhecidos... aconteciam coisas pavorosas. Ele 'tava a tomar as rédeas do poder. É claro que muitos lhe fizeram frente... e ele matou-os. Foi um pesadelo. Um dos lugares que continuava a ser seguro era Hogwarts. Sabia-se que o Dumbledore era o único de quem o Quem-Nós-Sabemos tinha medo. Nunca tentou aproximar-se da escola.

«Ora a tua mãe e o teu pai eram dos melhores feiticeiros qu' eu conheci. Foram Delegados dos Alunos. Suponho que o mistério está no facto de o Quem-Nós-Sabemos nunca ter tentado aliciá-los p' r' o seu lado... talvez soubesse qu' eles gostavam muito do Dumbledore p' ra quererem fosse o que fosse com o Lado Negro.

«Talvez pensasse que podia persuadi-los ou afastá-los do caminho. O que se sabe é qu' ele chegou à cidade onde vocês viviam no Hallowe'en, há dez anos e...»

Hagrid voltou a puxar de um lenço de assoar sujíssimo e espremeu o nariz com um barulho que parecia o de uma sirene.

— Desculpem — disse —, mas é tão triste. Eu conhecia o teu pai e a tua mãe e eram as melhores pessoas do mundo, e...

«... o Quem-Nós-Sabemos matou-os. E a seguir, e este é o verdadeiro mistério, tentou matar-te a ti. Qu' ria fazer um trabalho perfeito, calculo, ou talvez gostasse de matar por matar. Mas não conseguiu. Nunca tiveste

curiosidade em saber donde vem essa cicatriz que tens na testa? Não é um corte vulgar. É a marca que fica quando uma poderosa maldição nos toca. Ele conseguiu liquidar os teus pais e destruir a tua casa também, mas não conseguiu fazer-te mal e é por isso que tu és famoso, Harry. Foste o único a sobreviver ao seu desejo de matar. E olha qu'ele matou alguns dos melhores feiticeiros e feiticeiras da época, os McKinnon, os Bone, os Prewett. Tu não passavas d'um bebé e sobreviveste.»

Na mente de Harry passava-se algo muito doloroso. À medida que a história de Hagrid avançava, ele voltava a ver a forte luz verde com maior clareza do que antes... e recordou-se de uma coisa pela primeira vez, de uma gargalhada grande, fria e cruel.

Hagrid olhava para ele tristemente.

— Fui eu quem te tirou da casa destruída, por ordem de Dumbledore, trouxe-te para este par de...

— Tolices — disse o tio Vernon. Harry deu um salto. Esquecera-se de que os Dursley estavam ali. O tio parecia ter recuperado a coragem e, com os punhos cerrados, lançava a Hagrid um olhar cheio de ódio.

— Ouve bem, rapaz — disse rispidamente —, eu admito que existe em ti algo de estranho, nada que muito provavelmente uma boa sova não pudesse ter curado, mas quanto ao que se disse sobre os teus pais, é certo que eles eram esquisitos, ninguém pode negá-lo e, se queres saber a minha opinião, o mundo ficou bastante melhor sem eles. Da maneira que eram e misturados com esse tipo de feitiços, tiveram a morte macaca que eu sempre esperei que tivessem...

Nesse momento, porém, Hagrid levantou-se do sofá e retirou de dentro do sobretudo um guarda-chuva cor-de-rosa. Apontando-o ao tio Vernon como se fosse uma espada, disse: — Estou a avisar-te, Dursley, olha que estou a avisar-te, mais uma palavra e...

A ideia de ser trespassado pelo guarda-chuva de um gigante barbudo fez com que a coragem do tio Vernon se desvanecesse de novo. Espalmou-se contra a parede e não abriu mais a boca.

— É melhor assim — disse Hagrid, respirando pesadamente e voltando a sentar-se no sofá que, desta vez, ruiu por completo, estatelando-se no chão.

Harry, entretanto, tinha ainda várias perguntas a fazer, centenas delas.

— Mas o que aconteceu a Vol... perdão... ao Quem-Nós-Sabemos?

— Boa pergunta, Harry. Desapareceu. Eclipsou-se. Uma noite tentou matar-te, o que te torna ainda mais famoso. E esse é o maior mistério, compreendes? S'ele 'tava a ficar cada vez com mais poder, por que desapareceu?

«Alguns dizem que morreu. Balelas, na minha opinião. Não sei se tinha

alguma coisa de humano que pudesse morrer. Outros acham qu'inda anda por aí, mas eu não acredito. Os que 'tavam do lado dele regressaram de novo para o nosso lado. Alguns saíram de grandes perturbações e transes. Não sabemos o que fariam se ele regressasse.

«A maior parte calcula que ele 'teja algures por aí, mas que, tendo perdido todos os poderes, se sinta demasiado fraco p'ra continuar. Porque houve alguma coisa em ti que acabou com ele. Aconteceu algo naquela noite com qu'ele não contava... eu não sei o que foi, ninguém sabe, mas qualquer coisa em ti acabou com ele.»

Hagrid olhou para Harry com calor e respeito no olhar, mas este, em vez de se sentir satisfeito e orgulhoso, teve a sensação de que devia haver ali um tremendo engano. Um feiticeiro, ele? Como é que seria possível? Ele, que passara a vida a ser espancado por Dudley e ameaçado pela tia Petúnia e pelo tio Vernon? Se fosse mesmo um feiticeiro, por que não se tinham eles transformado em sapos nojentos sempre que haviam tentado fechá-lo no armário? Se ele conseguira enfrentar o maior dos feiticeiros, como é que Dudley passara a vida a dar-lhe pontapés como se ele fosse uma bola de futebol?

— Hagrid — disse calmamente. — Acho que deves estar enganado. Eu não devo ser feiticeiro.

Para sua grande surpresa, Hagrid riu-se.

— Não és feiticeiro, hein? Nunca fizeste acontecer coisas estranhas, quando 'tavas com medo ou zangado?

Harry olhou para o fogo. Pensando melhor... todas as coisas que ultimamente tinham deixado a tia e o tio furiosos tinham acontecido quando ele, Harry, estava preocupado ou zangado... perseguido pelo grupo de Dudley, dera por si fora do alcance deles... receando ir para a escola com aquele corte de cabelo ridículo, conseguira fazer com que o cabelo lhe crescesse de novo... e da última vez em que Dudley lhe batera, não lhe pregara um valente susto, sem sequer ter consciência, soltando aos pés dele a jibóia?

Harry olhou de novo para Hagrid, a sorrir, e viu que ele irradiava alegria.

— Vês? — disse Hagrid. — Imagine-se, Harry Potter não ser feiticeiro... Vais ver como te tornarás famoso em Hogwarts.

Mas o tio Vernon não ia desistir assim do pé para a mão.

— Não lhe disse já que ele não vai? — repetiu com uma voz sibilante.

— Ele vai para Stonewall High e há-de agradecer-nos por isso. Eu li todas aquelas cartas que dizem que ele precisa dos maiores disparates... livros de feitiçaria e varinhas e...

— Se ele quiser ir, não é um Muggle como você que vai impedi-lo —

rosnou Hagrid. — Impedir o filho da Lily e do James Potter de ir para Hogwarts! Você é doido. O nome dele está lá inscrito desde o dia em que nasceu. Ele vai frequentar a melhor escola de magia e feitiçaria do mundo. Sete anos lá e nem ele próprio se reconhecerá. Vai conviver com jovens que são como ele, para variar, e estará sob a supervisão do maior director que Hogwarts alguma vez teve, Albus Dumbledore...

— EU NÃO VOU PAGAR PARA UM VELHO IDIOTA LHE ENSINAR TRUQUES DE MAGIA! — gritou o tio Vernon.

Mas, desta vez, tinha ido longe de mais. Hagrid pegou no guarda-chuva, ergueu-o acima da cabeça do tio e gritou bem alto: — NUNCA — vociferou —, NUNCA MAIS INSULTE NA MINHA FRENTE ALBUS DUMBLEDORE!

Baixou o guarda-chuva, cortando o ar com uma vergastada e apontou-o a Dudley... houve um *flash* de luz violeta, um som que parecia o de um foguete, um forte grunhido e, no momento seguinte, Dudley parecia estar a dançar, aos saltos, com as mãos agarradas ao rabo gordo e a gritar com dores. Quando se voltou de costas, Harry viu uma cauda de porco, enrolada, a sair-lhe de um buraco das calças.

O tio Vernon praguejou. Arrastando a tia Petúnia e o Dudley para o outro quarto, lançou um último olhar de ódio a Hagrid e bateu-lhe com a porta na cara.

Hagrid baixou a cabeça, olhou para o guarda-chuva e coçou a barba.

— Não devia ter-me descontrolado — disse pesarosamente —, mas de qualquer modo não funcionou. Queria transformá-lo num porco, mas ele já é tão parecido que não havia muito a fazer.

Lançou um olhar envergonhado a Harry, com os olhos baixos sob as sobancelhas farfalhudas.

— Agradecia-te que não contasses isto a ninguém lá em Hogwarts — pediu. — Eu... não 'tou autorizado a fazer feitiços, por assim dizer. A minha função era seguir-te e fazer com que recebesses as cartas e coisas assim... um dos motivos pelos quais eu quis tanto aceitar o trabalho...

— Por que é que não podes fazer magia? — perguntou Harry.

— Bem, eu fui aluno de Hogwarts, mas... hã... p'ra dizer a verdade, fui expulso no terceiro ano. Eles tiraram-me a varinha e quase tudo. Mas o Dumbledore deixou-me ficar como guarda. Um grande homem, o Dumbledore!

— Mas por que é que foste expulso?

— Está a fazer-se tarde e temos montes de coisas p'ra fazer amanhã — desviou Hagrid o assunto, elevando animadamente a voz. — Temos de ir à cidade comprar os livros e tudo o resto.

Despiu o seu casacão preto e grosso e atirou-o a Harry.

— Podes dormir debaixo disso. Não te espantes s'alguma coisa se mexer, acho qu'inda tenho alguns roedores num dos bolsos.

V

DIAGON-AL

Harry acordou cedinho na manhã seguinte. Apesar de ver que já havia claridade, manteve os olhos fechados.

— Era um sonho — disse de si para consigo. — Sonhei que um gigante chamado Hagrid tinha vindo dizer-me que eu ia para uma escola de feitiçaria. Quando abrir os olhos, vou descobrir que continuo em casa, fechado no armário.

De repente ouviu-se um grande estardalhaço.

— Lá está a tia Petúnia a bater na porta — pensou Harry com o coração a tremer. Mas mesmo assim não abriu os olhos. Fora um sonho tão bom...

Truz, truz.

— Está bem — resmungou. — Já lá vou.

Sentou-se e o casacão pesado de Hagrid caiu para o lado. A cabana estava cheia de luz. A tempestade tinha passado. O próprio Hagrid adormecera no sofá totalmente destruído e, bicando no vidro da janela, estava uma coruja que segurava um jornal.

Harry pôs-se de pé, num salto. Sentia-se tão feliz como se tivesse dentro do peito um balão de ar. Foi direito à janela e abriu-a de par em par. A coruja entrou e depôs o jornal em cima de Hagrid, que não acordou. Em seguida, pousou no chão e começou a dar-lhe bicadas no casaco.

— Não faças isso.

Harry tentou sacudir a coruja, mas esta mostrou-lhe agressivamente o bico e continuou a atacar o sobretudo de Hagrid.

— Hagrid — disse Harry bastante alto. — Está aqui uma coruja.

— Paga-lhe — resmungou Hagrid para dentro do sofá.

— O quê?

— Ela quer o pagamento por entregar o jornal. Procura nos bolsos.

O sobretudo de Hagrid parecia não ter senão bolsos — molhos de chaves, pastilhas amassadas, novelos de fio, saquinhos de chá... por fim Harry retirou uma mão-cheia de moedas com um aspecto estranho.

— Dá-lhe cinco janotas.

— Janotas?

— As pequeninas, de bronze.

Harry contou cinco pequenas moedas de bronze e a coruja esticou a perna para que ele pudesse depositá-las dentro de uma bolsinha que aí trazia amarrada. Logo a seguir, voou pela janela fora.

Hagrid bocejou em voz alta, sentou-se e espreguiçou-se.

— Melhor irmos indo, Harry, há muito p'ra fazer hoje, toca a levantar p'ra irmos a Londres comprar o material p'rà escola.

Harry estava a dar voltas às moedas dos feiticeiros e a olhar para elas. Acabara de se lembrar de uma coisa que fez com que o balão de felicidade que lhe enchia o peito se tivesse furado e esvaziado.

— Hum... Hagrid?

— Hum? — disse Hagrid, que estava a enfiar as botifarras.

— Eu não tenho dinheiro nenhum, e tu ouviste o tio Vernon ontem à noite dizer que não vai pagar para eu aprender magia?

— Não te preocupes com isso — disse Hagrid, pondo-se de pé e coçando a cabeça. — Eles pensam qu'os teus pais não te deixaram nada?

— Mas se a casa deles foi destruída...?

— Eles não guardavam o ouro em casa, rapaz! Ná. O primeiro lugar onde vamos é Gringotts... o banco dos feiticeiros. Toma uma salsicha, não 'tão totalmente frias... e eu aceitava tam'ém uma fatia do teu bolo de aniversário.

— Os feiticeiros têm *bancos*?

— Só aquele, Gringotts, d'rigido por duendes.

Harry deixou cair o pedaço de salsicha que tinha na mão.

— Duendes?

— Sim, por isso só um louco tentaria assaltá-lo. Digo-te uma coisa, nunca te metas com duendes, Harry. Gringotts é o lugar mais seguro do mundo p'ra guardar seja o que for; com excepção talvez de Hogwarts. Na verdade, tenho mesmo qu'ir a Gringotts tratar d'uns assuntos p'rò Dumbledore. — Hagrid levantou-se com um ar orgulhoso. — Ele costuma pedir-me que lhe trate das coisas importantes. Vir-te buscar, ir buscar coisas a Gringotts, sabe qu'eu sou de confiança, percebes?

«Tens tudo? Então, vamos embora.»

Harry seguiu Hagrid e dirigiram-se ao rochedo. O céu estava agora claro e o mar brilhava à luz do Sol. O barco que o tio Vernon tinha alugado ainda

ali se encontrava, com bastante água da tempestade no fundo.

— Como é que conseguiste chegar aqui? — perguntou Harry, olhando em volta à procura de outro barco.

— A voar — disse Hagrid.

— A voar?

— Sim, mas vamos voltar neste. Não estou autorizado a usar magia, agora que te tenho comigo.

Instalaram-se no barco, Harry ainda a olhar fixamente para Hagrid e a tentar imaginá-lo em pleno voo.

— Mas é uma vergonha ter de remar — acrescentou, olhando mais uma vez de lado para Harry. — Se eu apressasse um niquinho as coisas, importavas-te de não d'zer nada em Hogwarts?

— Está claro que não — disse Harry, ansioso por ver mais coisas mágicas. Hagrid puxou novamente do guarda-chuva cor-de-rosa, bateu duas vezes com ele na madeira do barco e partiram a toda a velocidade em direcção a terra.

— Por que seria uma loucura tentar assaltar Gringotts? — perguntou Harry.

— Feitiços, encantamentos — explicou Hagrid, desdobrando o jornal, enquanto falava. — Dizem qu'há um dragão a guardar as caixas fortes d'alta segurança. Ah, e é preciso conhecer o caminho... Gringotts fica a centenas de quilómetros debaixo do chão de Londres. Muito abaixo do Metro. Qualquer um morreria de fome a tentar sair de lá, me'mo que tivesse posto as mãos nalguma coisa.

Harry sentou-se a pensar em tudo aquilo, enquanto Hagrid lia o jornal, *O Profeta Diário*. Tinha aprendido com o tio Vernon que as pessoas gostavam que as deixassem em paz quando liam o jornal, mas era muito difícil. Nunca tivera tantas perguntas para fazer em toda a sua vida.

— O Ministério da Magia a baralhar tudo, como de costume — resmungou Hagrid, virando a página.

— Existe um Ministério da Magia? — perguntou Harry antes de ter tido tempo de pensar.

— Claro — disse Hagrid. — Queria o Dumbledore p'ra Ministro, mas ele nunca deixaria Hogwarts, por isso quem ficou co' lugar foi o velho Cornelius Fudge. Uma cabeça que é uma confusão. Não deixa o Dumbledore em paz, sempre a mandar-lhe corujas todas as manhãs e a pedir-lhe conselhos.

— Mas o que faz um Ministro da Magia?

— Bem, a tarefa principal é não deixar que os Muggles saibam qu'inda existem feiticeiras e feitiçeiros por todo o país.

— Porquê?

— Porquê? Co'a breca, Harry, toda a gente ia querer soluções mágicas p'ros seus problemas. Ná! É melhor que nos deixem em paz.

Nesse momento, o barco bateu ao de leve na parede do cais. Hagrid voltou a dobrar o jornal e subiram pelos degraus de pedra que levavam à estrada.

Os transeuntes olharam um bocado para Hagrid, enquanto atravessavam a pé a cidadezinha até à estação. Harry não podia censurá-los. Hagrid tinha não só o dobro da estatura de qualquer cidadão normal como não parava de apontar para as coisas mais vulgares como, por exemplo, os parquímetros, dizendo alto: — 'Tás a ver aquilo, Harry? As coisas qu'os Muggles inventam, hein?

— Hagrid — disse Harry, quase sem fôlego, enquanto corria para acompanhar a passada do gigante —, é verdade que há dragões em Gringotts?

— Bem, é o que dizem. Caramba, com' eu gostaria de ter um dragão.

— Gostavas de ter um?

— Sempre quis, desde pequeno. Cá 'tamos!

Tinham chegado à estação. Havia um comboio para Londres que partia dentro de cinco minutos. Hagrid, que não percebia nada do «dinheiro dos Muggles» como lhe chamava, deu as notas a Harry para ele comprar os bilhetes.

No comboio, as pessoas olharam ainda mais para Hagrid, que ocupou dois lugares e se sentou a tricotar uma coisa que parecia uma tenda de circo amarelo-canário.

— 'Inda tens a carta, Harry? — perguntou, enquanto contava as malhas.

Harry tirou o sobrescrito de pergaminho de dentro do bolso.

— Ótimo — disse Hagrid. — 'Tá aí uma lista de tudo o que precisas.

— Harry desdobrou a segunda folha de papel na qual nem tinha reparado na véspera e leu:

ESCOLA DE MAGIA E FEITIÇARIA DE HOGWARTS

Uniforme

Os alunos do primeiro ano vão precisar de:

- 1. Três mantos de trabalho (pretos)*
- 2. Um chapéu alto, pontiagudo (preto) para uso diário*
- 3. Um par de luvas de protecção (de pele de dragão ou semelhante)*
- 4. Uma capa de Inverno (preta com fechos prateados)*

Por favor, tenha em atenção que as roupas dos alunos devem ter etiquetas com os nomes.

Livros adoptados

Todos os alunos deverão ter um exemplar dos seguintes livros:

O Livro Básico dos Feitiços (grau 1), por Miranda Goshawk

A História da Magia, por Bathilda Bagshot

A Magia Teórica, por Adalbert Waffling

A Transfiguração — Um Guia para Principiantes, por Emeric Switch

Um Milhar de Ervas e Fungos Mágicos, por Phyllida Spore

Planos e Poções Mágicas, por Arsenius Jigger

Animais Fantásticos e onde Encontrá-los, por Newt Scamander

As Forças das Trevas: Guia para Autoprotecção, por Quentin Trimble

Outro Equipamento

Uma varinha

Um caldeirão (chumbo, tamanho 2)

Um conjunto de frascos de vidro ou cristal

Um telescópio

Um conjunto de balanças de bronze

Um caduceu

Os alunos podem também trazer uma coruja, um gato ou um sapo.

LEMBRAMOS AOS PAIS QUE NO PRIMEIRO ANO OS ALUNOS
NÃO ESTÃO AUTORIZADOS A USAR AS SUAS PRÓPRIAS
VASSOURAS.

— Podemos comprar tudo isto em Londres? — perguntou Harry em voz alta.

— Se souberes aonde ir — respondeu Hagrid.

Era a primeira vez que Harry ia a Londres. Apesar de Hagrid parecer saber perfeitamente aonde dirigir-se, era bastante óbvio que não estava habituado a viajar de uma forma normal. Começou por ficar preso na cancela dos bilhetes no metropolitano e não parou de se queixar para quem o quisesse ouvir de que os assentos eram muito pequenos e o comboio muito lento.

— Não sei c'mo os Muggles conseguem viver sem magia — comentou, enquanto subiam uma escada rolante avariada que conduzia a uma rua cheia de lojas e movimento.

Hagrid era tão grande que abria caminho por entre a multidão com a maior das facilidades. Tudo o que Harry tinha de fazer era manter-se

colado a ele. Passaram por livrarias e casas de discos, hamburguerias e cinemas, mas por nenhum lugar que parecesse ter aspecto de vender uma varinha mágica. Tratava-se de uma rua vulgar, cheia de gente comum. Poderiam mesmo existir barras e barras de ouro dos feiticeiros no subsolo, a quilómetros de profundidade? Haveria mesmo lojas a vender livros de feitiçaria e vassouras? Não seria tudo aquilo uma enorme partida que os Dursley lhe tinham preparado? Se Harry não soubesse que eles eram totalmente destituídos de sentido de humor, tê-lo-ia sem dúvida pensado. Mas, ao mesmo tempo, apesar de tudo o que Hagrid lhe contara até então lhe parecer inacreditável, Harry não conseguia deixar de confiar nele.

— Cá 'tá — disse Hagrid, fazendo uma paragem —, o Caldeirão Escoante, um lugar famoso.

Era um barzinho pequenino com um aspecto sujo. Se Hagrid não lhe tivesse chamado a atenção, Harry nem teria dado pela sua existência. As pessoas que passavam apressadas não se dignavam a olhar para ele. Os seus olhos deslizavam da grande livraria que ficava na porta anterior para a casa de discos da porta a seguir, como se não vissem de todo o Caldeirão Escoante. Na verdade, Harry tinha a sensação peculiar de que só ele e Hagrid podiam vê-lo. Antes de ter tido tempo de falar no assunto, Hagrid conduziu-o para o interior.

Era bastante miserável e sombrio para um lugar famoso. Algumas velhotas estavam sentadas a um canto, a beber copinhos de xerez. Uma delas fumava cachimbo. Um homem baixinho com um chapéu alto conversava com o *barman*, que era totalmente calvo e parecia uma noz inchada. O sussurro das vozes parou por completo quando eles entraram. Todos pareciam conhecer Hagrid. Cumprimentaram-no, sorriram-lhe e o *barman* foi buscar um copo enquanto perguntava: — O habitual, Hagrid?

— Não posso, Tom. 'Tou em serviço p'ra Hogwarts — respondeu Hagrid, dando uma forte palmada com a sua mão enorme no ombro de Harry que fez com que os joelhos se lhe vergassem.

— Santo Deus — disse o *barman*, olhando para Harry —, este é... será possível que ele seja...?

O Caldeirão Escoante ficou subitamente mergulhado num silêncio total.

— Abençoado seja — murmurou o velho *barman*. — Harry Potter... que honra.

Saiu rapidamente detrás do balcão, correu para Harry e agarrou-lhe as mãos com lágrimas nos olhos.

— Bem-vindo, Mr. Potter, seja muito bem-vindo.

Harry não sabia o que dizer. Toda a gente estava a olhar para ele. A velhota do cachimbo continuava a tentar dar baforadas sem se dar conta de

que o cachimbo se apagara. Hagrid estava radiante.

Houve um grande ranger de cadeiras e, no momento seguinte, Harry deu por si a apertar a mão a toda a gente no Caldeirão Escoante.

— Doris Crockford, Mr. Potter, mal posso crer que finalmente o conheço.

— Estou tão orgulhoso, Mr. Potter, tão orgulhoso.

— Sempre quis apertar-lhe a mão... estou profundamente emocionado.

— Encantado, Mr. Potter, o meu nome é Diggle, Dedalus Diggle.

— Já o vi uma vez — disse Harry, quando o chapéu alto lhe caiu da cabeça no meio da excitação. — O senhor cumprimentou-me uma vez, dentro de uma loja.

— Ele lembra-se — gritou Dedalus Diggle, dirigindo-se a todos os que o rodeavam. — Ouviram bem, ele lembra-se de mim!

Harry voltou a apertar mãos repetidamente. Doris Crockford voltou várias vezes atrás para o cumprimentar de novo.

Um jovem de aspecto pálido aproximou-se nervosamente, com um dos olhos a piscar.

— Professor Quirrell — disse Hagrid. — Harry, o professor Quirrell vai ser um dos teus professores em Hogwarts.

— P... P... Potter — balbuciou o professor Quirrell, agarrando-lhe a mão —, não tenho palavras para lhe dizer como me agrada conhecê-lo.

— Que tipo de magia ensina, professor Quirrell?

— De... Defesa Contra... a Magia Negra — disse baixinho o professor, como se preferisse não pensar no assunto. — N-Não que você p-precise, não é, P-P-Potter? — E riu-se nervosamente. — Calculo q-que venha tratar do equipamento. Eu venho b-buscar um novo livro sobre vamp-vampiros. — Parecia apavorado só de pensar nisso.

Mas os outros não deixaram que o professor monopolizasse a atenção de Harry. Passaram quase dez minutos até conseguirem livrar-se de toda a gente. Por fim, Hagrid conseguiu fazer-se ouvir sobre o ruído de fundo.

— Temos d'ir, há montes de coisas p'ra comprar, vamos, Harry!

Doris Crockford apertou mais uma vez a mão a Harry e Hagrid fê-los passar do bar para um pequeno pátio emparedado, onde havia apenas um balde de lixo e algumas ervas.

Hagrid sorriu a Harry.

— Não te disse? Não te disse qu'eras famoso? Até o professor Quirrell 'tava a tremer por te conhecer. Mas não te preocupes, ele 'tá sempre a tremer.

— É sempre assim tão nervoso?

— É, coitado. Uma inteligência brilhante. Não era assim quando

estudava só p'los livros, mas quando tirou um ano p'ra ganhar experiência... Dizem qu'encontrou vampiros na Floresta Negra e que teve sarilhos co'uma megera; nunca mais foi o mesmo. Tem medo dos alunos, até tem medo do qu'ensina. Ond'é qu'eu pus o guarda-chuva?

Vampiros? Megeras? A cabeça de Harry andava a mil à hora. Enquanto isso, Hagrid contava os tijolos da parede, acima do balde do lixo.

— Três p'ra cima... dois p'rò lado — murmurava. — Certo. Chega-te p'ra trás, Harry.

Bateu três vezes na parede com a ponta do guarda-chuva.

O tijolo onde tinha tocado estremeceu, movendo-se sinuosamente. No meio surgiu um pequenino buraco que foi aumentando, aumentando. Passado um breve instante estavam perante uma passagem suficientemente grande até para Hagrid, uma arcada que dava para uma rua pavimentada que, a seguir a uma esquina, virava até perder de vista.

— Bem-vindo — declarou Hagrid — à Diagon-Al.

Riu-se do espanto de Harry. Passaram pelo arco. Harry olhou rapidamente por cima do ombro e viu o arco a encolher instantaneamente, voltando a ficar uma parede fechada.

O sol brilhava, iluminando uma série de caldeirões que estavam à porta da loja mais próxima. *Caldeirões — todos os tamanhos — Cobre, Bronze, Liga de Estanho, Prata — Automisturadores, Desmontáveis*, estava escrito no letreiro pendurado fora da loja.

— Vais precisar d'um — disse Hagrid. — Mas antes temos d'ir buscar o dinheiro.

Harry desejou ter mais oito olhos, pelo menos. Virava a cabeça em todas as direcções enquanto subiam a rua, tentando ver tudo de uma vez só: as lojas, as coisas que estavam cá fora, as pessoas que andavam a fazer compras. Uma mulher rechonchuda, à saída de um boticário, abanava indignadamente a cabeça, dizendo: — Fígado de dragão a dezassete leões o quilo. Estão doidos...

Fez-se ouvir um piar baixo e suave, vindo de uma loja escura com um letreiro que dizia: *Armazém das corujas — amarelas, castanhas, corujas-das-torres, coruja-real, coruja-das-neves*.

Vários rapazinhos, sensivelmente da idade de Harry, espreitavam com os narizes achatados contra a montra das vassouras. — Olha — ouviu um deles dizer —, a nova *Nimbus Dois Mil* — a mais rápida de sempre.

Havia lojas de capas e mantos, lojas de telescópios, que vendiam também uns estranhos instrumentos prateados que ele nunca tinha visto, montras cheias de barris com baços de morcego e olhos de enguias, pilhas instáveis de livros de feitiços, penas de ave e rolos de pergaminho, garrafas

com poções, globos lunares...

— Gringotts — disse Hagrid.

Tinham chegado junto de um edifício branco como a neve que se erguia acima das pequenas lojas. Por detrás das suas portas brilhantes de bronze, com um uniforme escarlate e dourado, estava...

— Sim, é um duende — confirmou Hagrid baixinho, enquanto subiam os degraus de pedra. O duende tinha cerca de quarenta centímetros a menos de altura que Harry. O seu rosto era moreno, o olhar inteligente, tinha uma barba pontiaguda e Harry reparou que os dedos e os pés eram muito compridos. Inclinou a cabeça quando entraram, deparando-se com outra grande porta, desta vez, de prata, com algumas palavras gravadas:

*Entra estranho, mas tem cuidado
A avidez é um pecado
E os que levam sem querer merecê-lo
Um dia terão de perdê-lo.
Se buscas, pois, no nosso chão
O tesouro que pertence aos que dão,
Podes achar, ladrão, cuidado
Mais que o tesouro, estás avisado.*

— Como eu disse, era preciso ser louco p'ra tentar assaltar isto — afirmou Hagrid.

Um par de duendes conduziu-os com toda a deferência através das portas de prata e eles encontraram-se num imenso *hall* todo em mármore.

Por detrás de um grande balcão, estavam cerca de cem duendes sentados em bancos altos, escrevendo apressadamente em grandes livros de registo, pesando moedas em balanças de cobre, examinando pedras preciosas através de lupas. Havia inúmeras portas que conduziam ao *hall* e era ainda maior o número de duendes que acompanhavam as pessoas que entravam e saíam. Hagrid e Harry aproximaram-se do balcão.

— Bom-dia — disse Hagrid a um duende que se encontrava desocupado.

— Viemos p'ra levantar algum dinheiro do cofre de Mr. Harry Potter.

— Tem a chave dele, senhor?

— 'Tá p'rà 'qui não sei onde — disse Hagrid, que começou a esvaziar os bolsos em cima do balcão, espalhando uma mão cheia de biscoitos de cão meio desfeitos sobre o livro de contabilidade dos duendes. O duende torceu o nariz. Harry observou que o duende à sua direita estava a pesar uma pilha de rubis, grandes como carvões incandescentes.

— Achei-a — disse Hagrid, por fim, pegando numa pequenina chave

dourada.

O duende observou-a de perto.

— Parece estar tudo em ordem.

— E tenh'aqui também uma carta do professor Dumbledore — acrescentou Hagrid, com um ar importante, enchendo o peito de ar. — É sobre Aquilo-Que-Sabemos do cofre setecentos e treze.

O duende leu a carta com toda a atenção.

— Muito bem — disse, voltando a entregá-la a Hagrid. — Vou mandar alguém acompanhar-vos lá abaixo a ambos os cofres. Griphook!

Griphook era outro duende. Logo que Hagrid tornou a guardar nos bolsos todos os biscoitos de cão, ele e Harry seguiram-no através de uma porta que dava para fora do *hall*.

— O que é Aquilo-Que-Sabemos do cofre setecentos e treze? — perguntou Harry.

— Não te posso dizer — respondeu Hagrid com um ar misterioso. — Muito secreto. Negócios d'Hogwarts. O Dumbledore confia em mim. É segredo.

Griphook manteve a porta aberta para lhes dar passagem. Harry, que esperava encontrar mais divisões de mármore, ficou surpreso. Encontravam-se numa estreita passagem de pedra, iluminada por tochas, que dava para uma rampa inclinada a pique para baixo. No chão viam-se pequenos carris.

Griphook assobiou e uma pequena carreta deslocou-se ruidosamente pelos carris. Subiram — Hagrid com alguma dificuldade — e iniciaram o percurso.

A princípio limitaram-se a avançar a grande velocidade por um labirinto de passagens curvas. Harry tentou fixá-las: esquerda, direita, direita, esquerda, bifurcação do meio, direita, esquerda, mas era impossível. A carreta barulhenta parecia conhecer o caminho, porque Griphook não ia a conduzi-la.

Os olhos de Harry ardiam, à medida que o ar frio os fustigava, mas manteve-os bem abertos. A dada altura, pareceu-lhe avistar uma chispa de fogo no extremo de uma das passagens e voltou-se para ver se seria um dragão, mas já não foi a tempo. Desceram ainda mais, passando por um lago e uma gruta subterrâneos, onde, do tecto e do chão, emergiam estalactites e estalagmites, respectivamente.

— Nunca sei — gritou Harry a Hagrid por sobre o ruído ensurdecedor da carreta — qual é a diferença entre uma estalactite e uma estalagmite!

— As estalagmites têm um M — disse Hagrid. — E não me faças perguntas agora. Estou quase a vomitar.

De facto, ele estava muito esverdeado e quando a carreta finalmente parou junto de uma pequena porta aberta na parede, Hagrid saiu e teve de se encostar à parede para conseguir que os joelhos parassem de tremer.

Griphook destrancou a porta. De lá de dentro saiu um fumo verde e, quando a luz se normalizou, Harry mal conseguia falar. No interior estavam montes e montes de moedas de ouro. Colunas de prata. Pilhas de janotas de bronze.

— Tudo teu — declarou Hagrid, a sorrir.

Tudo seu! Era inacreditável! Os Dursley não sabiam certamente daquilo, senão ter-lhe-iam tirado tudo num abrir e fechar de olhos. Quantas vezes não se haviam queixado do dinheiro que gastavam a sustentá-lo? E durante todo esse tempo existira aquela fortuna que lhe pertencia, ali, enterrada, debaixo de Londres!

Hagrid ajudou Harry a meter algumas moedas num saco.

— As d'ouro são galeões — explicou. — Dezassete leões de prata valem um galeão e vinte e nove janotas valem um leão. É fácil, 'tás a ver? Isto deve chegar p'rò qu' é preciso. O resto fica guardado p'ra ti. — Voltou-se para Griphook. — Cofre setecentos e treze, agora. E podemos ir mais devagar, se faz favor?

— Só há uma velocidade — disse Griphook.

Estavam agora a descer ainda mais e ganhando sempre velocidade. O ar era cada vez mais frio à medida que faziam curvas mais apertadas.

Precipitaram-se por uma ravina subterrânea e Harry encostou-se a um dos lados para tentar ver o que havia lá em baixo na escuridão do fundo, mas Hagrid resmungou e, agarrando-o pelo pescoço, puxou-o para trás.

O cofre setecentos e treze não tinha fechadura.

— Afastem-se — advertiu Griphook, com ar importante. Acariciou muito suavemente a porta com um dos seus longos dedos e ela pura e simplesmente desapareceu.

— Se alguém, a não ser um duende de Gringott, tentasse fazer o que eu fiz, seria sugado pela porta e ficaria trancado lá dentro — esclareceu Griphook.

— Quantas vezes é que vocês verificam se há alguém lá preso? — perguntou Harry.

— Uma vez de dez em dez anos — respondeu Griphook com um sorriso bastante maldoso.

Devia estar ali guardado, com toda a certeza, algo verdadeiramente extraordinário para ter um cofre de tão elevada segurança, pensou Harry e inclinou-se avidamente para a frente na esperança de ver, no mínimo, jóias fabulosas. Contudo, a princípio, pareceu-lhe vazio. Em seguida, reparou

que no chão estava um pequenino pacote muito sujo, embrulhado em papel castanho. Hagrid apanhou-o e guardou-o dentro do enorme casaco. Harry estava ansioso por descobrir o que era, mas sabia que não devia perguntar.

— Vamos lá outra vez p'rá carreta horrorosa e não fales comigo durante o caminho, o melhor é eu não abrir a boca — disse Hagrid.

Após a louca corrida de carreta, ficaram ambos a piscar os olhos à luz intensa que brilhava no exterior de Gringotts. Harry não sabia por onde começar, agora que tinha um saco cheio de dinheiro. Não precisava de saber qual a correspondência de valor entre o galeão e a libra para ter a certeza de que levava consigo mais dinheiro do que tivera em toda a sua vida... mais dinheiro até do que o próprio Dudley alguma vez tinha tido.

— Podemos ir tratar do teu uniforme — disse Hagrid, fazendo um gesto na direcção de Madame Malkin. Capas para todas as ocasiões. — Harry, importavas-te s'eu fosse tomar um copinho ao Caldeirão Escoante? Detesto aquelas carretas do Gringotts. — Ele estava ainda com mau aspecto, por isso Harry entrou sozinho na loja de Madame Malkin para fazer as compras. Sentia-se um pouco nervoso.

Madame Malkin era uma feiticeira baixa, muito sorridente e toda vestida de cor de malva.

— É para Hogwarts, filho? — perguntou, quando Harry começou a falar. — Tenho tudo. Está ali a ser atendido outro rapazinho, que também vai para lá.

Na parte de trás da loja, um rapaz com um rosto esguio e pálido estava de pé em cima de um banquinho, enquanto outra feiticeira marcava com alfinetes a longa capa preta. Madame Malkin mandou Harry subir para um banquinho ao lado do dele, enfiou-lhe uma longa capa pela cabeça e começou a marcar a altura com alfinetes.

— Viva — cumprimentou-o o rapaz —, também vais para Hogwarts?

— Sim — assentiu Harry.

— O meu pai está aqui ao lado a comprar-me os livros e a minha mãe está numa loja lá adiante à procura de varinhas — informou o rapaz. Tinha uma voz irritante e afectada. — A seguir vou levá-los a ver as vassouras de corrida. Não concordo que nos primeiros anos não tenhamos permissão para ter a nossa própria vassoura. Acho que vou convencer o meu pai a comprar-me uma e hei-de entrar lá com ela, seja lá de que maneira for.

Harry lembrou-se intensamente de Dudley.

— Tens vassoura? — continuou ele.

— Não — disse Harry.

— Não jogas Quidditch?

— Não — disse Harry, de novo, perguntando-se que diabo seria o Quidditch.

— Eu jogo. O meu pai diz que é um crime se eu não for escolhido para jogar pela minha equipa e eu acho que ele tem toda a razão. Já sabes qual vai ser a tua equipa?

— Não — disse Harry, que se sentia cada vez mais estúpido.

— Bem, só podemos saber ao certo quando lá chegarmos, não é? Mas eu já sei que vou ficar nos Slytherin, como toda a minha família; imagina só se me colocassem nos Hufflepuff, acho que me vinha logo embora. Não farias o mesmo?

— Hum — disse Harry, desejando poder dar uma resposta um pouco mais interessante.

— Olha só para aquele ali! — exclamou o rapaz subitamente, indicando a montra principal. Hagrid estava do lado de fora, sorrindo a Harry e apontando para dois enormes sorvetes para explicar por que não podia entrar.

— É o Hagrid — disse Harry, satisfeito por saber qualquer coisa que o outro ignorava. — Trabalha em Hogwarts.

— Sim — disse o rapaz —, já ouvi falar dele. É uma espécie de criado, não é?

— É o guarda — corrigiu Harry. Cada vez gostava menos daquele rapazinho.

— Sim, precisamente. Ouvi dizer que é um pouco *selvagem*, que vive numa cabana nos campos da escola e, de vez em quando, embriaga-se, tenta fazer magia e acaba por pegar fogo à própria cama.

— Eu acho-o excepcional — retorquiu Harry friamente.

— Achas? — admirou-se o rapaz com um leve sarcasmo. — O que é que ele está a fazer aqui contigo, onde estão os teus pais?

— Morreram — afirmou Harry sem mais delongas. Não lhe apetecia falar do assunto com aquele rapaz.

— Oh! desculpa — disse o outro, que não parecia lamentar coisa alguma. — Mas eram dos nossos, não eram?

— Eram feiticeiro e feiticeira, se é isso que queres saber.

— Eu acho que eles não deviam admitir os outros, não concordas? Não são como nós, não foram educados dentro dos mesmos princípios. Alguns nunca ouviram sequer falar de Hogwarts até receberem a carta, imagina só! Quanto a mim, deviam receber apenas os membros das mais antigas famílias de feiticeiros. A propósito, qual é o teu apelido?

Mas antes que Harry tivesse tido tempo de responder, Madame Malkin disse: — Está pronto, filho — e Harry aproveitou a deixa para pôr fim à

conversa com o rapaz, descendo imediatamente do banquinho.

— Bom, vemo-nos em Hogwarts, então, espero bem — despediu-se o rapazinho afectado.

Harry manteve-se calado enquanto saboreava o sorvete que Hagrid lhe tinha trazido (chocolate e framboesa com pepitas de avelã).

— O qu' é que se passa? — perguntou Hagrid.

— Nada — mentiu Harry. Pararam para comprar pergaminho e penas. Harry animou-se um pouco quando viu um tinteiro que mudava de cor à medida que se escrevia. Quando saíram da loja, perguntou: — Hagrid, o que é o Quidditch?

— Caramba, Harry, 'tou-me sempre a esquecer que tu não sabes quase nada; não saber o qu' é o Quidditch!!!

— Não me faças sentir ainda pior — disse Harry e contou a Hagrid o encontro que tinha tido com o rapazinho pálido na loja da Madame Malkin.

— ... e ele disse que as pessoas das famílias dos Muggles não deviam ser aceites em...

— Tu não és d'uma família Muggle. Se ele soubesse quem tu és; se os pais dele são feiticeiros, ele cresceu a ouvir o teu nome. Tu viste o qu' aconteceu no Caldeirão Escoante. E depois, o qu' é qu' ele sabe? Alguns dos melhores feiticeiros qu' eu conheci eram os únicos que tinham magia numa longa linha de Muggles. Olh' a tua mãe e a irmã qu' ela teve!

— Então o que é o Quidditch?

— É o nosso desporto. O desporto dos feiticeiros. É com' o futebol no mundo dos Muggles. Todos vêem o Quidditch qu' é jogado no ar, em vassouras e com quatro bolas. É um bocado difícil explicar as regras.

— E o que são os Slytherin e os Hufflepuff?

— Equipas da escola. São quatro. Todos dizem que os Hufflepuff são um grupo de estúpidos, mas...

— Aposto que estou nos Hufflepuff — disse Harry, melancolicamente.

— Antes nos Hufflepuff do que nos Slytherin — disse Hagrid com alguma tristeza. — Não houve uma única feiticeira ou feiticeiro dos que se tornaram cruéis que não tivesse vindo dos Slytherin. Um deles foi o Quem-Nós-Sabemos.

— O Vol... desculpa, o Quem-Nós-Sabemos andou em Hogwarts?

— Há muitos, muitos anos — confirmou Hagrid.

Compraram os livros escolares para Harry numa livraria chamada Borrões e Floreados, onde as prateleiras estavam cheias até ao tecto de livros tão grandes como lajes de pedra, outros do tamanho de selos de correio, com capas de seda, livros cheios de símbolos peculiares e alguns sem nada escrito. Até Dudley, que nunca lia nada, teria gostado de deitar a

mão a alguns destes. Hagrid teve quase de arrastar Harry para longe de um intitulado *Maldições e Contramaldições (Enfeitiça os teus amigos e confunde os teus inimigos com as últimas vinganças: perda de cabelo, pernas bambas, língua presa e muitos, muitos outros)* da autoria do professor Vindictus Viridian.

— Estava a tentar descobrir como enfeitiçar o Dudley.

— Não 'tou a dizer que não seja uma boa ideia, mas tu não podes usar magia no mundo dos Muggles senão em circunstâncias muito especiais — explicou Hagrid. — E mesm'assim não podias fazer nenhum daqueles feitiços ainda, só depois de estudares e quando tiveres muita prática.

Hagrid também não deixou Harry comprar um caldeirão de ouro maciço (na lista dizia liga de estanho), mas trouxeram uma ótima balança para pesar os ingredientes das poções e um telescópio de bronze, desmontável. Em seguida, foram ao boticário, cujo fascínio era tão grande que conseguia compensar o cheiro nauseabundo a ovos e couves podres. No chão, jaziam barris com coisas viscosas. Frascos com ervas, raízes secas e pós brilhantes enchiam as paredes. Pendurados do tecto, podiam ver-se feixes de penas, fileiras de dentes de víbora e garras retorcidas.

Enquanto Hagrid pedia ao homem que estava atrás do balcão alguns ingredientes básicos para as poções, Harry examinava chifres de unicórnio prateado a vinte e um galeões cada e olhos brilhantes e pequeninos de escaravelho (a cinco janotas a dose).

Fora do boticário, Hagrid consultou de novo a lista.

— 'Tá só a faltar a varinha... ah e 'inda não te comprei o presente de aniversário.

Harry sentiu-se corar.

— Não precisas de...

— Não é por precisar. Já sei, vou dar-te um animal. Um sapo não, os sapos 'tão fora de moda, iam ficar todos a olhar p'ra ti, e eu não gosto de gatos, fazem-me espirrar. Vou dar-te uma coruja. Todos os miúdos querem corujas. São muito úteis, levam o correio e tudo.

Vinte minutos mais tarde, saíram do Império das Corujas, que era uma casa escura e cheia de olhos brilhantes e luminosos como jóias. Harry trazia consigo uma grande gaiola com uma lindíssima coruja-das-neves, profundamente adormecida com a cabeça debaixo da asa. Não conseguia parar de agradecer a Hagrid, parecia o professor Quirrell.

— Não tens de quê — disse ele bruscamente. — Com certeza não tiveste muitos presentes dos Dursley. Só falta agora o Ollivander p'ra comprar a varinha. E tens de ter a melhor varinha do Ollivander.

Uma varinha mágica... era o que Harry realmente mais desejava.

A última loja era estreita e encontrava-se em muito mau estado. Por cima da porta, podia ler-se em letras douradas com a tinta a cair *Ollivander: Fabricante das melhores varinhas desde 382 a.C.* Na montra suja estava uma única varinha, sobre uma almofada de carmesim descolorido.

Ouviu-se uma campainha algures ao fundo da loja quando eles entraram. Era um espaço pequenino, vazio, que tinha uma única cadeira frágil onde Hagrid se sentou enquanto esperava. Harry experimentou a estranha sensação de ter entrado numa biblioteca muito austera, engoliu uma série de novas perguntas que acabavam de lhe passar pela cabeça e olhou para os milhares de caixas estreitinhas, metodicamente empilhadas até ao tecto. Sem saber porquê, sentiu um formigueiro na nuca. O silêncio e o pó que ali reinavam pareciam entorpecê-lo com uma magia secreta.

— Boa-tarde — saudou uma voz gentil. Harry deu um salto. Hagrid deve ter feito o mesmo porque se ouviu um forte ruído de madeira a ranger e ele levantou-se apressadamente.

Na frente de ambos estava um senhor de idade com os olhos grandes e muito claros a brilharem como luas na escuridão da loja.

— Olá — cumprimentou Harry, pouco à vontade.

— Ah! Sim — exclamou o homem. — Esperava vê-lo muito brevemente, Harry Potter — disse peremptoriamente. — Tem os olhos da sua mãe. Parece que foi ainda ontem que ela aqui esteve a comprar a sua primeira varinha. De salgueiro, vinte e seis centímetros de comprimento, flexível. Uma varinha graciosa para encantamentos.

Mr. Ollivander aproximou-se de Harry e este desejou apenas que ele fechasse os olhos de tão arrepiantes que eram.

— O seu pai, por outro lado, preferiu uma varinha de mogno, de vinte e oito centímetros de comprimento. Maleável, um pouco mais poderosa e excelente para transfiguração. Bem, quando eu digo que o seu pai a preferiu, quero dizer que, de facto, a varinha é que escolhe o feiticeiro, claro.

Mr. Ollivander tinha-se aproximado tanto que os narizes de ambos quase se tocavam e Harry viu-se reflectido naqueles olhos nebulosos.

E foi então que...

Mr. Ollivander tocou na cicatriz em forma de raio na testa de Harry com o seu longo dedo branco.

— Lamento profundamente ter sido eu a vender a varinha que fez isto — disse em voz baixa. Trinta e cinco centímetros de comprimento, sim. Uma varinha poderosa, muito poderosa, nas mãos da pessoa errada... Bem, se eu soubesse o que a varinha iria fazer...

Abanou a cabeça e, para alívio de Harry, reconheceu Hagrid.

— Rubeus! Rubeus Hagrid! Que bom ver-te de novo... De carvalho, quarenta centímetros de comprimento, bastante curva. Não era?

— Era, sim senhor — respondeu Hagrid.

— Excelente varinha, aquela. Mas calculo que a tenham partido ao meio quando te expulsaram... — adiantou Mr. Ollivander com um ar subitamente sombrio.

— Hã... sim, foi o que fizeram — assentiu Hagrid, arrastando os pés. — Mas ainda tenho os bocados — acrescentou com satisfação.

— Mas não os usas? — perguntou o senhor Ollivander, com severidade.

— É claro que não, Mr. Ollivander — respondeu, de imediato, Hagrid. Harry reparou que, enquanto falava, ele agarrava com toda a força no guarda-chuva cor-de-rosa.

— Hummm — disse Mr. Ollivander, lançando a Hagrid um olhar penetrante. — Vejamos então, Harry Potter — acrescentou, retirando do bolso uma grande fita métrica com marcações de prata. — Qual é o braço que utiliza?

— Eu... eu... sou dextro — disse Harry.

— Estique o braço. Pronto. — Mediu-o do ombro à ponta dos dedos, do pulso ao cotovelo, do ombro ao chão, do joelho às axilas e em volta da cabeça.

Enquanto fazia as medições, explicou: — Todas as varinhas Ollivander têm um núcleo de uma substância mágica, Mr. Potter. Usamos pêlos de unicórnios, plumagem da cauda de fénix e tendões de coração de dragão. Não há duas varinhas *Ollivander* iguais, como não há dois unicórnios iguais, nem dois dragões ou fénix. E, é claro que nunca obterá resultados tão bons com a varinha de outro feiticeiro.

Harry deu-se subitamente conta de que a fita métrica, que estava a medi-lo entre as narinas, trabalhava sozinha. Mr. Ollivander deambulava de umas prateleiras para outras, retirando caixas e mais caixas.

— Chega — disse, e a fita métrica caiu enrolada no chão.

— Muito bem, Mr. Potter, experimente esta. Madeira de faia e tendões de coração de dragão, vinte e três centímetros, simpática e flexível. Segure-a na mão e faça um gesto.

Harry pegou na varinha e (sentindo-se um perfeito idiota) andou com ela à roda, mas Mr. Ollivander tirou-lha rapidamente das mãos.

— Madeira de bordo e plumagem de fénix, dezoito centímetros, bastante maleável, experimente. — Harry experimentou mas, mal tinha erguido a varinha no ar, já Mr. Ollivander lha tinha arrebatado.

— Não, não, veja esta. Ébano e pêlo de unicórnio, vinte e um centímetros, extremamente ágil. Experimente, experimente.

Harry tentou e voltou a tentar. Não fazia a menor ideia do que Mr. Ollivander pretendia. A pilha de varinhas que já tinha experimentado era cada vez maior sobre a cadeira frágil, mas, quanto mais varinhas tirava das prateleiras, mais feliz Mr. Ollivander parecia estar a sentir-se.

— Cliente difícil, hein? Não se preocupe, vamos encontrar a varinha perfeita por aqui algures... estou a pensar... sim, por que não?... uma combinação pouco vulgar... azevinho e uma pena de fénix, vinte e oito centímetros, macia e flexível.

Harry pegou na varinha, sentindo um súbito calor nos dedos. Levantou-a acima da cabeça, trouxe-a bruscamente para baixo, cortando o ar poeirento. Uma torrente de faíscas vermelhas e douradas saiu da ponta da varinha como se fosse fogo-de-artifício, lançando pedacinhos de luz que faziam uma dança sobre as paredes. Hagrid deu vivas e aplaudiu e Mr. Ollivander gritou: — Bravo, isso mesmo, muito bem. Que curioso... que curioso...

Meteu a varinha de Harry na respectiva caixa e embrulhou-a em papel castanho, continuando a murmurar de si para consigo: — Curioso... curioso...

— Desculpe — perguntou Harry —, mas, o que é que é curioso?

Mr. Ollivander olhou fixamente para Harry com o seu olhar pálido.

— Lembro-me de todas as varinhas que vendi até hoje, Mr. Potter, todas. E acontece que a fénix cuja pena está na sua varinha cedeu outra pena. Só outra. E o curioso é que esta varinha lhe seja destinada justamente a si, quando a sua congénere lhe fez essa cicatriz.

Harry engoliu em seco.

— Sim, trinta e cinco centímetros... estranho como estas coisas acontecem. A varinha escolhe o feiticeiro, lembre-se... acho que podemos esperar de si grandes coisas, Mr. Potter. Ao fim e ao cabo, Aquele Cujo Nome Não Deve Ser Pronunciado fez grandes coisas... terríveis, mas grandes.

Harry estremeceu. Não tinha a certeza de gostar lá muito de Mr. Ollivander. Pagou-lhe sete galeões de ouro pela varinha e Mr. Ollivander fez uma vénia de despedida, quando eles abandonaram a loja.

À tardinha, o Sol estava quase a pôr-se quando Harry e Hagrid desceram a Diagon-Al, de regresso à parede e ao Caldeirão Escoante, agora vazio. Harry não abriu a boca enquanto desciam a rua nem reparou no número de pessoas que olhavam para eles no Metro, carregados como vinham com todos aqueles embrulhos de diferentes feitios e a coruja-das-neves adormecida ao colo de Harry. Subiram outra escada rolante até à estação de Paddington. Harry só se apercebeu de onde estavam quando Hagrid lhe deu uma palmada no ombro.

— 'Inda temos tempo p'ra comer qualquer coisa antes do comboio partir — disse.

Comprou um hambúrguer para Harry e sentaram-se ambos nas cadeiras de plástico para comer. Harry não parava de olhar em volta. Tudo lhe parecia de algum modo estranho.

— 'Tás bem? Não dizes nada? — comentou Hagrid.

Harry não sabia como explicar. Acabara de ter a melhor festa de aniversário de toda a sua vida e, contudo, comia o hambúrguer, com dificuldade em encontrar as palavras.

— Todos acham que eu sou especial — disse, por fim. — Toda aquela gente no Caldeirão Escoante, o professor Quirrell, Mr. Ollivander... mas eu não sei nada de magia. Como podem eles esperar grandes coisas? Sou famoso e nem consigo lembrar-me do que se passou. Não sei o que aconteceu quando o Vol... desculpa, quero dizer, quando os meus pais morreram.

Hagrid inclinou-se sobre a mesa. Por detrás da barba hirsuta e das sobrelhas espessas tinha um sorriso muito afectuoso.

— Não 'tejas preocupado, Harry. Vais aprender muit'a depressa. Todos começam do princípio em Hogwarts. Vai correr tudo bem. Só tens de ser tu próprio. Sei que não é fácil. Foste escolhido e isso é sempre difícil, mas vais gostar à brava de Hogwarts. Eu gostei, 'inda gosto, p'ra dizer a verdade.

Hagrid ajudou Harry a entrar no comboio que o levaria de volta à casa dos Dursley e entregou-lhe um sobrescrito.

— O teu bilhete p'ra Hogwarts — indicou. — Dia 1 de Setembro, em King's Cross. Tá tud'aí no bilhete. Se tiveres problemas com os Dursley, manda-me uma carta pela coruja, ela sabe o caminho. 'Té breve, Harry.

O comboio arrancou da estação. Harry queria ver Hagrid até ele desaparecer. Pôs-se de pé e encostou o nariz ao vidro da janela, mas, num abrir e fechar de olhos, Hagrid desaparecera.

VI

A VIAGEM DA PLATAFORMA NOVE E TRÊS QUARTOS

O último mês com os Dursley não foi nada agradável. É certo que Dudley tinha agora tanto medo de Harry que se recusava a ficar na mesma sala, e a tia Petúnia e o tio Vernon não o fecharam de novo no armário e não o obrigaram a fazer nada, nem lhe gritaram como dantes. A verdade é que eles, pura e simplesmente, deixaram de lhe dirigir a palavra. Meio assustados, meio furiosos, decidiram agir como se a cadeira onde Harry estava sentado se encontrasse vazia. Ainda que, nalguns aspectos, esta atitude fosse melhor do que as do passado, ao fim de um certo tempo começou a ser deprimente.

Harry ficava no quarto tendo como companhia a sua coruja, a quem resolveu chamar *Hedwig*, um nome que encontrou no livro *História da Magia*. Os seus livros de estudo eram muito interessantes e ele ficava deitado em cima da cama até altas horas da noite a ler. *Hedwig* saltitava livremente dentro e fora da janela aberta. Era uma sorte a tia Petúnia não ir aspirar o quarto mais vezes, porque a coruja não parava de trazer ratos mortos para dentro de casa.

Todas as noites, antes de se deitar, Harry tirava uma folha do calendário que tinha pendurado na parede e por onde contava os dias que faltavam para 1 de Setembro.

No último dia de Agosto, achou que devia falar à tia e ao tio sobre como havia de ir para a estação de King's Cross no dia seguinte. Desceu, portanto, à sala onde eles assistiam a um concurso na televisão. Pigarreou, dando-lhes a entender que estava presente e Dudley deu um berro e saiu da sala.

— Hã... tio Vernon?

O tio Vernon resmungou por entredentes para mostrar que estava a ouvir.

— Hã... eu tenho de estar amanhã em King's Cross... para ir para Hogwarts.

O tio Vernon resmungou de novo.

— O tio podia levar-me lá?

O resmungar do tio Vernon pareceu a Harry uma resposta afirmativa.

— Obrigado.

Ia começar a subir as escadas quando o tio falou.

— Estranho modo de ir para uma escola de feitiçaria... de comboio. Os tapetes voadores estarão todos rotos?

Harry não respondeu.

— Onde fica essa escola, afinal?

— Não sei — disse Harry, apercebendo-se pela primeira vez da sua ignorância. Tirou do bolso o bilhete que Hagrid lhe dera.

— Tenho de apanhar o comboio da plataforma nove e três quartos, às onze horas — leu.

O tio e a tia ficaram a olhar para ele espantados.

— Plataforma quantos?

— Nove e três quartos.

— Não digas asneiras — afirmou peremptoriamente o tio Vernon. — Não existe nenhuma plataforma nove e três quartos.

— Está no meu bilhete.

— Conversa fiada — disse o tio Vernon. — Completamente doidos, é o que eles são. Vais ver. Eu levo-te a King's Cross, até porque temos de ir a Londres amanhã, senão não me dava a esse trabalho.

— O que é que vão fazer a Londres? — perguntou Harry, tentando manter uma conversa amigável.

— O Dudley vai ao hospital — gritou o tio Vernon. — Operar aquela cauda cor-de-rosa, antes de ir para Smeltings.

Harry acordou às cinco da manhã e estava tão nervoso e excitado que já não conseguiu adormecer. Levantou-se e enfiou-se nos *jeans*, porque não queria ir até à estação com a capa de feitiçeiro. Mudava-se depois, no comboio. Conferiu a lista para se certificar de que não lhe faltava nada, viu que a *Hedwig* estava segura e fechada na sua gaiola e ficou à espera no quarto até que os Dursley se levantassem.

Duas horas mais tarde, a enorme mala de Harry já tinha sido arrumada no carro dos Dursley. A tia Petúnia convencera Dudley a sentar-se ao lado dele e partirem.

Chegaram a King's Cross às dez e meia da manhã. O tio Vernon colocou a mala de Harry num carrinho de bagagem e empurrou-o até à estação. Ele estranhou a amabilidade daquela atitude até que o tio Vernon parou repentinamente, olhando para as plataformas com um sorriso maldoso no rosto.

— Ora cá estamos, meu rapaz. Plataforma nove, plataforma dez. A tua deveria ser algures, no meio, mas parece que ainda não a construíram...

Ele tinha razão, claro. Havia um grande número nove em plástico sobre uma das plataformas e um enorme dez sobre a outra e, no meio das duas, nada, absolutamente nada.

— Um bom ano lectivo para ti — desejou o tio Vernon com um sorrisinho ainda mais cínico. Deixou-o sem mais uma palavra. Harry voltou-se para trás e viu os Dursley afastarem-se, os três numa grande risota. Os lábios secaram-lhe. O que é que ia fazer agora? Começava a ser alvo de olhares curiosos por causa de *Hedwig*. Tinha de perguntar a alguém.

Interrogou um guarda que ia a passar, mas não teve coragem de lhe perguntar pela plataforma nove e três quartos. O guarda nunca ouvira falar de Hogwarts e quando percebeu que Harry nem sequer era capaz de lhe dizer em que parte do país ficava, começou a mostrar-se aborrecido, como se ele estivesse a fazer-se de estúpido de propósito. Meio desesperado, perguntou pelo comboio que partia às onze horas, mas o guarda disse-lhe que não havia nenhum e afastou-se praguejando entredentes contra os chatos e os empatas.

Harry estava agora a fazer todos os possíveis para não entrar em pânico. De acordo com o grande relógio que ficava sobre a zona das chegadas, restavam-lhe dez minutos para apanhar o comboio para Hogwarts e não tinha a menor ideia do que deveria fazer. Estava perdido no meio de uma estação, com um malão pesadíssimo que mal conseguia levantar do solo, um porta-moedas cheio de dinheiro dos feiticeiros e uma enorme coruja.

Hagrid devia ter-se esquecido de lhe dizer alguma coisa importante como bater no terceiro tijolo da esquerda para chegar à Diagon-Al. Perguntava-se se deveria tirar a varinha da mala e começar a bater com ela na barreira entre as plataformas nove e dez.

Nesse momento, um grupo de pessoas cruzou-se com ele e pôde ouvir algumas palavras do que estavam a dizer.

— Juntamente com os Muggles, claro.

Harry deu meia volta. A voz era de uma senhora anafada que se dirigia a quatro rapazes, todos eles de cabelo ruivo. Cada um levava consigo um malão igual ao de Harry e cada um tinha uma coruja.

Com o coração aos saltos, Harry empurrou o carrinho da bagagem atrás deles. Quando pararam, parou também, suficientemente próximo para poder ouvir o que diziam.

— Bem, qual é o número da plataforma? — perguntou a mãe dos garotos.

— Nove e três quartos — disse uma rapariguinha também ruiva que a mãe segurava pela mão. — Mãe, não posso ir também?

— Ainda não tens idade, Ginny. Fica caladinha. Bem, Percy, vai tu primeiro.

O rapaz que parecia ser o mais velho avançou para a barreira entre as plataformas nove e dez. Harry olhava sem pestanejar para que não lhe escapasse nada, mas, mal o rapaz chegou perto da barreira, uma multidão de turistas juntou-se como um formigueiro à sua volta e, quando a última mochila saiu do ângulo de visão de Harry, o rapaz tinha desaparecido.

— Agora tu, Fred — disse a senhora anafada.

— Eu não sou o Fred, sou o George — protestou o rapaz. — Francamente, como é que é nossa mãe e não vê que eu sou o George?

— Desculpa, George, meu querido.

— Estou a gozar, eu sou o Fred — disse o rapaz e foi-se embora. O gémeo recomendou-lhe que se despachasse e ele deve tê-lo feito, porque um segundo mais tarde tinha desaparecido. Mas como?

Agora o terceiro irmão avançava cheio de vivacidade para a barreira. Estava quase a atingi-la e, de um momento para o outro, já não estava lá.

E agora, o que fazer?

— Desculpe — disse Harry, dirigindo-se à senhora anafada.

— Olá, querido — respondeu ela. — É a primeira vez que vais para Hogwarts? O Ron também — e apontou para o mais novo dos filhos. O garoto era alto, magro e desajeitado, com sardas, mãos e pés grandes e nariz comprido.

— Sim — disse Harry. — O problema é que não sei como...

— Como chegar à plataforma? — completou ela amavelmente e Harry fez um sinal afirmativo com a cabeça. — Não te preocupes — disse. — Só tens de avançar direito à barreira entre as plataformas nove e dez. Não pares e não tenhas medo de ir contra a parede. Isso é muito importante. Se estás nervoso, o melhor é dares uma corrida. Vai agora, antes do Ron.

— Hã... Está bem — disse Harry.

Empurrou o carrinho e olhou para a barreira, que parecia bastante sólida.

Começou a avançar direito a ela. As pessoas empurravam-no enquanto se dirigiam às plataformas nove e dez. Harry começou a andar mais depressa. Ia esbarrar contra a barreira e aí surgiriam problemas.

Encostando-se ao carrinho da bagagem, desatou a correr a toda a velocidade... a barreira estava cada vez mais próxima... não podia parar... o carrinho estava descontrolado, estava a poucos centímetros. Fechou os olhos, pronto para o embate.

Mas não houve embate algum... continuou a correr... até que abriu os olhos.

Um comboio a vapor escarlate estava parado junto de uma plataforma cheia de gente. Um letreiro lá em cima dizia *Expresso de Hogwarts, 11 horas*.

Harry olhou para trás e viu uma arcada de ferro no lugar onde antes estava a barreira, com as palavras *Plataforma nove e três quartos*. Tinha conseguido!

O fumo da locomotiva elevava-se sobre as cabeças da multidão ruidosa, enquanto gatos de todas as cores se enroscavam aqui e ali entre as pernas dos transeuntes. As corujas piavam umas para as outras, descontentes, abafando as conversas e o chiar das pesadas malas a serem arrastadas pelo chão.

As primeiras carruagens estavam já cheias de alunos, alguns debruçados à janela a despedirem-se das famílias, outros disputando os lugares. Harry empurrou o seu carrinho de bagagem ao longo da plataforma, enquanto tentava vislumbrar um lugar vazio. Passou por um rapaz de rosto redondo e rosado que ia a dizer: — Avó, perdi o meu sapo, outra vez.

— Oh! Neville — suspirou a avó.

Uma pequena multidão rodeava um rapaz com rastas no cabelo.

— Vá lá, Lee, deixa-nos ver.

O rapaz levantou a tampa de uma caixa e as pessoas que estavam à volta guincharam e gritaram, quando aquilo que estava lá dentro mexeu uma perna longa e peluda.

Harry furou por entre a multidão até encontrar um compartimento vazio, perto da extremidade do comboio. Começou por colocar lá dentro a *Hedwig* e, em seguida, foi empurrando, como podia, a mala até à porta do comboio. Tentou subir com ela os degraus, mas não conseguia levantá-la do chão e, à segunda tentativa, caiu-lhe em cima dos pés provocando-lhe uma dor bastante forte.

— Queres ajuda? — Era um dos gémeos ruivos que ele seguira.

— Obrigado — disse Harry.

— Fred, vem ajudar também!

Com a ajuda dos gémeos, o malão de Harry foi encostado a um dos cantos da carruagem.

— Obrigado — repetiu ele, afastando o cabelo suado da testa.

— O que é isso? — perguntou subitamente um dos gémeos, apontando para a cicatriz em forma de raio.

— Caramba! — exclamou o outro gémeo. — Tu és...?

— É — afirmou o primeiro gémeo. — Não és? — perguntou, dirigindo-se a Harry.

— Quem? — inquiriu Harry.

— O Harry Potter — disseram ambos em coro.

— Ah! Esse. Sim, sou eu.

Os dois rapazes ficaram a olhar, esgazeados, e Harry sentiu-se corar. Finalmente, para seu alívio, uma voz fez-se ouvir através da porta aberta do comboio.

— Fred? George? Estão aí?

— Já vamos, mãe.

Lançando um último olhar a Harry, os gémeos desceram do comboio.

Harry sentou-se junto da janela, onde, meio escondido, pôde observar a família de cabelos ruivos, na plataforma, e ouvir o que diziam. A mãe acabava de tirar o lenço de dentro da mala.

— Ron, tens qualquer coisa no nariz.

O rapazinho mais novo tentou afastar-se, mas ela agarrou-o e começou a esfregar-lhe a ponta do nariz.

— Mãe, largue-me — protestou ele, libertando-se.

— Ah! O Ronzinho tem uma coisinha no narizinho? — troçou um dos gémeos.

— Cala a boca — disse Ron.

— Onde está o Percy? — perguntou a mãe.

— Já aí vem.

O rapaz mais velho aproximou-se com grandes passadas. Já tinha mudado de roupa. Vestia agora a sua capa preta ondulante à Hogwarts e Harry reparou num distintivo prateado que lhe brilhava no peito com a letra P.

— Não me posso demorar, *mãe* — avisou ele. — Estou lá à frente, os prefeitos têm dois compartimentos só para eles...

— Ah! Tu és prefeito, Percy? — disse um dos gémeos com ar de grande surpresa.

— Podias ter-nos dito qualquer coisa, não fazíamos ideia.

— Espera aí, acho que me lembro de ele ter falado nisso — adiantou o outro gémeo. — Uma vez...

— Ou duas...

— Há um minuto...

— O Verão inteiro...

— Calem-se — disse Percy, o prefeito.

— Por que é que o Percy tem capa nova, afinal? — perguntou um dos gémeos.

— Porque é *prefeito* — respondeu a mãe cheia de orgulho. — Pronto, querido, um bom ano lectivo e manda-me uma coruja quando chegares lá.

Beijou Percy na bochecha e ele foi-se embora. Em seguida, voltou-se para os gémeos.

— E, vocês os dois, vejam se este ano se portam bem. Se eu receber mais alguma coruja a dizer-me que fizeram estoirar uma sanita ou...

— Estoirar uma sanita? Nós nunca fizemos nada disso...

— Pensando bem, mãe, não deixa de ser uma ótima ideia, obrigado.

— Não tem graça, meninos, e tomem bem conta do Ron.

— Não se preocupe, o Ronzinho querido está bem entregue.

— Cala-te — disse Ron outra vez. Era quase tão alto como os gémeos e o seu nariz ainda estava cor-de-rosa de tanto a mãe lho ter esfregado.

— Ah! mãe, adivinhe quem acabámos de conhecer no comboio!

Harry chegou-se para trás rapidamente para evitar que o vissem a espreitar.

— Lembra-se daquele rapaz de cabelo preto que estava ao pé de nós na estação. Sabe quem ele é?

— Quem?

— O Harry Potter.

Harry ouviu a voz da garotinha.

— Ó mãe, posso ir ao comboio vê-lo, deixe lá...

— Já o viste, Ginny, e o pobre rapaz não é uma atracção do jardim zoológico. É mesmo ele, Fred? Como é que sabes?

— Perguntei-lhe. Vi a cicatriz. Está mesmo lá, como um raio.

— Coitadinho, não admira que estivesse sozinho. Eu achei estranho, foi tão educado quando perguntou como havia de chegar à plataforma.

— Isso não interessa. Acha que ele se lembra de como era o Quem-Nós-Sabemos?

A mãe ficou subitamente muito séria. — Proíbo-te de lhe fazeres essa pergunta, Fred. Que nem sequer te passe pela cabeça. Como se o garoto precisasse de que lhe lembrassem uma coisa dessas, logo no primeiro dia de escola.

— Está bem, fique descansada.

Ouviu-se um apito.

— Despachem-se! — disse a mãe, e os três rapazes saltaram para a carruagem. Encostaram-se à janela para a verem atirar-lhes os últimos beijos, enquanto a irmãzinha pequena chorava.

— Não chores, Ginny, vamos mandar-te montes de corujas.

— Mandamos-te uma tampa de sanita de Hogwarts.

— George...

— Estou a brincar, mãe.

O comboio arrancou devagar. Harry viu a mãe dos rapazes a acenar e a irmã, meio a chorar, meio a rir, a correr para se manter a par do comboio, até que este ganhou velocidade e ela ficou para trás, sempre a dizer adeus.

Harry viu-as desaparecer, quando o comboio descreveu a curva. As casas pareciam passar a correr vistas pela janela. Sentiu uma imensa excitação. Não sabia o que o esperava, mas tinha de ser melhor que aquilo que deixava para trás.

A porta do compartimento abriu-se e o mais novo dos garotos ruivos entrou.

— Está alguém aqui sentado? — perguntou, apontando para o lugar em frente de Harry. — Todos os outros estão ocupados...

Harry fez-lhe sinal com a cabeça e o rapazinho sentou-se. Olhou para Harry e em seguida para a paisagem, fingindo não ter olhado. Harry reparou que ele ainda tinha uma mancha escura no nariz.

— Eh, Ron.

Os gémeos estavam de volta.

— Olha, nós vamos para o meio do comboio. O Lee Jordan tem uma tarântula gigante com ele.

— Está bem — murmurou Ron.

— Harry — disse o outro gémeo. — Chegámos a apresentar-nos? Fred e George Weasley e este é o nosso irmão Ron. Então, até logo.

— Adeus — disseram Harry e Ron. Os gémeos fecharam a porta atrás de si.

— És mesmo o Harry Potter? — perguntou abruptamente Ron.

Harry fez que sim com a cabeça.

— Ah! É que eu pensei que fosse mais uma das partidas do Fred e do George. E tens mesmo... aquilo?

Apontou para a testa de Harry.

Este afastou a madeixa, mostrando a cicatriz em forma de raio para a qual Ron ficou a olhar fixamente.

— Então foi aí que o Quem-Nós-Sabemos...?

— Sim — disse Harry —, mas eu não me consigo lembrar.

— De nada? — perguntou Ron, morto de curiosidade.

— Bem, lembro-me de uma forte luz verde, mas é tudo.

— Uau! — exclamou Ron. Sentou-se e olhou para Harry durante alguns momentos. A seguir, como se tivesse tomado consciência do que fizera,

voltou a olhar pela janela.

— Todas as pessoas da tua família são feiticeiras? — perguntou Harry, que achava Ron tão interessante quanto este o achava a ele.

— Hã... sim, acho que sim — hesitou Ron. — Julgo que a minha mãe tem um primo em segundo grau que é contabilista, mas nunca se fala dele.

— Então, deves saber imenso de magia. — Os Weasley deviam ser, sem dúvida, uma das antigas famílias de feiticeiros a quem o rapaz afectado da Diagon-Al se referira.

— Ouvi dizer que foste criado com Muggles — disse Ron. — Como é que eles são?

— Horríveis... bem, nem todos. O meu tio, a minha tia e o meu primo são horrorosos. Quem me dera ter três irmãos feiticeiros.

— Cinco — emendou Ron, ficando subitamente triste. — Eu sou o sexto na nossa família a ir para Hogwarts. Isso acarreta grandes responsabilidades. O Bill e o Charlie já saíram. O Bill foi Delegado dos Alunos e o Charlie era capitão de Quidditch. Agora o Percy é prefeito. O Fred e o George fazem muitos disparates, mas têm boas notas e acham-nos muito divertidos. Todos esperam que eu esteja à altura deles, mas, se o conseguir, também não é lá um grande feito, porque eles já o fizeram primeiro. Também nunca recebi nada de novo, com cinco irmãos. Herdei as capas velhas do Bill, a antiga varinha do Charlie e o rato do Percy.

Ron procurou dentro do casaco e tirou de lá um rato cinzento que estava a dormir.

— Chama-se *Scabbers* e não serve para nada. Quase nunca está acordado. O Percy teve uma coruja de presente por ter sido nomeado prefeito, mas eles não tinham dinh... quero dizer, eu fiquei com o *Scabbers*.

As orelhas de Ron coraram. Devia ter tido a sensação de quem falou de mais, porque voltou a olhar para fora da janela.

Para Harry, era a coisa mais normal do mundo que alguém não tivesse dinheiro para comprar uma coruja. Afinal, ele próprio, nunca tinha tido um tostão até um mês atrás e contou a Ron que também herdava as roupas de Dudley e que nunca tinha tido verdadeiros presentes de aniversário, o que pareceu animá-lo um pouco.

— ... e até o Hagrid me contar, eu não sabia que era feiticeiro, nem sabia nada dos meus pais ou do Voldemort.

Ron sobressaltou-se.

— O que foi? — perguntou Harry.

— Tu disseste o nome do Quem-Nós-Sabemos! — afirmou Ron entre o chocado e o impressionado. — Devia imaginar que tu, em especial...

— Eu não estou a tentar mostrar-me corajoso ao dizer o nome — explicou Harry. — Só que nunca ouvi dizer que era perigoso, percebes? Tenho muito que aprender, não há dúvida — acrescentou, verbalizando algo que vinha a preocupá-lo bastante nos últimos tempos. — Aposto que vou ser o pior da turma.

— Não vais, não. Há montes de gente que vem de famílias de Muggles e que aprende muito depressa.

Enquanto conversavam, o comboio saía de Londres. Atravessava agora, a grande velocidade, campos cheios de vacas e carneiros. Ficaram um bocado em silêncio, a observar o campo e os caminhos estreitos que passavam como flechas.

Por volta do meio-dia e meia hora, ouviu-se um grande burburinho no corredor do comboio e uma mulher sorridente e com covinhas no rosto bateu na porta do compartimento deles, perguntando: — Querem alguma coisa do carrinho, meninos?

Harry, que não tinha tomado o pequeno-almoço, pôs-se de pé num salto, mas Ron corou outra vez até às orelhas e murmurou que tinha trazido sandes. Harry saiu para o corredor.

Enquanto vivera com os Dursley, nunca tinha tido dinheiro para comprar doces e agora, com os bolsos cheios de ouro e prata, estava pronto a comprar todos os chocolates *Mars* que conseguisse transportar consigo. Mas a mulher não tinha chocolates *Mars*. O que ela trazia era: Feijões de Todos os Sabores da Bertie Bott, pastilhas elásticas Droobles, Sapos de Chocolate, pastéis de abóbora, bolos do Caldeirão, varinhas mágicas de alcaçuz e mais uma imensa quantidade de coisas estranhas das quais Harry nunca tinha ouvido falar em toda a sua vida. Comprou uma boa quantidade de cada e pagou à mulher onze leões de prata e sete janotas de bronze.

Ron ficou espocado ao ver tudo o que Harry tinha trazido para o compartimento e colocado sobre um banco vazio.

— Tudo isso é fome?

— Imensa — assentiu Harry, dando uma grande dentada num pastel de abóbora.

Ron tinha retirado e desembulhado de um pacote rugoso quatro sandes. Pôs uma de parte e resmungou: — Ela esquece-se sempre de que eu não gosto de carne de conserva.

— Troco-ta por um destes — disse Harry, dando-lhe um pastel. — Toma.

— Tu não vais gostar disso. É sequíssimo — avisou Ron. — Ela não tem muito tempo — acrescentou rapidamente. — Sabes como é, com cinco filhos.

— Vá lá, toma um pastel — insistiu Harry, que nunca tinha tido nada para partilhar ou, verdade se diga, ninguém com quem partilhar fosse o que fosse. Era um sentimento bom estar ali sentado com Ron, a comer à vontade, os pastéis e os bolos (as sandes ficaram esquecidas).

— E isto, o que é? — perguntou Harry a Ron, pegando num pacote de Sapos de Chocolate. — Não são sapos a sério, pois não? — Começava a achar que já nada o surpreendia.

— Não — disse Ron —, mas vê qual é o cromo que tem lá dentro, falta-me o Agripa.

— O quê?

— Ah! É claro que tu não sabes. Os Sapos de Chocolate trazem cromos lá dentro para coleccionar... feiticeiros e feiticeiras famosos. Eu já tenho cerca de quinhentos, mas falta-me o Agripa e o Ptolomeu.

Harry desembulhou o seu Sapo de Chocolate e pegou no cromo. Era o rosto de um homem com óculos de meia-lua, um nariz longo e curvo, com cabelo, barba e bigode abundantes e cor de prata. Sob a fotografia vinha o nome: Albus Dumbledore.

— Então, este é que é o Dumbledore! — observou Harry.

— Não me digas que nunca ouviste falar do Dumbledore! — exclamou Ron. — Dás-me um sapo? Pode ser que traga o Agripa. Obrigado.

Harry virou o cromo e leu:

Albus Dumbledore, actual Director de Hogwarts. Considerado, por muitos, o maior feiticeiro dos tempos modernos, Dumbledore é particularmente famoso pela sua vitória sobre o feiticeiro das trevas, Grindelwald, em 1945, pela descoberta das doze utilizações do sangue de dragão e pelo trabalho alquímico que desenvolveu juntamente com o seu colega Nicolas Flamel. Dumbledore gosta de música de câmara e de jogar bowling com dez pinos.

Harry voltou de novo o cromo e viu, com grande surpresa, que o rosto de Dumbledore tinha desaparecido.

— Foi-se embora.

— Então, não podias esperar que ficasse aí todo o dia — respondeu Ron. — Ele volta. Olha, saiu-me outra vez a Morgana e já tenho seis cromos dela. Queres? Podias começar a fazer a colecção.

Os olhos de Ron perderam-se na pilha de Sapos de Chocolate à espera de serem desembulhados.

— Tira à tua vontade — disse Harry. — Mas sabes, no mundo dos Muggles, as pessoas que estão nas fotografias ficam sempre lá.

— A sério? Mas não se mexem, nem nada? — Ron parecia pasmado. —

Que esquisito!

Harry olhou fixamente à medida que Dumbledore regressava à imagem do cromo, sorrindo-lhe. Ron estava mais interessado em comer os Sapos do que em ver os famosos feiticeiros e feiticeiras dos cromos, mas Harry não conseguia desviar os olhos deles. Passado um bocado, não tinha só Dumbledore e Morgana, mas também Hengist de Woodcroft, Alberic Grunnion, Circe, Paracelso e Merlin. Por fim, afastou os olhos da sacerdotisa druida Cliona, que estava a coçar o nariz, para abrir uma embalagem de Feijões de Todos os Sabores da Bertie Bott.

— Tens de ter cuidado com esses — preveniu-o Ron. — Quando eles dizem todos os sabores, querem mesmo dizer *todos os sabores*... tens aqueles vulgares de chocolate, hortelã-pimenta e doce de laranja, mas também há os de espinafres, fígado e tripas. O George conta que um dia comeu um com sabor a pântano.

Ron tirou um feijão de cor verde, olhou cautelosamente para ele e deu uma dentada na ponta.

— Baah! Estás a ver? Grelas.

Divertiram-se bastante a comer os Feijões de Todos os Sabores. A Harry calharam-lhe os de torrada, coco, feijão cozido, morango, caril, erva, café, sardinha e foi suficientemente corajoso para mordiscar a ponta de um cinzento que Ron se recusou a comer e que afinal era de pimenta.

A paisagem campestre que se via da janela era agora cada vez mais agreste. Os campos cultivados haviam desaparecido. Viam-se bosques, riachos ondulantes e vegetação verde-escura.

Ouviu-se uma pancada na porta do compartimento e o rapaz de rosto redondo que passara por Harry na plataforma nove e três quartos entrou. Tinha um ar choroso.

— Desculpem — disse —, mas viram, por acaso, um sapo?

Quando lhe acenaram negativamente com as cabeças, ele lamentou-se: — Perdi-o! Está sempre a fugir-me!

— Vai aparecer — confortou-o Harry.

— Sim — disse o rapaz, com um ar infeliz. — Bem, se por acaso o virem...

Saiu.

— Não sei por que é que ele está tão preocupado — comentou Ron. — Se eu tivesse trazido um sapo, perdia-o o mais depressa que pudesse. Bem, trouxe o *Scabbers*, por isso também não posso falar muito.

O rato dormia ainda no colo de Ron. — Podia ter morrido, que não se dava pela diferença — prosseguiu ele, desgostoso. — Tentei torná-lo amarelo para ver se ficava mais atraente, mas o feitiço não resultou. Eu

mostro-te, olha...

Procurou na mala e tirou de lá de dentro uma varinha com um aspecto muito desgastado. Tinha algumas rachas e uma coisa branca que brilhava mesmo na ponta.

— O pêlo do unicórnio está quase a sair cá para fora.

Tinha acabado de erguer a varinha quando alguém abriu de novo a porta do compartimento. O rapaz que perdera o sapo estava de volta, mas, desta vez, trazia consigo uma rapariga trajando já as roupas de Hogwarts.

— Alguém aqui viu um sapo? O Neville perdeu o dele — afirmou com voz autoritária. Tinha uma abundante cabeleira castanha e os dentes da frente demasiado grandes.

— Já lhe dissemos que não — respondeu Ron, mas a rapariga não estava a ouvi-lo. Observava a varinha que ele tinha nas mãos.

— Ah! Estás a fazer magia. Vamos lá ver, então!

Sentou-se. Ron ficou um pouco surpreendido.

— Hã... está bem.

Clareou a voz. — Luz do Sol, manteiga fresca, malmequer belo...

«Faz este rato estúpido ficar amarelo!!!»

Acenou com a varinha, mas nada aconteceu. O *Scabbers* continuou cinzento e a dormir.

— Tens a certeza de que esse feitiço é verdadeiro? — perguntou a rapariga. — Bem, não é lá muito eficaz, pois não? Eu tentei alguns bastante simples, só para praticar, e resultaram. Ninguém na minha família é feiticeiro. Foi a maior das surpresas quando recebi aquela carta, mas fiquei tão feliz, tão feliz... claro, é a melhor escola de feitiçaria que existe, segundo oíço dizer... aprendi de cor todos os livros de estudo e só espero que seja o suficiente... o meu nome é Hermione Granger. A propósito, quem és tu?

Ela dissera tudo aquilo de uma única tirada. Harry olhou para Ron e ficou aliviado ao perceber no seu rosto estupefacto que ele também não decorara todos os livros de estudo.

— Sou o Ron Weasley — murmurou Ron.

— Harry Potter — declarou Harry.

— A sério? — disse Hermione. — Sei tudo a teu respeito, é claro; tenho alguns livros suplementares para leitura de apoio que falam de ti, como, por exemplo, a *História da Magia Moderna*, *Alvorada e Crepúsculo das Artes das Trevas* e *Os Grandes Acontecimentos da Feitiçaria no Século Vinte*.

— Falam de mim? — perguntou Harry, espantado.

— Meu Deus, não sabias? Eu, no teu lugar, teria tentado descobrir tudo — disse Hermione. — Algum de vocês sabe em que equipa vai ficar? Eu

tenho andado a perguntar e espero ficar nos Gryffindor, parece-me, de longe, ser a melhor e ouvi dizer que o próprio Dumbledore lhe pertenceu, mas penso que os Ravenclaw também não são maus de todo. Bem, é melhor irmos procurar o sapo do Neville. Vocês os dois mudem de roupa, porque estamos quase a chegar.

E saiu, levando atrás de si o rapazinho que perdera o sapo.

— Qualquer que seja a minha equipa, só espero que ela não esteja lá — comentou Ron, que voltou a atirar a varinha para dentro da mala. — Feitiço estúpido, foi o George que mo ensinou, aposto que ele sabia que não funcionava.

— Em que equipa estão os teus irmãos? — perguntou Harry.

— Nos Gryffindor — disse Ron. A tristeza parecia estar a voltar-lhe ao rosto. — A minha mãe e o meu pai também lá andaram. Não sei o que vão dizer, se eu não ficar lá. Talvez os Ravenclaw não sejam tão maus assim, mas imagina só se me põem nos Slytherin...

— Essa era a equipa do Vol..., quero dizer do Quem-Nós-Sabemos, não era?

— Era — respondeu Ron, afundando-se no assento com ar deprimido.

— Tenho a impressão de que as pontas dos bigodes do *Scabbers* estão um pouco mais claras — adiantou Harry, tentando mudar de assunto. — E o que é que os teus irmãos mais velhos fazem, agora que deixaram a escola?

Harry questionava-se sobre o futuro de um feiticeiro no final do curso.

— O Charlie está na Roménia a estudar dragões e o Bill está em África a fazer um trabalho para Gringotts — respondeu Ron.

— Ouviste as notícias sobre Gringotts? Não se fala noutra coisa n' *O Profeta Diário*, mas não devias recebê-lo em casa dos Muggles: alguém tentou assaltar um cofre de alta segurança.

Harry olhou-o espantado.

— A sério? E o que é que lhe aconteceu?

— Nada. É por isso que se tornou notícia. Não foram apanhados. O meu pai diz que deve ter sido um poderoso mago negro para conseguir chegar a Gringotts, mas eles acham que nada foi roubado, o que torna tudo ainda mais esquisito. É claro que toda a gente se assusta quando uma coisa destas acontece, não vá dar-se o caso de o Quem-Nós-Sabemos estar por detrás da operação.

Harry ficou a pensar no assunto. Começava a sentir um arrepio de medo de cada vez que se falava do Quem-Nós-Sabemos. Calculou que essa reacção fizesse parte da sua entrada no mundo mágico, mas era muito mais agradável dizer «Voldemort», como ele fazia antes, sem se preocupar.

— Qual é a tua equipa de Quidditch? — perguntou Ron.

— Hã... não sei, não conheço nenhuma — confessou Harry.

— O quê? — Ron estava perplexo. — Vais ver, é o melhor jogo do mundo. — E começou a explicar-lhe tudo sobre as quatro bolas e as posições dos sete jogadores, descrevendo jogadas memoráveis que fizera com os irmãos e falando da vassoura que gostaria de ter se tivesse dinheiro. Estava a explicar a Harry os aspectos mais pormenorizados do jogo quando a porta do compartimento voltou a abrir-se. Desta vez, porém, não era Hermione nem o rapaz que perdera o sapo.

Entraram três rapazes e Harry reconheceu de imediato o do meio. Era o garoto pálido da loja de capas de Madame Malkin. Olhava para Harry com um ar bastante mais interessado do que o que manifestara na Diagon-Al.

— É mesmo verdade? — perguntou. — Diz-se por todo o comboio que o Harry Potter está neste compartimento. És tu?

— Sou — respondeu Harry, enquanto olhava para os outros rapazes. Eram ambos entroncados e tinham um ar extremamente maldoso. Ladeando o rapaz pálido, mais pareciam dois guarda-costas.

— Ah! Este é o Crabbe e este, o Goyle — disse o rapaz pálido, displicentemente, notando o olhar de Harry. — Eu chamo-me Malfoy. Draco Malfoy.

Ron tossiu um pouco, o que poderia ser uma forma de esconder o riso. Draco Malfoy olhou para ele.

— Achas o meu nome engraçado, é isso? Não preciso de te perguntar quem és. O meu pai contou-me que todos os Weasley têm cabelo ruivo, sardas e um monte de filhos que não conseguem criar.

Voltou-se de novo para Harry.

— Vais descobrir, muito em breve, que algumas famílias de feiticeiros são melhores que outras, Potter. Certamente não queres estabelecer amizade com as pessoas erradas. Conta comigo para te ajudar.

Estendeu a mão para apertar a de Harry, mas este recusou o aperto de mão.

— Julgo ser capaz de descobrir por mim próprio qual o tipo de gente errada, obrigado — retorquiu friamente.

Draco Malfoy não corou, mas um matiz rosado surgiu nas suas faces pálidas.

— Eu teria cuidado, Potter — afirmou lentamente. — Se não fores um pouco mais educado, acabará por acontecer-te o mesmo que aos teus pais. Eles também nunca souberam escolher o que era melhor para eles. Continua a andar por aí com canalha como os Weasley e o tal Hagrid e virás a sofrer as consequências.

Harry e Ron levantaram-se. O rosto de Ron estava tão vermelho como o cabelo.

— Repete lá isso — disse ele.

— Ah! Queres lutar connosco? — zombou Malfoy.

— Se não saíres daqui imediatamente — completou Harry, aparentando mais coragem do que a que sentia, pois Crabbe e Goyle eram muito maiores do que ele ou Ron.

— Mas a nós não nos apetece sair, pois não, rapazes? A nossa comida já acabou e, pelo que vejo, vocês ainda têm aqui alguma.

Goyle pegou nos Sapos de Chocolate que estavam ao lado de Ron... Este saltou para a frente, mas, antes de ter tido tempo de tocar em Goyle, este soltou um grito de horror.

O rato *Scabbers* estava pendurado na sua mão e tinha espetado os dentinhos na articulação de um dos seus dedos... Crabbe e Malfoy recuaram, enquanto Goyle abanava *Scabbers*, tentando que ele se soltasse, sem parar de gritar. E quando o rato finalmente foi pelos ares, indo bater na janela, desapareceram os três num rompante. Devem ter pensado que havia mais ratos escondidos nos doces ou, então, ouviram passos, porque, um segundo depois, Hermione Granger entrava.

— O que é que se passou aqui? — perguntou, olhando para os bolos espalhados pelo chão e para Ron, que agarrava *Scabbers* pela cauda.

— Acho que o liquidaram — disse Ron, dirigindo-se a Harry. Mas, olhando mais atentamente para o rato, concluiu com incredulidade: — Não, acho que voltou a adormecer.

E era mesmo o que tinha acontecido.

— Já conhecias o Malfoy?

Harry contou-lhe o encontro de ambos em Diagon-Al.

— Ouvi falar muito da família dele — disse Ron tristemente. — Foram dos primeiros a voltar para o nosso lado depois do desaparecimento do Quem-Nós-Sabemos. Disseram que tinham sido enfeitizados. O meu pai não acredita lá muito. Segundo ele, o pai do Malfoy não precisava de uma desculpa para se passar para o lado das Trevas. — Voltou-se para Hermione: — Precisas de alguma coisa?

— É melhor vocês apressarem-se a vestir as roupas. Eu fui agora lá à frente perguntar ao condutor quanto tempo falta e ele diz que estamos mesmo a chegar. Vocês não andaram à luta, pois não? Não arranjem sarilhos ainda antes de lá chegarmos.

— O *Scabbers* andou à luta, nós não — respondeu Ron com ar carrancudo. — Importas-te de sair para nos vestirmos?

— Está bem. Eu só aqui entrei porque os outros lá fora estão a ter um

comportamento muito infantil, a correr pelos corredores — justificou-se Hermione, manifestando na voz algum desdém. — E não sei se sabes que tens o nariz sujo.

Ron lançou-lhe um olhar indignado e ela saiu. Harry espreitou pela janela. Estava a anoitecer. As montanhas e as florestas destacavam-se sob um céu vermelho-escuro. O comboio parecia estar a abrandar.

Ele e Ron tiraram os casacos e vestiram os longos mantos pretos. O de Ron era um pouco curto para ele e viam-se por baixo os sapatos de ténis.

Uma voz ecoou por todo o comboio: — Chegaremos a Hogwarts dentro de cinco minutos. Por favor, deixem toda a bagagem dentro do comboio. Será levada para a escola separadamente.

O estômago de Harry contraiu-se com os nervos e viu que a pele sardenta de Ron se tornara mais pálida. Meteram o resto dos doces nos bolsos e juntaram-se à multidão que enchia o corredor.

O comboio abrandou lentamente e, por fim, parou. As pessoas empurraram-se, tentando abrir caminho até à porta e saindo para uma pequena plataforma escura.

Harry tiritou com o ar frio da noite. Em seguida, uma luz surgiu, oscilando sobre as cabeças dos estudantes e Harry reconheceu uma voz que lhe era muito familiar: — Primeiro ano! Primeiro ano! É p'ra vir por aqui. Tudo bem, Harry?

A grande cara barbuda de Hagrid era bem visível por cima de um mar de cabeças.

— Vamos, sigam-me. Não há mais ninguém do primeiro ano? Cuidado com o degrau, primeiro ano, atrás de mim!

Aos tropeções, seguiram Hagrid, que desceu por um caminho estreito e íngreme. Era tão escuro de ambos os lados que Harry pensou que devia estar ladeado de árvores espessas e cerradas. Quase ninguém falou. Neville, o rapaz que passava a vida a perder o sapo, fungou uma ou duas vezes.

— Não tarda nada, vocês vão ver p'la primeira vez Hogwarts — anunciou Hagrid, por cima do ombro. — Por esta curva, aqui.

Ouviu-se um prolongado «Ooooooooooh!».

O caminho estreito desembocara subitamente na beira de um grande lago negro. Sobre uma altíssima montanha, do outro lado, brilhavam, no céu estrelado, as janelas iluminadas de um enorme castelo cheio de torres e torções.

— Não quero mais que quatro em cada barco — gritou Hagrid, apontando para uma frota de pequenos barcos que boiavam na água junto da margem. Neville e Hermione seguiram Harry e Ron para o barquinho.

— Tud'a postos? — gritou Hagrid, que tinha um barco só para ele. —

EM FRENTE!

E a frota de pequenos barcos movimentou-se imediatamente, deslizando pelo lago que era tão liso como gelo. Iam todos em absoluto silêncio, a olhar para o grande castelo lá em cima que parecia ainda mais alto à medida que se aproximavam do rochedo sobre o qual estava edificado.

— Baixem as cabeças — gritou Hagrid, logo que os primeiros barcos atingiram a falésia. Todos inclinaram a cabeça para a frente e os barcos passaram por uma cortina de folhas de hera que ocultava uma abertura na superfície do rochedo. Foram transportados através de um túnel sombrio que parecia levá-los mesmo por debaixo do castelo, até que chegaram a uma espécie de porto subterrâneo onde treparam para as rochas e para o solo pedregoso.

— Tu aí, este não é o teu sapo? — perguntou Hagrid, que estava a verificar se ficava alguma coisa dentro dos barcos, à medida que os jovens iam saindo.

— *Trevor!* — gritou Neville, felicíssimo, agarrando-o com ambas as mãos. Em seguida escalaram um corredor sobre a falésia atrás do candeeiro de Hagrid, chegando por fim a um relvado húmido e macio que ficava na sombra do castelo.

Subiram um lance de degraus de pedra e reuniram-se em volta da imensa porta principal de madeira de carvalho.

— 'Tão todos aqui? 'Inda tens o sapo?

Hagrid ergueu o seu punho gigantesco e bateu três vezes na porta do castelo.

VII

O CHAPÉU SELECCIONADOR

A porta abriu-se de imediato. Uma feiticeira alta, de cabelo preto e manto cor de esmeralda esperava por eles. Tinha um rosto severo e a primeira coisa que Harry pensou foi que era melhor não a contrariar.

— Os alunos do primeiro ano, professora McGonagall — apresentou Hagrid.

— Obrigada, Hagrid. Eu acompanho-os agora.

Abriu a porta de par em par. O *Hall* de Entrada era tão grande que podia caber lá dentro a casa dos Dursley inteira. As paredes de pedra estavam iluminadas por tochas incandescentes como em Gringotts, o tecto era tão alto que mal se distinguia e uma magnífica escadaria de mármore dava acesso aos andares superiores.

Seguiram a professora McGonagall através do chão de lages. Harry ouvia o rumor de centenas de vozes vindas da porta do lado direito — o resto dos alunos já devia lá estar —, mas a professora McGonagall fez entrar os alunos do primeiro ano para uma pequena sala vazia, fora do *hall*. Amontoaram-se ali, mais chegados uns aos outros do que seria natural, olhando nervosamente em volta.

— Bem-vindos a Hogwarts — saudou-os a professora McGonagall. — O banquete de início do ano vai começar dentro em breve, mas antes de se sentarem no Salão Nobre, vai haver a selecção por equipas. Trata-se de uma cerimónia muito importante porque, enquanto aqui estiverem, a vossa equipa vai ser para vocês uma espécie de família dentro de Hogwarts. Terão aulas com os outros colegas da vossa equipa, partilharão o mesmo dormitório e ocuparão os vossos tempos livres na respectiva sala comum.

«As quatro equipas chamam-se: Gryffindor, Hufflepuff, Ravenclaw e Slytherin. Cada uma delas tem a sua história própria e todas produziram

feiticeiras e feiticeiros de renome. Enquanto estiverem em Hogwarts, as vossas vitórias farão com que a vossa equipa ganhe pontos e, do mesmo modo, os castigos por violação das regras fá-la-ão perdê-los. No final do ano, a equipa que obtiver a pontuação mais alta ganha uma taça, uma grande honra. Espero que cada um de vós preste um contributo importante à equipa em que vai integrar-se, qualquer que ela seja.

«A cerimónia de selecção terá lugar dentro de alguns minutos, perante o resto da escola. Sugiro que se arranjem um pouco enquanto esperam, para estarem com o melhor aspecto possível.»

O seu olhar pousou por um momento na capa de Neville, que estava mal apertada e de esguelha, e no nariz manchado de Ron. Harry tentou nervosamente ajeitar o cabelo.

— Eu volto quando tudo estiver pronto — disse a professora McGonagall. — Por favor, esperem com calma.

Saiu da sala e Harry engoliu em seco.

— Como é que fazem a selecção das equipas? — perguntou a Ron.

— É uma espécie de teste, acho eu. O Fred disse que doía um bocado, mas se calhar estava a brincar comigo.

O coração de Harry deu um salto de pavor. Um teste? Diante de toda a escola? Mas, se ele ainda não sabia nada de magia... o que é que iriam mandá-lo fazer? Não lhe passara pela cabeça semelhante coisa quando ali haviam chegado. Olhou em volta ansiosamente e viu que todos os outros tinham o mesmo ar assustado. Ninguém falava a não ser Hermione Granger, que contava rapidamente em voz baixa todos os feitiços que tinha aprendido, perguntando-se qual o que poderia ser-lhe útil naquele momento. Harry fez um esforço por não a ouvir. Nunca se sentira tão nervoso, nem mesmo quando trouxera um relatório escolar aos Dursley dizendo que, não se sabia como, ele tornara azul o chinó do professor. Não desviava os olhos da porta. A qualquer instante, a professora McGonagall ia voltar e indicar-lhe o seu destino.

Foi então que aconteceu uma coisa que o fez dar um salto: vários jovens atrás dele gritaram.

— Que diabo é que...?

Lançou uma exclamação abafada, assim como os que estavam à volta. Cerca de vinte fantasmas, de um branco-pérola e ligeiramente translúcido, acabavam de entrar pela parede de trás. Deslizaram pela sala, conversando uns com os outros, quase sem olhar para os alunos do primeiro ano.

Pareciam estar a travar uma discussão. Um deles, que lembrava um monge anafado, dizia: — O que lá vai, lá vai, eu acho que devíamos dar-lhe uma segunda oportunidade.

— Meu caro Monge, não teremos dado ao Peeves todas as oportunidades que ele merecia? Ele dá mau nome a todos nós e nem sequer é um fantasma. Mas, afinal, o que estamos nós a fazer aqui?

Um fantasma que usava uma gola de tufos engomados e calças justas reparara, subitamente, nos alunos do primeiro ano.

Ninguém respondeu.

— Alunos novos! — exclamou o Monge Gordo, sorrindo-lhes. — À espera de serem seleccionados, imagino?!

Alguns jovens acenaram afirmativamente.

— Espero ver-vos nos Hufflepuff — disse o Monge —, a minha antiga equipa.

— Saíam daqui, agora — ordenou uma voz cortante. — A cerimónia de selecção está prestes a começar.

A professora McGonagall havia regressado. Um a um, os fantasmas desapareceram através da parede oposta.

— Formem agora uma fila — disse a professora McGonagall aos alunos do primeiro ano. — E sigam-me.

Com as pernas pesadas como chumbo, Harry entrou na fila, atrás de um rapaz de cabelo cor de areia, com Ron atrás de si, e saíram para o Hall de Entrada. Depois, por uma porta de batente, deram entrada no Salão Nobre.

Harry nunca imaginara um lugar tão estranho e fantástico. Era iluminado por milhares de velas que flutuavam no ar, sobre quatro grandes mesas onde estavam sentados os outros estudantes.

As mesas estavam postas com pratos e taças de ouro reluzente. No topo do salão havia uma outra mesa comprida onde se encontravam os professores. A professora McGonagall trouxe os alunos do primeiro ano de modo a ficarem alinhados de frente para os outros estudantes, com os professores atrás. As centenas de rostos que os olhavam fixamente pareciam pálidas lanternas que contrastavam com a luz tremeluzente das velas. Espalhados pelo meio dos estudantes, os fantasmas tinham uma cor vagamente prateada. A fim de evitar todos aqueles olhares fixos, Harry olhou para cima e viu um tecto preto aveludado salpicado de estrelas. Ouviu Hermione murmurar: — É pura magia para parecer o céu lá de fora, li sobre isso em *Hogwarts: Uma História*.

Era difícil acreditar que aquilo fosse um tecto e que o Salão Nobre não estivesse simplesmente aberto ao céu.

Harry voltou a olhar para baixo logo que a professora McGonagall colocou em frente dos alunos um banco de quatro pernas. Em cima do banco pousou um chapéu de feiticeiro. Era um chapéu remendado, puído e extremamente sujo. A tia Petúnia não o teria deixado entrar lá em casa.

«Talvez tivessem de tentar sacar um coelho lá de dentro», pensou, desorientado. Parecia o tipo de coisa que... mas reparando que todos à sua volta estavam a olhar fixamente para o chapéu, resolveu fazer o mesmo. Durante alguns segundos o silêncio foi total. Em seguida o chapéu contorceu-se. Um rasgão perto da aba abriu-se como uma enorme boca e o chapéu começou a cantar:

**Vocês acham que eu sou feio
Olhem que o aspecto mente
De certeza não encontram
Chapéu mais inteligente.
Guardem os chapéus de coco
Chapéus altos e de peles
O chapéu que escolhe em Hogwarts
É melhor que todos eles.
Nada há nas vossas cabeças
Que eu não possa adivinhar
Ponham-me e eu já vos digo
Onde é o vosso lugar.
Talvez seja em Gryffindor
Onde reina a ousadia
Que se destaca de todos
Em audácia e valentia.
Ou talvez em Hufflepuff
Onde trabalham contentes
Os alunos verdadeiros,
Leais, justos, pacientes.
Ou no velho Ravenclaw
Se tens a mente prontinha
Se és prudente e estudioso
Achaste o que te convinha.
Ou, quem sabe, o teu lugar
seja com os Slytherin
Que nunca olharam a meios
Para atingirem os fins.
Portanto experimenta-me
E não percas a cabeça
Sou o seleccionador
Muito embora não pareça!**

Toda a gente aplaudiu entusiasticamente quando ele acabou a canção. O chapéu fez uma vénia a cada uma das quatro mesas e tornou a ficar quieto.

— Então, só temos de experimentar o chapéu — disse baixinho Ron ao ouvido de Harry. — Mato o Fred, que me convenceu que era preciso lutar contra um duende.

Harry sorriu, indeciso. É certo que experimentar o chapéu era bem melhor do que ter de fazer um feitiço como ele receava, mas preferia não ter toda aquela gente a observá-lo.

O chapéu parecia ser muito exigente. Harry não tinha a certeza de ser corajoso, ter espírito vivo nem coisa alguma, naquele preciso momento. Se, pelo menos, o chapéu tivesse falado de uma equipa para os que se sentiam maldispostos, essa seria certamente a sua.

A professora McGonagall avançou com um grande rolo de pergaminho nas mãos.

— Quando vos chamar pelo nome, vocês vão colocar o chapéu e sentar-se no banco para serem seleccionados — explicou. — Abbott, Hannah!

Uma garota de pele rosada com caracóis loiros saiu da fila, pôs o chapéu que lhe caiu até aos olhos e sentou-se. Houve uma pausa.

— HUFFLEPUFF! — gritou o chapéu.

A mesa da direita aplaudiu, batendo palmas e Hannah foi sentar-se na mesa dos Hufflepuff. Harry viu o fantasma do Monge Gordo a acenar-lhe alegremente.

— Bones, Susan!

— HUFFLEPUFF! — gritou o chapéu de novo e Susan foi apressadamente colocar-se ao lado de Hannah.

— Boot, Terry!

— RAVENCLAW!

Foi a vez de a segunda mesa da esquerda aplaudir. Vários alunos dos Ravenclaw puseram-se de pé a bater palmas a Terry enquanto ele se lhes juntava.

Mandy Brocklehurst foi também para os Ravenclaw, mas Lavender Brown foi a primeira Gryffindor e a mesa da extrema esquerda explodiu em ovações. Harry via os irmãos gémeos de Ron a assobiarem.

Em seguida, Millicent Bulstrode tornou-se Slytherin. Talvez fosse apenas imaginação sua depois de tudo o que ouvira deles, mas Harry tinha a sensação de que eram um grupo bastante desagradável.

Sentia-se cada vez mais maldisposto. Lembrava-se de quando era escolhido para jogar, na sua antiga escola. Era sempre o último a ser aceite, não porque jogasse mal, mas porque ninguém queria que Dudley desconfiasse de que gostavam dele.

— Finch-Fletchley, Justin!

— HUFFLEPUFF!

Harry reparou que umas vezes o chapéu gritava de imediato o nome da equipa, mas, outras vezes, levava alguns segundos a decidir-se. Seamus Finnigan, o rapaz de cabelo cor de areia que seguia Harry na fila, ficou sentado no banco durante quase um minuto até o chapéu o considerar um Gryffindor.

— Granger, Hermione!

Hermione quase correu para o banco e enfiou rapidamente o chapéu na cabeça.

— GRYFFINDOR! — gritou o chapéu. Ron resmungou.

Um pensamento horrível apoderou-se, então, de Harry com aquela força que os pensamentos horríveis têm quando estamos muito nervosos. E se ele não fosse escolhido para equipa nenhuma? Se ficasse ali sentado no banco com o chapéu a tapar-lhe os olhos durante imenso tempo e a professora McGonagall tivesse de vir tirar-lho da cabeça, dizendo que tinha havido obviamente um engano e que o comboio iria levá-lo de novo a casa?

Quando Neville Longbottom, o rapaz que estava sempre a perder o sapo, foi chamado, tropeçou antes de chegar ao banco. O chapéu levou muito tempo a decidir-se em relação a Neville. Quando por fim gritou: — GRYFFINDOR —, Neville desatou a correr com o chapéu ainda enfiado na cabeça e teve de voltar atrás, com a sala toda a rir, para o entregar a Morag MacDougal.

Malfoy avançou arrogantemente quando foi chamado e viu de imediato o seu desejo realizado: o chapéu mal lhe tinha tocado na cabeça e já estava a gritar: — SLYTHERIN!

Foi juntar-se aos seus amigos Crabbe e Goyle, visivelmente satisfeito consigo próprio.

Já não faltava muita gente.

— Moon... Nott... Parkinson... — depois um par de gémeas Patil e Patil... a seguir Perks, Sally-Anne e por fim...

— Potter, Harry!

Quando Harry deu o primeiro passo em frente, a sala encheu-se de murmúrios sibilantes que pareciam achas de lume a arder.

— Ela disse *Potter*?

— *O Harry Potter*?

A última coisa que ele viu, quando o chapéu lhe tombou para os olhos, foi o Salão cheio de gente a estender o pescoço para conseguir observá-lo bem. No momento a seguir estava a olhar para a escuridão dentro do chapéu. À espera.

— Hum... — disse uma vizinha ao seu ouvido. — Difícil, muito difícil. Cheio de coragem, estou a ver. Inteligente também. Talento, sim, e uma grande ânsia de afirmação. Ora, onde é que eu te vou pôr?

Harry agarrou-se aos bordos do banco e pensou: — Slytherin, não. Slytherin, não.

— Slytherin, não, hein? — disse a vizinha. — Tens a certeza? Poderias vir a ser muito grande, sabes? Tens tudo o que é preciso e os Slytherin podem ajudar-te muito, sem sombra de dúvida. Não? Bem, se tens tanta certeza, então «GRYFFINDOR!».

Harry ouviu o chapéu gritar a última palavra para todo o Salão e dirigiu-se, a tremer, para a mesa dos Gryffindor. Sentia-se tão aliviado por ter sido escolhido e não ter ido para os Slytherin que nem reparou que estava a ser alvo da maior de todas as ovações. Percy, o prefeito, pôs-se de pé e apertou-lhe vigorosamente a mão, enquanto os gémeos Weasley gritavam: — Temos o Potter! — Harry sentou-se em frente do fantasma de gola de tufos engomados que tinha visto pouco antes. O fantasma deu-lhe uma palmada amigável no braço fazendo Harry sentir-se como se o tivesse mergulhado num balde de água gelada.

Podia ver agora, com toda a nitidez, a mesa principal. Na extremidade mais próxima do lugar onde se encontrava, estava sentado Hagrid, que lhe captou o olhar e lhe deu os parabéns. Harry retribuiu-lhe o sorriso. E bem no centro da mesa, numa grande cadeira de ouro, estava sentado Albus Dumbledore. Harry reconheceu-o logo do cromo dos Sapos de Chocolate que comprara no comboio. O cabelo prateado de Dumbledore era a única coisa em todo o salão que brilhava tanto como os fantasmas. Avistou também o professor Quirrell, o jovem nervoso do Caldeirão Escoante. Tinha um aspecto bastante exótico no seu enorme turbante cor de púrpura.

E agora faltavam ser seleccionadas três pessoas. Lisa Turpin ficou nos Ravenclaw e a seguir chegou a vez de Ron. Naquele momento a pele dele era de uma palidez esverdeada.

Harry fez figas debaixo da mesa e, um segundo depois, o chapéu gritou: — GRYFFINDOR!

Harry aplaudiu entusiasmado com todos os outros, quando Ron se deixou cair na cadeira ao lado dele.

— Muito bem, Ron, excelente — disse Percy Weasley pomposamente, enquanto Blaise Zabini era seleccionada para os Slytherin.

A professora McGonagall enrolou de novo o pergaminho e levou o Chapéu Seleccionador para dentro.

Harry olhou para o seu prato dourado, vazio. Só agora se apercebia de que estava cheio de fome. Parecia que a sua última refeição tinha sido

havia séculos.

Albus Dumbledore pusera-se de pé. Sorria calorosamente aos estudantes, de braços abertos, como se nada o fizesse mais feliz do que vê-los ali.

— Bem-vindos! — saudou-os. — Bem-vindos a um novo ano em Hogwarts. Antes de iniciarmos o nosso banquete, gostaria de dizer algumas palavras. São elas: idiota, choringas, restos e puxão de orelhas. Muito obrigado!

Voltou a sentar-se. Todos bateram palmas, bem-dispostos. Harry não sabia se era para rir ou não.

— Ele é um pouco louco? — perguntou cheio de dúvidas a Percy.

— Louco? — retorquiu Percy com desenvoltura. — Ele é um génio! O maior feiticeiro do mundo. Mas é um tanto chalado, sim. Queres batatas, Harry?

Harry ficou boquiaberto. Os pratos que tinha na frente estavam agora cheios de comida. Nunca vira tantas coisas boas numa única mesa: bife, frango assado, costeletas de porco e de carneiro, salsichas, *bacon*, batatas cozidas, assadas e fritas, ervilhas, cenouras, *ketchup* e, por uma razão qualquer que ignorava, rebuçados de mentol.

Os Dursley nunca o tinham feito passar fome, mas também não lhe davam autorização para comer tudo o que quisesse. Dudley ficava sempre com o que Harry cobiçava, mesmo que depois se sentisse enjoado.

Harry encheu o prato com um bocadinho de cada coisa (excepto os rebuçados de mentol) e começou a comer. Estava tudo delicioso.

— Isso tem um óptimo aspecto — observou o fantasma da gola engomada, vendo Harry cortar o bife.

— Não podes...?

— Não como há quinhentos anos — adiantou-se o fantasma. — Não me é necessário, mas tenho saudades. Acho que nem me apresentei. Sou Sir Nicholas de Mimsy-Porpington, fantasma residente na Torre dos Gryffindor, ao seu serviço.

— Eu sei quem tu és! — exclamou Ron subitamente. — Os meus irmãos falavam-me de ti... és o Nick Quase-Sem-Cabeça!

— Eu preferia que me chamasses Sir Nicholas de Mimsy... — começou o fantasma a dizer, mas Seamus Finnigan interrompeu-o.

— *Quase* sem cabeça? Como é que se pode ser quase sem cabeça?

Sir Nicholas ficou constrangido. A conversa estava a tomar um rumo que não lhe agradava.

— Assim — disse, irritado, agarrando a orelha esquerda e puxando. A cabeça deslocou-se e caiu-lhe sobre o ombro como se estivesse ligada por uma dobradiça. Era óbvio que alguém tinha tentado decapitá-lo, mas não

soubera fazê-lo. Com uma expressão de agrado perante os olhares perplexos dos garotos, Nick Quase-Sem-Cabeça voltou a pô-la no lugar, tossiu e acrescentou: — Bem, novos Gryffindors, espero que vocês nos ajudem a ganhar a taça do campeonato este ano. Os Gryffindor nunca estiveram tanto tempo sem a ganhar. Os Slytherin têm ganho sempre de há seis anos a esta parte; o Barão Sangrento, que é o fantasma deles, está a tornar-se verdadeiramente insuportável.

Harry olhou para a mesa dos Slytherin e viu um fantasma pavoroso, sentado com eles. Tinha uns olhos esgazeados e inexpressivos, uma cara lúgubre e um manto manchado de sangue prateado. Estava mesmo à direita de Malfoy, que, segundo Harry constatou com agrado, não se mostrava nada satisfeito com a distribuição dos lugares à mesa.

— Como é que ele ficou coberto de sangue? — perguntou Seamus, francamente interessado.

— Nunca lhe perguntei — respondeu Nick Quase-Sem-Cabeça, delicadamente.

Quando todos já tinham comido tudo o que lhes apetecera, os restos de comida desapareceram dos pratos, que ficaram tão limpos e reluzentes como antes. No momento seguinte, surgiram as sobremesas. Bolas de gelado de todos os sabores, tartes de maçã e de melão, *éclairs* de chocolate, *donuts* com recheio de compota, *trifle*², morangos, gelatina, *rice pudding*³, etc.

Enquanto Harry se servia de uma tarte de melão, a conversa recaiu sobre as respectivas famílias.

— Eu sou cinquenta por cento — contou Seamus. — O meu pai é Muggle. A minha mãe só lhe disse que era feiticeira depois de estarem casados. Ficou bastante chocado.

Os outros riram-se.

— E tu, Neville? — perguntou Ron.

— Eu fui criado pela minha avó, que é feiticeira — disse Neville —, mas, durante muitos anos, a família pensou que eu era Muggle. O meu tio-avô Algie estava sempre a tentar apanhar-me desprevenido para ver se eu fazia uma magia; uma vez atirou-me da beira do paredão do cais de Blackpool, ia quase morrendo afogado. Mas nada de especial aconteceu antes de eu fazer oito anos. Nesse dia, o meu tio-avô Algie foi lanchar connosco e estava a agarrar-me pelos tornozelos, pendurado do lado de fora da janela, quando a minha tia-avô Enid lhe ofereceu um merengue e ele, distraído, me soltou. Mas eu saí como um jacto pelo jardim e pela estrada, na maior das calmas. Ficaram todos contentíssimos. A avó chorava de alegria e vocês deviam ter visto as caras deles quando eu vim para aqui...

tinham medo que eu não tivesse aptidões suficientes para entrar. O meu tio-avô Algé ficou tão contente que me ofereceu o sapo.

Do outro lado de Harry, Percy Weasley e Hermione conversavam sobre lições («Eu espero que eles comecem a ensinar-nos o mais depressa possível, temos tanto que aprender. Eu estou particularmente interessada em Transfiguração, sabes o que é, transformar uma coisa em outra diferente. É claro que não deve ser nada fácil. Começa-se por experiências muito simples com pequenos objectos, como transformar fósforos em agulhas, por exemplo»).

Harry, que estava já a sentir-se um pouco sonolento, voltou a olhar para a mesa principal. Hagrid bebia avidamente por uma grande taça. A professora McGonagall conversava com o professor Dumbledore. O professor Quirrell com o seu ridículo turbante, falava com um professor de cabelo preto oleoso, de nariz adunco e pele amarelada.

Tudo aconteceu muito rapidamente. O professor do nariz adunco olhou por cima do turbante de Quirrell para os olhos de Harry, e este sentiu uma dor quente e aguda na cicatriz da testa.

— Ui! — fez Harry, levando a mão à testa.

— O que é? — perguntou Percy.

— N... nada.

A dor tinha desaparecido com a mesma velocidade com que se fizera sentir. Difícil de esquecer era a sensação que aquele olhar transmitira a Harry... a certeza de que o professor não gostava nem um bocadinho dele.

— Quem é aquele que está a falar com o professor Quirrell? — perguntou a Percy.

— Ah! já conheces o Quirrell? Não admira que ele esteja tão nervoso. O outro é o professor Snape. Ensina Poções, mas não é isso o que lhe interessa. Todos sabem que ele anda a ver se consegue roubar o posto ao Quirrell. Sabe muito de Magia Negra, o Snape.

Harry observou-o mais atentamente, mas Snape não voltou a olhar para ele.

Por fim, também os doces desapareceram e o professor Dumbledore voltou a levantar-se. O Salão ficou mergulhado num silêncio absoluto.

— Só mais algumas palavras, agora que já comemos e bebemos. Tenho notícias a dar-vos sobre o ano escolar que agora começa.

«Os alunos do primeiro ano devem ficar a saber que a floresta é proibida a todos os alunos. E seria bom que alguns dos mais antigos se recordassem igualmente disto.»

Os olhos cintilantes de Dumbledore brilharam na direcção dos gémeos Weasley.

— Mr. Filch, o encarregado, pediu-me também que vos recordasse, sem excepção, que não deve ser utilizada magia nos corredores, no intervalo das aulas.

«As escolhas para as equipas de Quidditch terão início na segunda semana deste período. Todos aqueles que estiverem interessados em jogar, deverão contactar Madame Hooch.

«E, para finalizar, devo dizer-vos que este ano o corredor do terceiro andar do lado direito é zona proibida para todos aqueles que não desejem uma morte dolorosa.»

Harry riu-se, mas foi um dos poucos.

— Ele não está a falar a sério, pois não? — perguntou baixinho a Percy.

— É capaz de estar — hesitou este, franzindo as sobrancelhas. — É estranho, porque ele costuma dar-nos uma justificação para não irmos a este ou àquele lugar... a floresta está cheia de animais selvagens, todos sabem disso. Acho que deveria ter-nos dado uma explicação, pelo menos a nós, os prefeitos.

— E agora, antes de irmos para a cama, vamos cantar o hino da escola!

— gritou Dumbledore. Harry reparou que os outros professores faziam um sorriso bastante amarelo.

Dumbledore fez um pequeno gesto com a varinha, como se estivesse a tentar espantar uma mosca, e uma longa fita dourada saiu de lá de dentro, erguendo-se bem alto por sobre as mesas e, serpenteando, transformou-se em palavras.

— Escolham a vossa melodia — disse Dumbledore — e comecemos!

E a escola entoou a plenos pulmões:

Hogwarts, Hogwarts, infalível, Hogwarts

Ensina-nos, por favor

Quer sejamos já velhos e calvos

Ou jovens em pleno vigor

Nossas mentes precisam de ser

Repletas de coisas interessantes

Pois estão vazias e cheias de ar

Como balões de gigantes.

Ensina-nos o que tiver valor

Faz-nos lembrar paz e tormenta

Dá o teu melhor, enche por favor

Toda a nossa massa cinzenta!

Os alunos terminaram o hino em alturas diferentes. Por fim, só os

gémeos Weasley ficaram a cantar ao ritmo de uma marcha fúnebre. Dumbledore conduziu os últimos versos com a varinha e, quando terminaram, foi um dos que bateram palmas com maior vigor.

— Ah! A música — disse, limpando os olhos. — É uma magia muito maior que a que fazemos aqui. E agora são horas de ir para a cama. Toca a andar!

Os alunos do primeiro ano dos Gryffindor seguiram Percy através da multidão ruidosa que saía do Salão e subiram a escadaria de mármore.

As pernas de Harry pareciam novamente de chumbo, mas, desta vez, era devido ao grande cansaço e ao muito que tinha comido. O sono era tanto que nem achou estranho que as imagens dos retratos que estavam pendurados nas paredes dos corredores murmurassem e apontassem, enquanto eles iam passando e que, por duas vezes, Percy os tivesse conduzido por portas ocultas por detrás de painéis deslizantes e tapeçarias. Subiram escadas e mais escadas, bocejando e arrastando os pés. Harry só queria saber quanto tempo mais teria de andar, quando pararam de repente.

Um molho de bengalas deslocava-se, a flutuar, pelos ares, diante deles e quando Percy deu um passo em frente, lançaram-se contra o prefeito.

— O Peeves — explicou Percy aos alunos do primeiro ano — é um *poltergeist*. — Levantou a voz: — Peeves, mostra-te!

A resposta foi dada por um som desagradável, como o ar que sai de um balão.

— Queres que eu vá falar com o Barão Sangrento?

Ouviu-se um estoiro e um homenzinho pequenino com uns olhos escuros maldosos e uma boca arreganhada apareceu, a flutuar, de pernas cruzadas, agarrando as bengalas.

— Ooooooooooooooh — fez ele num cacarejar maldoso. — Olha os novatozinhos, que divertido!

Num instante, investiu em «voo picado» sobre eles. Desviaram-se todos e Percy vociferou ameaçadoramente: — Vai-te embora, Peeves, ou o Barão Sangrento vai tomar conhecimento disto.

Peeves calou-se e desapareceu, fazendo cair as bengalas sobre a cabeça de Neville. Ouviram-no a afastar-se num zumbido, batendo em todas as armaduras que encontrou pelo caminho.

— Tenham cuidado com o Peeves — aconselhou Percy quando retomaram o caminho. — O Barão Sangrento é o único que consegue controlá-lo. Ele não nos liga nenhuma, nem mesmo a nós, os prefeitos. Cá estamos.

Mesmo ao fundo do corredor, estava pendurado o retrato de uma dama gorda num vestido de seda cor-de-rosa.

— A senha? — pediu ela.

— Caput Draconis — respondeu Percy, e logo o retrato tomou balanço para a frente, revelando um buraco redondo na parede. Todos conseguiram passar (Neville precisou de uma ajudinha) e entraram na sala comum dos Gryffindor, que era uma divisão circular e acolhedora, cheia de confortáveis cadeirões de braços.

Percy encaminhou as raparigas para uma porta que dava para o seu dormitório e os rapazes para outra. No cimo de uma escada em caracol — estavam obviamente numa das torres — avistaram finalmente as camas. Eram cinco leitos antigos, de dossel, com reposteiros de veludo vermelho-escuro. Demasiado cansados para grandes conversas, vestiram os pijamas e enfiaram-se nas camas.

— Grande banquete, não foi? — murmurou Ron para Harry, do lado de lá da cortina. — Sai daqui, *Scabbers!* Ele está-me a roer os lençóis.

Harry ia perguntar a Ron se ele tinha comido tarte de melaço, mas adormeceu antes de ter tido tempo de fazer a pergunta.

Talvez Harry tivesse comido um pouco de mais, porque teve um sonho bastante estranho. Estava a usar o turbante do professor Quirrell, que não parava de falar com ele e de lhe dizer que devia pedir rapidamente transferência para os Slytherin, porque o seu destino era esse. Harry disse ao turbante que não queria ir para os Slytherin e ele começou a ficar cada vez mais pesado. Tentou tirá-lo, mas estava tão apertado que começava a magoá-lo bastante. Malfoy ria-se, enquanto ele se debatia para tirar o turbante da cabeça. Em seguida, Malfoy transformou-se no professor Snape, o tal do nariz adunco, cujo riso se tornou agudo e frio. Houve uma explosão de luz verde e Harry acordou a transpirar e a tremer.

Deu uma volta na cama e adormeceu de novo e quando acordou, no dia seguinte, esquecera por completo o sonho.

VIII

O PROFESSOR DE POÇÕES

— Olha, ali.

— Onde?

— Ao lado do miúdo alto de cabelo ruivo.

— O de óculos?

— Viste-lhe a cara?

— Viste-lhe a cicatriz?

No dia seguinte, os murmúrios perseguiram Harry desde o primeiro momento em que saiu do dormitório. As pessoas que faziam fila fora das salas de aula, punham-se em bicos dos pés para conseguirem vê-lo bem ou voltavam para trás para passarem mais uma vez por ele e poderem reparar melhor. Harry sentia-se incomodado porque estava a tentar encontrar o caminho para a sua sala de aula.

Havia cento e quarenta e duas escadarias em Hogwarts: amplas, velozes, estreitas, frágeis, algumas que, às sextas-feiras, conduziam a um lugar diferente, outras ainda a que faltava um degrau e que exigiam que as pessoas se lembrassem de dar o salto. Havia também portas que só abriam se lhes fosse pedido com muita gentileza, ou quando se lhes fazia cócegas num lugar preciso e portas que não eram realmente portas e sim paredes sólidas que as imitavam. Era muito difícil fixar o lugar das coisas, porque tudo parecia estar em constante movimento. As pessoas dos retratos não paravam de se visitar umas às outras e Harry podia garantir que as armaduras de ferro conseguiam andar.

Os fantasmas também não ajudavam muito. Era sempre um choque desagradável quando um deles deslizava subitamente pelo meio da porta que alguém estava a tentar abrir. O Nick Quase-Sem-Cabeça gostava de indicar aos novos Gryffindor a direcção certa, mas Peeves, o *poltergeist*,

arranjava sempre maneira de fazer com que duas portas não abrissem e uma escada se tornasse traiçoeira, quando encontrava pelo caminho algum aluno atrasado para as aulas. Despejava cestos cheios de papéis sobre a cabeça dos estudantes, puxava-lhes os tapetes debaixo dos pés, bombardeava-os com pedaços de giz ou escondia-se atrás deles, invisível, agarrando-lhes o nariz e gritando: — PENCA! PENCA!!!

Pior ainda do que Peeves, se é que era possível, era o encarregado, Argus Filch. Harry e Ron conseguiram que ele os tomasse de ponta logo na primeira manhã. Filch foi encontrá-los a tentar entrar por uma porta que, infelizmente, era a entrada para o corredor da zona proibida do terceiro andar. Não acreditou que eles estivessem perdidos, convenceu-se de que tentavam propositadamente entrar e estava já a ameaçar fechá-los nas masmorras quando foram salvos pelo professor Quirrell, que passava ali por acaso.

Filch tinha uma gata chamada *Mrs. Norris*, uma criatura magra e parda com uns olhos protuberantes como faróis, parecidos com os do próprio Filch. A gata patrulhava os corredores sozinha. Infringir uma regra em frente dela, pisar um centímetro o risco equivalia a vê-la chamar por Filch, que aparecia ofegante em menos de dois segundos. Filch conhecia, melhor do que ninguém, as passagens secretas da escola (enfim, os gémeos Weasley não lhe ficavam muito atrás) e podia deslocar-se quase tão rapidamente como os fantasmas. Todos os estudantes o detestavam e a maior ambição de quase todos eles era poderem dar um valentíssimo pontapé a *Mrs. Norris*.

E, depois das salas de aula, uma vez que conseguissem encontrá-las, ainda havia as lições. A magia era muito mais, como Harry ao fim de pouco tempo se apercebeu, do que fazer um gesto com a varinha mágica e pronunciar algumas palavras esquisitas.

Tinham de estudar o céu nocturno através dos telescópios todas as quartas-feiras à meia-noite e aprender os nomes das diferentes estrelas e os movimentos dos planetas. Três vezes por semana iam para as estufas por trás do castelo estudar Herbologia, com uma feiticeira pequenina e gorda chamada Professora Sprout, e aí aprendiam como tratar das plantas e fungos raros e descobriam quais as suas utilizações.

A mais aborrecida de todas as disciplinas era, sem dúvida, a História da Magia, a única cujo professor era um fantasma. O professor Binns era já muito velho quando, uma noite, adormeceu em frente da lareira da sala dos professores. Na manhã seguinte, levantou-se como de costume e foi dar aulas, só o seu corpo é que tinha ficado para trás.

Binns discursava monotonamente, enquanto eles apontavam nomes e

datas, misturando Emeric, o *Cruel*, e Uric, o *Incomparável Crânio*.

O professor Flitwick, que ensinava Encantamentos, era um feiticeiro pequenino que tinha de subir para uma pilha de livros a fim de conseguir espreitar por cima da secretária. No princípio da sua primeira lição pegou no livro de ponto e, quando chegou ao nome de Harry, ficou tão perturbado que se desequilibrou, deu um guincho e os alunos deixaram de o ver.

Bem diferente era a professora McGonagall. Harry estava certíssimo quando detectou que ela não era pessoa para aceitar ser desobedecida. Severa e inteligente, fez-lhes um discurso logo que eles se sentaram, na primeira lição.

— A Transfiguração é uma das formas de magia mais complexas e perigosas que vocês vão aprender em Hogwarts — advertiu-os. — Quem criar confusões nas minhas aulas, é posto fora e não entra mais. Estão avisados.

Em seguida, transformou a secretária num porco e, depois, de novo, em secretária. Estavam todos entusiasmadíssimos e ansiosos por começar, mas rapidamente se aperceberam de que não iam transformar a mobília em animais senão muito mais tarde.

Após tirarem alguns apontamentos bastante complexos, cada um recebeu um fósforo e começou a tentar transformá-lo numa agulha. No final da aula, só Hermione Granger tinha mudado alguma coisa no aspecto do fósforo. A professora McGonagall mostrou aos alunos como ficara todo prateado e pontiagudo e presenteou Hermione com um sorriso, o que nela era raro.

A disciplina em relação à qual todos manifestavam maior entusiasmo era Defesa contra a Magia Negra, mas as aulas de Quirrell acabavam por ser uma anedota.

A sala cheirava intensamente a alho, cuja finalidade, segundo se dizia, era afastar um vampiro que ele conhecera na Roménia e que receava pudesse vir atrás dele, quando menos esperasse. Contou-lhes que o turbante lhe tinha sido oferecido por um príncipe africano como prova de gratidão por tê-lo livrado de um incómodo morto-vivo, mas ninguém acreditava lá muito naquela história, porque, quando Seamus Finnigan lhe perguntou como fizera para se livrar do morto-vivo, Quirrell começou a corar e a falar do tempo. Além disso, havia um cheiro esquisito em volta do turbante e os gémeos Weasley insistiam em que devia estar igualmente cheio de alho para que o professor se sentisse protegido em qualquer lugar a que fosse.

Harry ficou bastante aliviado ao descobrir que não estava tão atrasado em relação aos outros como receara. Muitos colegas tinham vindo de famílias de Muggles e, tal como ele, ignoravam que eram feiticeiras e

feiticeiros. Havia tanto para aprender que mesmo os que eram como Ron não tinham, em relação aos outros, um grande avanço.

Sexta-feira foi um dia importante para Harry e Ron. Conseguiram, pela primeira vez, encontrar o caminho para o Salão Nobre e foram tomar o pequeno-almoço sem se perderem uma única vez.

— O que é que temos hoje? — perguntou Harry a Ron, enquanto este punha açúcar nas papas de aveia.

— Duas horas de Poções com os Slytherin — afirmou Ron. — O Snape é o chefe da equipa dos Slytherin. Dizem que os favorece sempre a eles. Vamos ver se será verdade.

— Era bom que a McGonagall nos favorecesse a nós — disse Harry. A professora McGonagall era chefe da equipa dos Gryffindor, mas isso não impedira que lhes tivesse passado na véspera uma imensa quantidade de trabalhos de casa.

Naquele momento chegou o correio. Harry já se tinha habituado, mas sentiu um choque bastante forte quando, na primeira manhã, viu afluir em torrente cerca de cem corujas que sobrevoaram o Salão onde os jovens tomavam o pequeno-almoço até avistarem os respectivos donos, deixando-lhes cair no colo cartas e embrulhos.

Hedwig, até àquele momento, ainda não lhe trouxera nada. Vinha às vezes morder-lhe a orelha e pedir um pedacinho de torrada antes de ir dormir para a Torre das Corujas com as outras corujas da escola. Contudo, naquela manhã, esvoaçou entre o doce de laranja e o açucareiro e deixou-lhe cair no prato um bilhete que ele abriu imediatamente.

Querido Harry, dizia nuns gatafunhos bastante desordenados,

sei que tens as tardes de sexta-feira livres. Não queres vir tomar um chá comigo por volta das três horas? Gostaria de saber tudo sobre a tua primeira semana. Manda-me uma resposta pela Hedwig.

Hagrid

Harry pediu a pena emprestada a Ron, escreveu nas costas do bilhete — *Sim, obrigado, até então* — e enviou *Hedwig* de volta.

Foi uma sorte poder pensar no chá que o esperava na companhia de Hagrid, porque a aula de Poções foi a pior coisa que lhe tinha acontecido desde que chegara a Hogwarts.

No banquete do início do ano, Harry tinha ficado com a impressão de que o professor Snape não gostava dele. No fim da primeira aula de Poções, Harry percebeu que se tinha enganado. Snape não antipatizava com ele,

odiava-o, pura e simplesmente.

As aulas de Poções eram dadas lá em baixo, numa das masmorras. O frio ali era mais intenso do que no resto do castelo e seria já suficientemente sinistro sem os animais em conserva flutuando como *pickles* em frascos de vidro, ao longo das paredes.

Snape, tal como Flitwick, começou a aula pegando no livro de ponto e, tal como Flitwick, parou no nome de Harry.

— Ah! Sim — disse com toda a calma. — Harry Potter. A nossa nova... *celebridade*.

Draco Malfoy e os amigos Crabbe e Goyle riram-se à socapa. Snape acabou de fazer a chamada e olhou para a classe. Tinha uns olhos pretos como os de Hagrid, mas faltava-lhes o calor humano. Eram vazios e gelados, lembrando a escuridão dos túneis.

— Vocês estão aqui para aprender a ciência subtil e a arte exacta da criação de Poções — começou. Falava quase num murmúrio, mas era possível captar cada palavra. Tal como a professora McGonagall, Snape tinha o dom de manter toda a turma calada, sem o menor esforço. — Dado que o que vão observar aqui nada tem a ver com as palermices de agitar varinhas mágicas no ar, muitos de vós terão dificuldade em compreender que isto é magia. Não espero que se apercebam em toda a sua plenitude da beleza do caldeirão que ferve suavemente em fogo lento, com as suas emanções difusas, do poder delicado dos líquidos que se espalham vagarosamente pelas veias humanas, enfeitiçando o espírito, iludindo os sentidos... posso ensinar-vos como agarrar a fama, preparar a glória e deter a morte... se vocês não forem um grupo de brancos como os que habitualmente tenho por alunos.

A este discurso seguiu-se um silêncio ainda maior. Harry e Ron trocaram olhares entre si, de sobrolho franzido. Hermione Granger estava na borda da cadeira, ansiosa por mostrar que não era nenhuma idiota.

— Potter — disse Snape subitamente. — O que é que eu conseguiria se acrescentasse raiz triturada de asfódelo a uma infusão de absinto?

Raiz triturada de quê, a uma infusão de quê? Harry olhou para Ron, que estava tão pasmado quanto ele. A mão de Hermione ergueu-se no ar.

— Não sei, professor — respondeu Harry.

Os lábios de Snape ganharam uma expressão de desdém.

— Pois, pois, a fama, obviamente, não é tudo na vida.

Ignorou a mão levantada de Hermione.

— Tentemos mais uma vez, Potter, aonde procurarias se eu te mandasse arranjar-me um bezoar?

Hermione esticou a mão o máximo que lhe foi possível, sem ter de se

levantar da cadeira, mas Harry não tinha a menor ideia do que seria um bezoar. Tentou não olhar para Malfoy, Crabbe e Goyle que riam perdidamente.

— Não sei, professor.

— Bem me parecia que não ias abrir um livro antes de começarem as aulas. Não foi, Potter?

Harry fez um esforço para aguentar aquele olhar frio. Ele tinha aberto os livros, sim, em casa dos Dursley, mas será que Snape esperava que ele se lembrasse de todos os nomes contidos no livro *Um Milhar de Ervas e Fungos Mágicos*?

Snape continuava a ignorar a mão palpitante de Hermione.

— Qual é a diferença entre o carrinho-de-vénus e o mata-cão?

Nesse momento, Hermione pôs-se de pé, a mão esticada para o tecto da masmorra.

— Não sei — disse Harry calmamente —, mas penso que a Hermione sabe. Por que não lhe pergunta?

Alguns colegas riram-se. Harry viu Seamus, que lhe piscou o olho, mas Snape não se mostrava satisfeito.

— Sente-se — gritou a Hermione. — Para sua informação, Potter, asfódelo e absinto produzem uma poção soporífera, de tal modo poderosa que é conhecida como o Golo dos Mortos-Vivos. Bezoar é uma pedra que se retira do estômago de uma cabra e que salva as pessoas de muitos venenos. Quanto ao carrinho-de-vénus e ao mata-cão são a mesma planta, que também é conhecida por acónito. Então, por que não estão todos a tirar apontamentos?

Houve um movimento na sala, com todos à procura de penas e pergaminhos. Numa voz firme, que se sobrepunha ao ruído de fundo, Snape anunciou: — E os Gryffindor têm um ponto a menos, pelo teu atrevimento, Potter.

As coisas não melhoraram para os Gryffindor com a continuação da aula. Snape organizou-os em equipas de dois e pô-los a fazer uma poção simples para curar furúnculos. Andava em volta deles com a sua longa capa preta, vendo-os pesar urtigas secas e triturar dentes de serpente, tecendo críticas a quase todos com excepção de Malfoy, com quem parecia simpatizar. Estava justamente a chamar a atenção da turma para o modo impecável como Malfoy tinha estufado os cornos de lesma, quando nuvens de fumo ácido e um sibilar intenso encheram a masmorra. Não se sabe como, Neville tinha conseguido derreter o caldeirão de Seamus, transformando-o numa mancha retorcida, enquanto a poção se espalhava pelo soalho de pedra, fazendo buracos nos sapatos de toda a gente. Em poucos segundos, a

turma inteira tinha subido para cima dos bancos, enquanto Neville, que ficara ensofado pela poção quando o caldeirão se desfez, gemia cheio de dores à medida que umas bolhas vermelhas e ameaçadoras se lhe espalhavam ao longo dos braços e das pernas.

— Seu miúdo idiota! — praguejou Snape, limpando a poção com um golpe da varinha mágica. — Misturaste com certeza os espinhos do porco-espinho antes de retirar o caldeirão do lume.

Neville choramingou, enquanto as bolhas começavam a cobrir-lhe o nariz.

— Leva-o para a enfermaria — ordenou Snape, encolerizado, a Seamus. Em seguida caiu sobre Harry e Ron, que tinham estado a trabalhar ao lado de Neville.

— E tu, Potter, por que é que não o avisaste para não pôr os espinhos? Achaste que sobressaías se ele fizesse uma asneira da grossa, não foi? Acabas de perder outro ponto para os Gryffindor.

Aquilo era tão injusto que Harry abriu a boca para argumentar, mas Ron deu-lhe um valente pontapé por detrás do caldeirão.

— Não piores as coisas — murmurou. — Ouvi dizer que o Snape é mesmo muito mauzinho.

Uma hora mais tarde, quando subiam as escadas da masmorra, a mente de Harry andava a mil à hora e o seu ânimo estava de rastos. Tinha feito perder dois pontos aos Gryffindor, logo na primeira semana. Por que motivo Snape lhe teria tamanho ódio?

— Anima-te, pá — disse-lhe Ron. — O Snape está sempre a tirar pontos ao Fred e ao George. Posso ir contigo conhecer o Hagrid?

Às cinco para as três saíram do castelo e atravessaram o relvado. Hagrid vivia numa pequena cabana na orla da floresta proibida. Do lado de fora da porta principal estavam uma besta e um par de galochas.

Quando Harry bateu à porta, ouviu-se um esgravatar inquieto e o fortíssimo ladrar de um animal. Em seguida, a voz de Hagrid ressoou, dizendo: — P'rá aqui, *Fang*, p'ra trás.

O grande rosto barbudo do gigante surgiu na fresta, enquanto este abria a porta.

— Quietos! — voltou a dizer. — Para trás, *Fang*. — Convidou-os a entrar, debatendo-se para segurar a coleira de um enorme cão de caça preto.

A casa tinha apenas uma divisão. Do tecto pendiam presuntos e faisões. No lume aceso, fervilhava uma chaleira de cobre e ao canto da sala via-se uma cama enorme, coberta com uma colcha de retalhos.

— 'Tejam à vontade — disse Hagrid, largando *Fang*, que foi direito a Ron e começou a lamber-lhe as orelhas. Tal como o dono, *Fang* não era tão

feroz quanto parecia.

— Este é o Ron — apresentou-o Harry a Hagrid, que estava a deitar água a ferver num grande bule e a colocar biscoitos num prato.

— Outro Weasley, hein? — disse Hagrid, olhando para as sardas de Ron. — Eu tenho passado metade da minha vida a correr c’os teus irmãos gémeos da floresta.

Os biscoitos quase lhes partiram os dentes de tão duros, mas Harry e Ron fingiram gostar muito, enquanto iam contando a Hagrid tudo sobre as primeiras aulas. *Fang* apoiou a cabeça nos joelhos de Harry e babou-lhe a capa toda.

Os dois adoraram ouvir Hagrid chamar ao encarregado Filch «aquele velho imbecil».

— E a gata, a *Mrs. Norris*, um dia destes ’inda lhe apresento o *Fang*. Sabem qu’ela, sempre qu’eu vou lá acima à escola, começa logo a andar atrás de mim? É o Filch qu’a manda.

Harry contou a Hagrid o que sucedera na aula de Snape. Hagrid, tal como Ron, disse-lhe que não se preocupasse, que Snape dificilmente gostava de algum aluno.

— Mas ele parecia mesmo detestar-me.

— Tolice! — retorquiu Hagrid. — Porquê?

Todavia, Harry não conseguia deixar de pensar que Hagrid afastara o olhar ao fazer aquela afirmação.

— Como vai o teu irmão Charlie? — perguntou Hagrid a Ron. — Eu gostava muito dele. Era sensacional c’os animais.

Harry questionou-se se ele teria mudado de assunto estrategicamente. Enquanto Ron contava tudo sobre o trabalho de Charlie com os dragões, Harry pegou num pedaço de papel que estava sobre a mesa, debaixo do abafador do chá. Era um recorte d’*O Profeta Diário*:

AS ÚLTIMAS SOBRE O ASSALTO A GRINGOTTS

Continuam as investigações sobre o assalto a Gringotts, em 31 de Julho, que se acredita ser da autoria de feiticeiros ou feiticeiras negros e cuja identidade ainda se desconhece.

Os duendes de Gringotts insistiram hoje em que nada foi retirado. O cofre que foi rebuscado pelos assaltantes tinha sido esvaziado nesse mesmo dia.

— Mas não vamos dizer-vos o que ele continha, portanto, se não querem problemas, deixem as coisas ficar como estão — afirmou um dos porta-vozes de Gringotts.

Harry lembrava-se de Ron lhe ter contado que alguém tentara assaltar Gringotts, mas não tinha mencionado a data.

— Hagrid! — exclamou Harry. — O assalto a Gringotts ocorreu no dia do meu aniversário! Pode ter-se dado enquanto nós lá estávamos!

Não havia dúvidas. Desta vez Hagrid evitou mesmo o seu olhar. Murmurou qualquer coisa e ofereceu-lhe outro biscoito. Entretanto, Harry voltou a ler a notícia: *O cofre que foi rebuscado tinha sido, de facto, esvaziado nesse mesmo dia*. Hagrid tinha esvaziado o cofre setecentos e treze, se é que podia chamar-se «esvaziar» a retirar lá de dentro aquele pacotezinho nojento. Seria aquilo que os ladrões procuravam?

Quando Harry e Ron regressaram ao castelo, para o jantar, traziam os bolsos pesados com os biscoitos que, por uma questão de educação, não tinham tido coragem de recusar. Para Harry, nenhuma das aulas que tivera até então lhe dera tanto em que pensar como aquele lanche com Hagrid. Teria ele ido buscar o pacote mesmo na hora certa? Onde estaria agora? E saberia Hagrid alguma coisa sobre Snape que não lhes quisera dizer?

IX

O DUELO DA MEIA-NOITE

Nunca tinha passado pela cabeça de Harry que fosse possível vir a encontrar um rapaz que ele detestasse mais do que Dudley, mas isso foi antes de ter conhecido Draco Malfoy. Felizmente, os Gryffindor do primeiro ano só tinham a aula de Poções em conjunto com os Slytherin, por isso não eram obrigados a conviver muito tempo com Malfoy. Ou, pelo menos, essa era a regra até ao dia em que foram encontrar espetado no quadro da sala comum dos Gryffindor um aviso que os pôs a todos maldispostos. As lições de voo iam começar na quinta-feira seguinte e os Gryffindor e os Slytherin teriam essa aula em conjunto.

— Ótimo — ironizou Harry —, só me faltava esta. Fazer figura de parvo em cima de uma vassoura diante do Malfoy.

Aprender a voar era uma das maiores expectativas de Malfoy.

— Tu não vais fazer figura de parvo, coisa nenhuma — disse Ron usando a lógica. — Além disso, o Malfoy anda sempre a dizer que é o maior em Quidditch, mas eu aposto que é só garganta.

Malfoy falava mesmo muito de voar. Queixava-se bem alto de os alunos do primeiro ano não fazerem parte das equipas de Quidditch e contava gabarolices sem fim que acabavam sempre com ele a escapar por um triz aos Muggles que o perseguiam em helicópteros. Mas não era ele o único. Da forma como Seamus Finnigan falava, parecia que passara a maior parte da infância sobrevoando os campos, em cima da sua vassoura. Até Ron se gabava, para quem o quisesse ouvir, de quase ter chocado com um planador na velha vassoura do seu irmão Charlie.

Todos os que pertenciam a famílias de feiticeiros falavam constantemente do Quidditch. Ron já tinha tido com Dean Thomas, que partilhava com eles o dormitório, uma discussão acalorada sobre futebol.

Ron não achava nada interessante um jogo em que havia apenas uma bola e onde era proibido voar. Harry fora dar com Ron a picar o cartaz de Dean, com a fotografia da equipa de futebol de West Ham, tentando fazer com que os jogadores se mexessem.

Neville nunca tinha experimentado uma vassoura em toda a sua vida, porque a avó nunca o deixara aproximar-se de tal objecto. Aqui para nós, Harry achava que ela tinha toda a razão, porque Neville já conseguia ter uma imensidão de acidentes mesmo com os dois pés bem assentes na terra.

Hermione Granger estava quase tão nervosa com a ideia de voar como Neville. Tratava-se de uma coisa que não podia decorar-se de um livro, não que ela não tivesse tentado. Na quinta-feira, ao pequeno-almoço irritou-os terrivelmente com as informações sobre voo que tinha conseguido obter num livro da biblioteca intitulado *O Quidditch Através dos Tempos*. Neville bebia-lhe as palavras, tal era a sua ânsia de descobrir alguma coisa que o ajudasse a agarrar-se à vassoura, mas todos os outros sentiram um imenso alívio com a chegada do correio.

Harry não voltara a receber nenhuma carta depois do convite de Hagrid, facto no qual Malfoy reparara, claro. A coruja-real de Malfoy estava sempre a trazer-lhe pacotes de doces de casa que ele abria com um sorriso maldoso à mesa dos Slytherin.

Uma coruja-de-celeiro trouxe a Neville um pequeno embrulho da avó. Ele abriu-o com grande excitação e mostrou aos colegas uma bola de vidro do tamanho de um grande berlinde que parecia cheia de um fumo branco.

— É um Lembrador! — explicou. — A minha avó sabe que eu passo a vida a esquecer-me de tudo. Isto diz-nos se há coisas de que nos estamos a esquecer. Olha, apertas assim e se ficar vermelha... oh! — Ficou aflitíssimo, porque o Lembrador tornou-se vermelho-escarlata. — Esquecime... de qualquer coisa...

Neville estava a fazer um esforço enorme para tentar lembrar-se do que se tinha esquecido, quando Draco Malfoy, que passava naquele momento pela mesa dos Gryffindor, lhe arrancou o Lembrador das mãos.

Harry e Ron puseram-se de pé, num salto. De certo modo, esperavam um pretexto para dar uns socos a Malfoy, mas a professora McGonagall, que conseguia sempre acabar com os conflitos mais depressa do que qualquer outro professor da escola, chegou num rompante.

— O que é que se passa aqui?

— O Malfoy tirou-me o meu Lembrador, professora.

Com ar de poucos amigos, Malfoy pôs novamente o Lembrador em cima da mesa. — Estava só a ver — disse, enquanto se afastava seguido de Crabbe e de Goyle.

Às três e meia da tarde, Harry, Ron e os outros Gryffindor desceram apressadamente a escadaria principal, dirigindo-se aos campos para a sua primeira lição de voo. Estava um dia claro e ventoso e a relva ondulava debaixo dos pés dos jovens que desceram pela encosta até chegarem a um relvado macio, do lado oposto à floresta proibida, onde as árvores sombrias oscilavam à distância.

Os Slytherin já se encontravam todos lá, assim como as vinte vassouras, alinhadas no chão. Harry tinha ouvido Fred e George Weasley queixarem-se das vassouras da escola, dizendo que algumas começavam a vibrar se o aluno voava muito alto ou durante o voo puxavam um pouco para a esquerda.

A professora, Madame Hooch, chegou. Tinha cabelos curtos e grisalhos e uns olhos amarelados como os de um falcão.

— Então, de que é que estamos à espera? — perguntou em voz alta. — Cada um junto da sua vassoura. Vá, despachem-se.

Harry deitou um olhar à sua vassoura. Tinha um aspecto velho e algumas das nervuras do cabo eram salientes e formavam estranhos ângulos.

— Estendam a vossa mão direita ao longo da vassoura — gritou Madame Hooch — e digam *De pé*.

— De pé — gritaram todos.

A vassoura de Harry saltou-lhe para a mão, de imediato, mas foi uma das poucas que o fizeram. A de Hermione Granger limitou-se a rolar no chão e a de Neville nem se mexeu. Talvez as vassouras, à semelhança dos cavalos, soubessem distinguir quem tinha medo, pensou Harry. Havia um tremor na voz de Neville que mostrava claramente que a última coisa que ele queria na vida era levantar os pés do chão.

Madame Hooch mostrou-lhes, então, como montar nas vassouras sem escorregar pelo cabo e andou de um lado para o outro a corrigir-lhes a postura e o modo de se agarrarem. Harry e Ron adoraram quando ela disse a Malfoy que ele andava há anos a fazer tudo ao contrário.

— Bem, quando eu apitar, vocês levantam do chão, batendo com o pé com toda a força — declarou Madame Hooch. — Mantenham as vassouras firmes, subam cerca de um metro e em seguida recuem, inclinando-se ligeiramente para a frente. Quando eu apitar... três... dois...

Mas Neville, tal era o nervosismo, a agitação e o medo de ficar no chão, levantou voo com força antes de o apito ter sequer tocado os lábios de Madame Hooch.

— Volta aqui, rapaz! — gritou ela, mas Neville elevava-se a pique como uma rolha que tivesse saltado de uma garrafa. Três metros, seis metros... Harry viu a sua expressão apavorada a olhar para o solo que desaparecia,

viu-o escorregar da vassoura e...

BUM! Um ruído surdo, uma forte pancada e Neville jazia, com a cara na relva, feito num feixe. A vassoura continuava a subir, cada vez mais alto, dirigindo-se lentamente para a floresta proibida.

Madame Hooch estava inclinada sobre Neville com o rosto tão pálido quanto o dele.

Harry ouviu-a murmurar: — Pulso partido. Vá lá, rapaz, está tudo bem, levanta-te!

Voltou-se para o resto da turma.

— Nenhum de vocês sai daqui enquanto eu vou levar este rapaz à enfermaria. Deixem as vassouras no lugar em que estão ou são expulsos de Hogwarts antes de terem tempo de dizer: «Quidditch». — Vamos, meu querido.

Madame Hooch pôs o braço em volta de Neville, que coxeava, agarrado ao pulso, com a cara cheia de lágrimas.

Mal eles desapareceram, Malfoy rebentou a rir a bandeiras despregadas.

— Viram a cara do grande pastel?

Os outros Slytherin juntaram-se à risota.

— Está calado, Malfoy — disse bruscamente Parvati Patil.

— Ah! a tomar o partido do Longbottom? — observou Pansy Parkinson, uma rapariga de feições duras que pertencia aos Slytherin. — Não te imaginava a gostar de bebés chorões, Parvati.

— Olhem! — exclamou Malfoy, inclinando-se e apanhando algo do relvado. — É aquela coisa estúpida que a avó do Longbottom lhe mandou.

O Lembrador brilhou ao sol quando ele lhe pegou.

— Dá cá isso, Malfoy — disse Harry com a maior das calmas. Toda a gente se calou para observar.

Malfoy sorriu com ar mesquinho.

— Acho que vou deixá-lo algures por aqui para o Longbottom o vir buscar. Que tal em cima de uma árvore?

— Dá cá isso — berrou Harry, mas Malfoy tinha subido para a vassoura e desaparecera. Não era mentira. Ele sabia voar. À altura de um dos ramos mais altos de um carvalho, gritou: — Vem buscá-lo, Potter!

Harry pegou na vassoura.

— Não — tentou impedir Hermione Granger. — A Madame Hooch disse para não lhes mexermos. Vais arranjar sarilhos.

Harry ignorou-a. O sangue fervia-lhe nas veias. Subiu para a vassoura, pressionou com força contra o chão, o ar passou-lhe rapidamente pelos cabelos, a capa esvoaçou atrás dele e num misto de alegria e orgulho apercebeu-se de que sabia fazer algo que ninguém lhe tinha ensinado... era

fácil, era fantástico. Inclinou um pouco mais a vassoura e ouviu os gritos e as exclamações das raparigas lá em baixo e a ovação de Ron.

Voltou a vassoura bruscamente para enfrentar Malfoy no ar. O outro parecia atarantado.

— Dá cá isso — gritou Harry — ou atiro-te dessa vassoura abaixo!

— Ah! sim? — ripostou Malfoy em tom de chacota, mas com alguma preocupação na voz.

Por incrível que pudesse parecer, Harry sabia o que deveria fazer. Inclinou-se para a frente, apertou a vassoura com ambas as mãos e esta disparou contra Malfoy como um dardo. Este mal teve tempo de fugir. Harry fez uma curva brusca e manteve a vassoura bem segura. Cá em baixo, alguns dos colegas batiam palmas entusiasticamente.

— Não tens aqui o Crabbe nem o Goyle para te servirem de guarda-costas, Malfoy — disse Harry.

O mesmo pensamento parecia ter cruzado a mente de Malfoy.

— Apanha se fores capaz! — gritou ele, atirando ao ar a bola de vidro e começando em seguida a descer direito ao chão.

Como se fosse em câmara lenta, Harry viu a bola elevar-se e começar a cair. Inclinou-se para a frente e apontou o cabo da vassoura para baixo... um segundo depois mergulhava a toda a velocidade atrás da bola, o vento assobiando-lhe aos ouvidos, misturado com os gritos dos espectadores. Esticou a mão... A centímetros do chão agarrou-a, mesmo a tempo de endireitar a vassoura e pousá-la delicadamente no relvado com o Lembrador a salvo, na mão.

— HARRY POTTER!

O seu coração começou a bater com toda a força. A professora McGonagall vinha a correr na direcção deles. Harry levantou-se a tremer.

— Nunca, em todos estes anos em Hogwarts... — A professora McGonagall quase não conseguia falar com o choque, e os olhos, por trás dos óculos, faiscavam de ira: — Como te atreves, podias ter partido o pescoço...!

— Ele não teve a culpa, professora.

— Cale-se, Miss Patil...

— Mas o Malfoy...

— Chega, Ron Weasley. Potter, vem imediatamente comigo.

Harry viu pelo canto do olho o ar triunfante de Malfoy, Crabbe e Goyle enquanto seguia, meio entorpecido, a professora McGonagall até ao castelo. Ia com certeza ser expulso. Era o que ia acontecer. Queria dizer qualquer coisa para se defender, mas parecia ter acontecido algo estranho à sua voz. A professora McGonagall avançava sem sequer olhar para ele e

Harry teve de se apressar para conseguir acompanhá-la. Tinha-a feito bonita! Nem chegara a duas semanas. Dentro de dez minutos ia estar a fazer as malas. E o que diriam os Dursley quando o vissem aparecer-lhes de novo à porta?

Subiram os degraus da entrada, os da escadaria de mármore, e a professora McGonagall continuava a não lhe dirigir a palavra. Abriu violentamente as portas e percorreu os corredores com Harry atrás dela, num passo rápido e infeliz. Talvez fosse levá-lo à presença de Dumbledore. Lembrou-se de Hagrid, que também fora expulso, mas a quem fora permitido ficar como guarda dos campos. Talvez ele pudesse ser assistente de Hagrid. Mas o estômago contorceu-se perante a ideia de ver Ron e os outros tornarem-se feiticeiros, enquanto ele andava por ali transportando o saco de Hagrid.

A professora McGonagall parou à porta de uma sala de aula. Entreabriu-a e enfiou lá dentro a cabeça.

— Desculpe, professor Flitwick, posso roubar-lhe o Wood por uns minutos?

«O Wood?», pensou Harry, confuso. Seria Wood (madeira) um pau com que ia bater-lhe?

Mas afinal Wood era uma pessoa, um rapaz corpulento do quinto ano que saiu da aula de Flitwick com um ar baralhado.

— Atrás de mim, vocês os dois — indicou a professora McGonagall e eles assim fizeram, seguindo-a pelo corredor fora, Wood olhando cheio de curiosidade para Harry.

— Aqui.

A professora McGonagall fez-lhes sinal para que entrassem numa sala de aula vazia, onde Peeves, o fantasma, estava a escrever obscenidades no quadro.

— Fora daqui, Peeves! — vociferou ela. Peeves atirou o giz para um caixote de lata, que fez um grande estrondo, e saiu a praguejar.

McGonagall fechou a porta e voltou-se para os dois rapazes.

— Potter, este é o Oliver Wood. Wood, encontrei-te um *seeker*!

A expressão de Wood mudou da confusão para uma satisfação imensa.

— Está a falar a sério, professora?

— O mais a sério que é possível — disse a professora McGonagall, rápida e confiante. — O rapaz tem um dom natural, nunca vi nada assim. Foi a primeira vez que montaste uma vassoura, Potter?

Harry acenou afirmativamente. Não tinha a menor ideia do que estava a passar-se, mas não lhe parecia que estivesse para ser expulso e começou a pouco e pouco a sentir de novo as pernas.

— Ele agarrou aquela coisa com a mão depois de um mergulho de quinze metros — explicou a professora McGonagall a Wood. — Não fez um único arranhão. Nem o Charlie Weasley teria conseguido fazer isso.

Wood tinha agora a expressão de quem acaba de ver realizados todos os seus sonhos.

— Alguma vez viste um jogo de Quidditch, Potter? — perguntou, excitado.

— O Wood é o capitão da equipa dos Gryffindor — explicou ela.

— Ele até tem a estrutura de um *seeker* — comentou Wood, que andava à volta de Harry a observá-lo. — Leve, rápido, temos de lhe arranjar uma boa vassoura, Professora... uma *Nimbus Dois Mil* ou uma *Cleansweep Sete*, não acha?

— Eu vou falar com o professor Dumbledore e ver se conseguimos tornear essa regra do primeiro ano. Bem precisamos de uma equipa melhor do que a do ano passado. Humilhados como fomos no último campeonato pelos Slytherin, nem consegui olhar o Severus Snape de frente durante várias semanas...

A professora McGonagall examinou rigorosamente Harry por cima dos óculos.

— Quero ouvir dizer que treinas a sério, Potter, ou posso mudar de ideias sobre o castigo. — Em seguida sorriu-lhe abertamente. — O teu pai ficaria muito orgulhoso — concluiu. — Ele também era um excelente jogador de Quidditch.

— Estás a gozar!

Era a hora do jantar e Harry tinha acabado de relatar a Ron o que acontecera depois de abandonar o relvado. Ron tinha um pedaço de bife e empadão de batata a meio caminho da boca, mas esquecera-se deles por completo.

— *Seeker* — disse. — Mas os alunos do primeiro ano nunca... tu deves ser o jogador mais novo em cerca de...

— Um século — completou Harry, começando a comer o empadão. Sentia-se esfomeado depois de toda a excitação daquela tarde. — Diss-eme o Wood.

Ron estava tão pasmado, tão aparvalhado que não parava de olhar para o amigo.

— Começo a treinar para a semana — informou ele —, mas não contes nada a ninguém. O Wood quer manter isso em segredo.

Fred e George Weasley chegaram naquele momento ao Salão, avistaram Harry e apressaram-se a ir ter com ele:

— Boa — disse George em voz baixa. — O Wood contou-nos. Nós também fazemos parte da equipa como *beaters*.

— Não tenho dúvidas de que este ano vamos ganhar a taça de Quidditch — assegurou Fred. — Nunca mais ganhámos desde que o Charlie se foi embora, mas este ano a equipa vai ser brilhante. Tu deves ser mesmo bom, Harry. O Wood estava quase aos saltos quando nos falou de ti.

— Bem, mas temos de ir indo. O Lee Jordan acha que encontrou uma nova passagem secreta para sair da escola.

— Aposto que é aquela atrás da estátua do Gregory, o *Bajulador*, que nós descobrimos na nossa primeira semana. Até logo.

Fred e George mal tinham acabado de sair quando apareceu alguém muito pouco bem-vindo: Malfoy, escoltado por Crabbe e Goyle.

— Estás a tomar a tua última refeição, Potter? A que horas é o comboio que te vai levar de novo aos Muggles?

— Estás muito mais corajoso agora, com os dois pés no chão e os teus amiguinhos ao lado — retorquiu Harry com frieza. Crabbe e Goyle não tinham nada de «pequeno», mas como a mesa principal estava cheia de professores, nenhum deles pôde reagir, limitando-se, portanto, a estalar os dedos, lançando a Harry um olhar ameaçador.

— Entendo-me contigo noutra altura — disse Malfoy. — Hoje mesmo, se quiseses. Um duelo de feiticeiros. Só com varinhas, sem contacto. Qual é o problema? Nunca ouviste falar num duelo de varinhas?

— É claro que sim — disse Ron, rodeando a questão. — Eu sou o padrinho dele, quem é o teu?

Malfoy olhou para Crabbe e Goyle como que a medi-los.

— O Crabbe — respondeu. — À meia-noite, está certo? Encontramo-nos na sala dos troféus, que está sempre aberta.

Quando Malfoy se afastou, Ron e Harry olharam um para o outro.

— O que é um duelo de feiticeiros? — perguntou Harry. — E o que é isso de seres o meu padrinho?

— Bem, o padrinho está lá para te substituir se tu morreres — afirmou Ron com toda a naturalidade, começando finalmente a comer o empadão já frio. Contudo, ao reparar no olhar de Harry, acrescentou rapidamente: — Mas só se morre nos duelos a sério, com feiticeiros verdadeiros. O máximo que tu e o Malfoy podem conseguir é lançar faíscas um ao outro. Nenhum dos dois tem conhecimentos suficientes de magia para fazer realmente mal. Aposto que ele estava à espera de que tu recusasses.

— E se eu fizer o gesto com a varinha e não acontecer nada?

— Deita-a fora e dá-lhe um soco no nariz — foi a sugestão de Ron.

— Desculpem...

Voltaram-se os dois e olharam. Era Hermione Granger.

— Já não se pode comer em paz nesta instituição? — resmungou Ron.

Hermione fingiu não ter ouvido e dirigiu-se a Harry.

— Não pude deixar de escutar o que tu e o Malfoy estavam a dizer.

— Aposto que não pudeste mesmo — voltou a resmungar Ron.

— E... não deves andar a passear pela escola à noite. Pensa nos pontos que vais fazer perder aos Gryffindor se fores apanhado, que é o mais certo. É uma atitude de grande egoísmo da tua parte.

— E tu não tens nada a ver com isso — replicou Harry.

— Adeusinho — disse Ron.

Mas a verdade é que aquela não era a melhor maneira de acabar o dia, pensou Harry, enquanto se mantinha acordado à espera de que Dean e Seamus adormecessem (Neville ainda não voltara da enfermaria). Ron tinha passado toda a noite a dar-lhe conselhos tais como: — Se ele tentar rogar-te uma praga, esquiva-te, porque eu não me lembro de como se faz para a bloquear.

Havia bastantes possibilidades de serem apanhados pelo Filch ou pela gata, *Mrs. Norris*, e Harry achava que estava a abusar um pouco da sorte, quebrando duas regras num só dia. Por outro lado, o ar cínico de Malfoy não lhe saía da cabeça e esta era a sua grande oportunidade de o vencer cara a cara. Não podia desperdiçá-la.

— Onze e meia — murmurou Ron finalmente. — É melhor irmos indo.

Vestiram os roupões num abrir e fechar de olhos, pegaram nas varinhas e esgueiraram-se do dormitório do alto da torre pelas escadas de caracol até à sala comum dos Gryffindor. Na lareira crepitavam ainda algumas achas, cuja luz ténue transformava os cadeirões em estranhas sombras negras. Estavam quase a chegar junto do buraco do retrato quando uma voz se fez ouvir, vinda da cadeira mais próxima: — Não posso acreditar que vás mesmo fazer isto, Harry!

Acendeu-se uma luz. Era Hermione Granger que, dentro do seu roupão cor-de-rosa, ostentava um ar carrancudo.

— Volta imediatamente para a cama — disse Ron, furioso.

— Por pouco que não disse ao teu irmão — respondeu, agressiva, Hermione. — O Percy é perfeito e acabava logo com isto.

Harry não acreditava que alguém pudesse ser tão metedico.

— Anda — disse para Ron. Empurrou o retrato da Dama Gorda e passou pelo buraco.

Mas Hermione não estava disposta a desistir com tanta facilidade. Seguiu Ron pelo buraco, matraqueando-os numa voz sibilante que

lembrava um ganso zangado.

— Vocês não se preocupam com os Gryffindor, só pensam em vós próprios. Eu não quero que os Slytherin ganhem a Taça e vocês os dois vão conseguir perder todos os pontos que eu ganhei com a professora McGonagall por conhecer os Feitiços de Troca.

— Vai-te embora.

— Está bem, mas eu avisei-vos. Lembrem-se disso amanhã, quando vos meterem no comboio de regresso a casa, vocês são tão...

Mas ficaram ambos sem saber o que eram, porque Hermione, que se virara para o retrato da Dama Gorda, dera consigo em frente de um quadro vazio. A Dama Gorda tinha ido fazer uma visita nocturna e Hermione estava fechada do lado de fora da Torre dos Gryffindor.

— O que é que vou fazer agora? — perguntou com a sua voz esganiçada.

— Problema teu — disse Ron. — Nós temos de ir, senão chegamos atrasados.

Ainda não tinham atingido o fundo do corredor, quando Hermione os apanhou.

— Vou com vocês — decidiu.

— Não vens, não.

— Pensam que vou ficar aqui à espera de que o Filch me descubra? Se ele nos encontrar aos três, eu digo a verdade, que estava a tentar fazer-vos voltar para trás comigo.

— Tu tens cá uma lata... — disse Ron em voz alta.

— Calem-se os dois! — interrompeu Harry. — Ouvi qualquer coisa.

Era uma espécie de fungadela.

— *Mrs. Norris*? — sussurrou Ron, tentando vislumbrar algo na escuridão.

Não era *Mrs. Norris*. Era Neville, que estava todo enrolado no chão, num sono profundo e que acordou subitamente quando eles se aproximaram em bicos dos pés.

— Graças a Deus, encontraram-me! Estou aqui há horas. Esqueci-me da palavra-passe para chegar ao quarto.

— Fala baixo, Neville. A senha é Focinho de Porco, mas neste momento não te serve de nada. A Dama Gorda saiu do retrato e foi dar um passeio.

— Como está o teu braço? — perguntou Harry.

— Ótimo — disse Neville, mostrando-o. — A Madame Pomfrey tratou dele num instante.

— Bem, olha, Neville, nós temos de ir resolver um assunto, vemo-nos mais tarde...

— Não me deixem aqui — pediu Neville, pondo-se de pé. — Não quero

ficar sozinho, o Barão Sangrento já passou por mim duas vezes.

Ron consultou o relógio e lançou um olhar furioso a Hermione e a Neville.

— Se nós formos apanhados por vossa causa, não descanso enquanto não aprender aquela praga dos maus espíritos de que o Quirrell nos falou para a lançar sobre vocês.

Hermione abriu a boca, provavelmente para dizer a Ron como era a praga dos maus espíritos, mas Harry fez-lhes sinal para se calarem e para o seguirem.

Percorreram os corredores, iluminados por feixes de luar que entravam pelas clarabóias. A cada esquina, Harry esperava esbarrar com Filch ou com a gata, *Mrs. Norris*, mas tiveram sorte. Subiram a grande velocidade uma escada que levava ao terceiro andar e foram em bicos dos pés até à sala dos troféus.

Malfoy e Crabbe ainda não tinham chegado. As vitrinas de cristal brilhavam quando o luar as iluminava. Taças, medalhas, pratos e estatuetas de ouro e prata cintilavam no escuro.

Foram avançando encostados às paredes, com os olhos postos nas portas de ambas as extremidades da sala. Harry pegou na varinha, não fosse Malfoy saltar-lhe à frente, quando ele menos esperasse, para começar a luta.

— Ele está atrasado, talvez à última hora tenha tido medo — sussurrou Ron.

Nesse momento, um barulho na sala ao lado fê-los sobressaltarem-se. Harry tinha acabado de erguer a varinha quando ouviu uma voz... e não era a de Malfoy.

— Cheira, cheira, minha linda, eles devem estar escondidos para aí num canto.

Era Filch a falar com *Mrs. Norris*. Foram tomados de pânico. Harry fez sinais desesperados aos outros três para que o seguissem o mais depressa possível. Escaparam à socapa pela porta, para bem longe da voz de Filch. O manto de Neville tinha acabado de varrer a esquina quando ouviram Filch entrar na sala dos troféus.

— Eles estão por aqui, de certeza — ouviram-no resmungar. — Provavelmente escondidos.

— Por este lado! — indicou Harry aos outros e, cheios de medo, começaram a descer uma longa galeria cheia de armaduras. Ouviam Filch aproximar-se. Subitamente, Neville deu um grito de pavor e desatou a correr... tropeçou, agarrou Ron pela cintura e os dois foram cair sobre uma armadura de ferro.

O barulho foi tal que poderia ter acordado toda a gente no castelo.

— CORRAM! — gritou Harry e os quatro desembestaram a toda a velocidade, sem sequer olhar para trás a ver se Filch os seguia ou não... Viraram na ombreira e galgaram um corredor atrás do outro com Harry à frente sem ter a mínima ideia de onde estavam nem para onde iam. Passaram por uma tapeçaria e encontraram-se numa passagem secreta, percorreram-na a grande velocidade e foram dar perto da sala de aula de Encantamentos, que sabiam ficar a milhas da sala dos troféus.

— Acho que o despistámos — disse Harry, que mal conseguia respirar, encostando-se à parede fria e limpando a testa. Neville estava dobrado para a frente, arfando e deitando perdigotos.

— Eu avisei-vos... — alegou Hermione, agarrando-se ao peito, onde sentira uma pontada. — Eu... avisei-vos...

— Temos de voltar à torre dos Gryffindor — afirmou Ron. — O mais depressa possível.

— O Malfoy pregou-te uma partida — disse Hermione a Harry. — Já percebeste ou ainda não? Ele não tinha a menor intenção de ir ter contigo. Por outro lado, o Filch sabia que ia estar alguém na sala dos troféus. O Malfoy deve tê-lo avisado.

Harry pensou que muito provavelmente ela tinha toda a razão, mas achou melhor não lho dizer.

— Vamos embora.

Não ia ser tão simples como isso. Não tinham dado nem doze passos quando uma maçaneta girou ruidosamente e algo saiu disparado de uma sala de aula mesmo em frente.

Era Peeves, que dera pela presença deles e ficara deliciado.

— Cala-te, Peeves, se fazes favor, ainda fazes com que nos expulsem.

Peeves deu uma gargalhada vitoriosa.

— A vaguear por aqui à meia-noite, novatozinhos? Ah! Ah! Ah!, vão ser apanhados.

— Não, se tu não nos entregares, Peeves. Por favor.

— Eu devia dizer ao Filch, aí isso é que devia — disse Peeves com um tom de voz virtuoso que contrastava com o maquiavélico brilho dos olhos.

— É para o vosso bem...

— Sai da frente — disse asperamente Ron, cometendo o grave erro de lhe dar um encontrão.

— ALUNOS FORA DA CAMA! — berrou Peeves. — ALUNOS FORA DA CAMA NO CORREDOR DOS ENCANTAMENTOS!

Passando por debaixo de Peeves, todos eles se lançaram numa corrida de vida ou de morte até ao fim do corredor onde foram esbarrar com uma

porta fechada.

— Pronto — rezingou Ron, enquanto empurrava inutilmente a porta. — Estamos feitos. Desta vez é que é o fim.

Ouviram-se passos. Era Filch que acorria a toda a velocidade aos gritos de Peeves.

— Chega-te para lá — ordenou rispidamente Hermione, que, agarrando na varinha de Harry, bateu com ela na fechadura, murmurando: — *Alohomora!*

A fechadura fez um *clic* e a porta abriu-se de par em par... entraram todos de roldão, fecharam-na rapidamente e encostaram os ouvidos à porta.

— Para onde foram eles, Peeves? — perguntava Filch. — Diz lá.

— Por favor também se usa.

— Não me chateies, Peeves. Para que lado foram?

— Nada direi, enquanto não me pedires por favor — insistiu Peeves na sua voz irritante e monocórdica.

— Está bem, está bem, por favor.

— NADA! Ah! Ah! Ah!... eu disse-te que nada diria, enquanto não pedisses por favor!

E ficaram a ouvir a voz de Peeves a rir-se e a de Filch a praguejar, cheio de raiva. Ah! Ah! Ah!

— Ele pensa que esta porta está fechada à chave — murmurou Harry. — Julgo que estamos a salvo... quieto, Neville! (É que Neville estava havia quase um minuto a puxar insistentemente pela manga do roupão de Harry.) — O que é?

Harry voltou-se... e viu claramente o que era. Por momentos pareceu-lhe que tinha entrado num pesadelo. Era de mais para ele, depois de tudo aquilo por que já passara.

Não estavam numa sala como haviam imaginado e sim num corredor. O corredor proibido do terceiro andar! E agora sabiam qual o motivo por que era proibido.

Estavam a olhar directamente para os olhos de um cão monstruoso, um cão que enchia o espaço que ia do chão ao tecto. Tinha três cabeças, três pares de olhos enlouquecidos, três narizes, contorcendo-se num frémito em direcção a eles, três bocas pavorosas, a saliva pendendo como cordas dos dentes aguçados e amarelos.

Estava parado com os seis olhos fixos neles e Harry sabia que se ainda não estavam todos mortos, isso devia-se ao facto de o animal ter sido apanhado de surpresa. Mas sabia também que ele estava a refazer-se rapidamente do seu espanto. E não havia dúvidas sobre o significado daqueles rosnidos descomunais.

Tacteando, Harry procurou a maçaneta. Entre Filch e a morte, escolhia Filch.

Recuaram... Harry fechou a porta com toda a força e correram, quase voaram, pelo corredor na direcção oposta. Filch tinha ido certamente procurá-los noutro lugar, porque não voltaram a encontrá-lo, mas também não se preocuparam muito com isso. Tudo o que queriam era afastar-se o mais possível daquele monstro. Só pararam de correr quando chegaram junto do retrato da Dama Gorda no sétimo andar.

— Mas por onde é que vocês têm andado? — perguntou ela, olhando para os roupões que lhes descaíam dos ombros e para as caras afogueadas e banhadas de suor.

— Não se preocupe... focinho de porco, focinho de porco — arfou Harry, e o retrato, balançando para a frente, deu-lhes passagem. Subiram para a sala comum e caíram, cansados e a tremer, sobre os cadeirões.

Durante um bocado ninguém falou. Neville, com efeito, tinha o ar de quem nunca mais iria abrir a boca em toda a sua vida.

— Qual será a ideia de manter uma coisa daquelas aqui fechada na escola? — disse por fim Ron. — Se algum cão precisa de exercício é aquele, de certeza absoluta.

Hermione recuperara tanto o fôlego como o mau humor.

— Vocês não usam mesmo os olhos, pois não? — disse com a sua natural agressividade. — Não viram onde é que ele estava sentado?

— No chão — sugeriu Harry. — Eu não olhei para as patas dele, estava demasiado assustado com as cabeças...

— Não. Não era no chão. Ele estava sentado em cima de um alçapão. Obviamente, a guardar qualquer coisa.

Hermione levantou-se, fixando-os.

— Espero que estejam satisfeitos convosco. Podíamos ter morrido todos... ou pior, ter sido expulsos. Agora, se não se importam, vou deitar-me.

Ron ficou a olhar para ela de boca aberta.

— Não, não nos importamos — retorquiu. — Até parece que a levámos à força, não é?

Mas Hermione dera a Harry muito em que pensar, enquanto se enfiava de novo na cama. O cão estava a guardar qualquer coisa... O que é que Hagrid tinha dito? Que Gringotts era o lugar mais seguro para guardar algo secreto, com excepção talvez de Hogwarts.

Harry tinha a sensação de que acabara de descobrir onde se encontrava naquele momento o pacotezinho de aspecto sujo do cofre setecentos e treze.

X

HALLOWE'EN

Malfoy não podia acreditar no que os seus olhos viam quando, no dia seguinte, se apercebeu de que Harry e Ron continuavam em Hogwarts e que, apesar do seu aspecto cansado, se mostravam satisfeitos como era habitual. Efectivamente, naquela manhã, Harry e Ron estavam convencidos de que terem encontrado o cão das três cabeças fora uma aventura incomparável e sentiam-se já prontos para outra. Entretanto, Harry pôs Ron ao corrente do pacotezinho que, segundo ele, tinha sido trazido de Gringotts para Hogwarts e ficaram imenso tempo a especular sobre o que conteria o pacote para necessitar de tamanha protecção.

— Ou tem um grande valor ou é extremamente perigoso — observou Ron.

— Ou ambas as coisas — acrescentou Harry.

Mas tudo o que sabiam ao certo sobre o objecto misterioso era que ele tinha cerca de cinco centímetros de comprimento, o que não lhes dava margem para grandes descobertas, pelo menos enquanto não tivessem novas pistas.

Nem Neville nem Hermione manifestavam qualquer interesse em saber o que poderia estar debaixo do cão e do alçapão. A única coisa que Neville verdadeiramente queria era ter a certeza de que nunca mais se iria aproximar daquele cão.

Hermione recusava-se agora a falar a Harry e a Ron, mas como eles a consideravam uma sabichona autoritária, tomaram esse facto como um bónus. O que eles queriam era descobrir uma maneira de se vingarem de Malfoy e, para sua grande satisfação, essa possibilidade chegou pelo correio, cerca de uma semana mais tarde.

Quando as corujas voaram pelo Salão adentro como era costume, a

atenção de todos foi de imediato atraída para um embrulho estreito e comprido, transportado por seis grandes corujas-das-torres. Harry estava tão interessado como os outros em saber o que vinha naquele grande embrulho, quando as corujas desceram e o colocaram mesmo na sua frente, fazendo com que um pedaço de *bacon* lhe caísse ao chão. Tinham acabado de levantar voo quando outra coruja depôs uma carta em cima do embrulho.

Harry abriu-a em primeiro lugar e foi uma sorte, porque a carta dizia:

NÃO ABRAS O EMBRULHO À MESA

Contém a tua nova Nimbus Dois Mil, mas não quero que se fique a saber que tens uma vassoura ou todos os teus colegas vão querer ter uma. O Oliver Wood irá encontrar-se contigo hoje no campo de Quidditch às sete horas da tarde para a tua primeira aula de treino.

Professora M. McGonagall

Harry teve dificuldade em disfarçar o seu entusiasmo quando passou a nota a Ron para ele a ler.

— Uma *Nimbus Dois Mil*! — resmungou Ron, cheio de inveja. — Nunca toquei numa...

Saíram dali rapidamente, a fim de desembulhar a vassoura em privado, antes da primeira lição, mas, a meio do *Hall* de Entrada, encontraram as escadas barradas por Crabbe e por Goyle. Malfoy tirou o pacote das mãos de Harry e avaliou-lhe o peso.

— É uma vassoura — constatou, atirando-a de novo a Harry com um misto de inveja e de despeito. — Vais ser castigado por isto, Potter. Os alunos do primeiro ano não estão autorizados a ter vassouras.

Ron não resistiu.

— Não é uma vassoura velha — disse. — É uma *Nimbus Dois Mil*. O que é que tu dizes que tens em casa, Malfoy? Uma *Cometa Duzentos e Sessenta*? — Ron sorriu a Harry.

— As *Cometa* são muito aparatosas, mas não se comparam às *Nimbus*.

— E o que é que tu sabes disso, Weasley? Não tens dinheiro nem para comprar metade do cabo — respondeu maldosamente Malfoy. — Tanto quanto sei, tu e os teus irmãos têm de poupar todas as moedinhas.

Antes que Ron tivesse tempo de responder, o professor Flitwick apareceu mesmo ao lado de Malfoy.

— Não estão a discutir, pois não, rapazes?

— Mandaram uma vassoura ao Potter, Professor — respondeu Malfoy sem perder tempo.

— Sim, sim, eu sei — disse o Professor Flitwick, olhando radiante para Harry. — A professora McGonagall contou-me tudo sobre as circunstâncias especiais, Potter. E qual é o modelo?

— Uma *Nimbus Dois Mil*, Professor — informou Harry, fazendo os possíveis por não se rir perante o rosto horrorizado de Malfoy. — E foi graças ao Malfoy que consegui tê-la — acrescentou.

Harry e Ron subiram as escadarias contendo o riso perante a raiva e a confusão que se apoderaram de Malfoy.

— Até é verdade — disse Harry por entre alegres gargalhadas quando chegaram ao cimo das escadas. — Se ele não tivesse roubado o Lembrador do Neville, eu não faria agora parte da equipa.

— Portanto, debes achar que se trata de uma recompensa por teres quebrado as regras? — ouviu-se uma voz agreste mesmo atrás deles. Hermione aproximara-se deles com passadas pesadas e firmes e olhava com ar reprovador para o embrulho que Harry trazia nas mãos.

— Pensei que tinhas deixado de falar connosco — observou Harry.

— Sim, por favor, continua — pediu Ron. — Estava a ser tão agradável...

Hermione afastou-se, com o narizinho empinado.

Durante o dia, foi muito difícil a Harry manter-se concentrado nas aulas. A sua atenção vagueava entre o dormitório, onde estava a vassoura nova, debaixo da cama, e o campo de Quidditch, onde essa noite ia começar a treinar. Devorou o jantar sem mesmo se aperceber do que estava a comer e logo a seguir subiu à pressa, juntamente com Ron, para desembulhar, finalmente, a *Nimbus Dois Mil*.

— Uau! — suspirou Ron, quando a vassoura rolou sobre a colcha da cama de Harry. O próprio Harry, que não sabia absolutamente nada de vassouras, achou-a deslumbrante. Brilhante e macia, com o cabo em mogno, tinha uma longa cauda de galhos lisos e elegantes e *Nimbus Dois Mil* escrito em letras de ouro no topo do cabo.

Como as sete horas se aproximavam, Harry saiu do castelo e dirigiu-se ao campo de Quidditch, banhado àquela hora pela luz do crepúsculo. Era a primeira vez que entrava no estádio. Em volta do campo havia centenas de cadeiras dispostas em bancadas para que todos os espectadores estivessem suficientemente altos para conseguir ver o jogo. Em cada limite do campo viam-se três postes dourados com aros na extremidade que lembraram a Harry os pauzinhos de plástico com que as crianças Muggle faziam bolas de sabão. A única diferença é que estes tinham quinze metros de altura.

Demasiado ansioso por voar e incapaz de esperar por Wood, Harry montou a vassoura e pressionou os pés com força contra o chão. Que

sensação incrível... entrou e saiu a toda a velocidade pelos aros das balizas e, em seguida, cruzou várias vezes o campo velozmente. A *Nimbus Dois Mil* virava ao menor toque de mão.

— Eh, Potter, desce daí!

Era Oliver Wood que acabava de chegar. Trazia um grande estojo de madeira debaixo do braço. Harry aterrou junto dele.

— Muito bem — disse Wood, com os olhos a brilhar. — Já percebi o que a McGonagall queria dizer... tens mesmo um dom natural. Esta noite vou apenas ensinar-te as regras. Depois disso, passas a integrar os treinos da equipa, três vezes por semana.

Abriu o estojo. Lá dentro havia quatro bolas de diferentes tamanhos.

— Muito bem — prosseguiu —, o Quidditch é muito fácil de entender, embora seja bastante mais difícil de jogar. Os jogadores são sete de cada lado, três dos quais são os *chasers*.

— Três *chasers* — repetiu Harry, enquanto Wood tirava uma bola vermelho-brilhante com o tamanho aproximado de uma bola de futebol.

— Esta bola chama-se *quaffle* — explicou Wood. — Os *chasers* lançam a *quaffle* uns para os outros e tentam enfiá-la num dos aros para marcar um golo. Dez pontos de cada vez que a *quaffle* entrar por um dos aros. Estás a compreender?

— Os *chasers* lançam a *quaffle* e fazem-na passar pelos aros para marcar golos — repetiu Harry. — Então, é uma espécie de basquetebol em vassouras, com seis aros, não é?

— O que é o basquetebol? — perguntou Wood, cheio de curiosidade.

— Esquece — disse Harry sem querer perder tempo.

— Ora bem, há outro jogador de cada lado que é o *keeper*... eu sou *keeper* dos Gryffindor. Tenho de voar em volta dos nossos aros e tentar impedir que a outra equipa marque.

— Três *chasers*, um *keeper* — repetiu Harry, disposto a decorar tudo. — E eles jogam com a *quaffle*. Está bem, já percebi até aqui. Mas, então, para que são essas? — perguntou, apontando para as três outras bolas que estavam no estojo.

— Vou mostrar-te — disse Wood. — Segura nisto.

Entregou a Harry um pequeno bastão, uma espécie de taco de *rounders*.⁴

— Vou mostrar-te para que servem as *bludgers* — disse Wood. — Estas são as duas *bludgers*.

Mostrou-lhe duas bolas idênticas, totalmente pretas e ligeiramente mais pequenas do que a *quaffle* vermelha. Harry notou que elas pareciam contorcer-se num tremendo esforço por se soltarem das presilhas de couro que as prendiam dentro do estojo.

— Chega-te para trás — avisou Wood, enquanto se baixava e libertava uma das *bludgers*.

Num segundo, a bola elevou-se bem alto no ar e, em seguida, lançou-se direita à cara de Harry. Este tentou bater-lhe com o taco para impedir que ela lhe partisse o nariz e arremessou-a aos ziguezagues para longe... a bola zumbiu à volta das cabeças de ambos e acabou por atingir Wood, que se atirou para cima dela, conseguindo segurá-la contra o chão.

— Vês — disse com dificuldade Wood, metendo à força no estojo a bola lutadora e fechando-o bem.

— As *bludgers* passam como foguetes, tentando fazer com que os jogadores caiam das vassouras abaixo. É por isso que cada equipa tem dois *beaters*... os nossos são os gémeos Weasley... cuja função é proteger o seu lado das *bludgers* e arremessá-las contra o campo do adversário. Então, alguma dúvida?

— Três *chasers* tentam marcar com a *quaffle*, o *keeper* guarda os postes dos golos, os *beaters* mantêm as *bludgers* afastadas da sua equipa — papagueou Harry.

— Muito bem — elogiou Wood.

— Hã... as *bludgers* já alguma vez, por acaso, mataram alguém? — perguntou Harry, tentando parecer espontâneo.

— Em Hogwarts, nunca. Alguns maxilares quebrados, mas nada mais grave do que isso. E, por fim, o último membro da equipa é o *seeker*, que é a tua posição. E tu não tens de te preocupar com a *quaffle* nem com as *bludgers*...

— A não ser que me abram a cabeça...

— Não tenhas problemas, os Weasley chegam bem para elas... quero dizer, eles próprios já são um par de *bludgers* humanas.

Wood aproximou-se do estojo e retirou lá de dentro a quarta e última bola. Comparada com a *quaffle* e com as *bludgers*, esta era pequenina, mais ou menos do tamanho de uma noz. Era dourada e tinha umas pequenas asas cor de prata, em grande alvoroço.

— Esta — indicou Wood — é a *snitch* de ouro, a bola mais importante de todas. É muito difícil de agarrar não só por ser extremamente veloz, mas também porque é difícil de ver. A função do *seeker* é agarrá-la. Tens de avançar e recuar pelo meio dos *chasers*, dos *beaters*, das *bludgers* e da *quaffle* para conseguir agarrá-la antes do *seeker* da equipa adversária, porque aquele que agarrar a *snitch* ganha para a sua equipa cento e cinquenta pontos, ou seja, o jogo fica praticamente ganho. É por isso que os *seekers* estão sempre a ser penalizados. Um jogo de Quidditch só termina quando a *snitch* é agarrada, portanto pode demorar imenso tempo... julgo

que o tempo recorde foi de três meses e foi preciso ir arranjando constantes substitutos para que os jogadores pudessem descansar.

«Bem, é tudo. Alguma pergunta?»

Harry abanou a cabeça. Compreendera o que tinha de fazer. O problema estava em conseguir ou não fazê-lo.

— Não vamos praticar já com a *snitch* — decidiu Wood, fechando-a com todo o cuidado dentro do estojo. — Está muito escuro e podíamos correr o risco de a perder. Vamos treinar com algumas destas.

Tirou do bolso um pequeno saco cheio de bolas de golfe e, alguns minutos mais tarde, ele e Harry estavam no ar, com Wood a lançar as bolas de golfe com toda a força em várias direcções para Harry as agarrar.

Não falhou uma única e Wood ficou contentíssimo. Meia hora mais tarde, a noite caía e era impossível prosseguir.

— A taça de Quidditch este ano vai ter o nosso nome — disse Wood, satisfeitíssimo, enquanto faziam com alguma dificuldade a subida de regresso ao castelo. — Não me espantava nada se tu viesses a ser ainda melhor que o Charlie Weasley e olha que ele tinha todas as condições para jogar pela Inglaterra se não tivesse preferido andar atrás de dragões.

Talvez por estar sempre tão ocupado com os treinos de Quidditch três vezes por semana e com os trabalhos de casa, Harry nem se apercebeu de que o tempo passara e de que já estava em Hogwarts havia dois meses. Sentia-se mais em casa naquele castelo do que alguma vez se sentira em Privet Drive. As aulas estavam também a tornar-se cada vez mais interessantes, agora que tinha aprendido as bases.

Na manhã de Hallowe'en acordaram com o cheiro delicioso de abóbora cozida que «flutuava» pelos corredores. Mas, melhor ainda, foi o facto de o professor Flitwick ter anunciado, em Encantamentos, que os considerava preparados para começarem a fazer voar objectos, coisa com que eles sonhavam desde o dia em que haviam visto Flitwick fazer esvoaçar, durante uma aula, o sapo de Neville. O professor dividiu a turma em pares para praticarem. O parceiro de Harry era Seamus Finnigan (o que não deixou de ser um alívio, porque Neville andava a ver se conseguia chamar-lhe a atenção). Ron iria trabalhar com Hermione Granger e era difícil definir qual dos dois estava mais furioso com a ideia. Ela não lhes falava desde o dia da chegada da vassoura.

— Não se esqueçam daquele movimento de pulso que temos vindo a praticar! — guinchou o professor Flitwick, encarrapitado, como sempre, na pilha de livros que o fazia parecer mais alto. — Rápido e seco. E é muito importante pronunciar correctamente as palavras mágicas; lembrem-se do

feiticeiro Baruffio que substituiu um F por um S e deu por si caído no meio do chão com um búfalo em cima do peito.

Era muito difícil. Harry e Seamus fizeram movimentos rápidos e secos mas a pena, que deveria levantar voo, continuava sobre a secretária. Seamus ficou tão impaciente que resolveu picá-la com a varinha e pegou-lhe fogo. Harry teve de apagar o fogo com o próprio chapéu.

Na mesa ao lado, Ron não estava a ser mais bem sucedido.

— *Wingardium leviosa* — gritava ele, acenando com os braços como se fosse um moinho de vento.

Harry ouviu a voz de Hermione a corrigi-lo. — Estás a dizer mal. É *wingar-dium levi-o-sa*. O «gar» tem de ser longo e suave.

— Então faz tu, já que és tão espertinha — respondeu-lhe Ron.

Hermione arregaçou as mangas do seu manto, fez um movimento com a varinha e disse: *Wingardium Leviosa!*

A pena ergueu-se da secretária e flutuou um metro e tal acima das suas cabeças.

— Muito bem! — gritou o professor Flitwick, batendo as palmas. — Como todos podem ver, a Hermione Granger conseguiu!

No final da aula, Ron estava muito mal-humorado.

— Não admira que ninguém a suporte — comentou para Harry, enquanto abriam caminho pelo corredor apinhado —, ela é um verdadeiro pesadelo.

Alguém chocou com Harry, passando apressadamente por ele. Era Hermione.

Ele teve um vislumbre do seu rosto e ficou espantado por ver que estava lavada em lágrimas.

— Acho que ela ouviu o que tu dissesse.

— E daí? — disse Ron, tentando ocultar algum constrangimento. — Deve ter percebido que não tem amigos.

Hermione não apareceu na aula seguinte e ninguém a viu durante toda a tarde. Quando desciam para o Salão para a festa de Hallowe'en, Harry e Ron ouviram Parvati Patil a dizer à sua amiga Lavender que Hermione estava a chorar na casa de banho das raparigas e que queria ficar sozinha. Ron sentiu-se ainda mais incomodado ao ouvir aquilo, mas, alguns momentos mais tarde, entraram no Salão Nobre e as decorações festivas de Hallowe'en fizeram-nos esquecer por completo de Hermione.

Um milhar de morcegos esvoaçavam pelo tecto e pelas paredes enquanto outros tantos sobrevoavam as mesas em escuras nuvens baixas, que faziam estremecer, dentro das abóboras, as ténues chamas das velas. O manjar surgiu de repente nos pratos dourados, como já havia sucedido no banquete

do início do ano.

Harry estava a servir-se de uma batata com pele quando o professor Quirrell entrou a correr pela sala dentro, com o turbante às três pancadas e o terror estampado no rosto. Todos ficaram a olhar para ele, quando se aproximou da cadeira do professor Dumbledore e se encostou à mesa balbuciando: — Há um *troll* nas masmorras, achei que devia avisá-lo.

Em seguida perdeu os sentidos e caiu redondo no chão.

Gerou-se uma tremenda algazarra. O professor Dumbledore teve de agitar a varinha e lançar para o ar várias luzes cor de púrpura para conseguir impor o silêncio.

— Prefeitos — disse com uma voz que parecia o ribombar de um trovão —, conduzam as vossas equipas para os respectivos dormitórios, imediatamente.

Percy estava a postos.

— Sigam-me! Mantenham-se juntos, alunos do primeiro ano! Não há perigo desde que façam como eu vos disser. Não se afastem de mim. Abram caminho, deixem passar os alunos do primeiro ano, com licença, sou prefeito!

— Como é que um *troll* conseguiu entrar? — perguntava Harry enquanto subia as escadas.

— Não me perguntes a mim, eles costumam ser bastante estúpidos — respondeu Ron. — Talvez o Peeves lhe tenha dado entrada para nos pregar uma partida no Hallowe'en.

Passaram por vários grupos, correndo apressados em todas as direcções. Quando abriam caminho, aos solavancos, pelo meio de uma pequena multidão de Hufflepuffs, Harry, de repente, agarrou Ron por um braço.

— Acabo de me lembrar, a Hermione.

— A Hermione o quê?

— Ela não sabe do *troll*.

Ron mordeu os lábios.

— Bem, vamos lá, mas é melhor que o Percy não nos veja.

Baixando-se por entre a multidão, seguiram com os Hufflepuffs para o outro lado, esgueiraram-se para baixo, por um corredor vazio e correram até à casa de banho das raparigas. Tinham acabado de virar uma esquina quando ouviram passadas rápidas atrás deles.

— É o Percy — sussurrou Ron, puxando Harry para trás da estátua de um enorme grifo de pedra. Porém, quando olharam melhor viram que não se tratava de Percy e sim de Snape, que atravessou o corredor e desapareceu.

— O que estará ele a fazer aqui? — perguntou, baixinho, Harry. — Por

que não está lá em baixo nas masmorras com todos os outros professores?

— Isso também eu gostava de saber.

O mais silenciosamente possível, deslizaram pelo corredor fora, seguindo os passos longínquos de Snape.

— Não te cheira a nada?

Harry sentiu um cheiro pestilento invadir-lhe as narinas. Era uma mistura de meias velhas e casa de banho pública que não é lavada há muito tempo.

E foi então que o ouviram — um grunhido grosseiro e o ruído do arrastar de uns pés gigantescos. Ron apontou. Lá ao fundo, junto da passagem para a esquerda, uma coisa descomunal avançava lentamente em direcção a eles. Encolheram-se nas sombras e viram-no emergir numa mancha de luar.

Era uma visão pavorosa. Três metros e meio de altura, a pele de um cinzento-granito bastante escuro, o enorme corpo granuloso que lembrava um pedregulho com uma pequena cabeça calva no cimo, como se fosse um coco. Tinha as pernas curtas, espessas como troncos de árvore com pés gordos e cheios de calosidades. O cheiro que exalava era indescritível. Trazia na mão uma enorme moca de madeira, que arrastava pelo chão devido ao comprimento exagerado dos braços.

O *troll* parou junto de uma porta e espreitou lá para dentro. Sacudiu as longas orelhas, tentando decidir, com o seu cérebro pequenino, o que fazer. Em seguida arrastou-se lentamente lá para dentro.

— A chave está na porta — murmurou Harry. — Podíamos trancá-lo lá dentro.

— Boa ideia — disse Ron nervosamente.

Aproximaram-se da porta aberta, com as bocas secas, rezando para que o *troll* não se lembrasse de sair naquele momento. Com um salto, Harry conseguiu agarrar a chave da porta e fechá-la.

— Boa!

Entusiasmados com a vitória, começaram a correr de regresso à passagem, mas, ao chegarem à esquina, ouviram algo que fez com que os seus corações parassem de bater... um grito agudo de verdadeiro pavor e que vinha da sala que eles tinham acabado de fechar.

— Oh! Não — exclamou Ron, mais branco do que o Barão Sangrento.

— É a casa de banho das raparigas — arfou Harry em sobressalto.

— *Hermione!* — gritaram ao mesmo tempo.

Era a última coisa que queriam fazer, mas que escolha tinham agora? Dando meia volta, lançaram-se a correr até à porta e giraram a chave, atropalhados pelo pânico... Harry abriu a porta e entraram de rompante.

Hermione Granger estava toda encolhida, encostada à parede da frente, com ar de quem está prestes a perder os sentidos. O *troll* avançava para ela,

arrancando os lavatórios das paredes.

— Baralha-o — gritou Harry desesperadamente a Ron e, pegando numa torneira, arremessou-a com toda a força contra uma das paredes.

O *troll* parou a poucos centímetros de Hermione. Olhou em volta, piscando estupidamente os olhos para ver o que provocara aquele estranho barulho. Os seus olhos maldosos viram Harry. Hesitou. Em seguida voltou-se para ele, erguendo a moca no ar.

— Eh, cérebro de ervilha! — gritou Ron do outro lado da divisão, lançando-lhe um cano de metal. O *troll* nem deu pelo objecto que lhe batera no ombro, mas ouviu o grito e voltou a parar, virando o seu horroroso focinho para Ron e dando tempo a Harry para fugir.

— Vamos, corre, corre — gritou Harry a Hermione, tentando puxá-la para fora da porta, mas ela não conseguia mexer-se, continuava colada à parede, a boca aberta de terror.

A gritaria e os ecos pareciam estar a deixar o *troll* enlouquecido. Soltou novo rugido e avançou para Ron, que era quem estava mais próximo e não tinha como escapar.

Foi então que Harry fez algo simultaneamente de uma grande coragem e de uma grande estupidez: ganhou balanço, deu um enorme salto e conseguiu pôr os braços, por detrás, em volta do pescoço do *troll*. Este não sentiu o peso de Harry, mas até mesmo um *troll* não pode ficar indiferente se lhe espetarem um pedaço de madeira no nariz, e Harry tinha a varinha na mão quando saltou. Ela entrou direitinha por uma das narinas do *troll*.

Berrando de dor, o *troll* torceu-se e bateu ao acaso com o bastão, enquanto Harry se agarrava com toda a força. A qualquer momento, o *troll* poderia desalojá-lo ou dar-lhe uma enorme cacetada.

Hermione deixara-se cair, aterrorizada. Ron puxou da sua varinha e, sem saber o que fazer, deu consigo a pronunciar o primeiro feitiço que lhe veio à cabeça: *Wingardium Leviosa!*

A moca do *troll* saltou-lhe subitamente da mão e subiu, subiu no ar. Depois, voltou-se lentamente e caiu com um estrondo impressionante na cabeça do seu dono. O *troll* oscilou e estatelou-se no chão, de cara para baixo, com um estrépito tal que toda a divisão estremeceu.

Harry pôs-se de pé. Tremia e respirava com dificuldade. Ron estava ainda com o braço no ar, a segurar a varinha mágica, olhando atarantado para o que conseguira fazer.

Foi Hermione quem primeiro falou.

— Ele... estará morto?

— Acho que não — disse Harry. — Foi só posto fora de combate.

Dobrou-se e retirou a varinha do nariz do *troll*. Estava coberta por uma

substância granulosa que parecia cola cinzenta.

— Brreee! Ranho de *troll*.

Limpou-o às calças da gigantesca criatura. O súbito ruído de passos fez com que os três olhassem ao mesmo tempo. Não se haviam dado conta da algazarra que tinham feito, mas, é claro, alguém ouvira as pancadas e os roncões do *troll*. Momentos depois, a professora McGonagall entrou na divisão, seguida de perto por Snape, com Quirrell na retaguarda. Este olhou para o *troll*, suspirou como se fosse perder os sentidos e sentou-se numa sanita, com a mão no coração.

Snape inclinou-se sobre o *troll*. A professora McGonagall olhou para Ron e Harry. Nunca nenhum deles a vira tão zangada. Os lábios estavam sem cor. A esperança de ganhar cinquenta pontos para os Gryffindor desapareceu-lhes rapidamente do espírito.

— O que é que vos passou pela cabeça? — perguntou a professora McGonagall com uma voz que revelava uma raiva gélida. Harry olhou para Ron, que ainda estava de varinha no ar. — Vocês tiveram uma imensa sorte em não serem mortos. Por que é que não estão no vosso dormitório?

Snape lançou a Harry um olhar vivo e penetrante que o fez desviar os olhos para o chão. Quando é que o Ron iria baixar o braço?

Foi então que uma vozinha se fez ouvir da sombra.

— Por favor, professora McGonagall, eles andavam à minha procura.

— Miss Granger!

Hermione conseguiu finalmente pôr-se de pé.

— Eu fui procurar o *troll*, porque pensei que podia vencê-lo sozinha, uma vez que tinha lido tanto sobre eles.

Ron deixou cair a varinha. Hermione Granger a dizer uma mentira a uma professora?

— Se eles não me tivessem encontrado, estaria agora morta. O Harry enfiou-lhe a varinha mágica no nariz e o Ron atirou-o ao chão com a sua própria moca. Eles não tiveram tempo de chamar ninguém. O *troll* ia matar-me quando chegaram aqui.

Harry e Ron tentaram disfarçar como se aquela história não os surpreendesse nada.

— Bem, se é assim... — disse a professora McGonagall, olhando fixamente para os três. — Miss Granger, como é que foi pensar que podia enfrentar sozinha um *troll* da montanha?

Hermione baixou a cabeça. Harry estava mudo. Ela era a última pessoa no mundo capaz de quebrar as regras e ei-la a mentir para lhes evitar problemas. Era como se Snape tivesse começado a distribuir doces pelos alunos.

— Miss Granger, os Gryffindor perderão cinco pontos por isto — decidiu a professora McGonagall. — Estou muito decepcionada consigo. Se não lhe aconteceu nada de mal é melhor ir já direitinha para a torre dos Gryffindor, os alunos estão a terminar o banquete nas salas comuns das suas equipas.

Hermione saiu.

A professora McGonagall voltou-se para os dois rapazes.

— Bem, continuo a achar que tiveram sorte, mas não eram quaisquer dois alunos do primeiro ano que teriam conseguido vencer um *troll* da montanha adulto. Cada um de vocês ganha cinco pontos para os Gryffindor. O professor Dumbledore será avisado disto. Agora podem ir.

Saíram dali a correr e não falaram senão depois de terem subido dois andares. Era um alívio estarem longe do cheiro do *troll*, além do resto, claro.

— Devíamos ter tido mais que dez pontos — opinou Ron.

— Cinco, queres tu dizer, uma vez que ela retirou outros cinco à Hermione.

— Foi sensacional da parte dela ter-nos tirado daquele sarilho — admitiu Ron. — É claro que nós a salvámos...

— Talvez ela não precisasse de que a salvassem, se não tivéssemos fechado aquela coisa lá dentro — lembrou Harry.

Tinham chegado ao retrato da Dama Gorda.

— Focinho de porco! — disseram, entrando em seguida.

A sala comum estava atafalhada de gente e extremamente barulhenta. Todos os alunos comiam as iguarias que tinham sido enviadas para cima. Só Hermione estava sozinha junto da porta, à espera deles. Houve um momento de pausa um pouco embaraçoso. Depois, cada um dos três, sem olhar para os outros, disse, quase ao mesmo tempo, «Obrigado» e desapareceram para ir buscar os pratos.

Mas, a partir desse momento, Hermione Granger tornou-se uma amiga. Há certas coisas que, depois de partilhadas, nos obrigam a gostar uns dos outros, e enfrentar um *troll* da montanha com três metros e meio de altura era, sem dúvida, uma delas.

XI

QUIDDITCH

Quando chegou o mês de Novembro, o tempo começou a arrefecer muito. As montanhas em volta da escola ficaram de um cinzento gélido e o lago parecia aço enregelado. Todas as manhãs, o chão se cobria de geada e podia ver-se Hagrid, lá de cima, a descongelar vassouras no estádio de Quidditch, agasalhado com um enorme sobretudo de pêlo de toupeira, umas luvas de pêlo de coelho e umas enormes botifarras de pele de castor.

A temporada de Quidditch começara. No sábado, Harry iria entrar no seu primeiro jogo após semanas e semanas de treino: os Gryffindor contra os Slytherin. Se os Gryffindor vencessem, passariam ao segundo lugar no campeonato entre equipas.

Quase ninguém tinha visto Harry jogar, porque Wood assim o decidira. Era uma espécie de arma secreta. Harry seria mantido bem em segredo. Mas a notícia de que ele iria jogar como *seeker* acabou por espalhar-se e Harry já não sabia o que era pior: se as pessoas que lhe diziam que ele ia ser brilhante ou as que se ofereciam para correr por debaixo da vassoura dele com um colchão.

Era uma sorte ter finalmente Hermione como amiga. As coisas não teriam sido possíveis sem a ajuda dela nos trabalhos de casa, com todos aqueles treinos de última hora que Wood o obrigava a fazer.

Foi também ela quem lhe emprestou *O Quidditch Através dos Tempos*, que acabou por ser uma leitura muito interessante.

Harry aprendeu que havia setecentas maneiras de cometer faltas no Quidditch e que todas elas tinham ocorrido durante um jogo do Campeonato Mundial da Taça, em 1473, que os *seekers* eram geralmente os jogadores mais pequenos e mais rápidos e os acidentes mais graves de Quidditch lhes aconteciam sempre a eles, e que, apesar de as pessoas

raramente morrerem durante o jogo, sabia-se do desaparecimento de árbitros que só tinham voltado a aparecer alguns meses mais tarde, no deserto do Sara.

Hermione tornara-se mais descontraída em relação à quebra de algumas regras, desde que Ron a tinha salvado do *troll* da montanha, e estava muito mais simpática com ele.

Na véspera do primeiro jogo de Quidditch de Harry, estavam os três no pátio gelado durante o intervalo e ela tinha feito aparecer um fogo azul-brilhante que podia ser transportado dentro de um frasco de compota. Estavam de pé, a tentar aquecer-se, de costas para o fogo, quando Snape atravessou o pátio. Harry reparou, de imediato, que ele vinha a coxear. Os três chegaram-se o mais possível uns para os outros a fim de evitar que ele visse o fogo. Tinham a certeza de que não era permitido. Infelizmente, houve qualquer coisa nos seus olhares culpados que atraiu Snape e o fez aproximar-se. Não tinha visto o fogo, mas parecia estar à procura de um motivo para lhes ralar.

— O que é que tens aí, Potter?

Era *O Quidditch Através Dos Tempos*. Harry mostrou-lho.

— Os livros da biblioteca não podem sair da escola — disse o professor.

— Dá-mo. Cinco pontos a menos para os Gryffindor.

— É uma regra que ele acaba de inventar — resmungou Harry, enquanto Snape se afastava lentamente.

— O que será que ele tem na perna?

— Não sei, mas espero que lhe doa bastante — respondeu Ron com azedume.

A sala comum dos Gryffindor estava muito barulhenta nessa noite. Harry, Ron e Hermione sentaram-se junto da janela. Hermione estava a rever-lhes os trabalhos de casa de Encantamentos. Ela nunca os deixaria copiar («Como é que querem aprender assim?»), mas ao pedirem-lhe que os lesse atentamente, acabavam na mesma por ter as respostas certas.

Harry sentia-se impaciente. Queria recuperar *O Quidditch Através Dos Tempos* para se distrair e parar de pensar no jogo do dia seguinte. Por que é que havia de ter medo de Snape? Pondo-se de pé, disse aos amigos que ia pedir de novo o livro ao professor.

— Quem não vai lá sou eu — disseram ao mesmo tempo Ron e Hermione, mas Harry sabia que Snape não poderia recusar, desde que o pedido lhe fosse feito na presença de outros professores.

Desceu até à sala dos professores e bateu à porta. Não teve resposta. Voltou a bater e nada.

Teria Snape deixado o livro ali? Valia a pena tentar. Empurrou a porta entreaberta, espreitou lá para dentro e... deparou-se-lhe uma cena horripilante.

Snape e Filch estavam lá dentro, sozinhos. Snape segurava o manto acima do joelho. Uma das pernas estava mutilada e cheia de sangue. Filch passava-lhe as ligaduras.

— Maldita coisa — dizia Snape. — Como é que se pode estar atento a três cabeças ao mesmo tempo?

Harry tentou fechar a porta devagarinho, mas...

— POTTER!

O rosto de Snape contorceu-se de raiva, enquanto baixava o manto para esconder a perna. Harry engoliu em seco.

— Vinha só perguntar se podia devolver-me o livro.

— FORA DAQUI!

Harry saiu e, antes que Snape tivesse tempo de tirar mais pontos aos Gryffindor, correu a toda a velocidade pelas escadas acima.

— Conseguiu? — perguntou Ron quando ele se lhes juntou. — O que é que se passa?

Num sussurro, Harry contou-lhes tudo o que tinha visto.

— Vocês estão a compreender o que isto significa? — inquiriu quase sem fôlego. — Ele tentou passar pelo cão das três cabeças na noite de Hallowe'en. Era para lá que se dirigia quando o avistámos... ele quer aquilo que o cão está a guardar! E ponho a minha vassoura no fogo em como ele meteu cá dentro o *troll* como manobra de diversão!

Hermione estava de olhos esbugalhados.

— Não, acho que ele não faria isso — disse. — Sei que não é nada simpático, mas não ia tentar roubar uma coisa que o Dumbledore está a guardar com tanto cuidado.

— Francamente, Hermione, tu achas que todos os professores são santos — comentou Ron em tom de censura. — Eu concordo com o Harry. Não confio mesmo nada no Snape. Mas o que é que ele deseja tanto? O que estará o cão a guardar?

Harry foi deitar-se com a mesma pergunta às voltas na cabeça. Neville ressonava alto, mas ele não conseguia dormir. Tentou esvaziar a mente — precisava de descansar, o seu primeiro jogo de Quidditch começava dentro de algumas horas —, mas a expressão no rosto de Snape quando Harry lhe vira a perna não era fácil de esquecer.

O dia amanheceu frio e cheio de luz. O Salão estava inundado do cheiro delicioso das salsichas fritas e da conversa bem-disposta de todos os que

ansiavam por um bom jogo de Quidditch.

— Vens tomar o pequeno-almoço?

— Não me apetece comer nada.

— Uma torrada, pelo menos — insistiu Hermione.

— Não tenho fome.

Harry sentia-se pessimamente. Dentro de uma hora ia entrar no estádio.

— Harry, precisas de estar forte — lembrou-lhe Seamus Finnigan. — Os *seekers* são sempre aqueles que são atacados pelo outro lado.

— Obrigado, Seamus — disse Harry, enquanto o via deitar *ketchup* a jorros nas salsichas.

Cerca das onze horas, quase toda a escola enchia os lugares do estádio de Quidditch. Grande parte dos alunos tinha binóculos. Por muito elevados que fossem os assentos, era difícil, por vezes, ver tudo o que estava a acontecer.

Ron e Hermione juntaram-se a Neville, Seamus e Dean, o fã do West Ham, na bancada superior. Para grande surpresa de Harry, os amigos tinham feito uma longa faixa a partir de um dos lençóis roídos pelo *Scabbers*. Dizia: — POTTER À PRESIDÊNCIA — e Dean, que era muito bom em desenho, tinha pintado por baixo da frase o leão dos Gryffindor. Em seguida, Hermione fizera um pequeno feitiço para que a pintura brilhasse em diferentes cores.

Entretanto, nos vestiários, Harry, assim como o resto da equipa, punha o seu manto de Quidditch, vermelho-escarlata (os mantos dos Slytherin eram verdes).

Wood afinou a voz para que se fizesse silêncio.

— Muito bem, rapazes — disse.

— E raparigas — completou a *chaser* Angelina Johnson.

— Exactamente. E raparigas — concordou ele. — É agora.

— É o grande momento — disse Fred Weasley.

— O momento do qual todos nós temos estado à espera — acrescentou George.

— Já sabemos o discurso do Oliver de cor — comentou Fred dirigindo-se a Harry. — Fazíamos parte da equipa do ano passado.

— Caladinhos, vocês os dois. — Era a voz de Wood. — Esta é a melhor equipa que os Gryffindor têm desde há muitos anos. Sei que vamos vencer.

Olhou para eles como se dissesse: «Ou então...»

— Bem, está na hora. Boa sorte para todos.

Harry saiu do vestiário atrás de Fred e de George e, pedindo a todos os santos que o ajudassem a aguentar o desafio, entrou no estádio que vibrava de entusiasmo.

Madame Hooch iria arbitrar. Estava no meio do estádio à espera das duas equipas, com a vassoura na mão.

— Quero que este seja um jogo leal, ouviram todos? — recordou, dirigindo-se às duas equipas junto a ela. Harry reparou que ela se dirigia particularmente ao capitão dos Slytherin, Marcus Flint, um aluno do sexto ano. Flint parecia ter sangue de *troll*. Pelo canto do olho, Harry viu a faixa que se erguia acima da multidão, dizendo «POTTER À PRESIDÊNCIA». Sentiu o coração bater mais forte, enchendo-o de coragem.

— Montem as vassouras, por favor. — Harry subiu para a sua *Nimbus Dois Mil*.

Madame Hooch soprou com força no seu apito de prata.

Quinze vassouras elevaram-se no ar.

— E a *quaffle* é agarrada, de imediato, por Angelina Johnson dos Gryffindor... que excelente *chaser* é aquela rapariga e bastante bonita por acaso...

— JORDAN!

— Desculpe, professora.

O amigo dos gémeos Weasley, Lee Jordan, estava a fazer o relato do jogo, observado de perto pela professora McGonagall.

— E ela está a jogar forte ali em cima, uma passagem ótima para Alicia Spinnet, um bom achado do Oliver Wood que no ano passado era apenas suplente... novamente para Johnson e... oh! não, os Slytherin agarram a *quaffle*, o capitão dos Slytherin, Marcus Flint, tem a *quaffle* e aí vai ele... Flint voando como uma águia vai m... não, foi travado por uma excelente jogada do *keeper* dos Gryffindor, Wood e os Gryffindor têm agora a *quaffle*... é a *chaser* Katie Bell dos Gryffindor, excelente passe em volta de Flint, sobre o campo e... aí!... deve ter doído, atingida na nuca por uma *bludger*... a *quaffle* foi agarrada pelos Slytherin... é Adrian Pucey a voar em direcção aos postes de marcação, mas é travado pela segunda *bludger* lançada por Fred ou George Weasley, não distingo bem qual dos dois gémeos... boa jogada dos *beaters* dos Gryffindor e Johnson está de novo de posse da *quaffle*, o campo está livre à sua frente. Aí vai ela em pleno voo... foge rapidamente a uma *bludger*, está face aos postes de marcação... vamos Angelina... o *keeper* Bletchley mergulha... falha... GRYFFINDOR MARCA!!!

Os aplausos aos Gryffindor encheram o ar gélido juntamente com lamentos e uivos dos Slytherins.

— Mexam-se aí em cima.

— Hagrid!

Ron e Hermione comprimiram-se para dar espaço a que Hagrid se lhes

juntasse.

— Tenho 'tado a ver da minha cabana — disse Hagrid, que trazia um grande par de binóculos em volta do pescoço. — Mas nunc' é o mesmo que 'tar no meio da multidão. 'Inda não apareceu a *snitch*, hein?

— Não — respondeu Ron. — O Harry ainda não fez grande coisa.

— Tem 'tado longe das dificuldades. Iss' é bom — disse Hagrid, erguendo os binóculos e espreitando em direcção ao céu para a pintinha lá em cima que era Harry.

Bem acima deles, Harry planava sobre o jogo, olhando em todas as direcções em busca de um sinal da *snitch*. Aquela atitude fazia parte de um esquema concebido por ele e por Wood.

— Mantém-te fora do ângulo de visão dos outros até veres a *snitch* — avisara Wood. — Não queremos que te ataquem antes de ser absolutamente necessário.

Quando Angelina marcou, Harry fez uma série de piruetas para extravasar os seus sentimentos. Agora, estava de novo atento à *snitch*. De uma vez avistou algo dourado, mas era apenas o reflexo de um dos relógios de pulso dos gémeos e, de outra vez, uma *bludger* resolveu dirigir-se a ele como uma bola de canhão, mas Harry desviou-a e Fred Weasley veio atrás dela.

— Tudo bem, Harry? — perguntou ele numa fracção de segundo, enquanto dava uma fortíssima tacada na *bludger* lançando-a contra Marcus Flint.

— Os Slytherin a jogar — repetia Lee Jordan. — O *chaser* Pucey evita duas *bludgers*, os dois Weasleys e a *chaser* Bell e voa na direcção de... um momento... aquilo seria a *snitch*?

Um murmúrio percorreu a multidão quando Adrian Pucey largou a *quaffle*, olhando preocupado por cima do ombro para a pequena luz dourada que lhe rasara a orelha esquerda.

Harry viu-a. Com grande velocidade e entusiasmo, mergulhou atrás do vestígio de ouro. O *seeker* dos Slytherin, Terence Higgs, também a tinha visto. Colados, precipitaram-se para a *snitch* ... todos os *chasers* pareciam ter-se esquecido das suas funções, tendo parado no ar a observá-los.

Harry era mais rápido do que Higgs... via as asinhas da pequena bola redonda a agitarem-se como uma flecha à sua frente... e redobrou a velocidade... OOOHH! Um eco de raiva fez-se ouvir, vindo dos Gryffindor lá de baixo: Marcus Flint bloqueara Harry propositadamente e a vassoura deste rodopiara. Harry estava agora agarrado a ela com todas as suas forças.

— Falta — gritaram os Gryffindor.

Madame Hooch dirigiu-se, muito zangada, a Flint e em seguida assinalou um livre directo a favor dos Gryffindor. Mas, no meio da confusão, é claro, todos perderam de vista a *snitch*.

Em baixo, na bancada, Dean Thomas gritava: — Ponham-no fora, cartão vermelho!

— Isto não é futebol, Dean — lembrou-lhe Ron. — Não podem pôr jogadores fora no Quidditch e o que é isso do cartão vermelho?

Mas Hagrid estava do lado de Dean. — Deviam mudar as regras. O Flint podia ter atirado o Harry lá de cima.

Lee Jordan estava a ter dificuldade em se mostrar imparcial.

— Bem, depois desta óbvia e nojenta batota...

— Jordan — rugiu a professora McGonagall.

— Quero dizer, depois desta falta imperdoável e revoltante...

— *Jordan, estou a avisar-te...*

— Está bem, está bem. O Flint quase matou o *seeker* dos Gryffindor, o que podia ter acontecido a qualquer um, claro. Portanto, um pénalti para os Gryffindor, sofrido por Spinnet, que defende e o jogo continua. Gryffindor ainda a dominar.

Foi quando Harry desviou outra *bludger* que vinha perigosamente em direcção à sua cabeça que aquilo aconteceu. A vassoura deu uma guinada súbita e assustadora. Por uma fracção de segundo, pensou que ia mesmo cair. Agarrou-se bem com ambas as mãos, apertando os joelhos. Nunca tinha tido aquela sensação.

Voltou a acontecer pouco depois. Era como se a vassoura estivesse a tentar derrubá-lo. Mas as *Nimbus Dois Mil* não decidiam de um momento para o outro atirar as pessoas ao chão. Harry tentou regressar para junto dos postes de marcação dos Gryffindor, passou-lhe pela cabeça pedir a Wood que pedisse tempo e foi então que se apercebeu de que a vassoura estava totalmente descontrolada. Não conseguia fazê-la virar nem orientá-la fosse para onde fosse. Ziguezagueava pelos ares fazendo, de tempos a tempos, movimentos bruscos que quase o atiravam fora.

Lee continuava a comentar.

— Slytherin na liderança... Flint com a *quaffle*... passa Spinnet... passa Bell... atingido com toda a força na cara por uma *bludger*... espero que lhe parta o nariz... estou a brincar, professora, os Slytherin marcam, oh! não...

Os Slytherin estavam radiantes. Ninguém se tinha dado conta de que a vassoura de Harry estava a comportar-se daquele modo estranho. Conduzia-o lentamente, cada vez mais para cima e para mais longe do jogo, aos sacões e arranques contra os quais Harry nada podia fazer.

— Não sei qual é a ideia do Harry — resmungou Hagrid, olhando

atentamente através dos binóculos. — Quase diria qu'ele perdeu o controlo da vassoura... mas não é pos...

De repente, as pessoas em todas as bancadas começaram a apontar para cima. A vassoura entrara num rodopio com ele agarrado apenas por um braço. A multidão em peso sobressaltou-se. A vassoura de Harry dera mais um esticão e ele balançava agora, agarrando-a já só com uma das mãos.

— Ter-lhe-á acontecido alguma coisa quando o Flint o bloqueou? — perguntou Seamus num murmúrio.

— Não é possível — respondeu Hagrid, com a voz trémula. — Nada pode interferir c'uma vassoura a não ser a poderosa magia das Trevas, nenhum garoto era capaz de fazer aquilo a uma *Nimbus Dois Mil*.

Ao ouvir estas palavras, Hermione pegou nos binóculos, mas, em vez de olhar para cima para Harry, começou a procurar nervosamente, no meio da multidão.

— O que estás tu a fazer? — resmungou, pálido, Ron.

— Eu sabia — disse Hermione. — Olha, o Snape.

Ron pegou nos binóculos. Snape estava no meio da bancada, em frente da deles. Tinha os olhos postos em Harry e murmurava algo incessantemente, sem mesmo parar para respirar.

— Ele está a fazer qualquer coisa, a enfeitiçar a vassoura — observou Hermione.

— O que é que podemos fazer?

— Deixem isso comigo.

Antes que Ron pudesse dizer alguma coisa, Hermione desapareceu. Ron voltou de novo os binóculos para Harry. A vassoura vibrava com tal força que era quase impossível alguém aguentar-se por muito tempo. A multidão pusera-se de pé, olhando apavorada, enquanto os Weasley subiam para tentar ajudá-lo a passar para a vassoura de um deles, mas não servia de nada: de cada vez que se aproximavam, a vassoura subia ainda mais. Começaram então a voar em círculos, um pouco abaixo, na esperança de o agarrarem, se ele caísse.

Marcus Flint agarrou a *quaffle* e marcou cinco vezes sem que ninguém desse por isso.

— Vá lá, Hermione — suplicou Ron, desesperado.

Hermione abriu caminho através da bancada onde Snape se encontrava e corria agora pela fila atrás dele. Nem sequer parou para pedir desculpas quando, ao chocar com o professor Quirrell, o fez cair de cabeça na fila da frente. Quando chegou perto de Snape, agachou-se, pegou na varinha e murmurou algumas palavras bem escolhidas. Chispas de um azul-brilhante saltaram-lhe da varinha para a bainha do manto de Snape.

O professor demorou cerca de trinta segundos a aperceber-se de que o seu manto pegara fogo. Um grito súbito disse-lhe que tivera êxito. Recolhendo o fogo num pequeno frasco de compota que guardou no bolso, Hermione regressou ao longo da fila... Snape nunca descobriria o que tinha sucedido.

Foi o suficiente. Lá em cima, Harry conseguiu montar de novo a vassoura.

— Já podes olhar, Neville! — disse Ron. Neville soluçava com a cabeça enfiada no sobretudo de Hagrid havia quase cinco minutos.

Harry voava agora a toda a velocidade em direcção ao chão quando a multidão o viu levar a mão à boca como se fosse vomitar — aterrou no campo quase de gatas —, tossiu e uma coisinha dourada caiu-lhe na mão.

— Tenho a *snitch*! — gritou, acenando com ela acima da cabeça e pondo fim ao jogo no meio de uma grande confusão.

— Ele não a apanhou, engoliu-a — berrava ainda vinte minutos mais tarde Flint, mas ninguém lhe ligava nenhuma. Harry não quebrara as regras e Lee Jordan continuava a gritar bem alto os resultados: Gryffindor ganhara por cento e setenta pontos contra sessenta. Mas Harry não ouviu nada daquilo. Estava na cabana de Hagrid, onde este preparara um chá bem forte para ele, Ron e Hermione.

— Foi o Snape — explicava Ron. — Eu e a Hermione vimo-lo. Estava a enfeitiçar a tua vassoura, murmurando e sem tirar os olhos de ti.

— Tolice — disse Hagrid, que não ouvira uma palavra do que se tinha passado nas bancadas. — Porqu'ê qu'ele ia fazer uma coisa dessas?

Harry, Ron e Hermione olharam uns para os outros sem saber que resposta dar. Harry decidiu-se pela verdade.

— Eu descobri uma coisa acerca dele — contou a Hagrid. — Ele tentou passar por aquele cão das três cabeças na noite do Hallowe'en e foi mordido. Nós achamos que ele estava a tentar roubar aquilo que o cão está a guardar.

Hagrid deixou cair o bule no meio do chão.

— Com'ê que vocês sabem do *Fluffy*? — perguntou.

— *Fluffy*?

— Sim, ele é meu, comprei-o a um finório grego que conheci num bar o ano passado e emprestei-o ao Dumbledore p'ra guardar o...

— O quê? — perguntou Harry, ansiosamente.

— Não me façam mais perguntas — disse Hagrid bruscamente. — É segredo, pronto.

— Mas o Snape está a tentar roubá-lo.

— Tolice — repetiu Hagrid. — O Snape é um professor de Hogwarts,

não ia fazer uma coisa dessas.

— Então, por que é que ele tentou matar o Harry? — bradou Hermione.

Os acontecimentos daquela tarde tinham conseguido mudar a opinião que ela tinha de Snape.

— Eu sei reconhecer um feitiço maligno, li muito sobre isso! É preciso manter um contacto visual constante e o Snape nem pestanejava, eu vi!

— 'Tou a dizer-te que 'tás enganada! — disse Hagrid com vivacidade.

— Não sei porqu' é que a vassoura do Harry fez aquilo, mas o Snape não ia tentar matar um aluno. E vocês, ouçam bem o qu' eu digo... 'tão a meter-se em coisas que não são da vossa conta. Isso pode ser perigoso. Esqueçam aquele cão e esqueçam o qu' ele 'tá a guardar. Isso é entre o professor Dumbledore e o Nicolas Flamel...

— Ah... ah... — disse Harry. — Então existe alguém chamado Nicolas Flamel envolvido em tudo isto?

Hagrid parecia furioso consigo próprio.

XII

O ESPELHO DOS INVISÍVEIS

O Natal estava quase a chegar. Uma manhã, em meados de Dezembro, Hogwarts despertou coberta de neve. O lago tinha gelado e os gémeos Weasley foram castigados por terem feito um feitiço, colocando várias bolas de neve a seguirem Quirrell, que lhe batiam na parte de trás do turbante e ressaltavam.

As poucas corujas e mochos que conseguiram abrir caminho pelo meio do céu tempestuoso a fim de irem entregar o correio tiveram de ser tratadas por Hagrid, antes de poderem voltar a voar.

Todos estavam ansiosos pelo início das férias. Enquanto na sala comum dos Gryffindor e no Salão Nobre as lareiras estavam acesas, os corredores, cheios de correntes de ar, haviam-se tornado gelados e um vento agreste fazia bater as janelas das salas de aula. As piores aulas eram as do professor Snape, lá em baixo nas masmorras, onde o ar saía da boca como se fosse fumo e os alunos tentavam manter-se bem encostados aos caldeirões quentes.

— Tenho tanta pena — disse Draco Malfoy numa aula de Poções — de todos aqueles que têm de passar o Natal em Hogwarts porque ninguém os quer em casa.

Olhava para Harry enquanto falava. Crabbe e Goyle riam à socapa. Harry ignorou-os e continuou a pesar o pó de espinha de peixe-leão. Malfoy tornara-se ainda mais desagradável depois do desafio de Quidditch. Irritado por os Slytherin terem perdido, tentou pôr toda a gente a rir, sugerindo que um sapo com uma grande bocarra devia substituir Harry na posição de *seeker* no próximo jogo. Todavia, constatou que ninguém achava graça à sua piada, porque todos tinham ficado verdadeiramente impressionados com o modo como Harry conseguira manter-se agarrado à

imparável vassoura. Voltou então, cheio de raiva e inveja, a implicar com ele por não ter uma família como devia ser.

Era verdade que Harry não ia passar o Natal a Privet Drive. A professora McGonagall fizera na semana anterior uma lista dos alunos que iriam ficar em Hogwarts durante as férias e Harry tinha sido o primeiro a assinar. Mas não se sentia nada triste com isso. Aquele iria ser, muito provavelmente, o seu melhor Natal de sempre. Ron e os irmãos iam também ficar, porque os pais pretendiam ir à Roménia visitar Charlie.

Quando saíram das masmorras, no fim da aula de Poções, depararam com um enorme abeto que lhes barrava a passagem no corredor. Dois pés enormes surgiam por debaixo da árvore e o som de uma respiração ofegante fê-los adivinhar que por detrás do abeto se encontrava Hagrid.

— Olá, Hagrid, queres ajuda? — perguntou Ron, enfiando a cabeça por entre as ramagens.

— Não, 'tou bem, obrigado, Ron.

— Importas-te de sair da frente? — disse a voz fria de Malfoy, atrás deles. — Estás a tentar ganhar algum dinheiro extra, Weasley? Pensas ficar como guarda dos campos quando deixares Hogwarts? Aquela cabana do Hagrid deve parecer-te um palácio comparada com o lugar onde vive a tua família.

Ron atirou-se a ele no preciso momento em que Snape vinha a subir as escadas.

— WEASLEY!

Ron largou o manto de Malfoy.

— Ele foi provocado, professor Snape — disse Hagrid, a sua cara enorme surgindo por detrás da árvore. — O Malfoy estava a insultar a família dele.

— Mesmo assim, lutar é contra as regras de Hogwarts, Hagrid — declarou Snape, de forma insinuada. — Cinco pontos a menos para os Gryffindor, Weasley, e vais com sorte por não serem mais. Agora, saiam todos daqui.

Malfoy, Crabbe e Goyle empurraram bruscamente o pinheiro, espalhando agulhas por todo o lado e rindo abertamente.

— Ainda o apanho — disse Ron entredentes quando Malfoy virou costas. — Um dia destes, apanho-o.

— Eu detesto os dois — opinou Harry. — O Malfoy e o Snape.

— Vá lá, animem-se, rapazes. 'Tamos quase no Natal. Venham comigo ver o Salão, 'tá uma maravilha.

E lá foram todos atrás de Hagrid e da sua grande árvore até ao Salão, onde a professora McGonagall e o professor Flitwick estavam a colocar as

decorações de Natal.

— Ah! Hagrid, a última árvore, coloca-a ali, naquele canto, está bem?

O Salão estava espectacular. Grinaldas de azevinho e visco pendiam de todas as paredes e eram doze as altíssimas árvores de Natal que circundavam o recinto, umas cintilantes, cheias de pequeninos pingentes de gelo, outras resplandecentes com centenas de velinhas acesas.

— Quantos dias faltam p'ra vocês começarem as férias? — perguntou Hagrid.

— Só um — disse Hermione. — E isso vem lembrar-me que... Harry, Ron, temos meia hora até ao almoço... devíamos estar na biblioteca.

— É verdade — admitiu Ron, afastando o olhar do professor Flitwick, que fazia sair bolas douradas da ponta da sua varinha mágica e estava a dispô-las nas ramadas da última árvore.

— Na biblioteca? — perguntou Hagrid, seguindo-os. — Mesm' antes do começo das férias, andam muito aplicados, não acham?

— Ah! Não é para nenhum trabalho — esclareceu Harry alegremente. — Desde que fizeste referência ao Nicolas Flamel, temos andado a tentar descobrir de quem se trata.

— O quê? — Hagrid parecia chocado. — Ouçam bem, eu disse-vos p'ra se deixarem disso. Não é da vossa conta o qu'aquele cão 'tá a guardar.

— Nós só queremos descobrir quem é o Nicolas Flamel, nada mais — explicou Hermione.

— A menos que tu queiras dizer-nos e poupar-nos todo este trabalho — acrescentou Harry. — Devemos ter consultado já uma boa centena de livros e ainda não encontrámos o nome dele, dá-nos pelo menos uma pista; eu sei que li o nome dele em qualquer lado.

— Eu não digo nada de nada — respondeu Hagrid com um ar sorumbático.

— Parece, então, que temos de descobrir por nós próprios — concluiu Ron, deixando Hagrid preocupado a vê-los apressarem-se em direcção à biblioteca.

Tinham efectivamente procurado o nome de Flamel em vários livros desde que Hagrid o deixara escapar. De que outro modo poderiam saber o que Snape andava a tentar roubar? O problema estava em não saberem por onde começar, ignorando por completo o que Flamel poderia ter feito para ter o seu nome nos livros. Não era referido nos *Grandes Feiticeiros do Século Vinte*, nem nos *Nomes Notáveis do Nosso Tempo*. Também não falavam dele nas *Importantes Descobertas da Magia Moderna* nem no *Estudo dos Novos Desenvolvimentos da Feitiçaria*. E, é claro, havia ainda que ter em conta as dimensões da biblioteca. Milhares de livros, centenas

de prateleiras e de filas estreitas.

Hermione reuniu uma lista de assuntos e títulos que decidira pesquisar, enquanto Ron foi avançando ao longo de uma estante, tirando livros da prateleira ao acaso. Harry andava à volta da Secção Restrita. Não lhe saía da cabeça a ideia de que Flamel devia ser mencionado num deles.

Infelizmente, era preciso uma autorização especial, assinada por um dos professores, para consultar os livros reservados e ele sabia que nunca conseguiria obtê-la. Aqueles eram os livros que continham os poderosos ensinamentos de Magia Negra, que nunca fora ensinada em Hogwarts, e que apenas eram lidos pelos alunos mais velhos que estudavam a Defesa Contra a Magia Negra de nível avançado.

— De que é que estás à procura, rapaz?

— De nada — disse Harry.

Madame Pince, a bibliotecária, ameaçou-o com um espanador de penas.

— É melhor saíres daqui, vá, vá, fora!

Lamentando não ter tido a capacidade de inventar rapidamente uma desculpa, Harry saiu da biblioteca. Tinham decidido não perguntar a Madame Pince onde podiam encontrar Flamel. Estavam certos de que ela saberia informá-los, mas não podiam correr o risco de Snape desconfiar do que eles andavam a fazer.

Harry esperou cá fora, no corredor, para ver se Ron e Hermione tinham encontrado alguma coisa, mas sem acalentar grandes esperanças. Havia quinze dias que pesquisavam, mas, como dispunham de muito pouco tempo, geralmente entre uma e outra aula, não era de estranhar que não tivessem conseguido encontrar o que procuravam. O que lhes fazia falta era umas boas horas seguidas sem a presença de Madame Pince a espreitar por detrás deles.

Cinco minutos mais tarde, Ron e Hermione juntaram-se-lhe, abanando a cabeça, e foram almoçar.

— Vocês vão continuar a procurar enquanto eu estiver fora, não vão? — perguntou Hermione antes de começarem a almoçar. — E mandem-me uma coruja se descobrirem alguma coisa.

— E tu podes perguntar aos teus pais se eles sabem quem é o Flamel — adiantou Ron. — Não corres perigo nenhum em perguntar-lhes.

— Nenhum. São ambos dentistas — lembrou Hermione.

Logo que as férias começaram, Ron e Harry passaram a divertir-se tanto que nem se lembraram mais de Flamel. Tinham o dormitório só para eles e a sala comum estava bastante mais vazia do que era costume, o que lhes permitia ocupar sempre os melhores sofás, junto da lareira. Sentavam-se

durante horas a fio a comer tudo aquilo que pudessem assar com um espeto — pão, *crumpets*⁵, *marshmallows*⁶ — e divertiam-se a conceber estratégias para fazer com que Malfoy fosse expulso, que não passavam de meros exercícios de imaginação, pois tinham perfeita consciência de que nunca poderiam funcionar.

Ron começou também a ensinar a Harry o xadrez mágico, que era exactamente como o dos Muggles com a única diferença de que as figuras estavam vivas, o que fazia o jogo parecer-se um pouco com a direcção dos exércitos durante uma batalha. O tabuleiro e as peças de Ron eram muito antigos e gastos. Como tudo o que ele tinha, haviam pertencido antes a alguém da família, neste caso ao avô. Contudo, o facto de as peças do xadrez serem velhas não constituía um inconveniente. Ron conhecia-as tão bem que nunca tivera qualquer problema em fazê-las actuar de acordo com a sua vontade.

Harry jogava com as peças que Seamus Finnigan lhe emprestara e que não confiavam nele. É certo que não era ainda um grande jogador, mas elas não paravam de lhe dar conselhos, o que se tornava imensamente confuso: «Não me ponhas aí, não vês o cavalo dele?», «Manda antes aquele, não nos faz falta nenhuma.»

Na véspera de Natal, Harry foi para a cama ansioso pela chegada do dia seguinte, pela comida e pelo divertimento, mas sem esperar receber qualquer presente. Quando acordou, contudo, a primeira coisa que viu foi um montinho de embrulhos aos pés da sua cama.

— Feliz Natal — desejou-lhe Ron, estremunhado, enquanto Harry saía da cama e enfiava o roupão.

— Para ti também — disse Harry. — Olha para isto, há presentes para mim!

— O que é que tu esperavas, nabos? — perguntou Ron, olhando para o seu monte, que era um pouco mais alto.

Harry pegou no presente que estava em cima. Vinha embrulhado em papel castanho espesso e uns gatafunhos em toda a volta diziam *Para o Harry, do Hagrid*. Lá dentro trazia uma flauta de madeira, artesanal. Devia ter sido feita pelo próprio Hagrid. Harry soprou... o som parecia o piar de uma coruja.

O segundo presente, um pacotinho pequeno, continha uma moeda.

Recebemos a tua mensagem e enviamos-te o teu presente de Natal. Do tio Vernon e da tia Petúnia. Pegada à nota vinha uma moeda de cinquenta pence.

— É simpático — disse Harry.

Ron ficou fascinado com a moeda.

— Estranho! — exclamou ele. — Mas que formato! Isto é dinheiro?

— Podes ficar com ela — condescendeu Harry, cheio de vontade de rir com o entusiasmo do amigo.

— Do Hagrid e dos meus tios. Então, de quem serão estes outros?

— Acho que sei de onde vem esse — disse Ron, corando um pouco e apontando para um embrulho rugoso. — É da minha mãe. Eu contei-lhe que tu não ias ter presentes de Natal e... oh!, não — resmungou. — Ela fez-te uma camisola Weasley.

Harry rasgara o papel e dera com uma camisola verde-esmeralda, feita à mão, e uma grande caixa de *fudge* caseiro.

— Todos os anos ela manda-nos uma camisola — afirmou Ron, desembrulhando a dele. — E a minha é sempre castanho-avermelhada.

— É amoroso da parte dela — disse Harry, provando o *fudge*, que era muito saboroso.

O seu próximo presente também continha doces: uma grande caixa de Sapos de Chocolate de Hermione.

Faltava apenas abrir um embrulho. Harry pegou nele e sentiu-lhe o peso. Era leve. Desembrulhou-o.

Algo fluido e de um cinzento prateado deslizou para o chão onde ganhou ondulações cintilantes. Ron soltou uma exclamação abafada.

— Já ouvi falar disto — referiu com uma voz exaltada, deixando cair a caixa de Feijões de Todos os Sabores que Hermione lhe oferecera. — Se é aquilo que eu estou a pensar, é muito raro e extremamente valioso.

— O que é?

Harry apanhou o tecido prateado e brilhante do chão. Tinha um toque estranho, como se o tecido estivesse impregnado de água.

— É um Manto da Invisibilidade — disse Ron com um olhar de receio no rosto. — Tenho a certeza. Experimenta-o.

Harry pôs o Manto em volta dos ombros e Ron soltou um grito.

— É mesmo. Olha para baixo!

Harry olhou para os pés e constatou que haviam desaparecido. Precipitou-se para o espelho. Não havia dúvida. Só a cabeça se via, suspensa no ar. O corpo estava totalmente invisível. Puxou o Manto para cima da cabeça e o seu reflexo desapareceu por completo.

— Tem aqui um bilhete — reparou Ron subitamente.

Um papel caiu do embrulho.

Harry tirou o Manto e pegou na carta. Numa caligrafia apertada e floreada que ele nunca tinha visto, estava escrito o seguinte:

O teu pai deixou isto na minha posse antes de morrer. É altura de te ser

entregue. Usa-o bem.

Um bom Natal!

Não estava assinado. Harry ficou a olhar para o bilhete, enquanto Ron admirava o Manto.

— Eu daria tudo por um manto destes — confessou ele. — Tudo. Qual é o teu problema?

— Nada — disse Harry, sentindo-se estranho. Quem lhe teria enviado o Manto? Teria mesmo pertencido ao seu pai?

Antes de poder dizer ou pensar mais alguma coisa, a porta do dormitório abriu-se de par em par e Fred e George Weasley entraram de rompante. Harry escondeu rapidamente o Manto. Não lhe apetecia, por enquanto, partilhá-lo com mais ninguém.

— Feliz Natal!

— Olhem, o Harry também tem uma camisola Weasley! Fred e George usavam camisolas azuis, uma com um grande F e outra com um G.

— A do Harry é melhor do que as nossas — constatou Fred, pegando na camisola do amigo. — Ela esmerou-se mais por tu não seres da família.

— Por que é que não vestes a tua, Ron? — perguntou George. — Vá lá, veste-a, é bonita e é quentinha.

— Detesto castanho-avermelhado — resmungou Ron, triste, enfiando a camisola pela cabeça abaixo.

— A tua não tem nenhuma letra — observou George. — Acho que ela tem a certeza de que não te esqueces do teu nome. Mas nós não somos parvos, sabemos muito bem que nos chamam Gred e Forge.

— Que barulheira é esta?

Percy Weasley meteu a cabeça por entre a porta com um olhar reprovador. Estava, com certeza, a desembulhar os seus presentes, porque transportava também no braço uma camisola feita à mão que Fred agarrou.

— P de prefeito! Veste-a, Percy, vá lá, estamos todos com as nossas, até o Harry tem uma.

— Eu... não... quero — protestava Percy, com a voz empastelada, enquanto os gémeos lha enfiavam pela cabeça, entortando-lhe os óculos.

— E não te vais sentar hoje com os outros prefeitos — decidiu George. — O Natal é a festa da família.

Levaram Percy para fora do quarto com os braços presos ao corpo pelas mangas da camisola.

Nunca, em toda a sua vida, Harry tinha tido uma ceia de Natal como aquela. Uma centena de grandes perus assados, montanhas de batatas

assadas e cozidas, escudelas de grandes salsichas, terrinas de ervilhas com manteiga, molheiras de prata de caldo de carne e sumo de uvas e montes de foguetes mágicos espalhados ao longo da mesa. Estes fantásticos foguetes não se pareciam nada com os dos Muggle que os Dursley costumavam comprar com os seus brinquedinhos de plástico e chapéuzinhos de papel colorido. Harry fez explodir um dos foguetes mágicos com Fred e ele não se limitou a rebentar, saltou como uma bola de canhão e envolveu-os a todos numa nuvem de fumo azul, enquanto de lá de dentro saía um chapéu de contra-almirante e vários ratinhos brancos. Lá em cima, na mesa principal, Dumbledore tinha trocado o seu chapéu pontiagudo de feiticeiro por um gorro florido e ria entredentes de uma anedota que o professor Flitwick tinha acabado de lhe ler.

A seguir ao peru vieram *Christmas puddings* flamejantes e Percy quase partiu os dentes num leão de prata dentro da sua fatia. Harry observava Hagrid, que ia ficando cada vez mais vermelho à medida que bebia vinho, tendo acabado por beijar a professora McGonagall na bochecha. Para grande espanto de Harry, ela deu uma risadinha e corou, com o chapéu alto já à banda.

Quando Harry finalmente se levantou da mesa, ia carregado com um monte de coisas que tinham saído dos foguetes, incluindo um conjunto de balões luminosos, não explosivos, e o seu novo estojo de xadrez mágico. Os ratinhos brancos desapareceram e ele teve a desagradável sensação de que iam acabar por ser o jantar de Natal da horrorosa *Mrs. Norris*.

Harry e os Weasley passaram uma ótima tarde nos campos, travando uma renhida batalha com bolas de neve. Por fim, cheios de frio e já quase sem fôlego, regressaram à lareira da sala comum dos Gryffindor, onde Harry estreou o seu novo tabuleiro de xadrez, sendo estrondosamente vencido por Ron. Acabou por se conformar, acreditando que não teria perdido tão vergonhosamente se Percy não tivesse tentado ajudá-lo tanto.

Depois de um lanche de chá, sandes de peru, *cumpets*, *trifle* e bolo de Natal, ficaram todos tão enfartados e cheios de sono, que, antes de irem para a cama, deixaram-se ficar no sofá a ver Percy correr atrás de Fred e de George por toda a torre dos Gryffindor, tentando recuperar o distintivo que eles lhe tinham roubado.

Aquele fora, sem sombra de dúvida, o melhor Natal de toda a vida de Harry. Contudo, uma coisa havia que não lhe saía da cabeça durante todo o dia. Só quando se deitasse poderia pensar livremente no assunto: o Manto da Invisibilidade e a pessoa que o enviara.

Ron, cheio de peru e de bolo e sem nada misterioso a preocupá-lo, adormeceu mal correu as cortinas do dossel. Harry inclinou-se para o outro

lado da sua cama e tirou de lá de baixo o Manto.

Do seu pai... aquilo pertencera ao seu pai. Deixou que o tecido lhe roçasse as mãos, mais macio do que a seda, mais leve do que o ar. *Usa-o bem*, dizia o bilhete.

Tinha de experimentá-lo imediatamente. Saltou da cama e embrulhou-se nele. Olhando para baixo, para as pernas, apenas viu sombras e luar. Era um sentimento estranhíssimo.

Usa-o bem.

De repente, sentiu-se completamente acordado. Todas as divisões de Hogwarts se lhe abriam com aquele manto. A excitação fê-lo vibrar, enquanto permanecia no silêncio e no escuro. Agora podia ir onde quisesse e Filch nunca saberia.

Ron roncou a dormir. Deveria acordá-lo? Algo o deteve — era o manto do seu pai — e sentiu isso pela primeira vez... queria usá-lo sozinho.

Esgueirou-se do dormitório, desceu as escadas, atravessou a sala comum dos Gryffindor e subiu pelo buraco do retrato.

— Quem está aí? — perguntou a Dama Gorda. Harry não respondeu. Desceu rapidamente o corredor.

Aonde poderia ir? Parou com o coração a bater aceleradamente e pensou na Secção Restrita da biblioteca. Podia ficar a ler durante todo o tempo que quisesse, o tempo que fosse necessário até descobrir quem era Flamel. Dirigiu-se para lá, apertando bem contra o corpo, enquanto andava, o Manto da Invisibilidade.

A biblioteca estava escura como breu e misteriosa. Harry acendeu um candeeiro para ver o caminho e as fileiras de livros. A luz parecia flutuar sozinha no ar e, apesar de ele lhe sentir o peso e saber que era o seu braço que pegava nela, a imagem da luz solta no ar causava-lhe arrepios.

A Secção Restrita ficava na parte de trás da biblioteca. Passando com todo o cuidado por sobre a corda que separava estes livros dos outros, ergueu a luz para conseguir ler os títulos.

Não lhe diziam muito. As letras douradas, desbotadas e gastas formavam palavras em idiomas que Harry desconhecia. Alguns nem tinham título. Havia um livro com uma mancha escura que se parecia horrivelmente com sangue. Harry ficou com os cabelos em pé. Talvez fosse imaginação sua, ou talvez não, mas pareceu-lhe ouvir um sussurro vindo dos livros, como se eles soubessem que estava ali alguém que não deveria estar.

Era preciso começar por um lado qualquer. Colocando o candeeiro no chão com todo o cuidado, procurou na prateleira de baixo um livro que lhe parecesse interessante. Um volume de capa negra e prateada chamou-lhe a atenção. Retirou-o com alguma dificuldade, porque era extremamente

pesado e, apoiando-o nos joelhos, abriu-o.

Um grito agudo de fazer gelar o sangue quebrou o silêncio — o livro gritava! Harry fechou-o com um estalido, mas a gritaria continuava, uma nota aguda, constante e ensurdecadora. Caiu para trás, batendo na luz que se apagou. Completamente em pânico, Harry ouviu passos lá fora no corredor. Metendo o livro barulhento na prateleira, começou a correr. Junto da porta, passou por Filch, cujos olhos claros e estranhos olharam através dele. Harry esgueirou-se por debaixo do braço do encarregado, galgando rapidamente o corredor com o grito do livro ainda nos ouvidos.

Parou junto de uma armadura. A sua preocupação em fugir da biblioteca fora tal que nem prestara atenção ao caminho. E, como estava escuro, não fazia ideia de onde se encontrava. Sabia que havia uma armadura perto das cozinhas, mas devia estar, pelo menos, cinco pisos acima.

— O professor pediu-me que o avisasse se visse alguém a vaguear por aqui durante a noite e estava alguém na biblioteca, na Secção Restrita.

Harry sentiu o sangue subir-lhe à cabeça. Onde quer que ele estivesse, Filch conhecia um atalho, porque a sua voz untuosa estava cada vez mais próxima e, para seu grande horror, foi Snape quem lhe respondeu.

— A Secção Restrita? Bem, não deve estar longe, apanhamo-lo com certeza.

Harry ficou pregado ao chão, enquanto Filch e Snape viraram uma esquina. Não podiam vê-lo, claro, mas o corredor era estreito e, se se aproximassem muito, podiam chocar com ele — o Manto não fazia com que ele deixasse de ter um corpo sólido.

Recuou o mais silenciosamente que pôde. Havia uma porta entreaberta do lado esquerdo. Era a sua única esperança. Entrou, sustendo a respiração, tentando não tocar na porta e, para seu grande alívio, conseguiu entrar na sala sem que eles dessem por isso. Os dois seguiram em frente e Harry encostou-se à parede, respirando profundamente e ouvindo os passos de ambos a afastarem-se. Fora por pouco, por muito pouco. Precisou de alguns segundos para reparar na sala onde se escondera.

Parecia uma antiga sala de aulas. As formas escuras das secretárias e cadeiras empilhavam-se contra as paredes e havia um cesto de papéis voltado ao contrário... mas encostado à parede, de frente para ele, estava algo que não parecia pertencer ali, algo que tinha todo o aspecto de ter sido ali posto para que ninguém o encontrasse.

Era um espelho magnífico, tão alto que quase tocava no tecto, com uma moldura trabalhada a ouro e assente em dois pés de garra. No topo havia uma inscrição: *Ajese doaca rocue toeuq osamo tsorue tootc ilfero an.*

Tendo afastado o pânico com o desaparecimento de Filch e de Snape,

Harry aproximou-se, querendo mais uma vez olhar para confirmar que não via o seu reflexo. Colocou-se bem na frente do espelho.

Teve de levar as mãos à boca para não soltar um grito. Deu meia-volta com o coração mais aflito do que quando o livro tinha começado a gritar... porque não só vira o seu reflexo no espelho como o de uma multidão, mesmo ali atrás dele.

Contudo, a sala estava vazia. Com a respiração alterada, voltou-se de novo para o espelho.

Lá estava o seu reflexo, pálido e apavorado, e reflectidas atrás dele estavam pelo menos dez outras pessoas. Harry olhou por cima do ombro, mas não havia ali ninguém. Ou seriam todos invisíveis? Estaria ele numa sala cheia de gente invisível e o dom daquele espelho seria o de os reflectir a todos, invisíveis ou não?

Voltou a olhar para o espelho. Uma mulher mesmo à sua direita sorria e acenava-lhe. Ele estendeu a mão e sentiu o ar atrás de si. Se ela ali estivesse efectivamente, poderia tocar-lhe, os seus reflexos estavam tão próximos... mas apenas sentiu ar: tanto ela como os outros apenas existiam naquele espelho.

Era uma mulher muito bonita. De cabelos escuros avermelhados e os olhos... os olhos dela parecem-se com os meus, pensou Harry, aproximando-se um pouco mais do espelho. Verdes, brilhantes, exactamente com o mesmo formato. Foi então que reparou que ela estava a chorar. A sorrir e a chorar ao mesmo tempo. O homem alto e magro de cabelos pretos passou-lhe o braço por cima dos ombros. Usava óculos e o cabelo, desalinhado e rebelde, arrebitava atrás como o seu.

Harry estava agora tão próximo do espelho que o nariz quase tocava o do seu reflexo.

— Mãe? — proferiu baixinho. — Pai?

Eles limitaram-se a fitá-lo e a sorrir. E lentamente Harry olhou para os rostos de todas as outras pessoas no espelho e viu outro par de olhos verdes como os dele, outros narizes parecidos e até um velhinho que parecia ter os joelhos protuberantes como os seus. Pela primeira vez, Harry estava a ver a sua própria família, pela primeira vez na vida.

Os Potter sorriram e disseram-lhe adeus, quando ele olhou ansiosamente para eles, pressionando as mãos contra o espelho como se esperasse cair lá para dentro e alcançá-los. Um sentimento intenso apoderara-se dele, uma mescla de alegria e de profunda tristeza.

Não soube ao certo quanto tempo ali permaneceu. Os reflexos não desapareceram e ele olhou e continuou a olhar até que um ruído à distância o trouxe de volta à realidade. Não podia ficar ali. Tinha de encontrar o

caminho de regresso ao dormitório. Afastou os olhos do rosto da mãe, murmurando: — Eu volto — e saiu apressadamente da sala.

— Podias ter-me acordado — protestou Ron, de mau humor.

— Podes ir comigo amanhã à noite. Eu vou voltar lá. Quero mostrar-te o espelho.

— Eu gostava de conhecer a tua mãe e o teu pai — disse Ron, impaciente.

— E eu quero conhecer toda a tua família, todos os Weasley, vais poder mostrar-me os teus outros irmãos também.

— Podes vê-los em qualquer altura — retorquiu Ron. — É só ires à minha casa este Verão. E, se calhar, o espelho só mostra as pessoas que já morreram. Que pena não encontrarmos o Flamel. Come uma fatia de *bacon*, por que é que não estás a comer nada?

Harry não conseguia comer. Tinha visto os pais e ia voltar a vê-los nessa mesma noite. Esquecera praticamente Flamel. Não lhe parecia já tão importante como isso. Quem é que queria saber o que o cão das três cabeças estava a guardar? Que diferença faria que Snape o roubasse ou não?

— Estás mesmo bem? — perguntou Ron. — Pareces estranho.

O que Harry mais temia era não conseguir voltar a dar com a sala onde se encontrava o espelho. Com Ron também embrulhado no Manto, tinham de avançar muito mais devagar e tentaram reproduzir o percurso de Harry a partir da biblioteca, vagueando pelas passagens escuras durante quase uma hora.

— Estou gelado — queixou-se Ron. — Vamos esquecer isto e voltar para a cama.

— Não — insistiu Harry. — Eu sei que é por aqui perto.

Passaram pelo fantasma de uma feiticeira alta que deslizava em sentido contrário, mas não viram mais ninguém. No preciso momento em que Ron tinha começado a queixar-se de que sentia os pés gelados, Harry deu com a armadura.

— É aqui, aqui mesmo, aqui!

Abriram a porta. Harry tirou o Manto dos ombros e correu para o espelho.

Lá estavam eles. A sua mãe e o seu pai, radiantes por tornar a vê-lo.

— Vês? — murmurou Harry.

— Eu não vejo nada.

— Olha. Olha para eles todos...

— Eu só te vejo a ti.

— Olha melhor. Põe-te aqui onde eu estou.

Harry colocou-se ao lado dele, mas, com Ron em frente do espelho, deixara de conseguir ver a sua família, apenas via o amigo, com o seu pijama de tecido escocês.

Ron, por outro lado, olhava perplexo para a sua própria imagem.

— Olha só para mim! — exclamou.

— Vês toda a tua família em teu redor?

— Não... estou sozinho... mas estou diferente, pareço mais velho e sou Delegado dos Alunos!

— O quê?

— Sou, estou a usar o distintivo como o Bill usava e estou a segurar a taça da equipa e a taça de Quidditch... sou também capitão de Quidditch!

Ron afastou os olhos daquela fantástica visão para olhar excitado para Harry.

— Achas que este espelho mostra o futuro?

— Como é que isso é possível? Toda a minha família morreu. Deixa-me ver de novo.

— Tiveste o espelho só para ti a noite passada, dá-me mais um bocadinho de tempo.

— Tu só estás a segurar a taça de Quidditch. Qual é o interesse disso? Eu quero ver os meus pais.

— Não me empurres.

Um súbito ruído lá fora, no corredor, pôs fim à discussão. Não se tinham dado conta de que estavam a falar muito alto.

— Depressa.

Ron lançou o Manto sobre ambos no momento em que os olhos luminosos de *Mrs. Norris* surgiram à porta. Ron e Harry não se moveram, ambos preocupados com o mesmo pensamento... seria que o Manto da Invisibilidade resultava também com os gatos? Depois de um tempo que lhes pareceu nunca mais acabar, ela virou-lhes as costas.

— Não sabemos se não terá ido chamar o Filch, aposto que nos ouviu. Anda daí. — E Ron puxou Harry para fora da sala.

Na manhã seguinte, a neve ainda não tinha derretido.

— Queres jogar xadrez, Harry? — perguntou Ron.

— Não.

— E se fôssemos visitar o Hagrid?

— Não. Vai tu sozinho.

— Eu sei que estás a pensar naquele espelho, Harry. Não voltes lá esta

noite.

— Por que não?

— Não sei. É um pressentimento e, além disso, já te safaste por pouco mais de uma vez. O Filch, o Snape, e a *Mrs. Norris* andam por aí a farejar. E, apesar de não te verem, se esbarram contigo ou se bates nalguma coisa?

— Parece a Hermione.

— Estou a falar a sério, Harry. Não vás.

Mas Harry só tinha uma coisa na cabeça, que era voltar a olhar para aquele espelho e não era Ron quem iria impedi-lo.

Na terceira noite encontrou mais facilmente a sala. Ia a andar tão depressa que fazia mais barulho do que mandava a prudência, mas não encontrou ninguém pelo caminho.

Eles lá estavam. A mãe e o pai a sorrirem-lhe de novo e um dos avós acenando-lhe alegremente. Harry baixou-se para se sentar no chão em frente do espelho. Nada iria evitar que ele passasse ali a noite com a família. Absolutamente nada.

Excepto...

— Então, Harry, aqui de novo?

Harry sentiu-se gelar todo por dentro. Olhou para trás. Sentado numa das secretárias junto da parede estava nem mais nem menos que Albus Dumbledore. Sem dúvida tinha passado por ele, mas, na pressa de chegar ao espelho, nem dera por nada.

— Eu... desculpe, não o vi, professor.

— Estranho como o facto de ficares invisível te torna míope — observou Dumbledore e Harry ficou aliviado ao constatar que ele sorria.

— Portanto — prosseguiu Dumbledore, saindo da secretária para se vir sentar no chão com Harry —, tu, como centenas de outros antes de ti, descobriste as maravilhas do Espelho dos Invisíveis.

— Não sabia que se chamava assim.

— Mas, sem dúvida, já compreendeste o que ele faz!

— Ele, bem, mostra-me a minha família...

— E mostrou ao teu amigo Ron a sua própria imagem como Delegado dos Alunos.

— Como é que o senhor sabe?

— Eu não preciso de um manto para me tornar invisível — declarou Dumbledore suavemente. — Bem, mas és capaz de me dizer o que é que o Espelho dos Invisíveis nos mostra a todos?

Harry acenou negativamente com a cabeça.

— Deixa-me explicar-te. O homem mais feliz do mundo poderia usar o

Espelho dos Invisíveis como se fosse um espelho normal. Isto é, ele ver-se-ia a si próprio exactamente como era. Isto ajuda?

Harry ficou a pensar. Depois disse lentamente: — Mostra-nos o que nós queremos... tudo o que queremos...

— Sim e não — disse Dumbledore. — Mostra-nos apenas o mais profundo e intenso desejo que reside no nosso coração. Tu, que nunca conhecestes a tua família, viste-a à tua volta. O Ronald Weasley, que viveu sempre à sombra dos irmãos, viu-se sozinho, como o melhor de todos. Contudo, este espelho não nos dá nem o conhecimento nem a verdade. Muitos homens têm definhado na frente dele, hipnotizados pelo que ele lhes mostra, outros enlouqueceram sem saber se o que tinham visto era real ou mesmo possível.

«O Espelho vai ser transportado amanhã para outro lugar, Harry. E peço-te que não voltes a procurá-lo. Se voltares a encontrá-lo, estarás preparado. Não se resolve nada a divagar em sonhos, quando nos esquecemos de viver. Lembra-te disto. Agora, por que não voltas a pôr esse maravilhoso manto e vais para a cama?»

Harry levantou-se.

— Professor Dumbledore, posso fazer-lhe uma pergunta?

— É claro que sim. Acabas de a fazer — disse Dumbledore a sorrir. — Mas podes fazer outra, vá lá!

— O que vê o senhor quando olha para o espelho?

— Eu? Vejo-me a segurar um par de peúgas de lã. Harry olhou-o, pasmado.

— Peúgas quentinhas é uma coisa que faz imensa falta. Passou mais um Natal e ninguém me ofereceu um único par. Toda a gente insiste em oferecer-me livros.

Só quando já estava na cama é que Harry se apercebeu de que Dumbledore estava, de certo modo, a brincar. Mas pensou também, enquanto enxotava o *Scabbers* da almofada, que aquela fora uma pergunta bastante indiscreta.

XIII

NICOLAS FLAMEL

Dumbledore convencera Harry a não voltar a procurar o Espelho dos Invisíveis. Portanto, durante o resto das férias de Natal, o Manto da Invisibilidade ficou dobrado no fundo do seu malão. Ele bem tentava esquecer o que tinha visto naquele espelho, mas não era capaz. Começou a ter pesadelos. Sonhava sempre com os pais a desaparecerem numa explosão de luz verde, enquanto uma voz aguda se ria às gargalhadas.

— Estás a ver que o Dumbledore tinha razão, o espelho podia levar-te à loucura — advertiu Ron, quando ele lhe contou aqueles sonhos.

Hermione, que regressou um dia antes do início das aulas, viu as coisas de uma perspectiva diferente. Ficou horrorizada com a ideia de Harry andar três noites a fio a vaguear pela escola («E se o Filch te tivesse apanhado?») e desapontada por ele não ter descoberto, pelo menos, quem era Flamel.

Tinham perdido praticamente a esperança de encontrar Flamel num dos livros da biblioteca, apesar de Harry continuar a ter a certeza de que tinha lido o nome dele em qualquer lado. Mal as aulas se iniciaram, retomaram o sistema de visitas rápidas à biblioteca entre uma aula e outra. O tempo de que Harry dispunha era agora bastante reduzido devido ao recomeço dos treinos de Quidditch.

Wood estava a exigir cada vez mais da equipa. Nem a chuva infundável que viera substituir a neve conseguira quebrar-lhe o ânimo. Os Weasley queixavam-se de que ele estava a ficar fanático, mas Harry estava ao lado de Wood. Se ganhassem o próximo jogo contra os Hufflepuff, ultrapassariam os Slytherin no campeonato, pela primeira vez em sete anos. Além de querer vencer, Harry descobriu que tinha menos pesadelos quando chegava à cama bastante cansado dos treinos.

Foi então que, durante um treino particularmente molhado e cheio de

lama, Wood lhes deu aquela péssima notícia. Tinha acabado de ralar com os Weasley que, na brincadeira, não paravam de se atirarem um contra o outro em grandes mergulhos, fingindo cair das vassouras.

— Vocês parem imediatamente de armar sarilhos! — gritou. — É esse tipo de atitude que nos pode fazer perder o campeonato! O Snape vai arbitrar desta vez e vai agarrar-se a qualquer coisa para retirar pontos aos Gryffindor!

George Weasley caiu mesmo da vassoura ao ouvir estas palavras.

— O Snape vai arbitrar? — balbuciou com a boca cheia de lama. — Mas ele nunca arbitrou um jogo de Quidditch, não vai ser justo connosco se ultrapassarmos os Slytherin.

O resto da equipa aterrou ao lado de George, protestando.

— Não é por minha culpa — disse Wood. — Mas temos de garantir um jogo tão limpo que o Snape não tenha qualquer motivo para implicar connosco.

Estava tudo muito bem, pensou Harry, mas ele tinha outra razão para não querer Snape por perto enquanto jogava Quidditch...

O resto dos jogadores juntou-se para conversar, no final do treino, mas Harry foi direito à sala comum dos Gryffindor, onde encontrou Ron e Hermione a jogarem xadrez. Era o único jogo em que Hermione costumava perder o que, segundo Ron, lhe fazia muito bem.

— Não falem comigo agora — pediu Ron, quando Harry se sentou ao lado dele —, preciso de concentração — mas ao ver a expressão do amigo, perguntou: — O que é que se passa, estás com um aspecto horrível?!

Baixinho, para que ninguém mais ouvisse, Harry contou-lhes a súbita e sinistra intenção de Snape de arbitrar o jogo de Quidditch.

— Não jorges — aconselhou Hermione, de imediato.

— Diz que estás doente — lembrou-lhe Ron.

— Finge que partiste uma perna — sugeriu Hermione.

— Parte mesmo uma perna — aconselhou Ron.

— Não posso — disse Harry. — Não há nenhum *seeker* suplente. Se eu lhes faltar, os Gryffindor não poderão jogar.

Nesse momento, Neville entrou de roldão na sala comum. Todos se perguntaram como é que ele conseguira subir pelo buraco do retrato, uma vez que trazia as pernas presas uma à outra com aquilo que identificaram de imediato como sendo o Feitiço das Pernas Amarradas. Devia ter tido de saltar como um coelho durante todo o caminho até chegar à torre dos Gryffindor.

Todos se fartaram de rir com excepção de Hermione, que, sem perder tempo, pôs em prática o contrafeitiço. As pernas de Neville afastaram-se e

ele pôs-se de pé a tremer.

— O que é que aconteceu? — perguntou-lhe Hermione, ajudando-o a sentar-se junto de Harry e Ron.

— O Malfoy — disse o Neville a tremer. — Encontrei-o fora da biblioteca. Disse que andava à procura de alguém em quem praticar.

— Vai já ter com a professora McGonagall e comunica-lhe isso — disse Hermione peremptoriamente.

Neville fez que não com a cabeça.

— Não quero mais problemas — sussurrou.

— Tens de o enfrentar, Neville! — aconselhou-o Ron. — Ele está habituado a passar por cima de toda a gente, mas não é por isso que nos vamos rebaixar e facilitar-lhe a vida.

— Não precisas de me dizer que eu não sou suficientemente corajoso para estar nos Gryffindor. O Malfoy já mo disse — balbuciou Neville.

Harry meteu a mão no bolso da capa, retirou de lá um Sapo de Chocolate, o último da caixa que Hermione lhe oferecera no Natal, e deu-o a Neville, que parecia prestes a começar a chorar.

— Tu vales mais do que doze Malfoy — declarou Harry. — O Chapéu Seleccionador escolheu-te para os Gryffindor, ou não? E onde é que está o Malfoy? Nos nojentos Slytherin.

Os lábios de Neville esboçaram um ténue sorriso, enquanto desembrulhava o sapo.

— Obrigado, Harry... acho que me vou deitar. Queres este cromo? Tu fazes colecção, não fazes?

Enquanto Neville se afastava, Harry olhou para o cromo dos Feiticeiros Famosos.

— O Dumbledore de novo — disse. — Foi o primeiro que eu...

Estremeceu, os olhos fixos na parte de trás do cromo. Em seguida olhou para Ron e Hermione:

— *Encontrei-o!* — murmurou. — Encontrei o Flamel! Eu disse-vos que tinha lido sobre ele no comboio quando vinha para cá... ouçam isto: O professor Dumbledore é particularmente famoso por ter derrotado o mago negro Grindelwald em 1945, pela descoberta de doze utilizações para o sangue de dragão e *pelo seu trabalho alquímico, juntamente com o seu colega Nicolas Flamel!*

Hermione pôs-se de pé num pulo. Não se mostrava tão entusiasmada desde o dia em que recebera a nota do seu primeiro trabalho de casa.

— Fiquem aí — disse ela e correu pelas escadas acima até ao dormitório das raparigas. Harry e Ron mal tiveram tempo de trocar um olhar de espanto e já ela estava de volta com um enorme livro nas mãos.

— Nunca me lembrei de procurar aqui! — murmurou excitada. — Trouxe-o da biblioteca há umas semanas, porque me pareceu uma coisa leve para ir lendo aos bocadinhos.

— *Leve?* — admirou-se Ron, mas Hermione mandou-o ficar quieto e começou a procurar nervosamente em todas as páginas, resmungando sozinha.

Por fim encontrou aquilo de que estava à procura.

— Eu sabia! Eu sabia!

— Já podemos falar? — perguntou Ron, mas ela nem lhe deu resposta.

— Nicolas Flamel — leu ansiosamente — é o *único criador conhecido da Pedra Filosofal!*

A frase não teve o impacto que ela esperava.

— A pedra quê? — perguntaram os dois ao mesmo tempo.

— Oh, francamente, vocês não lêem nada? Vejam aqui.

Pôs-lhes o livro na frente e Harry e Ron leram:

O antigo estudo da alquimia relaciona-se com a construção da Pedra Filosofal, uma substância lendária com poderes fabulosos. A Pedra transforma qualquer metal em ouro puro. Produz também o Elixir da Vida que tornará imortal aquele que o beber.

Tem havido muitas referências à Pedra Filosofal ao longo dos séculos, mas a única que de facto existe pertence ao senhor Nicolas Flamel, que festejou o ano passado o seu 665.º aniversário e que leva uma vida tranquila em Devon, com a sua mulher Perenelle, de 658 anos.

— Estão a ver? — disse Hermione quando Harry e Ron terminaram. — O cão deve estar a guardar a Pedra Filosofal do Flamel! Aposto que ele pediu ao Dumbledore que tomasse conta dela não só porque são amigos, mas também porque devia calcular que alguém andava a tentar roubá-la. Por isso quis a Pedra fora de Gringotts!

— Uma pedra que faz ouro e nos impede de morrer! — exclamou Harry. — Não admira que o Snape ande atrás dela! Qualquer um andaria.

— E não admira que não conseguíssemos encontrar o Flamel no *Estudo dos Novos Desenvolvimentos da Feitiçaria* — disse Ron.

— Ele não é propriamente novo com seiscentos e sessenta e cinco anos de idade!

Na manhã seguinte, na aula de Defesa contra a Magia Negra, enquanto tiravam apontamentos sobre as diferentes maneiras de tratar as dentadas dos lobisomens, Harry e Ron discutiam ainda o que cada um deles faria se tivesse uma Pedra Filosofal. Apenas quando Ron disse que compraria uma

equipa de Quidditch só para ele é que Harry voltou a lembrar-se de Snape e do jogo que o esperava.

— Eu vou jogar — anunciou ele a Ron e a Hermione. — Se não o fizer, todos os Slytherin vão ficar a pensar que tenho medo de enfrentar o Snape. Vou mostrar-lhes. Acabam-se-lhes logo os sorrisinhos todos, se ganharmos o jogo.

— Desde que não tenhamos de te trazer de rastos do estádio — disse Hermione.

À medida que a data do jogo se aproximava, Harry ia ficando cada vez mais nervoso, apesar de não dizer nada a Ron nem a Hermione. O resto da equipa também não estava propriamente calma. A ideia de vencer os Slytherin no campeonato era maravilhosa, havia sete anos que ninguém conseguia fazê-lo, mas seria que iam ter essa oportunidade com um árbitro tão parcial?

Harry não sabia se era imaginação sua ou não, mas parecia estar sempre a dar de caras com Snape, para onde quer que se dirigisse. Chegou a pensar se ele não andaria a segui-lo, na tentativa de o encontrar a sós. As aulas de Poções estavam a transformar-se numa tortura semanal. Snape era tão horrroso com Harry... Teria ele descoberto que eles sabiam da Pedra Filosofal? Harry não via como tal seria possível, contudo, tinha por vezes a pavorosa sensação de que ele conseguia ler-lhes os pensamentos.

Harry sabia que quando, na tarde seguinte, Ron e Hermione lhe desejaram boa sorte, antes de ele entrar para os vestiários, nenhum deles tinha a certeza absoluta de voltar a vê-lo vivo. E esse pensamento não era propriamente reconfortante. Quase não ouviu uma palavra do discurso de incentivo de Wood, enquanto vestia o equipamento de Quidditch e pegava na sua *Nimbus Dois Mil*.

Entretanto, Ron e Hermione tinham arranjado lugar nas bancadas, ao lado de Neville, que não compreendia por que motivo eles estavam tão pálidos e preocupados nem por que se tinham lembrado de levar para o jogo as suas varinhas.

Do mesmo modo, Harry ignorava por completo que Ron e Hermione tinham andado a praticar, às escondidas, o Feitiço das Pernas Amarradas, ideia que lhes fora dada pelo modo como Malfoy o usara com Neville e estavam agora prontos a pô-lo em prática contra Snape, à primeira tentativa de este fazer mal a Harry.

— Não te esqueças, é Locomotor Mortis — murmurou Hermione enquanto Ron escondia a varinha dentro da manga.

— Eu sei — rabujou ele —, não chateies.

De novo no vestiário, Wood chamara Harry à parte.

— Não quero pressionar-te, Potter, mas se houve um dia em que agarrar a *snitch* fosse fundamental, esse dia é hoje. Vê se consegues acabar o jogo antes que o Snape favoreça demasiado os Hufflepuff.

— Está lá fora a escola em peso! — exclamou Fred Weasley, espreitando pela porta. — Caramba, até o Dumbledore veio assistir!

O coração de Harry deu um salto.

— *O Dumbledore?* — repetiu, dirigindo-se à porta para ter a certeza. Era verdade, aquela barba prateada não enganava ninguém.

Harry teve vontade de rir bem alto, tal foi o seu alívio. Estava salvo. Snape não teria coragem de tentar fazer-lhe mal na presença de Dumbledore.

Talvez fosse por isso que ele tinha um ar tão maldisposto, enquanto as equipas entravam em campo, facto que Ron também notou.

— Nunca vi o Snape com um ar tão mesquinho — comentou ele com Hermione. — Olha, começaram, ai!

Alguém acabava de atingir Ron na nuca. Fora Malfoy.

— Desculpa, Weasley, não te vi.

Malfoy esboçou um largo sorriso irónico envolvendo Crabbe e Goyle.

— Gostava de saber quanto tempo o Potter se vai aguentar, desta vez, em cima da vassoura. Alguém quer apostar? Weasley?

Ron não lhe respondeu. Snape tinha acabado de conceder aos Hufflepuff um *penalty*, porque George Weasley lhes arremessara uma *bludger*.

Hermione, que fazia figas no colo, tinha os olhos fixos em Harry, que voava em círculos sobre o jogo como um falcão, em busca da *snitch*.

— Sabes como é que, na minha opinião, eles escolhem os jogadores para os Gryffindor? — comentou Malfoy bem alto, alguns minutos mais tarde, enquanto Snape concedia aos Hufflepuff outro *penalty* sem motivo nenhum.

— São as pessoas de quem eles têm pena. Olha o Potter, que não tem pai nem mãe, os Weasley que não têm onde cair mortos. Tu deverias estar lá também, Longbottom, não tens miolos.

Neville ficou vermelho como um pimentão, mas voltou-se no lugar, olhando Malfoy bem nos olhos.

— Eu valho doze de ti — gaguejou.

Malfoy, Crabbe e Goyle rebolaram-se a rir, mas Ron, não querendo desviar os olhos do jogo, disse: — Isso mesmo, Neville.

— Longbottom, se os miolos fossem ouro, tu eras mais pobre do que o Weasley e olha que ele já é mais pobre que a pobreza.

Os nervos de Ron estavam já em franja por causa de Harry.

— Estou a avisar-te, Malfoy. Voltas a abrir a boca e eu...

— Ron — chamou subitamente Hermione. — Olha o Harry!

— O quê? Onde?

Harry fizera uma descida espectacular que merecera vivas e ovações de todo o público. Hermione pôs-se de pé com os dedos cruzados em frente da boca, enquanto Harry mergulhava direito ao chão como uma bala.

— Estás com sorte, Weasley. O teu amigo deve ter avistado dez tostões no chão! — troçou Malfoy.

Ron deu um salto e antes que Malfoy tivesse tido tempo de perceber o que se passava, já estava em cima dele, atirando-o ao chão. Neville hesitou, mas acabou por saltar pelas costas do assento para ir ajudar.

— Vá lá, Harry! — gritava Hermione, subindo para o assento para ver melhor o amigo, que a grande velocidade descia direito a Snape. Não reparara sequer que Malfoy e Ron rebojavam pelo chão, nem dera pelo tumulto e pelos gritos vindos do turbilhão de socos e murros entre Neville, Crabbe e Goyle.

Lá em cima, no ar, Snape voltou a vassoura mesmo a tempo de ver algo escarlate passar por ele, falhando-o por centímetros... no segundo seguinte Harry tinha terminado o mergulho. Com o braço no ar, vitorioso, mostrava a *snitch* que tinha na mão.

As bancadas quase vieram abaixo. Era um recorde que nunca fora atingido, jamais a *snitch* tinha sido agarrada em tão pouco tempo.

— Ron! Ron! Onde estás? O jogo acabou! O Harry venceu! Ganhámos! Os Gryffindor estão na frente! — gritava Hermione, dançando e abraçando Parvati Patil, que estava sentada na fila da frente.

Harry saltou da vassoura a centímetros do chão. Mal podia acreditar. Tinha conseguido! O jogo terminara! Durara apenas cinco minutos.

Quando os Gryffindor começaram a encher o campo, Harry viu Snape aterrar perto dele, pálido e de lábios cerrados. Sentiu então uma mão no ombro e olhou para o rosto sorridente de Dumbledore.

— Muito bem — disse Dumbledore baixinho, para que só Harry pudesse ouvir. — É bom ver que não ficaste perturbado por aquele espelho e que tens trabalhado a sério. Excelente!

Snape cuspiu causticamente para o chão.

Pouco depois, Harry saiu sozinho do vestiário para guardar a *Nimbus Dois Mil* no barracão das vassouras. Não se lembrava de alguma vez ter estado tão feliz. Fizera algo de que podia a partir de agora orgulhar-se... ninguém voltaria a dizer-lhe que só era famoso pelo nome que tinha. O ar do anoitecer nunca lhe parecera tão doce e agradável. Caminhou sobre a relva macia, revivendo os momentos após o jogo: os Gryffindor a correrem

para o levantar em ombros, Ron e Hermione lá longe, aos saltos, Ron vibrando de alegria, apesar de ter o nariz todo a sangrar.

Chegou ao barracão, encostou-se à porta de madeira e olhou para cima, para Hogwarts, com as suas janelas avermelhadas pelo pôr-do-sol. Os Gryffindor a liderar. Ele conseguira, ia mostrar ao Snape...

E por falar em Snape...

Uma silhueta encapuzada desceu sorrateiramente os degraus da frente do castelo. Não querendo obviamente ser visto, avançou tão rápido quanto lhe foi possível em direcção à floresta proibida. A vitória foi-se apagando da mente de Harry, enquanto o observava. Reconheceu o coxear daquela silhueta. Snape, a esgueirar-se para a floresta proibida, enquanto todos os outros estavam a jantar... o que é que se passaria?

Harry saltou de novo para a *Nimbus Dois Mil* e arrancou. Deslizando silenciosamente por sobre o castelo, viu Snape entrar na floresta a correr. Seguiu-o.

As árvores eram tão espessas que ele não conseguia vislumbrá-lo. Voou em círculos cada vez mais baixos, tocando os ramos cimeiros das árvores até que ouviu vozes. Planou em direcção a elas e, em seguida, aterrou sem fazer barulho no alto de uma faixa.

Trepou com todo o cuidado ao longo das pernas, bem agarrado à vassoura, tentando espreitar através das folhas.

Lá em baixo, numa espécie de clareira cheia de sombras, estava Snape, mas não se encontrava sozinho. Quirrell fazia-lhe companhia. Harry não conseguia ver-lhe o olhar mas Quirrell gaguejava como nunca. Esticou-se, tentando perceber as suas palavras.

— N-n-não s-s-ei p-por q-que quis enc-contrar-se c-comigo, logo aq-qui, Severus...

— Oh! Porque se trata de uma conversa em particular — ripostou Snape na sua voz gelada. — Ao fim e ao cabo, os estudantes não devem saber da Pedra Filosofal.

Harry inclinou-se para a frente. Quirrell continuava a gaguejar e Snape interrompeu-o.

— Já conseguiu descobrir o meio de passar por aquela besta do cão do Hagrid?

— M-m-as S-s-everus, eu...

— Você não me quer ter como inimigo. Ou quer, Quirrell? — ameaçou Snape, dando um passo em direcção a ele.

— Eu... não sei o que v-você...

— Sabe muito bem o que eu quero dizer.

Um mocho piou tão alto que Harry quase caiu da árvore abaixo.

Equilibrou-se a tempo de ouvir Snape dizer: — As suas manhas. Estou à espera.

— M... as eu não s-s-ei.

— Muito bem — cortou Snape. — Vamos voltar a conversar muito em breve, quando você tiver tido tempo de reflectir e decidir a quem quer ser leal.

Lançou o manto sobre a cabeça e desapareceu da clareira. Estava a escurecer muito rapidamente, mas Harry ainda conseguiu ver Quirrell imóvel, como que petrificado.

— Harry, onde é que tens estado? — perguntou Hermione na sua voz aguda.

— Ganhámos! Ganhámos! Ganhámos! — gritava Ron, dando palmadas nas costas do amigo. — Deixei o Malfoy com um olho negro e o Neville bateu-se sozinho contra o Crabbe e o Goyle! Ele ainda está desmaiado, mas a Madame Pomfrey diz que vai ficar bem. Os Slytherin ficaram a saber! Está toda a gente à tua espera na sala comum. Estamos a festejar, o Fred e o George fanaram uns bolos e umas coisas das cozinhas.

— Esqueçam isso agora — disse Harry, sem fôlego. — Vamos procurar uma sala vazia. Esperem só até ouvirem o que tenho para vos contar...

Harry assegurou-se de que Peeves não estava lá dentro antes de fechar a porta e, em seguida, contou-lhes o que tinha visto e ouvido.

— Portanto, estávamos certos, é a Pedra Filosofal e o Snape está a tentar obrigar o Quirrell a ajudá-lo a roubá-la. Perguntou-lhe se ele sabia como passar pelo *Fluffy* e disse qualquer coisa sobre as manhas do Quirrell... suponho que deve haver outras coisas a guardar a Pedra além do *Fluffy*, encantamentos provavelmente, e o Quirrell deve ter feito um feitiço qualquer contra a Magia Negra que o Snape precisa de quebrar para conseguir passar.

— Queres com isso dizer que a Pedra só está a salvo enquanto o Quirrell fizer frente ao Snape? — perguntou, alarmada, Hermione.

— Na próxima terça-feira já desapareceu — vaticinou Ron.

XIV

NORBERT, O DRAGÃO NORUEGUÊS

Quirrell, porém, devia ter sido mais corajoso do que eles haviam suposto. Nas semanas que se seguiram, parecia estar cada vez mais magro e mais pálido, mas não dava a impressão de ter cedido.

De cada vez que passavam pelo corredor do terceiro andar, Harry, Ron e Hermione encostavam os ouvidos à porta para se certificarem de que o *Fluffy* ainda estava a rosnar lá dentro. Snape continuava a demonstrar o seu habitual mau humor, o que, sem dúvida, significava que a Pedra continuava a salvo. Durante esses dias, sempre que Harry passava pelo professor Quirrell, sorria-lhe como que a transmitir-lhe coragem e Ron começara a dizer a todos que parassem de se rir sempre que ele gaguejava.

Hermione, contudo, tinha algo mais a preocupá-la além da Pedra Filosofal. Começara a fazer revisões e a sublinhar a várias cores os apontamentos. Harry e Ron não se teriam importado, se ela não insistisse com eles para que fizessem o mesmo.

— Hermione, falta uma eternidade para os exames!

— Dez semanas — respondeu ela. — Não é uma eternidade, é um segundo para o Nicolas Flamel.

— Mas nós não temos seiscentos anos de idade — lembrou Ron. — Além disso, o que é que tu precisas de rever, se já sabes tudo?

— O que eu preciso de rever? Vocês são doidos? Têm consciência de que precisamos de passar nestes exames para entrarmos no segundo ano? São muito importantes. Eu devia ter começado a estudar há um mês, nem sei o que me deu para não o fazer...

Infelizmente, os professores pareciam pensar exactamente como ela. Passaram-lhes tantos trabalhos de casa que as férias da Páscoa não se compararam nem de perto nem de longe com as do Natal. Era difícil

descontrair com Hermione ao lado a repetir alto as doze utilizações do sangue de dragão ou praticando movimentos com a varinha. Por entre gemidos e bocejos, Harry e Ron passavam a maior parte do tempo com ela na biblioteca, tentando acabar todos os trabalhos.

— Nunca hei-de ser capaz de me lembrar disto — desabafou Ron, uma tarde, atirando com a pena e olhando ansiosamente pela janela da biblioteca. Era o primeiro dia bonito que havia em meses. O céu estava de um azul muito clarinho e sentia-se no ar a aproximação do Verão.

Harry, que estava à procura de «díctamo» em *Um Milhar de Ervas e Fungos Mágicos*, só olhou quando ouviu Ron exclamar: — Hagrid, o que estás a fazer na biblioteca?

Hagrid surgiu, arrastando os pés e parecendo esconder qualquer coisa atrás das costas. Estava bastante deslocado naquele lugar, dentro do seu enorme sobretudo de pele de toupeira.

— 'Tava só a ver — justificou-se num tom de voz manhoso que lhes chamou a atenção. — E vocês, o qu' é que 'tão aqui a fazer? — Parecia desconfiado. — Não é à procura do Nicolas Flamel, pois não?

— Que ideia! Há imenso tempo que descobrimos quem ele é — disse Ron, tentando impressioná-lo. — E sabemos que o cão está a guardar a Pedra Fil...

— Shhh! — Hagrid olhou em volta rapidamente, certificando-se de que ninguém os ouvira. — Não te ponhas para aí a dizer isso em voz alta. O que é que te deu?

— Há algumas perguntas que queríamos efectivamente fazer-te — adiantou Harry. — Sobre o que está a guardar a Pedra além do *Fluffy*.

— Shhhhh! — voltou a fazer Hagrid. — Venham mais tarde à minha cabana. Não prometo dizer-vos nada, mas não andem p'rà'qui a espiolhar. Os estudantes não devem saber nada disto.

— Até logo — disse Harry.

Hagrid desapareceu.

— O que é que ele estaria a esconder atrás das costas? — perguntou Hermione, pensativa.

— Achas que tinha alguma coisa que ver com a Pedra?

— Vou verificar em que secção é que ele esteve — disse Ron, que já estava farto de trabalhar. Voltou minutos depois com um monte de livros nos braços e depositou-os sobre a mesa.

— Dragões — murmurou. — O Hagrid estava à procura de alguma coisa sobre dragões. Olhem só os títulos: *Espécies de Dragões do Reino Unido e da Irlanda*, *Do Ovo ao Inferno*, *Um Guia para os Guardas de Dragões*.

— O Hagrid sempre sonhou ter um dragão. Disse-mo ele no primeiro dia

em que nos conhecemos — confessou Harry.

— Mas é contra todas as nossas leis — lembrou Ron.

— A criação de dragões foi proibida pela Convenção de Feiticeiros em 1709, todos sabem disso. Seria totalmente impossível passarmos despercebidos aos Muggles se tivéssemos dragões no jardim. Além disso, não é possível domesticar dragões, é perigoso. Devias ver as queimaduras que o Charlie fez a lidar com alguns dragões selvagens na Roménia.

— Mas não há dragões selvagens no Reino Unido, pois não? — perguntou Harry.

— É claro que há — afirmou Ron —, os vulgares verdes de Gales e os pretos das Ilhas Hébridas. O Ministério da Magia tem um trabalho a abafar a sua existência, podes crer. Temos de arranjar feitiços para conseguir que os Muggles que lhes puseram a vista em cima se esqueçam por completo.

— Então, o que andarás o Hagrid a tramar? — perguntou Hermione.

Quando bateram à porta da cabana do guarda dos campos, uma hora mais tarde, ficaram espantados ao verificar que todas as cortinas estavam fechadas. Hagrid gritou: — Quem é? — antes de os mandar entrar e, em seguida, fechou devagarinho a porta sem fazer ruído.

Estava um calor sufocante lá dentro. Apesar de estar um dia quente, na lareira crepitava um fogo esplendoroso. Hagrid fez-lhes chá e ofereceu-lhes sandes de doninha que eles naturalmente recusaram.

— 'Tão, queriam fazer-me uma pergunta?

— Sim — confirmou Harry. Não valia a pena estar com rodeios. — Queríamos saber se nos podias dizer o que é que está a guardar a Pedra Filosofal além do *Fluffy*.

Hagrid olhou-o de sobrelhas cerradas.

— 'Tá claro que não posso — disse. — Primeiro, nem eu sei. Segundo, vocês já 'tão a saber de mais e por isso não vos dizia mesmo que soubesse. Aquela Pedra 'tá aqui por um bom motivo. Quase foi roubada de Gringotts; calculo que saibam disso! Fico parvo com'ê que descobriram quem era o *Fluffy*.

— Vá lá, Hagrid, tu podes não querer dizer-nos, mas não tentes convencer-nos de que não sabes. Tu estás a par de tudo o que se passa por aqui — declarou Hermione com uma voz sedutora.

— Nós só gostaríamos de saber em quem terá o Dumbledore confiado tanto para o ajudar nisto, além de ti.

O peito de Hagrid inchou com estas últimas palavras. Harry e Ron olharam espantados para Hermione.

— Eu suponho que não fará mal dizer-vos isto... eu... ele pediu-me o *Fluffy* emprestado e depois alguns dos professores fizeram uns feitiços... a professora Sprout, o professor Flitwick, a professora McGonagall — Hagrid contava-os pelos dedos —, o professor Quirrell e o próprio Dumbledore, claro. Ah, esquecia-me de um, o professor Snape.

— O Snape?

— Sim, 'inda não sabiam isto, vocês. 'Tão a ver, o Snape ajudou a proteger a Pedra. Não se ia pôr depois a roubá-la...

Harry tinha a certeza de que Ron e Hermione estavam a pensar o mesmo que ele.

Se o Snape tivesse feito parte desse grupo, ter-lhe-ia sido fácil descobrir como os outros professores haviam protegido a Pedra. Ele parecia saber tudo menos o feitiço de Quirrell e como passar pelo *Fluffy*.

— Tu és o único que sabe como é possível passar pelo *Fluffy*, não és? — perguntou Harry cheio de curiosidade. — E nunca dirias a ninguém, pois não, a nenhum dos professores?

— A ninguém a não ser ao Dumbledore — afirmou Hagrid cheio de orgulho.

— Bem, isso já é qualquer coisa — murmurou Harry aos outros. — Hagrid, não se pode abrir uma janela, estou a sufocar?

— Não posso, Harry, desculpa. — Harry reparou no modo como ele olhava para o fogo. Seguiu-lhe o olhar.

— O que é aquilo, Hagrid?

Mas ele já descobrira o que era. Bem no meio do lume, por debaixo da chaleira, estava um enorme ovo negro.

— Ah! — exclamou Hagrid, coçando nervosamente a barba. — Aquilo é... hã...

— Onde o arranjaste, Hagrid? — perguntou Ron, inclinando-se para o lume para o ver mais de perto. — Deve ter-te custado uma fortuna.

— Ganhei-o — disse Hagrid. — A noite passada fui à vila tomar umas bebidas e comecei a jogar às cartas c'um desconhecido. Até acho qu'ele ficou satisfeito por se ver livre dele.

— Mas o que é que vais fazer com ele depois de o chocar? — perguntou Hermione.

— Bem, tenh'andado a ler — disse Hagrid, retirando um grande livro de debaixo da almofada. — Trouxe este da biblioteca... *Criação de Dragões para Prazer e Utilização*, 'tá um pouc' ultrapassado, mas diz aqui tudo. Manter o ovo ao lume, porque as mães respiram sobre eles, e quando o bebé dragão nascer, alimente-o com um balde de brande misturado com sangue de galinha, de meia em meia hora. E aqui, 'tão a ver?, é como se

reconhecem os diferentes ovos. O qu'eu tenho é um dragão negro norueguês. São muito raros.

Parecia extremamente feliz consigo próprio, mas Hermione não.

— Hagrid, tu vives numa casa de madeira — constatou ela.

Mas Hagrid não estava a ouvi-la. Sentia-se alegre enquanto reavivava o lume.

Portanto, agora tinham outra preocupação: o que poderia acontecer a Hagrid se alguém descobrisse que ele mantinha ilegalmente um dragão dentro da cabana.

— Pergunto-me às vezes como será ter uma vida calma — suspirava Ron, à medida que, serão após serão, travavam uma dura batalha para conseguir fazer todo o trabalho de casa que lhes era passado pelos professores. Hermione tinha já começado a fazer horários de revisões para eles os dois, o que os levava quase à loucura.

Até que uma manhã, durante o pequeno-almoço, *Hedwig* trouxe a Harry mais um bilhete de Hagrid. Ele escrevera apenas duas palavras: Está a nascer.

Ron queria faltar à aula de Herbologia e ir direito à cabana, mas Hermione nem considerou a hipótese.

— Hermione, quantas vezes na vida vamos poder assistir ao nascimento de um dragão?

— Temos aulas e isso vai criar-nos problemas. Não fazes sequer ideia do que poderá acontecer ao Hagrid quando alguém descobrir o que ele anda a fazer.

— Cala-te — murmurou Harry.

Malfoy estava a poucos centímetros de distância e tinha parado, morto por ouvir a conversa. Teria conseguido captar alguma coisa? Harry não gostou absolutamente nada da expressão que viu na cara dele.

Ron e Hermione discutiram durante quase todo o caminho até à aula de Herbologia e no fim ela acabou por concordar em darem uma corridinha até à cabana de Hagrid durante o intervalo grande, a meio da manhã. Quando tocou a campainha no final da aula, os três largaram as pequenas pás côncavas com que estavam a trabalhar e partiram apressados através dos campos até à beira da floresta. Hagrid cumprimentou-os, excitado e entusiasmadíssimo.

— 'Tá quase! — e fê-los entrar, sem perda de tempo.

O ovo estava sobre a mesa e tinha grandes rachas. Algo lá dentro movia-se. Ouvia-se nitidamente um barulhinho que vinha do interior.

Todos eles puxaram as cadeiras para junto da mesa e ficaram à espera,

com a respiração suspensa.

De um momento para o outro, ouviu-se um arranhar e o ovo abriu-se. O bebê dragão tombou pesadamente sobre a mesa. Não era propriamente bonito.

Segundo Harry, parecia um guarda-chuva preto, todo amarrutado, com umas asas enormes em comparação com o corpo negro escanzelado. Tinha um focinho grande com narinas dilatadas, os cotos dos corninhos à vista e uns olhos protuberantes cor de laranja.

Espirrou e uma série de faíscas saltaram-lhe do focinho.

— Não é *lindo*? — murmurou Hagrid. Estendeu a mão para fazer uma carícia na cabeça do pequeno dragão, mas ele tentou abocanhá-la, mostrando-lhe os dentes afiados.

— Olha, ele conhece a sua mamã — maravilhou-se Hagrid.

— Hagrid — perguntou Hermione —, quanto tempo leva exactamente um dragão norueguês a crescer?

Hagrid ia responder, quando a cor lhe desapareceu do rosto... deu um salto até à janela.

— O que é que se passa?

— 'Tava alguém a espreitar p'la fresta das cortinas, um garoto que vai a correr em direcção à escola.

Harry correu para a porta e espreitou. Mesmo à distância não lhe restava a menor dúvida.

Malfoy vira o dragão.

No decorrer da semana seguinte, algo no sorriso cínico de Malfoy deixou Harry, Ron e Hermione bastante nervosos. Passaram praticamente todo o seu tempo livre na cabana de Hagrid, tentando chamá-lo à razão.

— Deixa-o ir — sugeriu Harry —, liberta-o.

— Não posso — disse Hagrid —, é demasiado pequeno, morreria logo.

Olharam para o dragão. Crescera para o triplo do tamanho em apenas uma semana. Saía-lhe fumo pelas narinas. Hagrid deixara de fazer as suas obrigações como guarda dos campos, porque o dragãozinho mantinha-o ocupado de manhã à noite. O chão estava repleto de garrafas vazias de brande e penas de galinha.

— Decidi chamar-lhe *Norbert* — informou Hagrid, olhando para o dragão com os olhos turvos pelas lágrimas. — Ele agora já me conhece mesmo, reparem só. *Norbert! Norbert!* Onde está a mamã?

— Ele passou-se — murmurou Ron ao ouvido de Harry.

— Hagrid — gritou Harry —, dentro de quinze dias, o *Norbert* vai ter o tamanho da tua casa. O Malfoy pode ir denunciar-te ao Dumbledore a

qualquer momento.

Hagrid mordeu o lábio.

— Eu sei que não posso ficar com ele p’ra sempre. Mas não posso abandoná-lo, não posso.

Harry voltou-se subitamente para Ron.

— Charlie! — proferiu.

— Mau, também te estás a passar? Eu sou o Ron.

— Não é isso. O teu irmão Charlie, que está na Roménia a estudar dragões. Podíamos mandar-lhe o *Norbert*. O Charlie podia tomar conta dele nos primeiros tempos e depois devolvê-lo à liberdade!

— Fantástico! — exclamou Ron. — E o Hagrid?

Mas no fim Hagrid concordou e disse que podiam mandar uma coruja a Charlie a perguntar se ele aceitava esse encargo.

A semana seguinte passou a correr. Na quarta-feira à noite, Hermione e Harry estavam sentados na sala comum, depois de toda a gente ter ido para a cama. O relógio de parede tinha dado a meia-noite quando o buraco do retrato se abriu. Ron apareceu não se sabe de onde, tirando o Manto da Invisibilidade de Harry. Estivera na cabana, ajudando a alimentar o *Norbert*, que comia agora ratos mortos através de uma grade.

— Mordeu-me — disse ele, mostrando-lhes a mão embrulhada num lenço ensanguentado. — Não vou conseguir pegar numa pena durante uma semana. Acho que aquele dragão é o animal mais horroroso que alguma vez encontrei, mas da maneira como o Hagrid está, parece-lhe tão fofinho como um coelho. Quando ele me mordeu, mandou-me embora por o ter assustado e quando saí, estava a cantar-lhe uma canção de embalar.

Ouviu-se um ruído na janela escura.

— É a *Hedwig*! — informou Harry, apressando-se a deixá-la entrar. — Deve trazer notícias do Charlie!

Os três juntaram as cabeças e leram o bilhete.

Querido Ron

Como estás? Obrigado pela tua carta. Terei todo o gosto em tomar conta do dragão norueguês, mas não vai ser fácil fazê-lo chegar aqui. Julgo que o melhor será mandá-lo por uns amigos meus que vêm visitar-me na próxima semana. O problema é que não podem ser vistos a transportar um dragão ilegal.

Poderias levar o dragão até à torre mais alta, no sábado à meia-noite? Eles irão aí ter contigo e trazem o dragão enquanto está escuro.

Responde-me tão breve quanto possível.

Um abraço do teu irmão,

Charlie

Olharam uns para os outros.

— Temos o Manto da Invisibilidade — lembrou Harry. — Não deve ser muito difícil... julgo que ele é suficientemente grande para cobrir dois de nós e o *Norbert*.

O facto de os outros dois terem concordado de imediato era bem a prova de como a semana tinha sido má. Valia tudo para se verem livres do *Norbert*... e de Malfoy.

Havia uma dificuldade. Na manhã seguinte, a mão de Ron que fora mordida tinha inchado para o dobro do tamanho e ele não sabia se seria prudente ir procurar Madame Pomfrey... iria ela reconhecer a ferida como sendo uma dentada de dragão?

Mas, de tarde, não teve mesmo outra alternativa. A ferida tornara-se esverdeada, como se os dentes do *Norbert* fossem venenosos.

Harry e Hermione correram até à enfermaria e foram dar com Ron de cama, num estado lastimoso.

— Não é só a mão — murmurou. — Embora me doa tanto que parece que vai cair. O Malfoy disse à Madame Pomfrey que precisava de me pedir um livro emprestado só para poder vir aqui gozar comigo. Fartou-se de me ameaçar que ia denunciar à Madame Pomfrey quem me dera a dentada... eu disse-lhe que tinha sido um cão, mas não sei se ela acreditou. Eu não devia ter atacado o Malfoy no jogo de Quidditch, agora está a vingar-se.

Harry e Hermione tentaram acalmá-lo.

— É só até sábado, à meia-noite — lembrou Hermione, mas não foi o suficiente para acalmar Ron. Pelo contrário. Sentou-se e começou a lamentar-se.

— Sábado à meia-noite — disse numa voz sumida. — Oh! não. Oh! não, acabo de lembrar-me, a carta do Charlie estava dentro do livro que o Malfoy levou. Ele vai descobrir tudo.

Harry e Hermione não tiveram tempo de responder, porque Madame Pomfrey entrou naquele preciso momento e mandou-os sair, dizendo que Ron precisava absolutamente de descansar.

— É demasiado tarde para alterar os planos — disse Harry a Hermione. — Não temos tempo de mandar outra coruja e esta pode ser a nossa única possibilidade de nos vermos livres do *Norbert*. Há que correr o risco. E o Malfoy não sabe da existência do Manto da Invisibilidade.

Quando foram dizer a Hagrid que lhes abrisse a janela para poderem falar com ele, deram com *Fang*, o cão de caça, sentado cá fora com uma

grande ligadura na cauda.

— Não vos posso deixar entrar — respondeu quase sem fôlego. — O *Norbert* está c'uma atitude que não inspira confiança. Mas não é nada qu'eu não consiga controlar.

Quando lhe contaram da carta do Charlie, os olhos encheram-se-lhe de lágrimas, embora o motivo pudesse ser também a dentada que o *Norbert* acabara de lhe dar numa das pernas.

— Uuuui! Está bem, ele só me agarrou a bota a brincar, afinal ainda é um bebé.

O «bebé» batia com a cauda na parede, fazendo estremecer a janela. Harry e Hermione regressaram ao castelo com a sensação de que o sábado nunca mais chegava.

Teriam sentido pena de Hagrid, quando chegou o momento de este se despedir do *Norbert*, se não estivessem tão preocupados com o que tinham de fazer. Era uma noite escura e cheia de nuvens e chegaram com um ligeiro atraso à cabana de Hagrid, porque tinham sido obrigados a esperar que Peeves saísse do caminho, no *Hall* de Entrada, onde ele jogava ténis contra a parede.

Hagrid tinha metido o *Norbert* num enorme caixote de grades.

— Ele tem um monte de ratazanas e algum brande p'rá viagem — explicou Hagrid. — E meti aí um ursinho de pelúcia p'ra ele não se sentir sozinho.

De dentro do caixote vinham ruídos de rasgões que deram a Harry a certeza de que o urso tinha acabado de ficar sem cabeça.

— Adeus, *Norbert!* — soluçava Hagrid, enquanto Harry e Hermione tapavam o caixote com o Manto da Invisibilidade e se cobriam também a si próprios. — A mamã nunca se vai esquecer de ti!

Nem eles próprios perceberam muito bem como foi que conseguiram chegar com o caixote lá acima ao castelo. A meia-noite aproximava-se, enquanto transportavam com esforço o *Norbert* pelas escadarias de mármore do *Hall* de Entrada e ao longo dos corredores escuros. Mais outra escada. E outra. Nem mesmo um dos atalhos que Harry conhecia conseguiu facilitar-lhes a tarefa.

— Estamos quase a chegar! — arquejou Harry quando atingiram o corredor que ficava debaixo da torre mais alta.

Porém, subitamente, um movimento em frente deles fez com que quase deixassem cair o caixote. Esquecendo-se de que estavam invisíveis, esconderam-se nas sombras, olhando para as silhuetas escuras de duas pessoas que se debatiam, a cerca de três metros de distância do local onde

se encontravam. Uma luz brilhou no escuro.

A professora McGonagall, com um roupão aos quadrados e uma rede de dormir no cabelo, agarrava Malfoy por uma orelha.

— De castigo — gritava ela. — E vinte pontos a menos para os Slytherin! Andar por aqui a meio da noite, como te atreves?

— Não está a compreender, professora McGonagall, o Harry Potter vem aí e tem com ele um dragão!

— Onde é que já se ouviu maior disparate! Não tens vergonha de inventar uma mentira dessas? Vamos embora. Hei-de falar de ti ao professor Snape, Malfoy!

A escada de caracol que conduzia ao cimo da torre pareceu-lhes extremamente fácil de subir depois de tudo o resto. Só quando sentiram o ar frio da noite retiraram o Manto da Invisibilidade, aliviados por poderem respirar de novo à vontade. Hermione ensaiou uns passinhos de dança.

— O Malfoy foi castigado! Apetece-me cantar.

— Não cantes — preveniu-a Harry.

Rindo-se de Malfoy, esperaram. Dentro do caixote, o *Norbert* fazia ruídos. Cerca de dez minutos mais tarde, quatro vassouras desceram na escuridão da noite.

Os amigos de Charlie eram um grupo bem-disposto. Mostraram a Harry e a Hermione o arnês que tinham preparado para poderem levar o *Norbert* suspenso entre eles. Todos ajudaram a afivelar bem a jaula e, em seguida, Harry e Hermione apertaram a mão aos outros e agradeceram-lhes por tudo.

Finalmente o *Norbert* ia-se embora... desaparecera.

Esgueiraram-se pela escada de caracol com os corações tão leves como as mãos, agora que se tinham livrado do *Norbert*. O dragão fora-se embora e Malfoy fora castigado. Haveria alguma coisa que pudesse estragar-lhes aquele momento de felicidade?

A resposta esperava-os ao fundo das escadas. Mal entraram no corredor, o rosto de Filch saiu do escuro.

— Ora, ora, parece que vocês foram apanhados!

Tinham deixado o Manto da Invisibilidade no alto da torre.

XV

A FLORESTA PROIBIDA

As coisas não podiam ter corrido pior.

Filch levou-os ao gabinete da professora McGonagall, no primeiro andar, onde ambos se sentaram sem trocar uma palavra. Hermione tremia. Desculpas, álibis e histórias para mascarar a verdade sucederam-se no cérebro de Harry, cada um mais frágil do que o anterior. Não conseguia imaginar como iriam sair daquela embrulhada. Estavam encurralados. Como fora possível serem tão estúpidos e esquecerem-se do Manto da Invisibilidade? Não havia qualquer razão plausível aos olhos da professora McGonagall para eles estarem fora da cama, vagueando pela escola a meio da noite, além de que se encontravam na torre de astronomia mais alta de Hogwarts, cujo acesso apenas era permitido durante as aulas. Se descobrissem algo sobre o *Norbert* e o Manto da Invisibilidade, mais valia irem já fazer as malas.

Harry pensava que as coisas não poderiam ter corrido pior, mas estava redondamente enganado. Quando a professora McGonagall apareceu, trazia consigo Neville.

— Harry! — gritou Neville, logo que viu os outros dois. — Estava a tentar encontrar-vos para vos avisar de que ouvi o Malfoy dizer que ia apanhar-vos. Ele disse que vocês tinham um drag...

Harry fez um brusco sinal com a cabeça para que ele se calasse, mas a professora McGonagall tinha ouvido. Qual dragão, parecia mesmo que ia lançar fogo pela boca quando se aproximou dos três.

— Era a última coisa que esperava de qualquer de vocês. Mr. Filch diz que estiveram na torre de Astronomia. É uma da manhã. Estou à espera das vossas explicações.

Era a primeira vez que Hermione não conseguia responder a uma

pergunta feita por um professor. Olhava para os chinelos, imóvel como uma estátua.

— Julgo que sei o que se passa aqui — prosseguiu a professora McGonagall. — Não é preciso ser um génio para lá chegar. Vocês aldrabaram o Draco Malfoy com uma história qualquer de um dragão, tentando fazê-lo sair da cama e meter-se em sarilhos. A ele já o apanhei. Calculo que achem imensa graça ao facto de o Longbottom também ter acreditado!

Harry viu no rosto de Neville uma onda de tristeza e de espanto. Tentou dizer-lhe com o olhar que não era verdade. Pobre Neville... Harry calculava como devia ter sido difícil para ele tentar encontrá-los para os avisar, sozinho naqueles corredores escuros.

— Estou desiludida convosco — continuou a professora McGonagall. — Quatro alunos fora da cama numa única noite! É a primeira vez que isto me acontece. Hermione Granger, pensei que a menina tivesse mais juízo. Quanto a ti, Potter, acreditei que os Gryffindor tinham mais significado do que isto. Vocês os três vão ser castigados... sim, tu também Longbottom, nada te dá o direito de andar a passear pela escola à noite, principalmente agora. É extremamente perigoso... e cinquenta pontos serão retirados aos Gryffindor.

— *Cinquenta?* — balbuciou Harry. Assim perdiam a liderança que ele tinha conquistado no campeonato de Quidditch!

— Cinquenta pontos *cada* — esclareceu a professora McGonagall, respirando pesadamente pelo nariz pontiagudo.

— Professora, por favor...

— Não *pode*...

— Não me digas o que eu posso ou não fazer, Potter. Agora, voltem para a cama. Nunca alunos dos Gryffindor me envergonharam tanto.

Cento e cinquenta pontos perdidos. Aquilo colocava os Gryffindor em último lugar. Numa única noite, eles tinham destruído todas as possibilidades de os Gryffindor ganharem a taça. Harry sentiu um peso de chumbo no estômago. Como poderiam alguma vez redimir-se?

Não dormiu durante toda a noite. Ouviu Neville, tentando abafar os soluços na almofada durante o que lhe pareceu terem sido horas e horas. Não sabia o que fazer para o animar. Calculava que Neville, tal como ele próprio, receava o dia seguinte. O que poderia acontecer quando os outros Gryffindor descobrissem o que eles lhes tinham feito?

A princípio, quando passaram pelas gigantescas ampolhetas que marcavam os pontos da equipa, os Gryffindor pensaram que tinha havido um engano. Como é que podiam de um momento para o outro ter cento e

cinquenta pontos a menos que no dia anterior? Mas depois a história começou a espalhar-se: Harry Potter, o famoso Harry Potter, o seu herói dos jogos de Quidditch, fizera-os perder todos aqueles pontos, ele e um grupo de estúpidos do primeiro ano.

Harry passou de um dos colegas mais populares e admirados da escola ao mais detestado. Até os Ravenclaw e os Hufflepuff lhe viravam a cara, porque todos eles tinham acalentado a esperança de ver os Slytherin perder a taça. Para onde quer que se voltasse, havia gente a apontá-lo a dedo, que nem se dava ao trabalho de baixar a voz enquanto se referiam a ele em termos insultuosos. Os Slytherin, pelo contrário, batiam palmas e agradeciam quando Harry passava por eles: — Obrigado, Potter, estamos em dívida para contigo!

Só Ron ficou a seu lado.

— Dentro de poucas semanas já ninguém se vai lembrar disto. O Fred e o George perderam imensos pontos ao longo dos anos e toda a gente gosta deles.

— Mas nunca perderam cento e cinquenta de uma vez só, pois não? — perguntou Harry, infelicíssimo.

— Bem, isso não — admitiu Ron.

Era um pouco tarde para reparar o mal, mas Harry jurou a si próprio que a partir de então não voltaria a meter-se em coisas que não lhe dissessem respeito. Nunca mais ia espreitar nem coscuvilhar. Sentiu-se tão envergonhado que foi ter com Wood para se demitir da equipa de Quidditch.

— Demitir? — gritou Wood. — E para que serviria isso? Como é que iremos conseguir pontuar, se não ganharmos os jogos?

Mas até o Quidditch tinha perdido o interesse. Os colegas não lhe dirigiam a palavra durante os treinos e, quando eram obrigados a referir-se a ele, diziam o *seeker*.

Hermione e Neville sofriam igualmente. Não tanto quanto Harry, porque não eram tão conhecidos como ele, mas também ninguém lhes falava. Hermione deixara de ser participativa nas aulas, trabalhando em silêncio e de cabeça baixa.

Harry estava quase satisfeito com a proximidade dos exames. Todas as revisões da matéria que tinha de fazer serviam para lhe manter o espírito ocupado. Ele, Ron e Hermione continuavam a fazer serões de trabalho até tarde, na tentativa de reter e decorar os nomes dos ingredientes das complicadas poções, os encantamentos e os feitiços, memorizando as datas das descobertas mágicas e das revoltas dos duendes.

Faltava uma semana para os exames quando a nova resolução de Harry

de não interferir em nada que não lhe dissesse respeito foi inesperadamente posta à prova. À saída da biblioteca, uma tarde, ouviu alguém choramingar numa sala de aulas, um pouco mais adiante. Quando se aproximou, apercebeu-se de que se tratava da voz de Quirrell.

— Não... não... outra vez, não, por favor...

Parecia que alguém estava a ameaçá-lo. Harry aproximou-se.

— Está bem... está bem... — ouviu Quirrell dizer entre soluços.

Passados alguns momentos, Quirrell saiu apressadamente da sala de aulas endireitando o turbante. Vinha pálido e parecia ir recomeçar a chorar. Desapareceu do campo de visão de Harry, que ficou com a impressão de que ele não o tinha visto.

Esperou até que os passos do professor deixassem de se ouvir e espreitou para dentro da sala. Estava vazia, mas ficara uma porta entreaberta no outro extremo. Harry ia a meio caminho quando se lembrou da promessa que fizera de não se envolver em mais nada.

Mesmo assim, apostaria doze Pedras Filosofais em como Snape tinha acabado de sair dali, e pelo que ouvira, devia sentir-se um vencedor. Quirrell parecia ter finalmente cedido.

Harry voltou à biblioteca, onde Hermione estava a fazer perguntas sobre Astronomia a Ron, e contou-lhes tudo o que tinha ouvido.

— Então o Snape conseguiu! — exclamou Ron. — Se o Quirrell lhe disse como quebrar o feitiço contra as Forças das Trevas...

— Mas ainda há o *Fluffy* — lembrou Hermione.

— Talvez o Snape tenha descoberto como passar pelo cão sem perguntar ao Hagrid — sugeriu Ron, olhando para os milhares de livros que os rodeavam. — Aposto que há um livro qualquer a dizer como passar por um cão gigantesco com três cabeças. Portanto, o que é que vamos fazer agora?

A luz da aventura acendia-se de novo nos olhos de Ron, mas Hermione respondeu antes que Harry tivesse tempo de fazê-lo.

— Vai falar com o Dumbledore. Era o que deveríamos ter feito há séculos. Se tentarmos agir por nossa conta e risco, somos expulsos de certeza.

— Mas não temos provas! — disse Harry. — O Quirrell é demasiado medroso para nos apoiar. Basta que o Snape afirme que não sabe como o *troll* entrou aqui no Hallowe'en e que nunca se aproximou do terceiro andar... em quem pensas que vão acreditar? Nele ou em nós? Não é segredo para ninguém que o detestamos. O Dumbledore vai pensar que inventámos toda esta história para que o mandem embora. O Filch não nos ajudaria nem que disso dependesse a sua própria vida. É demasiado amigo do Snape e quanto mais alunos forem postos fora, mais satisfeito ele fica. E

não te esqueças de que não deveríamos saber da existência da Pedra nem do *Fluffy*. Isso exigiria muitas explicações.

Hermione pareceu convencida, mas Ron não.

— E se dêssemos só uma espreitadela por aí?

— Não — disse Harry taxativamente. — Já nos envolvemos de mais.

Abriu um mapa de Júpiter e começou a estudar os nomes das luas.

Na manhã seguinte, foram entregues a Harry, Hermione e Neville bilhetes com o mesmo texto.

O seu castigo terá lugar às onze horas da noite.

Procure Mr. Filch no Hall de Entrada.

Professora McGonagall

Harry esquecera-se por completo, no meio da confusão dos pontos perdidos, de que tinham ainda o castigo pela frente. Esperava, de certo modo, que Hermione se queixasse de que era uma noite de revisões perdida, mas ela não disse uma palavra. Tal como Harry, sentia que era um castigo merecido.

Às onze horas da noite, despediram-se de Ron, na sala comum, e desceram até ao *Hall* de Entrada com Neville. Filch já lá estava, assim como Malfoy. Harry esquecera-se também de que Malfoy fora igualmente castigado.

— Sigam-me — disse Filch, acendendo uma lanterna e conduzindo-os lá para fora.

— Aposto que vocês vão pensar duas vezes antes de voltar a quebrar uma regra da escola, hein? — comentou o encarregado, olhando maldosamente para eles. — Sim, sim, o trabalho duro e o sofrimento são os melhores professores. Só é pena que eles tenham posto de parte os antigos castigos... fiquem pendurados do tecto pelos pulsos durante alguns dias. Ainda tenho as correntes guardadas e bem oleadas para o caso de virem a ser necessárias um dia qualquer... muito bem, lá vamos nós e não pensem em fugir, porque será bastante pior se o fizerem.

Atravessaram os campos escuros. Neville não parava de fungar e Harry ia pensando em qual seria o castigo. Devia ser horrível, para Filch se mostrar tão contente.

A Lua brilhava no céu, mas as nuvens que lhe passavam pela frente lançavam-nos constantemente na escuridão. Mesmo em frente, Harry via as janelas iluminadas da cabana de Hagrid. Foi nesse momento que ouviram, ao longe, um grito.

— És tu, Filch? Despacha-te, quero começar.

O coração de Harry animou-se. Se iam trabalhar com Hagrid, não era assim tão mau. O seu alívio deve ter-se espelhado no rosto, porque Filch disse de imediato: — Deves estar a pensar que te vais divertir com aquele pateta? Pensa duas vezes, rapaz, é para a floresta que vocês vão e, ou eu me engano muito, ou nenhum de vocês volta de lá inteiro.

Perante isto, Neville soltou um gemido e Malfoy ficou preso ao chão.

— Para a floresta? — repetiu. E não parecia o mesmo do costume. — Não podemos lá ir à noite... existem lá todos os tipos de perigos... lobisomens, segundo ouvi dizer.

Neville puxou a manga da capa de Harry e fez um ruído abafado.

— A culpa foi toda vossa, ou não foi? — perguntou Filch com a voz transbordante de satisfação. — Deviam ter pensado nos lobisomens antes de fazer as asneiras.

Hagrid saiu do escuro e aproximou-se deles a passos largos com *Fang*, o cão de caça, atrás de si. Trazia o seu enorme arco e uma aljava com setas pendurada ao ombro.

— Já não era sem tempo — protestou. — Tenho 'tado à espera há quase meia hora. Vocês 'tão bem, Harry, Hermione?

— Eu no teu lugar não seria tão simpático com eles — disse friamente Filch. — Afinal, estão aqui para serem castigados.

— É por isso que 'tás tão atrasado, já percebi — disse Hagrid, furioso com Filch. — Tens 'tado a pregar-lhes sermões. Não é essa a tua função. Podes ir. Eu tomo conta deles a partir daqui.

— Volto ao amanhecer — respondeu Filch. — Buscar o que sobrar deles — acrescentou sarcasticamente, antes de se voltar para o castelo e iniciar o caminho de regresso, com a candeia a balouçar no escuro.

Malfoy voltou-se para Hagrid.

— Eu não vou para aquela floresta — anunciou. E Harry detectou, com satisfação, uma nota de pânico na sua voz.

— Ah, isso é que vens, se quiseses continuar em Hogwarts — contrapôs Hagrid com grande segurança. — Andaste mal e agora tens de pagar.

— Mas isto é trabalho de criados, não é para os estudantes. Pensei que íamos fazer uma cópia ou algo do género. Se o meu pai soubesse que eu ia fazer isto, ele...

— Olha rapaz, em Hogwarts é assim — grunhiu Hagrid. — Cópias, cópias, p'ra que serve fazer cópias, afinal? Vais fazer uma coisa útil ou és expulso. S'achas qu'é isso qu'o teu pai quer, então volta p'rò castelo e faz as malas! Vá!

Malfoy não se moveu. Olhou para Hagrid furiosamente, mas acabou por desviar o olhar.

— Pronto — disse Hagrid. — Então ouçam bem, porque o que vamos fazer esta noite é perigoso e eu não quero que ninguém corra riscos. Sigam-me por um momento.

Conduziu-os à orla da floresta. Segurando a lanterna acima da cabeça, mostrou-lhes um caminho estreito de terra batida que desaparecia no meio das árvores negras e espessas. Uma leve brisa roçou-lhes os cabelos, enquanto olhavam para a floresta.

— Olhem ali — disse Hagrid —, 'tão a ver aquela coisinha prateada a brilhar no chão? Aquil' é sangue d'unicórnio. Anda por aí um unicórnio que foi ferido por alguém. É a segunda vez esta semana. Na quarta-feira passada, encontrei um morto. Vamos tentar encontrar o desgraçadinho. Se calhar temos d'o abater.

— E se a pessoa ou a coisa que feriu o unicórnio nos encontrar primeiro? — perguntou Malfoy, incapaz de disfarçar o medo.

— Nada do qu' existe na floresta vos fará mal se estiverem comigo ou c' o *Fang* — assegurou-lhe Hagrid. — E mantenham-se no caminho de terra batida. Agora vamos dividir-nos em dois grupos e seguir pistas em duas direcções. Há sangue por todo o lado, ele deve andar a cambalear desde, pelo menos, a noite passada.

— Eu quero o *Fang* — disse Malfoy rapidamente, olhando para os longos dentes aguçados do cão de caça.

— 'Tá bem, mas aviso-te qu' ele é cobarde — disse Hagrid. — Então eu, a Hermione e o Harry vamos p'ra um lado e o Draco Malfoy, o Neville e o *Fang* p' rò outro. S' algum encontrar o unicórnio, envia faíscas verdes p' rò ar. Certo? Peguem nas varinhas e ensaiem agora... isso mesmo... e se alguém 'tiver em perigo, envia faíscas vermelhas e juntamo-nos logo todos. Tenham cuidado. Vamos!

A floresta estava negra e silenciosa. Pouco adiante havia uma bifurcação. Harry, Hermione e Hagrid tomaram o caminho da esquerda; Malfoy, Neville e *Fang*, o da direita.

Caminharam em silêncio, com os olhos no chão. Aqui e ali um raio de luar, passando através dos ramos das árvores, deixava ver uma mancha de sangue prateado sobre as folhas caídas.

Harry apercebeu-se da grande preocupação que dominava Hagrid.

— Achas que um lobisomem poderia andar a matar unicórnios? — perguntou Harry.

— Dificilmente — disse Hagrid. — Não é fácil agarrar um unicórnio. São criaturas mágicas muito poderosas. Nunca soube de nenhum que tivesse sido ferido até agora.

Passaram por um toco de árvore coberto de musgo. Harry ouviu

nitidamente água corrente; devia haver ali por perto um riacho. Continuavam a ver-se manchas de sangue de unicórnio ao longo do caminho tortuoso.

— 'Tás bem, Hermione? — perguntou baixinho Hagrid. — Não te preocupes, não deve ter ido muito longe, ferido como 'tá e podemos...
ESCONDAM-SE ATRÁS DAQUELA ÁRVORE!

Hagrid agarrou Harry e Hermione e fê-los sair do caminho, escondendo-se todos atrás de um carvalho muito alto. Puxou de uma seta e meteu-a no arco, pronto a disparar. Os três escutaram atentamente. Algo arrastava as folhas secas ali perto, parecia um manto, varrendo o chão. Hagrid olhava fixamente o caminho escuro, mas passados alguns segundos o som desapareceu.

— Eu sabia — murmurou. — Anda por aí alguém que não é daqui.

— Um lobisomem — sugeriu Harry.

— Ná, não era nem lobisomem nem unicórnio — afirmou Hagrid com ar sinistro. — Sigam-me, mas com cuidado.

Andaram mais devagar, atentos ao menor ruído. Sem dúvida alguma, havia algo que se movia.

— Quem está aí? — gritou Hagrid. — Mostre-se que eu 'tou armado.

E na clareira surgiu... um homem ou seria um cavalo? Da cintura para cima era um homem de cabelos e barba avermelhados, mas por detrás tinha um corpo de cavalo castanho, reluzente, com uma longa cauda também avermelhada. Hermione e Harry ficaram de boca aberta.

— Ah! és tu, Ronan — disse Hagrid, aliviado. — Como estás?

Deu dois passos em frente e apertou a mão ao centauro.

— Boa noite, Hagrid — cumprimentou Ronan, que tinha uma voz profunda e pesarosa. — Ias disparar contra mim?

— Todo o cuidado é pouco, Ronan — explicou Hagrid dando uma palmada no arco. — Há alguém perigoso qu'anda por aí demasiado à vontade na floresta. Estes são o Harry Potter e a Hermione Granger, alunos da escola. E este, jovens, é Ronan, o centauro.

— Nós já tínhamos reparado — disse Hermione timidamente.

— Boa-noite — saudou Ronan. — Estudantes? E têm aprendido muito na escola?

— Hum...

— Um bocadinho — disse Hermione.

— Um bocadinho. Bem, já é melhor do que nada — suspirou Ronan. Inclinou a cabeça para trás e olhou para o céu. — Marte está hoje muito brilhante.

— Sim — assentiu Hagrid, olhando também. — Olha, 'inda bem que

t'encontrámos, Ronan, porque foi ferido um unicórnio. Viste, por acaso, alguma coisa?

Ronan não respondeu logo. Olhou fixamente para cima e suspirou de novo.

— Os inocentes são sempre as primeiras vítimas — comentou. — Era assim há milénios e continua a sê-lo.

— Sim — confirmou Hagrid —, mas viste alguma coisa, Ronan, alguma coisa fora do vulgar?

— Marte está hoje muito brilhante — repetiu Ronan, enquanto Hagrid o observava impacientemente —, invulgarmente brilhante.

— Sim, mas eu 'tava a dizer qualquer coisa fora do vulgar aqui mais perto — insistiu Hagrid. — Portanto, não notaste nada estranho?

Mais uma vez Ronan levou algum tempo a responder. Por fim disse: — A floresta esconde muitos segredos.

Um movimento nas árvores atrás de Ronan fez com que Hagrid voltasse a erguer o arco, mas era apenas um segundo centauro de cabelos negros e um corpo e um olhar mais selvagem que o de Ronan.

— Olá, Bane — cumprimentou Hagrid.

— Boa-noite, Hagrid. Estás bem?

— Vai-s'indo. Olha, eu 'tava a perguntar ao Ronan se vocês viram alguma coisa estranha por estas bandas? Há um unicórnio que foi ferido. Sabes d'alguma coisa?

Bane foi colocar-se ao lado de Ronan e olhou para o céu.

— Marte está hoje muito brilhante — limitou-se a dizer.

— Já reparámos — disse Hagrid de mau humor. — Bem, se algum de vocês vir alguma coisa, agradeço que me digam. Nós vamos andando.

Harry e Hermione seguiram-no para fora da clareira, espreitando por cima do ombro para Ronan e Bane até que as árvores lhes taparam totalmente a visão.

— Nunca — disse Hagrid irritado —, nunca consigo uma resposta directa d'um centauro. Malditos astrónomos, sempre a contemplar os astros. Não se interessam por nada que 'teja mais próximo que a Lua.

— Há muitos centauros por aqui? — perguntou Hermione.

— Sim, um número razoável. São muito fechados d'uma maneira geral, mas costumam aparecer quando preciso de falar com eles. São misteriosos, sabem coisas, mas não nos revelam muito.

— Achas que aquilo que ouvimos antes era o centauro? — perguntou Harry.

— Pareceu-te o som de cascos de cavalo? Ná! Se queres saber o qu'eu acho, aquilo era o qu'anda a matar os unicórnios... nunc'ouvi nada

parecido antes.

Continuaram a andar através das árvores escuras e densas. Harry olhava nervosamente por cima do ombro. Tinha a desagradável sensação de estarem a ser observados. Felizmente tinham Hagrid e o seu arco. Acabavam de passar uma curva do caminho quando Hermione agarrou o braço de Hagrid.

— Hagrid, olha, faíscas vermelhas, os outros estão em perigo!

— Vocês os dois esperem aqui! — gritou Hagrid. — Fiquem no caminho de terra batida, eu volto já a buscar-vos!

Ouviram-no abrir caminho ruidosamente através do matagal, enquanto eles ficavam a olhar um para o outro, apavorados, até não se conseguirem ouvir nada a não ser o sussurro das folhas em seu redor.

— Não estás a pensar que eles estão feridos, pois não? — murmurou Hermione.

— Eu não me ralo nada com o Malfoy, mas se acontecer alguma coisa ao Neville, isso sim, é grave. Ainda por cima é por nossa culpa que ele está aqui...

Os minutos arrastaram-se. Os ouvidos de ambos pareciam mais aguçados do que habitualmente. Harry captava todos os pequenos sinais do vento, todos os estalidos dos galhos das árvores. O que se passaria? Onde estariam os outros?

Por fim, um barulho de folhas pisadas anunciou o regresso de Hagrid. Malfoy, Neville e *Fang* vinham com ele. Hagrid tinha uma expressão colérica.

Ao que parecia, Malfoy escondera-se atrás de Neville e agarrara-o na brincadeira. Neville, em pânico, começara a enviar faíscas.

— Só com muita sorte apanharemos agora alguma coisa depois da balbúrdia que vocês fizeram. Vamos mudar os grupos: Neville, tu ficas comigo e c'a Hermione. Harry, tu vais c'o *Fang* e com este idiota. Desculpa — acrescentou ao ouvido de Harry —, mas ele vai ter mais trabalho para te assustar e temos de andar com isto p'ra frente.

E, assim, Harry aventurou-se até ao coração da floresta com Malfoy e *Fang*. Andaram durante cerca de meia hora, cada vez mais embrenhados no mato, até que o caminho de terra se tornou quase impossível de seguir devido às árvores densas e cerradas. Pareceu a Harry que o sangue estava a tornar-se cada vez mais pastoso. Havia manchas nas raízes de uma árvore como se a pobre criatura tivesse andado por ali às voltas, cheia de dores. Harry avistou uma clareira lá adiante, através dos ramos emaranhados de um carvalho muito antigo.

— Olha — murmurou, agarrando o braço de Malfoy.

Uma coisa branca e brilhante reluzia no chão. Aproximaram-se.

Era o unicórnio. Estava morto. Harry nunca vira nada tão belo e tão triste. As suas longas pernas esguias formavam estranhos ângulos no lugar onde tinha tombado e a crina tingia de branco-pérola as folhas escuras.

Harry dera um passo na direcção do animal quando um som sibilante o fez estacar. Um arbusto na orla da clareira movia-se... logo a seguir, saiu das sombras um ser encapuzado que rastejou pelo chão como um animal predador. Harry, Malfoy e *Fang* ficaram transfigurados. A figura dissimulada chegou junto do unicórnio, baixou a cabeça até ao chão e começou a beber o sangue do animal.

AAAAAAARGH!!!

Malfoy deu um grito de horror e desapareceu, seguido de *Fang*. A figura encapuzada levantou a cabeça e olhou directamente para Harry... o sangue de unicórnio escorria-lhe pelo rosto. Pôs-se de pé e avançou rapidamente em direcção a ele... o medo impediu Harry de se mexer.

Sentiu então uma dor na cabeça, como nunca tinha sentido, como se a sua cicatriz estivesse em fogo. Meio cego, recuou e ouviu o galope de cascos de cavalo atrás de si, algo saltar por cima dele, lançando-se sobre a estranha figura encapuzada.

A dor de cabeça de Harry foi tão forte que o fez cair de joelhos e levou alguns minutos a passar. Quando abriu de novo os olhos, o estranho ser tinha desaparecido. À sua frente estava um centauro que não era nem Ronan nem Bane. Este parecia mais jovem e tinha cabelos de um louro muito claro e um corpo amarelo-dourado.

— Estás bem? — perguntou o centauro, ajudando Harry a pôr-se de pé.

— Sim, obrigado, o que era *aquilo*?

O centauro não respondeu. Tinha uns olhos incrivelmente azuis que lembravam duas safiras. Olhou atentamente para Harry, o olhar fixo na cicatriz que se destacava, lívida, na sua testa.

— Tu és o Potter — afirmou. — É melhor voltares para junto do Hagrid. A floresta neste momento não é segura, principalmente para ti. Sabes montar? Assim será mais fácil.

«Eu chamo-me Firenze — acrescentou, enquanto baixava as patas da frente para que o rapaz pudesse saltar-lhe para as costas.

Ouviu-se subitamente o som de outro galope do lado oposto da clareira. Ronan e Bane apareceram no meio do arvoredor, as ilhargas trémulas e suadas.

— Firenze — disse Bane num tom reprovador —, o que estás a fazer com um humano às costas? Não tens vergonha? Achas que és uma simples mula?

— Sabes, por acaso, quem é este humano? — perguntou Firenze. — Este é o jovem Potter. Quanto mais depressa ele abandonar a floresta, melhor.

— O que é que lhe contaste? — bramiu Bane. — Lembra-te, Firenze, nós jurámos não nos revoltar contra os céus. Não lemos, no movimento dos astros, o que vai acontecer?

Ronan esgravatou o solo, nervosamente.

— Tenho a certeza de que o Firenze fez o que achou melhor — disse na sua voz melancólica. Bane deu um coice, furioso.

— O melhor! O que tem isso a ver connosco? Os centauros devem cingir-se ao que foi predestinado. Não nos cabe a nós andar por aí como burros atrás dos humanos perdidos na nossa floresta!

De repente, Firenze levantou-se nas patas traseiras, de tal modo que Harry teve de se agarrar aos ombros dele para não cair.

— Vocês não viram o unicórnio? — bramiu Firenze. — Não compreendem por que é que foi morto? Ou os planetas não vos revelaram esse segredo? Eu revoltado-me contra o que está emboscado nesta floresta, juntamente com os humanos, se for preciso.

Deu meia-volta e afastou-se a toda a velocidade, com Harry agarrando-se o melhor que podia, mergulhando na imensidão das árvores e deixando para trás Ronan e Bane.

Harry não fazia a menor ideia do que se estava a passar.

— Por que está o Bane tão zangado? — perguntou. — Afinal que coisa era aquela de que tu me salvaste?

Firenze abrandou e disse a Harry que baixasse a cabeça para não tocar nos ramos mais baixos, mas não lhe respondeu. Abriram caminho por entre o arvoredo em absoluto silêncio, durante tanto tempo que Harry chegou a pensar que Firenze já não queria falar com ele. Atravessavam um aglomerado de árvores bastante denso quando o centauro parou subitamente.

— Harry Potter, sabes em que é utilizado o sangue de unicórnio?

— Não — confessou Harry, espantado com aquela estranha pergunta. — Nós só usamos o chifre e os pêlos da cauda, em Poções.

— Porque é monstruoso chacinar um unicórnio — explicou Firenze. — Só alguém que não tenha nada a perder, e tudo a ganhar, cometeria um tal crime. O sangue de um unicórnio mantém qualquer humano vivo, mesmo que esteja às portas da morte, mas o preço a pagar é elevadíssimo. Quem matou algo puro e indefeso para salvar a sua vida terá apenas um arremedo de vida, uma existência amaldiçoada, a partir do momento em que o sangue do unicórnio lhe tocou nos lábios.

Harry olhou fixamente para a nuca do centauro que tinha reflexos

prateados ao luar.

— Mas quem poderia estar assim tão desesperado? — perguntou em voz alta. — Se vai ser amaldiçoado para o resto da vida, a morte não seria melhor?

— Sem dúvida — concordou Firenze. — A não ser que essa pessoa precise apenas de mais algumas horas de vida para beber outra coisa... outra coisa que lhe devolva o poder e a força... algo que lhe garanta que não morrerá nunca. Potter, sabes por acaso o que está escondido neste preciso momento na escola?

— A Pedra Filosofal! Claro... o Elixir da Vida! Mas não compreendo quem...

— És capaz de te lembrar de alguém que tenha esperado muitos anos para regressar ao poder, que se tenha agarrado à vida, aguardando a sua oportunidade?

Foi como se um pulso de ferro tivesse dado um soco no coração de Harry. Por entre o sussurrar das árvores, pareceu-lhe ouvir de novo o que Hagrid lhe dissera na primeira noite em que se conheceram: — Alguns dizem qu'ele morreu. Balelas, não sei se havia nele alguma coisa d'humano p'ra morrer.

— Queres dizer — balbuciou Harry — que era o *Vol...*

— Harry, Harry, estás bem?

Hermione corria pelo caminho em direcção a ele, seguida de Hagrid, esbaforido.

— Estou bem — disse Harry, sem saber sequer o que dizia. — O unicórnio está morto, Hagrid, naquela clareira lá atrás.

— Deixo-te aqui — murmurou Firenze, enquanto Hagrid se apressava a ir observar o unicórnio. — Agora estás seguro.

Harry deslizou para o chão.

— Boa sorte, Harry Potter — disse Firenze. — Os planetas têm sido muitas vezes erradamente interpretados, até mesmo pelos centauros. Espero que seja este o caso.

Voltou-se e desapareceu nas profundezas da floresta, deixando Harry com calafrios.

Ron adormecera na penumbra da sala comum à espera de que os amigos regressassem. Gritou qualquer coisa relacionada com as faltas do Quidditch, quando Harry o acordou com um safanão. Mas, ao fim de poucos segundos, ficou logo com os olhos bem abertos, quando Harry começou a contar-lhe, a ele e a Hermione, tudo o que tinha acontecido na floresta.

Harry não conseguia sentar-se. Andava de um lado para o outro em frente da lareira, ainda a tremer.

— O Snape quer a Pedra para o Voldemort... e o Voldemort está à espera na floresta... e nós a pensarmos durante todo este tempo que o Snape queria apenas ficar rico...

— Pára de dizer o nome dele! — ordenou Ron, num sussurro, como se Voldemort pudesse ouvi-los.

Mas Harry não ouvia nada.

— O Firenze salvou-me, mas, pelos vistos, não devia tê-lo feito... o Bane estava furioso... falava de interferir com as previsões dos astros... eles devem mostrar o regresso do Voldemort... o Bane achava que o Firenze devia ter deixado que o Voldemort me matasse. Calculo que também isso esteja escrito nos astros.

— Pára de repetir o nome dele! — gritou Ron, já furioso.

— Portanto, o que nos resta agora é esperar que o Snape roube a Pedra — prosseguiu Harry nervosamente —, depois o Voldemort poderá acabar comigo e suponho que o Bane ficará contente.

Hermione tinha um ar assustado, mas teve, como sempre, uma palavra de consolo.

— Harry, toda a gente sabe que o Dumbledore é o único de quem o Quem-Nós-Sabemos teve sempre medo. Enquanto estiveres perto dele, o Quem-Nós-Sabemos não tocará num cabelo teu. Além disso, quem sabe se os centauros não estarão enganados? Aquilo parece-se um pouco com adivinhação e a professora McGonagall diz que esse é um ramo muito indefinido da magia.

O céu clareara muito antes de eles terminarem a conversa. Foram para a cama exaustos e com as gargantas secas. Mas as surpresas da noite ainda não tinham acabado.

Quando Harry se meteu nos lençóis, deu com o Manto da Invisibilidade muito bem dobradinho lá dentro. Juntamente estava um bilhete:

Para o caso de ser preciso

XVI

PELO ALÇAPÃO

Nos anos que se seguiram, Harry nunca conseguiu lembrar-se de como tinha sido capaz de levar os exames a bom termo, sempre à espera de que Voldemort lhe entrasse pela porta dentro a todo o momento. Todavia, os dias foram passando e não havia dúvida de que o *Fluffy* continuava vivo e de boa saúde por detrás da porta trancada.

Estava um calor sufocante, principalmente na enorme sala de aula onde eram feitas as provas escritas. Tinham-lhes dado novas penas para os exames, tratadas com um feitiço anticábula.

Tiveram também exames de trabalhos práticos. O professor Flitwick chamou-os um a um à sala dele para confirmar se sabiam fazer um ananás dançar o sapateado em cima da secretária. A professora McGonagall viu-os transformar um rato numa caixa de rapé — os pontos eram dados de acordo com a beleza da caixa e retirados se ela apresentasse bigodes. Snape deixou-os a todos nervosos, sempre em cima deles, enquanto tentavam lembrar-se de como se fazia a Poção do Esquecimento.

Harry deu o seu melhor, tentando vencer as dores agudas na testa que não o abandonavam desde aquela noite na floresta proibida. Segundo Neville, estava com os nervos em franja devido aos exames e por isso não conseguia dormir, mas a verdade é que acordava várias vezes com o seu antigo pesadelo, que agora era bastante pior, porque incluía uma figura encapuzada a pingar gotas de sangue.

Talvez por não terem visto o que ele vira na floresta ou por não sentirem na testa uma cicatriz a arder, Ron e Hermione não pareciam tão preocupados com a Pedra como Harry. A ideia de Voldemort assustava-os, claro, mas ele não lhes aparecia em sonhos e estavam tão absorvidos com as revisões que não lhes sobejava muito tempo para se atormentarem com o

que Snape ou outro qualquer poderia estar a urdir.

O último exame era História da Magia. Uma hora a responder a perguntas sobre velhos feiticeiros chanfrados que tinham inventado caldeirões automisturadores e, depois disso, estariam livres, com uma semana inteirinha na frente até saírem os resultados dos exames. Quando o fantasma do professor Binns lhes disse que podiam pousar as penas e enrolar os pergaminhos, Harry não conseguiu deixar de partilhar a alegria dos outros.

— Foi de longe muito mais fácil do que eu estava à espera — disse Hermione, enquanto se juntavam à multidão que afluía aos campos banhados pelo sol. — Não precisava de ter estudado o Código de Conduta dos Lobisomens de 1637 nem a insurreição de Elfric, *o Impaciente*.

Hermione gostava sempre de ficar a ver atentamente as provas depois dos exames acabados, mas Ron alegou que aquilo o deixava um bocado maldisposto, por isso foram passear junto do lago e acabaram por se sentar debaixo de uma árvore. Os gémeos Weasley e Lee Jordan faziam cócegas nos tentáculos de uma lula gigante que se aquecia nas águas quentes e pouco fundas.

— Acabaram as revisões! — exclamou Ron com um suspiro de alívio, estendendo-se ao comprido na relva. — Podias ter um ar mais alegre, Harry. Temos uma semana pela frente antes de sabermos a péssima figura que fizemos. Não vale a pena come-çarmos já a ficar preocupados.

Harry coçava a testa.

— Só queria saber o que isto significa! — desabafou, irritado. — A minha cicatriz não pára de doer... já me tinha acontecido antes, mas nunca tantas vezes como agora.

— Vai à Madame Pomfrey — sugeriu Hermione.

— Eu não estou doente — disse Harry. — Sinto que é uma espécie de aviso... como se me prevenisse de que o perigo se aproxima...

Ron não era capaz de entrar em sintonia. Estava demasiado calor.

— Descontraí-te, Harry. A Hermione tem razão. A Pedra está segura, enquanto o Dumbledore estiver por perto. Além disso, não temos qualquer prova de que o Snape tenha descoberto como passar pelo *Fluffy*. Ele quase ficou sem uma perna da primeira vez que tentou, não vai voltar a arriscar tão cedo. E é mais fácil o Neville representar a Inglaterra no campeonato de Quidditch do que o Hagrid trair o Dumbledore.

Harry fez um sinal afirmativo com a cabeça, mas não conseguia afastar um sentimento latente de que se esquecera de fazer algo importante. Quando tentou explicar o que sentia, Hermione disse-lhe: — Isso são efeitos dos exames. Eu acordei a noite passada e já ia a meio dos meus

apontamentos de Transfiguração quando me lembrei de que já tínhamos feito esse exame.

Todavia, Harry tinha a certeza absoluta de que a sua ansiedade não se relacionava nada com o trabalho. Observou no céu azul-claro brilhante uma coruja que se aproximava da escola com um bilhete no bico. Hagrid era o único que lhe escrevia e nunca trairia Dumbledore. Nunca diria a ninguém como passar pelo *Fluffy*... nunca... mas...

Pôs-se de pé num salto.

— Aonde vais? — perguntou Ron, ensonado.

— Lembrei-me de uma coisa. — Tinha ficado pálido. — Temos de ir ter com o Hagrid imediatamente.

— Porquê? — perguntou Hermione, apressando-se para os acompanhar.

— Vocês não acham um pouco estranho — observou Harry, enquanto trepavam a encosta coberta de relva — que o maior sonho do Hagrid fosse ter um dragão e que, de um momento para o outro, tivesse aparecido um desconhecido que, por acaso, tinha um ovo de dragão no bolso? Quantas pessoas andarão por aí a passear-se com ovos de dragão, sabendo que isso é contra a lei dos feiticeiros? Foi uma sorte terem dado com o Hagrid. Como é que eu não percebi antes?

— De que é que tu estás a falar? — quis saber Ron. Mas Harry, apressando-se em direcção aos campos, não lhe deu resposta.

Hagrid estava sentado num cadeirão, fora da cabana, com as calças e as mangas arregaçadas, a descascar ervilhas para uma grande tigela.

— Olá — cumprimentou-os com um sorriso. — Acabaram os exames. Têm tempo p'ra uma bebida?

— Sim — disse Ron, mas Harry cortou-lhe a palavra.

— Não. Estamos cheios de pressa, Hagrid. Tenho de fazer-te uma pergunta. Lembras-te da noite em que jogaste às cartas e ganhaste o *Norbert*? Qual era o aspecto do desconhecido com quem jogaste?

— Não sei — respondeu Hagrid com toda a naturalidade. — Ele não tirou o capote.

Viu que os três ficaram atónitos e ergueram as sobrancelhas.

— Não é assim tão fora do vulgar, aparece muita gente esquisita no Cabeça de Porco, qu' é um dos bares da aldeia. Podia até ser um traficante de dragões, ou não podia? Eu não lhe vi a cara, nunca tirou o capuz.

Harry afundou-se na cadeira junto da tigela de ervilhas.

— De que é que falaram, Hagrid? Mencionaste por acaso Hogwarts?

— É bem possível — disse ele, pondo um ar carregado enquanto tentava recordar-se. — Sim, ele perguntou o qu' é qu' eu fazia. E aí eu contei-lhe e disse qu' o qu' eu mais queria era ter um dragão e depois, não me lembro

muito bem porqu'ele não parava de me pagar bebidas... deixa ver... sim... ele disse que tinh'o ovo de dragão e podíamos jogar p'ra ver s'eu o ganhava, mas tinha de ter a certeza qu'eu m'entendia com um dragão e então eu disse-lhe que, depois do *Fluffy*, um dragão não ia ser difícil...

— E ele pareceu-te interessado no *Fluffy*? — perguntou Harry, tentando manter a calma.

— Bem, sim... quantos cães com três cabeças existem em Hogwarts? Então eu disse-lhe qu'o *Fluffy* era canja quando se sabia acalmá-lo. É só tocar-lhe uma musiquinha qu'ele cai logo a dormir.

Hagrid ficou subitamente apavorado.

— Eu não devia ter-vos contado isto! — disse abruptamente. — Esqueçam o qu'eu disse. Eh, ond' é que vocês vão?

Harry, Ron e Hermione só voltaram a falar quando chegaram ao *Hall* de Entrada, que parecia muito frio e sombrio depois de terem estado nos campos.

— Temos de ir falar com o Dumbledore — decidiu Harry. — O Hagrid disse àquele estranho como passar pelo *Fluffy* e debaixo da capa estava o Snape ou o Voldemort... deve ter sido fácil depois de o ter embriagado. Só espero que o Dumbledore acredite em nós. Talvez o Firenze nos apoie, se o Bane não o impedir. Onde é o gabinete do Dumbledore?

Olharam em volta na esperança de ver um sinal que lhes indicasse a direção. Nunca lhes tinham dito onde vivia Dumbledore nem sabiam de alguém que lá tivesse estado.

— Vamos ter de... — começou Harry, mas uma voz irrompeu subitamente pelo vestíbulo.

— O que estão vocês a fazer cá dentro?

Era a professora McGonagall, que transportava uma imensa pilha de livros.

— Queremos falar com o professor Dumbledore — afirmou Hermione com grande coragem, pensaram Harry e Ron.

— Falar com o professor Dumbledore? — repetiu a professora McGonagall, como se se tratasse de uma coisa altamente suspeita. — E posso saber porquê?

Harry engoliu em seco. E agora?

— É uma espécie de segredo — disse, mas desejou logo a seguir não o ter feito, porque as narinas da professora McGonagall se dilataram.

— O professor Dumbledore partiu há dez minutos — disse friamente. — Recebeu uma coruja urgente do Ministério da Magia e seguiu de imediato para Londres.

— Foi-se embora — disse Harry, aflito —, *agora*?

— O professor Dumbledore é um grande feiticeiro, Potter, e muito requisitado neste momento.

— Mas isto é muito importante.

— É mais importante o que tens para lhe dizer do que o Ministério da Magia, Potter?

— Ouça, professora — disse Harry, arriscando tudo por tudo —, é sobre a Pedra Filosofal.

Fosse o que fosse que a professora McGonagall estivesse à espera, não era certamente daquilo. Os livros que tinha nos braços espalharam-se pelo chão e ela nem sequer tentou apanhá-los.

— Como é que tu sabes? — perguntou, perfeitamente perplexa.

— Professora, eu acho... eu sei... que o Sn... que alguém vai tentar roubar a Pedra. E tenho de falar com o professor Dumbledore.

Ela olhou-o fixamente com um misto de choque e desconfiança.

— O professor Dumbledore regressa amanhã — disse, por fim. — Não sei como vocês descobriram acerca da Pedra, mas fiquem tranquilos, ninguém pode roubá-la. Está protegidíssima.

— Mas, professora...

— Potter, eu sei do que estou a falar — concluiu laconicamente. Baixou-se e apanhou os livros que tinham caído. — Sugiro-vos que vão lá para fora aproveitar o sol.

Mas eles não foram.

— É esta noite — disse Harry, quando teve a certeza de que a professora McGonagall já não podia ouvi-los. — O Snape vai entrar pelo alçapão hoje à noite. Já descobriu tudo o que lhe fazia falta e agora conseguiu pôr o Dumbledore fora do caminho. Deve ter sido ele a enviar a coruja com o bilhete. Aposto que o Ministério da Magia vai ficar bastante espantado quando vir aparecer o Dumbledore.

— Mas o que é que nós podemos...

Hermione soltou uma exclamação abafada e Harry e Ron deram meia-volta.

Snape estava ali, de pé.

— Boa tarde — disse, com toda a naturalidade.

Eles olharam-no com algum espanto.

— Vocês não deveriam estar cá dentro num dia como este — observou com um sorriso sarcástico.

— Nós íamos... — começou Harry, sem ter a menor ideia de como iria acabar a frase.

— Vocês têm todo o interesse em ser mais cautelosos — prosseguiu Snape. — Andando por aí assim, vão levar as pessoas a pensar que estão a

tramar alguma coisa. E os Gryffindor não estão em posição de perder mais pontos. Não acham?

Harry corou. Voltaram-se para se dirigirem para a rua, mas Snape chamou-os.

— Estás avisado, Potter, mais passeiozinhos por aí de noite e eu trato pessoalmente da tua expulsão. Muito bom dia.

Afastou-se a passos largos em direcção à sala dos professores.

Já nos degraus de pedra, cá fora, Harry voltou-se para os outros.

— Eis o que temos de fazer — murmurou com um sentimento de urgência. — Um de nós tem de ficar de olho no Snape, à espera, fora da sala dos professores, e segui-lo quando ele sair. Hermione, era melhor seres tu a tratar disso.

— Eu? Porquê eu?

— É óbvio — disse Ron. — Podes estar à espera do professor Flitwick. — Fez uma vozinha esganiçada. — Oh! Professor, estou tão preocupada, acho que me enganei na pergunta catorze b...

— Ora, pare com isso — disse Hermione, mas concordou em vigiar Snape.

— E nós, o melhor é ficarmos junto do corredor do terceiro andar — disse Harry a Ron. — Vamos lá.

Mas essa parte do plano não funcionou.

Mal atingiram a porta que separava o *Fluffy* do resto da escola, apareceu de novo a professora McGonagall e desta vez perdeu mesmo as estribeiras com eles.

— Imagino que nessas cabecinhas devem pensar que é mais difícil passar por vocês do que por uma série de encantamentos! — bradou. — Já chega de todo este disparate! Se eu souber que voltaram a aproximar-se deste lugar, tiro mais cinquenta pontos aos Gryffindor. Sim, Weasley, à minha própria equipa!

Harry e Ron voltaram à sala comum. Harry acabara de dizer: — Pelo menos a Hermione está na pista do Snape — quando o retrato da Dama Gorda se abriu e ela apareceu.

— Lamento, Harry — queixou-se ela. — O Snape saiu e perguntou-me o que estava a fazer ali e eu disse que esperava o professor Flitwick. Então ele ofereceu-se para ir buscá-lo, mas a verdade é que não apareceu mais e não sei para onde foi.

— Bem, chegou a altura, não acham? — sugeriu Harry.

Os outros dois ficaram a olhar para ele. Estava pálido e com os olhos brilhantes.

— Eu vou sair daqui esta noite e tentar chegar à Pedra primeiro.

— És doido! — acusou-o Ron.

— Não podes fazer isso — exclamou Hermione —, depois do que o Snape e a professora McGonagall disseram. Ainda te expulsam!

— E DEPOIS? — gritou Harry. — Será que vocês não compreendem? Se o Snape chegar à Pedra, é o regresso do Voldemort! Não ouviram falar de como eram as coisas quando ele estava a tentar tomar o poder? Vai deixar de existir Hogwarts para expulsar quem quer que seja. Ele acaba imediatamente com isto ou então transforma-a numa escola de Magia Negra! Perder pontos deixou de ter importância, não vêem? Achem que ele vos deixará em paz, a vocês e às vossas famílias, se os Gryffindor ganharem a Taça? Se eu for apanhado antes de chegar à Pedra, o que me vai acontecer é ter de voltar para casa dos Dursley e esperar que o Voldemort me vá lá procurar. Trata-se de morrer um pouco mais tarde, porque eu nunca passarei para o lado das Trevas! Vou descer pelo alçapão esta noite e nada do que vocês possam dizer me fará mudar de ideias. O Voldemort matou os meus pais, não sei se se lembram!

Olhou para eles com os olhos reluzentes.

— Tens razão, Harry — disse Hermione, num fiozinho de voz.

— Vou usar o Manto da Invisibilidade — acrescentou Harry. — Foi uma sorte tê-lo recuperado.

— Mas achas que ele nos vai cobrir aos três? — perguntou Ron.

— Aos... aos três?

— Vá lá, deixa-te de fitas. Achas que te íamos deixar ir sozinho?

— Está claro que não — disse rispidamente Hermione. — Como é que chegarias à Pedra sem a nossa ajuda? Vou procurar nos livros, quem sabe se não descubro ainda alguma coisa útil...

— Mas se formos apanhados, vocês os dois também serão expulsos...

— Não, se eu puder evitá-lo — disse Hermione a sorrir. — O Flitwick disse-me em grande segredo que eu tive cento e vinte por cento no exame dele. Não me vão expulsar depois disso.

Após o jantar, bastante nervosos, sentaram-se os três na sala comum. Ninguém os incomodou, pois já nenhum dos Gryffindor falava com Harry. Aquela noite foi a primeira em que isso lhe foi indiferente. Hermione vasculhava em todos os seus apontamentos na esperança de deparar com um dos encantamentos que eles iriam tentar quebrar. Harry e Ron não falaram muito um com o outro. Pensavam ambos no que estavam prestes a fazer.

Aos poucos, à medida que as pessoas saíam para se irem deitar, a sala foi ficando vazia.

— É melhor ires buscar o Manto — murmurou Ron quando Lee Jordan finalmente saiu, a espreguiçar-se e a bocejar. Harry correu até ao dormitório escuro. Tirou o Manto e, em seguida, o seu olhar caiu sobre a flauta que Hagrid lhe oferecera pelo Natal. Meteu-a no bolso para usar com o *Fluffy*... não lhe apetecia muito cantar.

Voltou de novo à sala comum.

— É melhor pormos o Manto aqui e ver se ele nos cobre bem aos três, se o Filch avista um dos nossos pés a andar sozinho...

— O que estão a fazer? — perguntou uma voz ao fundo da sala.

Neville saiu de detrás de um cadeirão, agarrando o sapo *Trevor*, que tinha o ar de quem fizera mais uma tentativa para se libertar.

— Nada, Neville, nada — respondeu Harry, escondendo apressadamente o Manto atrás das costas.

Neville ficou a olhar para o ar de culpados que todos eles ostentavam.

— Vocês vão sair outra vez — afirmou.

— Não, não, que ideia — respondeu Hermione. — Por que não vais para a cama, Neville?

Harry olhou para o relógio de parede junto da porta. Não tinham muito mais tempo a perder. Snape podia estar já a adormecer o *Fluffy*.

— Vocês não podem fazer isso — declarou Neville. — Vão ser apanhados de novo. Os Gryffindor ficarão ainda mais desmoralizados.

— Tu não és capaz de compreender — disse Harry. — Isto é muito importante.

Mas Neville estava mesmo disposto a tomar uma atitude desesperada.

— Não vos vou deixar passar — insistiu, colocando-se em frente do buraco do retrato. — Só por cima do meu cadáver.

— Neville — explodiu Ron —, sai da frente do retrato e não sejas idiota.

— E não me chames idiota! — bradou Neville. — Acho que já chega de desobedecer às regras. E foram vocês que me disseram que enfrentasse as pessoas!

— Sim, mas não nos referíamos a nós — retorquiu Ron em perfeito desespero. — Neville, tu não sabes o que estás a fazer.

Deu um passo em frente e Neville deixou cair o sapo *Trevor*, que desapareceu aos saltos.

— Vá, tenta bater-me! — desafiou Neville, erguendo os punhos fechados. — Estou à espera!

Harry voltou-se para Hermione.

— *Faz qualquer coisa* — pediu, aflito.

Hermione avançou.

— Neville — disse ela —, lamento ter de fazer isto! — Levantou a

varinha.

— *Petrificus totalus!* — exclamou, apontando-a a Neville.

Os braços de Neville ficaram como que colados ao longo do corpo, as pernas unidas uma à outra, o corpo hirto. Balançou e caiu redondo no chão, rígido como uma tábua.

Hermione apressou-se a voltá-lo ao contrário. Os maxilares estavam tão apertados que nem podia falar. Só os olhos se moviam, fitando-os, horrorizado.

— O que é que lhe fizeste? — murmurou Harry.

— É a *Ligadura Total do Corpo* — esclareceu Hermione, infelicíssima.

— Oh! Neville, desculpa.

— Tinha de ser, Neville, não há tempo agora para explicações — acrescentou Harry.

— Vais compreender depois, Neville — disse Ron, enquanto passavam por cima dele e se cobriam com o Manto da Invisibilidade.

Mas deixar Neville ali caído, sem poder mover-se, não lhes pareceu um bom presságio. No grande estado de nervosismo em que se encontravam, cada sombra de estátua lhes parecia Filch, cada respiração distante soava como Peeves a descer em voo picado sobre eles.

No final do primeiro lanço de escadas, avistaram *Mrs. Norris*, rondando no topo.

— Vamos dar-lhe um pontapé, só desta vez — murmurou Ron ao ouvido de Harry, mas ele fez que não com a cabeça. Enquanto passavam por ela, cheios de cuidado, *Mrs. Norris* voltou os olhos luminosos para eles, mas não fez absolutamente nada.

Não encontraram ninguém até chegarem à escada do terceiro andar. Peeves pairava a meio, soltando o tapete para fazer as pessoas tropeçar.

— Quem está aí? — indagou subitamente, enquanto eles subiam na sua direcção. Piscou os olhinhos negros maldosos.

— Sei que está aí alguém, apesar de não o ver. São fantasmas, vampiros ou as bestazinhas dos estudantes?

Ergueu-se no ar e flutuou, esforçando-se por vê-los. — Devia chamar o Filch, aí isso é que devia, se andam por aí coisas invisíveis...

Harry teve uma ideia estupenda.

— Peeves — disse num sussurro rouco. — O Barão Sangrento tem os seus motivos para andar invisível.

Peeves quase caiu com o choque. Recompôs-se a tempo de pairar a alguns centímetros do chão.

— Peço imensa desculpa, sua sanguinidade, senhor Barão — disse untuosamente. — Enganei-me, engano meu... não o vi... claro, não podia

vê-lo, está invisível... queira desculpar ao velho Peeves esta brincadeira.

— Tenho assuntos a tratar aqui, Peeves — roncou Harry de novo. — Esta noite, mantém-te afastado.

— Certamente, senhor Barão, com certeza — disse Peeves, elevando-se de novo no ar. — Espero que tudo lhe corra bem, senhor Barão. Eu não o incomodarei. — E pôs-se a andar.

— Brilhante, Harry — murmurou Ron.

Poucos segundos mais tarde estavam defronte do corredor do terceiro andar e deram com a porta já entreaberta.

— Bem, cá estamos — disse Harry baixinho. — O Snape já conseguiu passar pelo *Fluffy*.

A visão daquela porta aberta, de certo modo, fez com que os três tomassem consciência do que os aguardava. Debaixo da capa, Harry voltou-se para os outros dois.

— Se quiserem voltar atrás, eu compreendo — disse. — Podem levar o Manto, eu não vou precisar dele a partir de agora.

— Não sejas estúpido — retorquiu Ron.

— Nós vamos contigo — reforçou Hermione.

Harry abriu a porta completamente.

Mal ela chiou, começaram a fazer-se ouvir roncos baixos e prolongados. Os três narizes do cão cheiravam avidamente na direcção deles, apesar de não conseguirem vê-los.

— O que é aquilo aos pés dele? — sussurrou Hermione.

— Parece uma harpa — disse Ron. — O Snape deve tê-la deixado aí.

— Ele deve acordar no momento em que se pára de tocar — afirmou Harry. — Lá vai...

Levou a flauta de Hagrid aos lábios e soprou. Não era propriamente melodiosa, mas, logo à primeira nota, os olhos do animal começaram a fechar-se. Harry mal tomou fôlego. Aos poucos, os rugidos do cão cessaram... foi-se abaixo das patas, caiu de joelhos e ficou no chão a dormir.

— Continua a tocar — foi o aviso de Ron para Harry, enquanto se esgueiravam do Manto e avançavam em direcção ao alçapão. Sentiram o bafo quente e malcheiroso do cão quando se aproximaram das três cabeças gigantescas.

— Acho que vamos conseguir abrir a porta do alçapão — disse Ron, espreitando por cima do dorso do cão. — Queres ir primeiro, Hermione?

— Não, não quero!

— Está bem. — Ron cerrou os dentes e passou cautelosamente por cima das patas do animal, baixou-se e puxou a argola do alçapão que deslizou,

abrindo-se.

— O que vês? — perguntou Hermione, cheia de curiosidade.

— Nada... só escuro... não há por onde descer, temos de saltar.

Harry, que ainda estava a tocar flauta, chamou a atenção de Ron com um sinal e apontou para si próprio.

— Queres ir primeiro? Tens a certeza? — perguntou Ron. — Não sei qual a profundidade desta coisa. Dá a flauta à Hermione para ela o manter adormecido.

Harry entregou a flauta. Nos poucos segundos de silêncio, o cão torceu-se e rugiu, mas logo que Hermione recomeçou a tocar, caiu de novo num sono profundo.

Harry passou por cima do animal gigantesco e olhou para baixo, pelo alçapão. Não se avistava o fundo.

Enfiou-se no buraco, mantendo-se agarrado pelas pontas dos dedos. Olhou então para Ron e disse: — Se me acontecer alguma coisa, não me sigam. Vão direitos à Torre das Corujas e enviem a *Hedwig* ao Dumbledore. Certo?

— Certo — assegurou Ron.

— Até já, espero...

E Harry soltou-se. Sentia uma corrente de ar frio e húmido, enquanto ia descendo, descendo, descendo e...

PLOFF! Com uma pancada estranha e abafada, aterrou em cima de algo macio. Sentou-se e olhou em volta, com os olhos ainda não habituados à escuridão. Sentia-se como se estivesse em cima de uma planta.

— Tudo bem — gritou para o fio de luz do tamanho de um selo de correio que era a abertura do alçapão. — É uma aterragem suave, podem saltar!

Ron não esperou por mais e aterrou mesmo ao lado de Harry.

— O que é isto? — foram as suas primeiras palavras.

— Não sei, uma espécie de planta. Deve estar aqui para amortecer a queda. Salta, Hermione.

A música ao longe cessou. Ouviu-se uma forte rosnadela, mas Hermione já tinha saltado. Aterrou do outro lado de Harry.

— Devemos estar quilómetros abaixo da escola — comentou ela.

— Ainda bem que está aqui esta espécie de planta — disse Ron.

— Ainda bem? — exclamou Hermione. — Olhem para vocês!

Ela deu um salto e tentou alcançar uma parede manchada de humidade. Teve de lutar, porque no momento em que aterrou, a planta começou a contorcer-se, lançando garras serpenteantes em redor dos seus tornozelos. Quanto a Ron e a Harry, a planta já lhes amarrara as pernas sem que eles

tivessem dado por isso.

Hermione conseguira libertar-se antes que a planta tivesse tido tempo de a amarrar com força. Olhava agora com horror para os dois rapazes que lutavam para a afastar, mas quanto maior era a luta, mais ela os apertava.

— Fiquem quietos! — disse Hermione num tom de comando. — Eu sei o que isso é, é A Armadilha do Diabo!

— Ah! Que bom ficar a conhecer-lhe o nome. É uma ajuda preciosa — ironizou Ron, encostando-se para trás numa tentativa de evitar que a planta se lhe enrolasse em volta do pescoço.

— Calem-se. Estou a tentar lembrar-me de como se faz para a neutralizar — disse Hermione.

— Então despacha-te, mal consigo respirar! — ofegou Harry, defendendo-se, enquanto a planta lhe apertava o peito.

— A Armadilha do Diabo, a Armadilha do Diabo... o que é que a professora Sprout disse? Gosta do escuro e da humidade.

— Então acende uma fogueira — sugeriu Harry, quase a sufocar.

— Claro, claro, mas não há madeira — lamentou-se Hermione, torcendo as mãos.

— TU ESTÁS PARVA? — bradou Ron. — ÉS UMA FEITICEIRA OU NÃO?

— Oh, claro! — disse Hermione, pegando na varinha e fazendo um gesto no ar. Murmurou algo indecifrável e enviou um jacto de chamas azuis contra a planta. Em poucos segundos, os dois rapazes sentiram-na afrouxar o aperto, enquanto se afastava do calor e da luz. Com movimentos sinuosos, desenvencilhou-se dos corpos deles e os dois puderam libertar-se.

— É uma sorte tu seres tão boa aluna em Herbologia, Hermione — comentou Harry, enquanto se juntava a ela perto da parede e limpava o suor do rosto.

— Sim — disse Ron. — E ainda bem que o Harry mantém a cabeça fria nos momentos críticos. — *Não há madeira*, francamente...

— Por aqui — apontou Harry, mostrando-lhes uma passagem que descia e que era o único caminho.

Além dos próprios passos, apenas conseguiam ouvir o suave gotejar da água escorrendo em fio ao longo das paredes. A passagem descia em declive e Harry lembrou-se de Gringotts.

Com um desagradável aperto no coração, recordou que se dizia que os dragões guardavam os cofres no banco dos feiticeiros. E se dessem de caras com um dragão, um dragão adulto? O *Norbert* já fora suficientemente mau...

— Consegues ouvir alguma coisa? — murmurou Ron.

Harry fez um esforço. Um leve sussurro e um tinir pareciam vir lá do

fundo.

— Achas que é algum fantasma?

— Não sei. Parece-me o som de asas.

— Há luz ali adiante, acho que estou a ver alguma coisa a mexer-se.

Chegaram ao fim do caminho. Em frente deles estava uma sala magnificamente iluminada, com um tecto em arco muito alto. A sala estava cheia de pequeninos pássaros brilhantes que batiam agitadamente as asas e rodopiavam. Do lado oposto havia uma pesada porta de madeira.

— Achas que nos agriem se atravessarmos a sala? — perguntou Ron.

— Provavelmente — disse Harry. — Não parecem muito perigosos, mas suponho que se ataquem todos juntos... bem, não há alternativa... vou correr...

Respirou fundo, cobriu o rosto com um dos braços e atravessou a sala a correr. Estava à espera de sentir bicos afiados e garras lançarem-se sobre ele, mas nada aconteceu. Chegou à porta incólume. Deu a volta à maçaneta, mas estava fechada.

Os outros dois seguiram-no. Puxaram e empurraram a porta, mas ela não se moveu, nem quando Hermione tentou o seu feitiço Alohomora.

— E agora? — perguntou Ron.

— Estes pássaros... não estão certamente aqui só para decorar a sala — comentou Hermione.

Observaram os pássaros elevando-se no ar, cintilantes... *cintilantes*?

— Não são pássaros! — exclamou Harry num repente. — São chaves. Chaves aladas! Observem com atenção, isso deve significar que... — Espreitou em volta, enquanto os outros dois olhavam para cima, para o bando de chaves.

— ... Sim, olha! Vassouras! Temos de agarrar a chave da porta!

— Mas são *centenas*...

Ron examinou o formato da fechadura.

— A que nos interessa é grande, antiquada, talvez prateada como a maçaneta da porta.

Cada um pegou numa vassoura e elevaram-se no ar pelo meio da nuvem de chaves. Esticaram-se e contorceram-se, mas as chaves enfeitiçadas precipitavam-se como setas e desciam tão rapidamente que era praticamente impossível agarrar alguma.

Mas também não era por acaso que Harry era o mais jovem *seeker* de há um século para cá em Hogwarts. Tinha um dom para vislumbrar o que escapava aos outros. Após alguns minutos a serpentear por entre o turbilhão de penas multicores, reparou numa chave prateada e longa que tinha uma asa dobrada como se já tivesse sido agarrada e metida

violentamente na fechadura.

— Aquela — gritou ele aos outros. — A grande, ali... não, ali... com asas azul-brilhantes. As penas estão todas amachucadas de um dos lados.

Ron dirigiu-se rapidamente na direcção que Harry apontava. Bateu no tecto e quase caiu da vassoura.

— Temos de a cercar! — gritou Harry, sem tirar os olhos da chave com a asa danificada. — Ron, tu atacas de cima; Hermione, fica em baixo e evita que ela desça, que eu vou tentar apanhá-la. AGORA!

Ron mergulhou, Hermione subiu, a chave fintou os dois e Harry foi a toda a velocidade atrás dela. A chave acelerou, direita à parede, Harry inclinou-se e, com um ruído desagradável, espalmou-a contra a parede com uma das mãos. Os aplausos de Ron e de Hermione ecoaram em toda a sala.

Aterraram rapidamente e Harry correu para a porta com a chave a lutar para lhe fugir da mão. Enfiou-a na fechadura e deu a volta. Era mesmo aquela. Tinham acertado. Mas mal a fechadura fez o *clic* e se abriu, a chave voou de novo, com um aspecto bastante mais amachucado, agora que fora agarrada duas vezes.

— Prontos? — perguntou Harry aos outros dois, com a mão na maçaneta. Eles fizeram um sinal afirmativo e Harry empurrou a porta.

A sala que se seguia era tão escura que eles não conseguiam ver absolutamente nada, porém, quando entraram todos, a luz encheu a divisão, revelando algo verdadeiramente surpreendente.

Estavam à beirinha de um gigantesco tabuleiro de xadrez, atrás das peças pretas, que eram todas mais altas do que eles e esculpidas no que lhes pareceu ser uma pedra negra. De frente para eles, do outro lado da sala, viam-se as peças brancas. Harry, Ron e Hermione estremeceram ligeiramente... as grandes peças brancas não tinham rosto.

— E agora, o que fazemos? — murmurou Harry.

— É óbvio, ou não? — disse Ron. — Temos de fazer o percurso, a jogar, através da sala.

Por detrás das peças brancas podia ver-se outra porta.

— Mas como? — perguntou nervosamente Hermione.

— Eu acho — disse Ron — que vamos ter de ser peças de xadrez.

Aproximou-se de um cavaleiro preto e estendeu a mão para tocar no cavalo. De imediato a pedra ganhou vida. O cavalo esgravatou o chão e o cavaleiro virou a cabeça, coberta por um elmo, olhando para Ron.

— Temos de nos juntar a vocês para atravessar a sala?

O cavaleiro negro fez, com a cabeça, um sinal afirmativo. Ron comentou com os dois amigos:

— Isto requer alguma reflexão. Suponho que temos de tomar o lugar de

três peças pretas...

Harry e Hermione ficaram muito quietos, observando Ron a raciocinar. Por fim, este disse: — Não fiquem ofendidos comigo, mas a verdade é que nenhum de vocês é um ás no xadrez...

— Não estamos ofendidos — respondeu Harry, sem perder tempo —, diz-nos só o que temos de fazer.

— Bem, Harry, tu vais tomar o lugar do bispo e tu, Hermione, vais a seguir a ele em vez da torre.

— Então, e tu?

— Eu vou ser um cavaleiro — decidiu Ron.

As peças pareciam ter estado a ouvi-los, porque mal pronunciaram estas palavras, um cavaleiro, um bispo e uma torre voltaram as costas às pedras brancas e saíram do tabuleiro de xadrez, deixando três lugares vagos para Harry, Ron e Hermione preencherem.

— No xadrez, as brancas começam sempre — declarou Ron, perscrutando o tabuleiro. — Sim... olhem.

Um peão branco avançara dois quadrados. Ron começou a dirigir as peças pretas. Estas moviam-se em silêncio para onde ele as mandava ir. Os joelhos de Harry tremiam. E se perdessem?

— Harry, move-te na diagonal, quatro quadrados para a direita.

O primeiro confronto deu-se quando o outro cavaleiro lhes foi retirado.

A rainha branca atirou-o ao chão e arremessou-o para fora do tabuleiro, onde ele ficou, sem se mexer, com a cara no chão.

— Tinha de ser — disse Ron, com um ar abalado. — Ficas livre para tomar o bispo, Hermione.

De cada vez que eles perdiam uma peça, as peças brancas eram impiedosas. Não tardou muito, havia um monte de peças pretas, encostadas ao longo da parede. Por duas vezes, só no último momento é que Ron reparou que Harry e Hermione estavam em perigo. Ele próprio lançou-se como uma flecha ao longo do tabuleiro, tomando quase tantas peças brancas como aquelas que tinham perdido.

— Estamos quase a conseguir — murmurou. — Deixa-me pensar, deixa ver...

A rainha branca voltou a sua cara sem feições para ele. — Sim... — concluiu Ron calmamente. — É a única maneira. Eu tenho de ser sacrificado.

— NÃO! — gritaram Harry e Hermione.

— O xadrez é assim! — interrompeu Ron. — Há que fazer alguns sacrifícios! Eu dou um passo em frente e ela toma-me... isso permite-te fazer um xeque-mate ao rei, Harry!

— Mas...

— Queres travar o Snape ou não?

— Ron...

— Tens de te apressar, olha que ele pode até já ter a Pedra!

Não havia nada a fazer.

— Prontos? — perguntou Ron, pálido mas determinado. — Cá vou eu, e vocês não fiquem a perder tempo, avancem logo que tenham o jogo ganho.

Deu um passo e a rainha branca atacou-o, dando-lhe uma forte pancada na cabeça com o seu braço de pedra e atirando-o ao chão. Hermione soltou um grito, mas manteve-se no respectivo quadrado. A rainha branca empurrou Ron para o lado. Este parecia ter perdido os sentidos.

A tremer, Harry moveu-se três casas para a esquerda.

O rei branco tirou a coroa da cabeça e lançou-a aos pés de Harry. Tinham vencido. As peças fizeram uma vénia e foram-se embora, deixando a porta desimpedida. Depois de lançar a Ron um último olhar ansioso, Harry e Hermione correram pela porta e começaram a subir o corredor seguinte.

— E se ele...?

— Ele fica bem — disse Harry, tentando convencer-se a si próprio. — O que virá a seguir?

— Já tivemos a Armadilha do Diabo, que devia ser o feitiço da Sprout... o Flitwick deve ter enfeitiçado as chaves... a McGonagall transfigurou as peças do xadrez para as fazer ganhar vida... só faltam os feitiços do Quirrell e do Snape...

Tinham chegado a outra porta.

— Tudo bem? — perguntou Harry baixinho.

— Força!

Harry empurrou e abriu-a.

Um cheiro nauseabundo invadiu-lhes as narinas, fazendo com que os dois tapassem o nariz com as capas. Com os olhos lacrimejantes, viram caído no chão, em frente deles, um *troll* ainda maior do que aquele a quem tinham conseguido dar com a moca na cabeça.

— Ainda bem que não tivemos de lutar com este — disse Harry, enquanto passava cautelosamente por cima das suas pernas maciças. — Depressa, mal consigo respirar.

Abriu a porta seguinte, ambos receosos de olhar para o que os esperava, mas não havia ali nada de muito assustador. Apenas uma mesa com sete garrafas de diferentes formatos, colocadas em linha recta.

— O feitiço do Snape. O que é que temos de fazer?

Passaram o limiar e um fogo acendeu-se de imediato atrás deles. Não era

um fogo vulgar. Era lilás. Nesse mesmo instante, chamas pretas encheram a porta que lhes permitia continuar. Estavam encurralados.

— Olha! — Hermione avistou um rolo de papel junto das garrafas. Harry espreitou por cima do ombro dela e leu:

*O perigo está na frente, atrás a segurança,
Duas de nós estão convosco. Não percam a esperança.
Uma de nós deixar-vos-á seguir em frente
Outra levar-vos-á, para trás, de repente.
Duas de nós dar-vos-ão vinho de urtiga a provar
Três de nós estão à espera para vos matar.
Escolham, ou para sempre aqui irão ficar
Damo-vos quatro pistas para vos ajudar.
Mesmo que o veneno esconder-se bem consiga
Haverá sempre um rasto à esquerda da urtiga.
Segunda, ainda que os extremos possam parecer diferentes
Nenhum é teu amigo se tentares ir em frente.
Terceira, todas somos divergentes no porte
Nem gigante nem gnomo têm, lá dentro, a morte.
Quarta, o segundo à esquerda e o segundo à direita
São iguais se os provarem, mas diferentes na espreita.*

Hermione deu um suspiro de alívio e Harry, espantado, viu que ela sorria, a última coisa que ele se lembraria de fazer.

— Espantoso! — exclamou Hermione. — Isto não é magia, é lógica... um quebra-cabeças. A maior parte dos grandes feiticeiros não têm um grama de lógica, vão ficar aqui fechados para sempre.

— Mas, o mesmo vai acontecer-nos a nós, ou não?

— É claro que não — adiantou Hermione. — Tudo do que precisamos está aqui neste papel. Sete garrafas: três têm veneno, duas têm vinho, uma ajudar-nos-á a passar pelo fogo preto e outra pelo fogo lilás.

— Mas como vamos saber qual o líquido que devemos beber?

— Dá-me um minuto!

Hermione leu o papel várias vezes. Depois andou de um lado para o outro, junto do alinhamento das garrafas, murmurando sozinha e apontando para elas.

Por fim, bateu palmas.

— Já sei — exclamou. — A garrafa mais pequena levar-nos-á através do fogo negro... em direcção à Pedra.

Harry olhou para a garrafinha.

— Só há aqui quantidade suficiente para um de nós — constatou ele. — Mal dá um gole.

Olharam um para o outro.

— Qual é a que nos leva de volta através das chamas lilases?

Hermione apontou para a garrafa bojuda do lado direito da linha.

— Bebe essa — disse Harry. — Não, ouve, vai lá atrás buscar o Ron, agarra vassouras da sala das chaves voadoras. Elas podem ajudar-vos a subir pelo alçapão e passar pelo *Fluffy*; vai também à Torre das Corujas e envia a *Hedwig* ao Dumbledore, precisamos dele. Eu posso aguentar-me com o Snape durante algum tempo, mas sei que não chego para ele.

— Mas, Harry, e se o Quem-Nós-Sabemos estiver com ele?

— Bem, eu tive sorte uma vez, não tive? — lembrou ele, apontando para a cicatriz. — Pode ser que tenha sorte de novo.

O lábio de Hermione tremeu e num repente lançou-se sobre ele e abraçou-o.

— *Hermione!*

— Harry, tu és um grande feiticeiro.

— Não tão bom como tu — disse Harry, pouco à vontade, enquanto ela o largava.

— Eu! — exclamou Hermione. — Livros! Esperteza! Há coisas mais importantes: amizade, coragem e... oh! Harry, tem cuidado!

— Bebe primeiro — disse Harry. — Tens a certeza de que são estas, não tens?

— Absoluta — assentiu Hermione. Bebeu um grande gole da garrafa bojuda e no fim arrepiou-se.

— Não é veneno? — perguntou Harry, cheio de ansiedade.

— Não, mas parece gelo.

— Vai depressa, antes que desapareça o efeito.

— Boa sorte. Tem cuidado.

— VAI!

Hermione voltou-se e avançou direita ao fogo lilás. Harry respirou fundo e pegou na garrafinha mais pequena. Olhou em frente para as chamas negras.

— Lá vou eu — murmurou e emborcou a garrafa de uma vez só.

Era, de facto, como se o gelo o tivesse inundado de cima a baixo. Pousou a garrafa, ganhou coragem e avançou. Viu as chamas negras lamberem-lhe o corpo, mas não conseguiu senti-las... durante alguns momentos não viu senão fumo negro... a seguir, estava do outro lado, na última sala.

Havia alguém que já se encontrava lá, mas não era Snape. E também não era Voldemort.

XVII

O HOMEM COM DUAS CARAS

Era Quirrell.

— O senhor!? — exclamou Harry.

Quirrell sorriu. O seu rosto não se contorcia.

— Sim, eu — disse com toda a calma. — Estava na dúvida se nos encontraríamos aqui, Potter.

— Mas eu pensei, o Snape...

— Severus? — Quirrell riu-se. Não era o seu riso habitual, mas sim um riso frio e cortante. — Sim, o Severus tem todo o aspecto, não tem? É muito útil tê-lo por perto como um morcego enorme. Comparado com ele, quem se lembraria de suspeitar do p-p-p-obre e g-g-gago professor Quirrell?

Harry não acreditava no que estava a ouvir. Não podia ser verdade, não podia.

— Mas o Snape tentou matar-me!

— Não, não! Eu é que tentei matar-te. A tua amiga Hermione Granger é que me empurrou acidentalmente com a pressa de pegar fogo ao manto do Snape e quebrou o meu contacto visual contigo. Mais alguns segundos e tinha-te feito saltar daquela vassoura. Já o teria conseguido antes, se o Snape não estivesse a murmurar um contrafeitiço, tentando salvar-te.

— O Snape a tentar salvar-me?

— Claro — confirmou Quirrell, tranquilamente. — Por que pensas que ele quis arbitrar o teu segundo jogo? Estava a procurar assegurar-se de que eu não voltaria a tentar. Engraçado... não precisava de ter tido tanto trabalho. Não havia nada que eu pudesse fazer com o Dumbledore a assistir. Todos os outros professores pensaram que o Snape estava a ver se impedia os Gryffindor de ganharem. Tornou-se bastante impopular, coitado

e... que perda de tempo já que, ao fim e ao cabo, esta noite, vou acabar contigo.

Quirrell estalou os dedos. Várias cordas apareceram do nada e enrolaram-se à volta de Harry.

— És demasiado abelhudo para continuares vivo, Potter, bisbilhotando pela escola no Hallowe'en, pois eu sei muito bem que me viste ir espreitar aquilo que guardava a Pedra.

— Foi o senhor que deixou entrar o *troll*?

— Naturalmente. Tenho um dom especial para lidar com *trolls*, deves ter visto o que fiz àquele da outra sala! Infelizmente, enquanto todos os professores andavam à procura dele, o Snape, que já então suspeitava de mim, foi direito ao terceiro andar para me desviar do caminho; e não só o meu *troll* não conseguiu matar-te, como aquele cão de três cabeças nem sequer foi capaz de lhe arrancar decentemente a perna.

«Agora, está quietinho, Potter. Preciso de examinar este interessante espelho que aqui está.»

Só então Harry se apercebeu de que atrás de Quirrell se encontrava o Espelho dos Invisíveis.

— Este espelho é a chave para descobrir a Pedra — murmurou Quirrell, tamborilando com os dedos na moldura.

«Só mesmo o Dumbledore para se lembrar de uma coisa destas, mas ele está em Londres... e eu estarei a milhas quando ele regressar!»

A única coisa que passou pela cabeça de Harry foi que, se mantivesse Quirrell a falar o máximo de tempo possível, evitaria que ele se concentrasse no espelho.

— Eu vi-os, ao senhor e ao Snape na floresta — afirmou.

— Sim — disse Quirrell maquinalmente, enquanto passeava em volta do espelho para o ver por detrás. — Ele andava a seguir-me, a tentar descobrir o que eu sabia. Suspeitou de mim desde o princípio. Tentou intimidar-me, como se isso fosse possível, tendo Lord Voldemort do meu lado...

Quirrell saiu de trás do espelho e olhou para a sua superfície.

— Eu vejo a Pedra... estou a oferecê-la ao meu mestre, mas onde é que ela está?

Harry debatia-se contra as cordas que o apertavam, mas estas não cediam. Tinha de impedir que Quirrell fixasse toda a atenção no espelho.

— Mas o Snape sempre pareceu detestar-me tanto...

— Oh! Ele detesta-te — confirmou Quirrell com a maior naturalidade.

— Sem dúvida. Esteve em Hogwarts com o teu pai. Não sabias? Odiavam-se um ao outro, mas ele nunca te quis matar.

— Mas eu ouvi o senhor a soluçar, há dias, pensei que o Snape estava a

ameaçá-lo...

Pela primeira vez, um acesso de medo passou pelo rosto de Quirrell.

— Às vezes — confessou — é difícil para mim seguir as instruções do meu mestre; ele é um grande feiticeiro e eu sou fraco.

— Quer dizer que ele estava ali na sala de aula, consigo?

— Ele está comigo onde quer que eu esteja — afirmou Quirrell calmamente. — Conheci-o quando viajava pelo mundo. Eu era um jovem tonto, cheio de ideias ridículas sobre o bem e o mal. Lord Voldemort mostrou-me o quanto eu estava enganado. Não existe bem nem mal, apenas poder e os que são demasiado fracos para o procurarem... Desde então, tenho-o servido fielmente apesar de o ter desiludido muitas vezes. Ele tem-se visto obrigado a ser muito duro comigo — confessou Quirrell, subitamente arrepiado. — O Voldemort não perdoa os erros com facilidade. Quando eu não fui capaz de roubar a Pedra de Gringotts, ficou muito insatisfeito, castigou-me e decidiu que tinha de vigiar-me mais de perto.

A voz de Quirrell foi esmorecendo. Harry recordou a sua ida à Diagon-Al... como podia ter sido tão estúpido? Ele vira lá Quirrell nesse mesmo dia, quando lhe apertara a mão no Caldeirão Escoante.

Quirrell praguejou entredentes.

— Não compreendo... a Pedra estará dentro do espelho? Deverei parti-lo?

Harry pensava velozmente.

O que eu mais quero neste momento, pensou, é encontrar a Pedra antes do Quirrell. Logo, se eu olhar para o espelho, vou ver-me a descobri-la, isto é, saberei onde está escondida. Mas como é que eu posso olhar sem que o Quirrell se aperceba?

Tentou chegar-se para a esquerda, de modo a ficar em frente do espelho sem que Quirrell desse por isso, mas as cordas em volta dos tornozelos estavam demasiado apertadas, tropeçou e caiu. Quirrell ignorou-o e continuou a falar sozinho.

— O que fará o espelho? Como será o seu funcionamento? Ajude-me, Mestre.

E, para grande horror de Harry, uma voz respondeu. Uma voz que parecia vir de dentro do próprio Quirrell.

— Usa o rapaz! Usa o rapaz!

Quirrell virou-se para Harry.

— Sim, Potter, anda cá!

Bateu palmas uma vez e as cordas que o amarravam caíram por terra. Harry pôs-se de pé.

— Chega aqui! — repetiu Quirrell. — Olha para o espelho e diz-me o que vês.

Harry avançou para ele.

«Tenho de mentir», pensou em desespero de causa. «Tenho de ver e mentir sobre o que vejo.»

Quirrell veio colocar-se por detrás dele. Harry sentiu aquele estranho cheiro que parecia vir de dentro do turbante do professor. Fechou os olhos, colocou-se em frente do espelho e voltou a abri-los.

Viu-se a princípio pálido e assustado, mas, momentos depois, o reflexo sorriu-lhe, meteu a mão no bolso e retirou de lá uma pedra vermelho-sangue. Piscou-lhe o olho e meteu a Pedra novamente no bolso e, ao fazer aquilo, Harry sentiu algo pesado cair-lhe mesmo dentro do bolso. De um modo que não sabia explicar, inacreditavelmente, *ele tinha a Pedra*.

— Então? — perguntou Quirrell, impacientemente. — O que vês?

Harry reuniu toda a sua coragem.

— Vejo-me a apertar a mão ao Dumbledore — inventou. — Acabei de ganhar a Taça para os Gryffindor.

Quirrell voltou a praguejar.

— Sai da frente — ordenou. Quando Harry se mexeu, sentiu a Pedra Filosofal roçar-lhe na perna. Deveria tomar alguma atitude?

Mas não tinha dado cinco passos quando uma voz alta falou através de Quirrell, sem que este movesse os lábios.

— Ele mente... Ele mente...

— Potter, volta aqui! — gritou-lhe Quirrell. — Diz-me a verdade. O que é que viste?

A voz falou de novo.

— Deixa-me falar com ele cara a cara...

— Mestre, vós não tendes força suficiente!

— Tenho força suficiente para isto...

Harry sentiu como se a Armadilha do Diabo estivesse a pregá-lo ao chão. Não conseguia mover um músculo. Petrificado, viu Quirrell começar a desenrolar o turbante. Que se estava a passar? O turbante caiu. A cabeça de Quirrell parecia inesperadamente pequena sem ele. Então, Quirrell voltou-se lentamente de costas sem sair do mesmo lugar.

Harry teria gritado se pudesse, mas foi incapaz de produzir um som. No lugar onde deveria estar a nuca de Quirrell via-se um rosto, o rosto mais pavoroso que ele alguma vez vira. Era branco como a cal, com olhos vermelhos brilhantes e fendas no lugar das narinas, como as cobras.

— Harry Potter... — murmurou a coisa.

Harry tentou recuar um passo, mas as pernas não lhe obedeceram.

— Vês no que eu me tornei? — perguntou a cara. — Uma mera sombra e vapor... só tenho forma quando partilho o corpo de outra pessoa... mas tem havido gente disposta a deixar-me entrar no seu coração e na sua mente... o sangue de unicórnio fortaleceu-me durante as últimas semanas... viste o meu fiel Quirrell bebê-lo por mim, na floresta. E, logo que tenha o Elixir da Vida, poderei criar um novo corpo. Portanto, dá-me a Pedra que tens no bolso!

Então, ele sabia. Subitamente, Harry voltou a sentir as pernas e recuou, tropeçando.

— Não sejas parvo — rosnou a cara. — É melhor salvars a vida e juntares-te a mim ou vais acabar por ter o mesmo fim que os teus pais, que morreram a pedir misericórdia...

— MENTIROSO! — gritou Harry, num repente.

Quirrell avançava de costas para ele para que Voldemort pudesse vê-lo bem. A cara cruel estava agora a sorrir.

— Que comovedor... — disse, num tom sibilante. — Sempre respeitei muito a coragem... sim, rapaz, o teu pai era corajoso. Matei-o em primeiro lugar e ele defendeu-se com bravura... mas a tua mãe não precisava de ter morrido. Só morreu por tentar proteger-te. Agora passa para cá a Pedra, a não ser que queiras que a morte dela tenha sido em vão.

— NUNCA!

Harry lançou-se de um salto para a porta em chamas, mas Voldemort gritou: — AGARRA-O! — e, um segundo depois, Harry sentiu a mão de Quirrell apertando-lhe o pulso. Nesse momento, uma dor aguda como uma agulha ardeu na cicatriz como se a sua cabeça se fosse partir ao meio. Gritou com todas as forças que lhe restavam e, para sua grande surpresa, viu que Quirrell o largou. A dor de cabeça abrandou um pouco. Olhou em volta impacientemente para tentar perceber para onde Quirrell tinha ido e viu-o dobrado com dores, a olhar para os dedos que empolavam a olhos vistos.

— AGARRA-O! AGARRA-O! — voltou Voldemort a gritar e Quirrell precipitou-se para Harry, fazendo-o cair ao chão, aterrando em cima dele e lançando-lhe ambas as mãos à volta do pescoço... a cicatriz de Harry quase o cegava de dores, mas ainda assim conseguia ver Quirrell gemendo, em agonia.

— Mestre, não consigo agarrá-lo... as minhas mãos, as minhas mãos!

E apesar de ter Harry imobilizado contra o chão com a força dos joelhos, Quirrell largou-lhe o pescoço e olhou horrorizado para as mãos.

Harry via-as queimadas, em carne viva, de um vermelho reluzente.

— Então mata-o, idiota, de uma vez por todas — ordenou Voldemort.

Quirrell levantou a mão para realizar um feitiço de morte, mas Harry instintivamente agarrou-lhe a cara.

— AAARGH!

Quirrell saiu de cima dele com a cara coberta de bolhas e Harry percebeu que ele não podia tocar-lhe sem sofrer dores horríveis; a sua única saída era agarrar Quirrell e mantê-lo em tanto sofrimento que isso o impedisse de realizar o feitiço.

Harry pôs-se de pé, agarrou-o pelo braço e apertou o máximo que pôde. Quirrell gritava e tentava desenvencilhar-se dele... a dor de cabeça de Harry aumentava de novo... não conseguia ver nada, apenas ouvia os gritos horríveis de Quirrell e as ordens de Voldemort: — MATA-O! MATA-O! — e outras vozes, provavelmente dentro da sua própria cabeça, gritando: — Harry! Harry!

Sentiu o braço de Quirrell afrouxar o aperto e soube que estava tudo perdido. Começou a cair... a cair... a cair na escuridão.

Algo dourado brilhava acima dele. A *snitch*! Tentou agarrá-la, mas o braço estava muito pesado.

Piscou os olhos. Não era a *snitch*. Eram uns óculos. Que estranho!

Piscou de novo os olhos e viu o rosto sorridente de Albus Dumbledore.

— Boa tarde, Harry — cumprimentou-o Dumbledore.

Harry olhou para ele e só então se lembrou: — Professor, a Pedra. Foi o Quirrell. Ele tem a Pedra, professor, depressa...

— Acalma-te, rapaz. Estás um pouco desatualizado — disse Dumbledore. — O Quirrell não tem a Pedra.

— Então quem a tem, professor?

— Harry, acalma-te ou a Madame Pomfrey vai acabar por mandar-me embora.

Harry engoliu em seco e olhou em volta. Apercebeu-se de que estava na enfermaria deitado numa cama com lençóis de linho branco e que, ao seu lado, estava uma mesa que parecia ter em cima metade de uma loja de doces.

— Lembranças dos teus amigos e admiradores — disse Dumbledore a sorrir. — O que aconteceu lá em baixo nas masmorras entre ti e o professor Quirrell é segredo, por isso, naturalmente, toda a escola já tomou conhecimento. Julgo que os teus amigos Fred e George Weasley são responsáveis por terem tentado oferecer-te uma tampa de sanita. Sem dúvida pensaram que te divertiria. Contudo, a Madame Pomfrey não considerou a oferta suficientemente higiénica e confiscou-a.

— Há quanto tempo estou aqui?

— Há três dias. O Ronald Weasley e a Hermione Granger ficarão muito aliviados quando souberem que voltaste a ti. Têm estado extremamente preocupados.

— Mas, professor, a Pedra...

— Já percebi que não desistes. Muito bem, falemos, então, da Pedra. O professor Quirrell não conseguiu tirar-ta. Eu cheguei a tempo de evitar que isso sucedesse, embora te tenhas desenhinchado muito bem sozinho, deixa-me que te diga.

— O professor foi lá abaixo? Recebeu a coruja que a Hermione enviou?

— Devemos ter-nos desenhinchado no ar. Mal cheguei a Londres, apercebi-me de que o lugar onde devia estar era aquele de onde acabara de sair. Cheguei aqui mesmo a tempo de afastar o Quirrell de ti.

— Era o senhor.

— Receei ter chegado tarde de mais.

— Quase chegou. Eu não teria conseguido defender a Pedra durante muito mais tempo.

— Não é da Pedra que estou a falar, é de ti. O esforço que despendeste quase te matou. Por um momento, fiquei apavorado a pensar que tinhas morrido. Quanto à Pedra, foi pura e simplesmente destruída.

— Destruída? — perguntou Harry, desorientado. — Mas o seu amigo Nicolas Flamel...

— Ah! Tu sabes do Nicolas? — observou Dumbledore com uma expressão deliciada. — Fizeste o trabalho na perfeição, não há dúvida. Bem, eu e o Nicolas tivemos uma conversazinha e decidimos que era a melhor solução.

— Mas isso significa que ele e a mulher acabarão por morrer...

— Têm elixir suficiente para pôr os seus assuntos em dia e depois, bom, depois acabarão por morrer.

Dumbledore sorriu perante o olhar de espanto no rosto de Harry.

— Para um juvenzinho da tua idade, pode parecer incrível, mas, para o Nicolas e a Perenelle, é como ir para a cama depois de um dia muito longo e cansativo. Além disso, para uma mente bem organizada, a morte é apenas a próxima grande aventura. Sabes, Harry, a Pedra não era uma coisa tão boa como parecia à primeira vista. Toda a vida e o dinheiro que se possa querer!!! As duas coisas que a maior parte dos seres humanos escolheria acima de tudo... o problema é que os seres humanos têm tendência para escolher sempre o que é pior para eles.

Harry ficou a olhá-lo, sem palavras. Dumbledore fez uma pausa e sorriu para o tecto.

— Professor — disse Harry —, eu estive a pensar... mesmo que a Pedra

tenha desaparecido, o Vol... quer dizer o Quem-Nós-Sabemos...

— Chama-lhe Voldemort, Harry. Usa sempre o verdadeiro nome das coisas. Recear um nome aumenta o medo que se tem dele.

— Sim, professor. Bem, o Voldemort vai com certeza tentar outras maneiras de voltar. Não vai? Quero dizer, ele não desapareceu, pois não?

— Não, Harry. Não desapareceu. Ainda anda por aí, algures, provavelmente em busca de outro corpo para partilhar. Não estando verdadeiramente vivo, não pode ser morto. Deixou o Quirrell morrer, o que prova que a sua falta de piedade é igual tanto em relação aos seus inimigos como aos seus seguidores. Ainda assim, Harry, apesar de teres conseguido apenas retardar o seu regresso ao poder, basta que exista alguém preparado para voltar a fazer-lhe frente naquilo que só aparentemente é uma guerra perdida, porque se ele for sendo afastado, uma e outra vez, pode ser que nunca mais volte ao poder.

Harry acenou com a cabeça, mas parou rapidamente porque lhe doeu. Disse: — Professor, eu gostaria de saber a verdade sobre algumas coisas... se me puder dizer.

— A verdade — suspirou Dumbledore — é bela e terrível e deverá por isso ser tratada com grande cuidado. Contudo, vou responder às tuas perguntas. A não ser, claro, que tenha um bom motivo para não o fazer e, nesse caso, peço-te que me desculpes mas, como é natural, não mentirei.

— Bem, o Voldemort disse que só matou a minha mãe porque ela tentou impedi-lo de me matar. Mas por que queria ele matar-me a mim?

Dumbledore suspirou bem fundo.

— Ai! À primeira pergunta que me fazes, não posso responder. Nem hoje nem agora. Saberás um dia... esquece isso para já, Harry, quando fores mais velho... sei que detestas esta frase... quando estiveres preparado, saberás.

E Harry percebeu que não valia a pena insistir.

— Mas por que não podia o Quirrell tocar-me?

— A tua mãe morreu para te salvar. Se há alguma coisa que o Voldemort não consegue entender é o amor. Ele não compreendeu que um amor tão poderoso como o que a tua mãe tinha por ti deixa a sua própria marca. Não uma cicatriz, não um sinal visível. Ter sido amado com uma tal profundidade, mesmo que a pessoa que nos amou tenha partido, dar-nos-á protecção durante a vida inteira. Está na tua pele. Por isso, o Quirrell, cheio de ódio, avidez e ambição, partilhando a alma com o Voldemort, não podia tocar-te. Era insuportável tocar em alguém marcado por algo tão sublime.

Dumbledore parecia agora muito interessado num pássaro no parapeito da janela, o que deu tempo a Harry para limpar os olhos ao lençol. Quando

recuperou a voz, disse: — E o Manto da Invisibilidade? Sabe quem mo terá mandado?

— Ah! O teu pai deixou-o, por acaso, à minha guarda. Pensei que gostarias certamente de ficar com ele. — Os olhos de Dumbledore brilharam. — Coisas úteis... o teu pai usou-o muitas vezes para se escapular até às cozinhas e roubar comida, quando estava aqui.

— E ainda há outra coisa...

— Dispara!

— O Quirrell disse que o Snape...

— O professor Snape, Harry.

— Sim, ele. O Quirrell disse que ele me detesta, porque detestava o meu pai. É verdade?

— Bem, de certo modo detestavam-se mutuamente. Um pouco como tu e o Malfoy. Até que um dia o teu pai fez algo que o Snape nunca lhe perdoou.

— O quê?

— Salvou-lhe a vida.

— Como?

— Sim — disse Dumbledore com ar sonhador. — É estranho como a mente das pessoas funciona, não é? O professor Snape não suportava estar em dívida para com o teu pai. Penso que ele se esforçou tanto este ano para te proteger porque sentiu que desse modo saldaria a dívida e ficariam quites. A partir de então, poderia voltar a detestar em paz a memória do teu pai.

Harry tentou compreender, mas sentiu que aquele raciocínio lhe dava um nó na cabeça. Por isso desistiu.

— E, professor, há mais uma coisa!

— Só uma?

— Como é que a Pedra passou do espelho para mim?

— Ah! Ainda bem que fazes a pergunta. Essa foi uma das minhas ideias mais brilhantes. E, aqui entre nós, não têm sido poucas. Vê bem, só alguém que desejasse encontrar a Pedra, encontrá-la mas não utilizá-la, poderia consegui-la. Caso contrário, ver-se-iam a fabricar ouro ou a beber o Elixir da Vida. A capacidade do meu cérebro, às vezes, até a mim me surpreende! Agora chega de perguntas. Sugiro que comeces a provar alguns destes doces. Ah! Os Feijões de Todos os Sabores da Bertie Bott! Eu tive a infelicidade, na minha juventude, de provar um com sabor a vomitado e, desde então, perdi toda a atracção por eles, mas julgo que não há perigo num caramelo...

Sorriu e meteu na boca um feijão castanho-dourado. A seguir estremeceu

e disse: — Ai! Cera de ouvido!

Madame Pomfrey, a directora da enfermaria, era uma mulher simpática, mas muito severa.

— Só cinco minutos — suplicou Harry.

— De modo algum.

— Deixou o professor Dumbledore entrar...

— Claro. É o director da escola. Não achas que há uma diferença? Tu precisas de repousar.

— Eu estou a descansar, veja, deitado e tudo. Vá lá, Madame Pomfrey...

— Bem, está bem, mas *só* cinco minutos.

E mandou entrar Ron e Hermione.

— Harry!

Hermione preparava-se para lhe lançar de novo os braços ao pescoço, mas Harry ficou aliviado por ela se ter dominado, pois tinha ainda a cabeça muito dorida.

— Oh! Harry, pensámos que tu ias... o Dumbledore estava tão preocupado...

— Toda a escola fala de ti — informou-o Ron. — O que é que aconteceu, afinal?

Era uma das raras ocasiões em que a história verdadeira era ainda mais estranha e excitante do que os boatos. Harry contou-lhes tudo: Quirrell, o espelho, a Pedra e Voldemort. Ron e Hermione eram uma audiência imbatível. Entusiasmavam-se sempre nos momentos certos. Quando Harry lhes contou o que estava debaixo do turbante de Quirrell, Hermione deu um grito agudo.

— Então, a Pedra já não existe? — disse por fim Ron. — O Flamel vai morrer?

— Foi o que eu disse, mas o Dumbledore pensa que... como é?... *Para uma mente bem organizada, a morte é apenas a próxima grande aventura.*

— Eu sempre disse que ele não batia bem da bola — afirmou Ron, parecendo bastante espantado com o nível de loucura do seu herói.

— E vocês os dois, o que vos aconteceu? — perguntou Harry.

— Bem, eu voltei sem problemas — disse Hermione. — Trouxe o Ron comigo, o que demorou um bocado e estávamos a chegar à Torre das Corujas para entrar em contacto com o Dumbledore, quando o avistámos a entrar no *Hall*. Ele já sabia. Limitou-se a dizer: «O Harry foi atrás dele, não foi?» e partiu como uma flecha para o terceiro andar.

— Achas que ele queria que tu fizesses aquilo? — perguntou Ron. — Mandando-te o Manto do teu pai e tudo o resto?

— Bem — explodiu Hermione —, se assim sucedeu, foi terrível, porque podias ter morrido.

— Não, não foi terrível — disse Harry, pensativo. — O Dumbledore é um homem estranho. Acho que queria, de certo modo, dar-me uma oportunidade. Ele sabe mais ou menos tudo o que se passa na escola. Quanto a mim, ele calculava que íamos tentar e, em vez de nos deter, ensinou-nos o suficiente para podermos tornar-nos úteis. Julgo que não foi por acaso que me deixou descobrir como funcionava o Espelho dos Invisíveis. Foi como se achasse que eu tinha o direito de enfrentar o Voldemort, se conseguisse...

— Sim, o Dumbledore tem aquela fachada, mas é sensacional — disse Ron, orgulhoso.

— Ouve, tu tens de estar fora daqui para a festa de final do ano lectivo, amanhã. Os pontos foram todos concedidos e os Slytherin ganharam, claro... não foste ao último jogo de Quidditch; sem ti, fomos cilindrados pelos Ravenclaw; além disso, a comida vai ser ótima.

Nesse momento, Madame Pomfrey entrou.

— Vocês estiveram a conversar durante quase quinze minutos. Agora, RUA! — disse com toda a firmeza.

Depois de uma noite bem dormida, Harry sentia-se quase como novo.

— Quero ir à festa — disse a Madame Pomfrey, quando ela punha em ordem as suas várias caixas de doces. — Posso ir, não posso?

— O professor Dumbledore disse-me que te desse alta para ires à festa — afirmou displicentemente como se, na sua opinião, o professor Dumbledore não tivesse consciência da gravidade da situação. — E tens outra visita.

— Ótimo. Quem é?

Hagrid entrou timidamente, mal ele falou. Como sempre, quando estava dentro de casa, parecia maior do que habitualmente. Sentou-se junto de Harry, olhou para ele e desfez-se em lágrimas.

— É tudo culpa minha! — soluçou com o rosto entre as mãos. — Eu diss'ó feiticeiro negro como passar p'lo *Fluffy*. Eu disse-lhe. Era a única coisa qu'ele não sabia e eu disse-lhe. Tu podias ter morrido. Tudo por um ovo de dragão. Nunca mais beb'em tod'a minha vida. Eu devia ser expulso e mandado viver com'um Muggle!

— Hagrid! — disse Harry, chocado ao vê-lo a tremer de culpa e remorsos, com enormes lágrimas a rolarem-lhe pela cara e perdendo-se no emaranhado da barba. — Hagrid, ele teria descoberto de outro modo. É do Voldemort que estamos a falar. Ele descobriria mesmo que tu não lhe

tivesses contado.

— Tu podias ter morrido! — soluçou Hagrid. — E não digas o nome.

— VOLDEMORT! — bramiu Harry e Hagrid ficou tão assustado que parou de chorar. — Eu falei com ele e digo o nome dele. Por favor, anima-te, Hagrid, salvámos a Pedra. Já não existe e ele não pode utilizá-la. Come um Sapo de Chocolate, tenho aqui imensos...

Hagrid limpou o nariz com as costas da mão e disse: — Já me esquecia, trouxe-t'um presente.

— Não é uma sandes de doninha, espero! — disse Harry, ansioso, e, por fim, lá conseguiu que Hagrid desse um risinho abafado.

— Ná! O Dumbledore deu-me folga, ontem, p'ra eu poder consertá-lo. É claro que, em vez disso, ele devia era ter-me despedido, de qualquer modo aqui está!

Parecia um bonito livro encadernado. Harry abriu-o, dominado pela curiosidade. Estava cheio de fotografias de feiticeiros. E a sorrirem e a acenarem-lhe em todas as páginas estavam a sua mãe e o seu pai.

— Enviei corujas p'ra todos os antigos amigos dos teus pais a pedir-lhes fotografias... sabia que tu não tinhas nenhuma... Gostas?

Harry não conseguia falar, mas Hagrid compreendeu.

Nessa noite, Harry desceu para a festa do final de ano lectivo sozinho. Atrasara-se devido à preocupação de Madame Pomfrey, que insistira em observá-lo de novo, por isso, quando chegou, o Salão Nobre já estava cheio. Decoravam-no as cores dos Slytherin — verde e prateado —, para comemorar a vitória da Taça pelo sétimo ano consecutivo. Uma enorme bandeira que exibia a serpente dos Slytherin cobria toda a parede por detrás da mesa principal.

Quando Harry entrou, fez-se um momento de silêncio e, em seguida, começaram todos a falar muito alto e ao mesmo tempo. Ele sentou-se na mesa dos Gryffindor, entre Ron e Hermione, e tentou ignorar as pessoas que se tinham levantado para o observar melhor.

Felizmente, Dumbledore chegou e a confusão cessou imediatamente.

— Mais um ano que passou! — observou Dumbledore, alegremente. — E tenho de vos incomodar com o discurso de um velho, antes de poderem ferrar o dente neste banquete delicioso. Que ano que foi este! Espero que as vossas cabeças estejam um pouco mais cheias do que no princípio... têm todo o Verão à vossa frente para as esvaziar antes do início do próximo ano...

«Agora, segundo creio, a Taça precisa de ser entregue e a situação em relação a pontos é a seguinte: em quarto lugar estão os Gryffindor, com

trezentos e doze pontos; em terceiro, os Hufflepuff, com trezentos e cinquenta e dois; os Ravenclaw têm quatrocentos e vinte seis e os Slytherin, quatrocentos e setenta e dois.»

Uma tempestade de aplausos e vivas estoirou na mesa dos Slytherin. Harry viu Draco Malfoy bater com uma caneca de metal na mesa. Era nojento.

— Sim senhor, muito bem, Slytherin — disse Dumbledore. — Contudo, sou obrigado a levar em conta alguns acontecimentos recentes.

O Salão ficou em silêncio e os sorrisos dos Slytherin apagaram-se um pouco.

— Bem! — disse Dumbledore. — Tenho mais alguns pontos para conceder. Vejamos... — Primeiro, ao Ronald Weasley...

Ron corou até à raiz dos cabelos e ficou vermelho como um pimentão.

— ... pelo jogo de xadrez levado a cabo com mais inteligência desde há muitos anos em Hogwarts, concedo aos Gryffindor cinquenta pontos.

Os aplausos dos Gryffindor quase fizeram oscilar o céu enfeitado. As estrelas, lá em cima, pareciam estremecer. Ouviu-se a voz de Percy a dizer aos outros prefeitos: — É o meu irmão. O meu irmão mais novo. Venceu o jogo de xadrez gigante da McGonagall!

— Segundo, à Hermione Granger, pelo uso da lógica fria entre dois fogos, concedo à equipa dos Gryffindor cinquenta pontos.

Hermione enterrou a cabeça nos braços. Harry teve sérias suspeitas de que ela se lavara em lágrimas. Os Gryffindor não cabiam em si de contentes. Estavam com cem pontos a mais.

— Terceiro, ao Harry Potter — disse Dumbledore.

A sala caiu num silêncio sepulcral. — Por verdadeira fibra e inultrapassável coragem, concedo aos Gryffindor sessenta pontos.

A algazarra foi ensurdecadora. Os que conseguiam fazer as contas rapidamente, enquanto gritavam, sabiam que os Gryffindor tinham agora quatrocentos e setenta e dois pontos — exactamente o mesmo que os Slytherin. Estavam empatados; se ao menos o Dumbledore tivesse dado a Harry mais um ponto que fosse.

Dumbledore levantou a mão. A sala foi-se acalmando progressivamente.

— Existem muitos tipos de coragem — afirmou Dumbledore a sorrir. — É necessária muita fibra para enfrentar os nossos inimigos, mas não é preciso menos para fazermos frente aos nossos amigos. Por isso, concedo dez pontos ao Neville Longbottom.

Quem estivesse fora do Salão Nobre pensaria, sem dúvida, que uma bomba acabara de rebentar, tão ensurdecador era o barulho que emergiu da mesa dos Gryffindor.

Harry, Ron e Hermione puseram-se de pé a aplaudir. Entretanto, Neville, que empalidecera com o choque, desaparecera debaixo de um monte de pessoas que não paravam de o abraçar. Nunca antes daquele dia tinha ganho um único ponto para os Gryffindor. Harry, ainda a aplaudir, deu uma palmada nas costas de Ron e apontou para Malfoy, que estava tão rígido e horrorizado que parecia que lhe tinham feito o feitiço da *Ligadura Total do Corpo*.

— O que significa — continuou Dumbledore, sobrepondo a voz à maré de aplausos, pois até os Hufflepuff e os Ravenclaw estavam felizes com a queda dos Slytherin — que precisamos de uma mudançazinha de decoração.

Bateu palmas e, num instante, nos estandartes, o verde tornou-se vermelho-escarlate e o prateado transformou-se em ouro. A enorme serpente desapareceu e um gigantesco leão tomou o seu lugar. Snape apertava a mão da professora McGonagall com um sorriso incrivelmente forçado. O seu olhar cruzou-se com o de Harry e este soube de imediato que os sentimentos do professor em relação a ele não tinham mudado um milímetro, o que não lhe causou a menor preocupação.

Parecia que a vida tinha voltado à normalidade e que o próximo ano seria tão normal quanto possível em Hogwarts.

Foi a noite mais feliz da vida de Harry. Melhor do que quando ganhara o jogo de Quidditch, melhor do que a noite de Natal ou que a vitória sobre o *troll* da montanha... nunca, nunca mais esqueceria aquela noite.

O que Harry tinha esquecido com tudo aquilo era que os resultados dos exames estavam ainda para vir. E vieram mesmo. Para grande surpresa de ambos, tanto ele como Ron passaram com boas notas. Hermione, claro, foi a número um. Até Neville se safou. A sua boa nota em Herbologia compensou a péssima nota que tivera em Poções. Todos eles acalentavam a vaga esperança de que Goyle, que era quase tão estúpido como mau, fosse posto fora, mas ele também passou. Foi pena mas, como disse Ron, «Não se pode ter tudo na vida.»

E, de um momento para o outro, todos os guarda-fatos ficaram vazios, todas as malas feitas, o sapo de Neville foi encontrado a um canto de uma das casas de banho, foram entregues a todos os alunos documentos, avisando-os de que não era permitido usar magia nas férias («Estou sempre à espera de que se esqueçam de nos entregar este papel», confessou Fred Weasley, desconsolado), Hagrid esperava-os para os conduzir ao pequeno cais dos barcos que atravessavam o lago para depois tomarem o Expresso de Hogwarts. Embarcaram e partiram, a rir e conversar, enquanto os

campos se iam tornando mais verdejantes e bem tratados, comendo os Feijões de Todos os Sabores da Bertie Bott, à medida que se aproximavam das cidades dos Muggles. Por fim, trocaram as suas vestes de feiticeiros por casacos e sobretudos e chegaram à plataforma nove e três quartos em King's Cross.

Demorou algum tempo até saírem todos da plataforma. Um velho guarda enrugado estava junto da barreira dos bilhetes, dando-lhes passagem para a cancela, a dois e três de cada vez, para não chamarem a atenção nem assustarem os Muggles como sucederia se saíssem todos, ao mesmo tempo, de dentro de uma parede sólida.

— Tens de vir passar uns dias connosco este Verão — disse Ron. — Vocês os dois... eu mando-vos uma coruja.

— Obrigado — disse Harry. — Preciso de ter algum objectivo agradável em que pensar.

As pessoas empurravam-nos, enquanto eles avançavam para a entrada no mundo dos Muggles. Algumas gritavam:

— Adeus, Harry!

— Até à vista, Potter!

— Sempre famoso — disse Ron a sorrir.

— Não no lugar para onde vou, posso garantir-te — respondeu-lhe Harry.

Ele, Ron e Hermione passaram juntos cá para fora.

— Lá está ele, mãe, lá está ele, olha!

Era Ginny Weasley, a irmã mais nova de Ron, mas não era para o irmão que ela apontava.

— Harry Potter — gritou ela. — Olha, mãe, estou a vê-lo!

— Está quieta, Ginny, é má educação apontar com o dedo.

Mrs. Weasley sorriu-lhes.

— Um ano difícil? — perguntou.

— Muito — confirmou Harry. — Obrigado pelo doce e pela camisola, Mrs. Weasley.

— Oh! Isso não foi nada, filho.

— Estás pronto, ou não?

Era o tio Vernon com o mesmo rosto congestionado, o mesmo bigode, o mesmo ar maldisposto perante a lata de Harry de lhe aparecer com aquela coruja dentro da gaiola numa estação cheia de gente normal. Atrás dele estavam a tia Petúnia e Dudley, que olhava horrorizado para o primo.

— Devem ser os familiares do Harry — observou Mrs. Weasley.

— De certo modo — respondeu o tio Vernon. — Despacha-te, rapaz, não temos o dia todo para estar aqui. — E afastou-se.

Harry voltou atrás para se despedir de Ron e de Hermione.

— Vejo-vos durante o Verão, espero!

— Hã... umas boas férias — desejou-lhe Hermione, olhando com sérias dúvidas para o tio Vernon, chocada por ter conhecido um sujeito tão antipático.

— Oh! Vou ter sim! — E ambos ficaram surpreendidos com o sorriso que se lhe espelhou no rosto. — Eles não sabem que eu estou impedido de usar magia lá em casa. Algo me diz que vou divertir-me bastante à custa do Dudley este Verão...

Notas de rodapé

1. Festividade que comemora o ataque ao Parlamento por um grupo de católicos liderados por Guy Fawkes. É costume queimar-se um boneco (um «Guy») em grandes fogueiras na noite de 5 de Novembro. (NR)
2. *Trifle* — bolo com fruta e gelatina coberto de natas ou creme de leite. (NR)
3. *Rice pudding* — doce tradicional com arroz e leite cozinhado no forno. (NR)
4. Jogo inglês semelhante ao basebol. (NR)
5. *Crumpets* — pequeno bolo com orifícios que se come quente com manteiga. (NR)
6. *Marshmallows* — doce branco ou cor-de-rosa que se assa directamente no fogo. (NR)
7. *Fudge* — doce cremoso confeccionado com açúcar, leite e manteiga. (NR)
8. *Christmas pudding* — pudim tradicional do Natal contendo frutos secos que é regado com brande e servido quente. (NR)

Títulos disponíveis da série Harry Potter (por ordem de leitura):

Harry Potter e a Pedra Filosofal
Harry Potter e a Câmara dos Segredos
Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban
Harry Potter e o Cálice de Fogo
Harry Potter e a Ordem da Fênix
Harry Potter e o Príncipe Misterioso
Harry Potter e os Talismãs da Morte

Livros da Biblioteca de Hogwarts:

Monstros Fantásticos e Onde Encontrá-los
O Quidditch Através dos Tempos
Os Contos de Beedle o Bardo

Continue a ler o primeiro capítulo do próximo livro da série Harry Potter...

HARRY POTTER

e a

CÂMARA *dos*
SEGREDOS



2

J.K. ROWLING

I

O PIOR ANIVERSÁRIO

Não era a primeira vez que uma discussão estoirava à mesa do pequeno-almoço, no número 4 de Privet Drive. Mr. Vernon Dursley fora acordado de manhã cedo pelo piar ruidoso que vinha do quarto do seu sobrinho Harry.

— É a terceira vez esta semana! — resmungou, à mesa. — Se não consegues controlar essa coruja, ela não pode ficar aqui.

Harry tentou, mais uma vez, explicar.

— Ela está aborrecida. Estava habituada a voar livremente lá fora. Se eu pudesse, ao menos, soltá-la à noite...

— Achas-me com cara de idiota? — perguntou rispidamente o tio Vernon, com um fio de ovo preso no bigode farfalhado. — Sei muito bem o que aconteceria, se essa coruja fosse lá para fora.

Trocou um olhar soturno com a mulher, a tia Petúnia.

Harry tentou contra-argumentar, mas as suas palavras foram abafadas por um enorme arroto do filho dos Dursleys, Dudley.

— Quero mais *bacon*.

— Há mais na frigideira, fofinho — disse a tia Petúnia, lançando um olhar vago ao seu filho compacto. — Tens de te alimentar bem enquanto aqui estás, aquela comida da tua escola não me cheira.

— Disparate, Petúnia, eu nunca passei fome enquanto andei em Smeltings — afirmou com sinceridade o tio Vernon. — O Dudley tem que chegar. Não é verdade, filho?

Dudley, que era tão gordo que o rabo lhe saía dos dois lados da cadeira da cozinha, sorriu laconicamente e voltou-se para Harry.

— Passa-me a frigideira.

— Esqueceste-te da palavra mágica — disse Harry, irritado.

O efeito que esta simples frase teve no resto da família foi inacreditável: Dudley começou a arfar e caiu da cadeira com um estrondo que abalou a

cozinha, Mrs. Dursley deu um gritinho e bateu com as mãos na boca, Mr. Dursley pôs-se de pé com as veias das têmporas dilatadas.

— Eu queria dizer «por favor» — explicou Harry rapidamente. — Não me referia a...

— O QUE É QUE EU TE DISSE — vociferou o tio, espalhando perdigotos sobre a mesa — SOBRE PRONUNCIAR A PALAVRA M. NESTA CASA?

— Mas eu...

— COMO TE ATREVES A AMEAÇAR O DUDLEY? — rosnou o tio Vernon, batendo com o punho na mesa.

— Eu só...

— ESTÁS AVISADO. NÃO VOU ADMITIR REFERÊNCIAS À TUA ANORMALIDADE DEBAIXO DO MEU TECTO!

Harry olhou alternadamente para o rosto congestionado do tio e para a palidez da tia, que tentava pôr Dudley de pé.

— Está bem — disse Harry. — Está bem...

O tio Vernon voltou a sentar-se, respirando como um rinoceronte exausto e observando Harry de perto pelo canto dos seus olhos pequeninos e penetrantes.

Desde que Harry regressara para as férias de Verão que o tio Vernon o tratava como se ele fosse uma bomba, capaz de explodir a qualquer momento, porque Harry não era um rapazinho normal. Na verdade, ele era o menos normal que é possível imaginar.

Harry Potter era um feiticeiro, um feiticeiro que acabara de concluir o primeiro ano na Escola de Magia e Feitiçaria de Hogwarts e a infelicidade que os Dursleys sentiam por ele estar lá em casa não era nada comparada com a de Harry.

As saudades de Hogwarts eram tão intensas que se assemelhavam a uma constante dor no estômago. Sentia a falta do castelo com as suas passagens secretas e os seus fantasmas, das aulas (com exceção talvez das de Snape, o professor de Poções), do correio a chegar trazido pelas corujas, dos banquetes no Salão Nobre, das noites nas camas de dossel no dormitório da torre, das visitas a Hagrid, o guarda dos campos na sua casinha no bosque, junto da Floresta Proibida e, principalmente, sentia a falta do Quidditch, o desporto mais popular do mundo dos feiticeiros (seis postes para marcação de golos, quatro bolas voadoras e catorze jogadores montados em vassouras).

Todos os livros de feitiços de Harry, assim como a varinha, os mantos, o caldeirão e a vassoura topo de gama *Nimbus Dois Mil* tinham sido encerrados pelo tio Vernon no armário que ficava debaixo das escadas, no momento em que Harry regressara a casa. O que é que lhes interessava se

ele perdia ou não o seu lugar na equipa de Quidditch por não ter praticado durante todo o Verão? Que importância tinha para eles que Harry voltasse à escola sem ter podido fazer os trabalhos de casa? Os Dursleys eram daqueles a quem os feiticeiros chamam «Muggles» (nem uma gota de sangue mágico nas veias) e, para eles, ter um feiticeiro na família era motivo de grande vergonha. O tio Vernon tinha, inclusivamente, fechado a cadeado a coruja de Harry, *Hedwig*, dentro da gaiola, para evitar que ela transportasse mensagens para a gente do mundo da feitiçaria.

Harry não se parecia em nada com o resto da família. O tio Vernon era atarracado e sem pescoço, dotado de um enorme bigode preto; a tia Petúnia tinha um rosto cavalaresco e era esquelética; Dudley era loiro e rosado como um porquinho. Harry, pelo contrário, era baixo e franzino, com os olhos verdes brilhantes e cabelo negro sempre desalinhado. Usava uns óculos redondos e tinha na testa uma cicatriz em forma de raio.

Era essa cicatriz que o tornava tão invulgar, mesmo para um feiticeiro. Era a única alusão ao seu passado misterioso, ao motivo pelo qual, onze anos antes, tinha sido deixado no degrau da porta dos Dursleys.

Com um ano de idade, Harry sobrevivera a uma maldição do maior feiticeiro negro de todos os tempos, Lord Voldemort, cujo nome a maior parte dos feiticeiros e feiticeiras ainda receava pronunciar. Os pais de Harry tinham morrido num ataque de Voldemort, mas ele escapara com a sua cicatriz em forma de raio e, estranhamente, sem que ninguém compreendesse porquê, os poderes de Voldemort tinham sido destruídos no momento em que não fora capaz de matar Harry.

Por isso, este foi criado pela irmã da sua falecida mãe e pelo respectivo marido. Passou dez anos com os Dursleys, sem nunca compreender por que fazia com que acontecessem coisas estranhas, alheias à sua vontade, acreditando na história dos Dursleys de que aquela cicatriz fora resultado de um acidente de automóvel em que os seus pais tinham morrido.

E um dia, precisamente um ano antes, Hogwarts escrevera-lhe e fora então que tudo começara. Harry fora ocupar o seu lugar na escola de feitiçaria, onde ele e a sua cicatriz eram famosos... mas agora o ano escolar chegara ao fim e estava de novo com os Dursleys. Durante o Verão, voltara a ser tratado como um cão malcheiroso.

Os Dursleys nem se tinham lembrado de que aquele era o dia do seu décimo segundo aniversário. É claro que não tivera grandes expectativas: eles nunca lhe tinham dado um presente a sério, muito menos um bolo, pelo contrário, ignoravam-no por completo...

Nesse momento, o tio Vernon pigarreou com um ar importante e disse: — Como todos sabem, hoje é um dia muito importante.

Harry olhou para ele, mal conseguindo acreditar.

— Pode bem ser que eu faça hoje o maior negócio de toda a minha vida — afirmou.

Harry voltou novamente a atenção para a torrada. É claro, pensou amargamente, o tio Vernon referia-se àquele estúpido jantar. Havia quinze dias que não falava de outra coisa. Um construtor qualquer cheio de massa e a mulher iam jantar lá a casa e o tio Vernon tinha esperança de conseguir uma grande encomenda (a empresa do tio Vernon fabricava brocas).

— Acho que devíamos recapitular mais uma vez — disse o tio Vernon. — Devemos estar todos a postos às oito horas em ponto. Petúnia, tu vais estar...?

— No salão — respondeu a tia Petúnia prontamente —, à espera para lhes dar as boas-vindas a nossa casa.

— Bom, bom. E o Dudley?

— Eu vou estar à espera para abrir a porta. — Dudley esboçou um sorriso falso e afectado. — Dão-me licença que vos guarde os casacos, Mr. e Mrs. Mason?

— Eles vão adorá-lo! — exclamou arrebatadamente a tia Petúnia.

— Excelente, Dudley — disse o tio Vernon. A seguir voltou-se para Harry. — E tu?

— Eu vou ficar no meu quarto, sem fazer barulho e fingindo que não estou lá — repetiu o Harry, de forma inexpressiva.

— Exactamente — confirmou o tio Vernon, de um modo desagradável.

— Eu conduzo-os até ao salão, apresento-te, Petúnia, e sirvo-lhes as bebidas. Às oito e um quarto...

— Eu chamo para a mesa — completou a tia Petúnia.

— E tu, Dudley, vais dizer...

— Dá-me licença que lhe indique a casa de jantar, Mrs. Mason? — repetiu Dudley, oferecendo o seu braço gordo a uma mulher invisível.

— O meu pequenino cavalheiro — fungou a tia Petúnia.

— E tu? — perguntou o tio Vernon a Harry, no mesmo tom desagradável.

— Eu vou ficar no meu quarto, sem fazer barulho, fingindo que não estou lá — respondeu Harry, aborrecido.

— Isso mesmo. Agora, devíamos ter preparadas algumas frases amáveis para o jantar. Petúnia, alguma ideia?

— O Vernon disse-me que o senhor é um excelente jogador de golfe, Mr. Mason... Tem de me dizer onde comprou esse vestido, Mrs. Mason...

— Perfeito. Dudley?

— Que tal: Tivemos de fazer um trabalho para a escola sobre o nosso

herói e eu escrevi sobre o senhor...

Foi de mais, tanto para a tia Petúnia como para Harry. A tia debulhou-se em lágrimas e abraçou o filho, enquanto Harry se esgueirava para debaixo da mesa para ninguém o ver rir.

— E tu, rapaz?

Harry fez um esforço para se mostrar inexpressivo quando emergiu. — Eu vou ficar no meu quarto, sem fazer barulho e fingindo que não estou lá — disse.

— Vais, sim senhor — afirmou o tio Vernon energicamente. — Os Mason não sabem nada a teu respeito e é assim que as coisas vão continuar. Quando o jantar terminar, tu trazes Mrs. Mason para o salão, onde vamos tomar café, Petúnia, e eu puxo o assunto das brocas. Com um pouco de sorte, tenho o contrato assinado antes do noticiário das dez. Amanhã por esta hora, vamos estar à procura de uma casa de férias em Maiorca.

Harry não conseguia sentir o menor entusiasmo com aquilo. Não lhe parecia que os Dursleys gostassem mais dele em Maiorca do que em Privet Drive.

— Certo, eu vou à cidade buscar o meu *smoking* e o do Dudley. E tu — resmungou, apontando para Harry — não atrapalhes a tua tia enquanto ela estiver a limpar.

Harry saiu pela porta das traseiras. Estava um lindo dia de sol. Atravessou o relvado, deixou-se cair no banco do jardim e cantarolou baixinho: — Parabéns para mim... parabéns para mim...

Nem cartas nem presentes e tinha de passar a noite a fingir que não existia. Olhou, infeliz, para a sebe.

Nunca se sentira tão só. Mais do que tudo no mundo, mais do que de Hogwarts, mais até do que do jogo de Quidditch, Harry sentia a falta dos amigos Ron Weasley e Hermione Granger, mas eles não pareciam sentir a falta dele. Nenhum dos dois lhe escrevera durante todo o Verão apesar de Ron ter dito que ia convidá-lo para passar uns dias lá em casa.

Inúmeras vezes, Harry estivera quase a libertar magicamente *Hedwig* da sua gaiola e mandá-la levar uma carta a Ron e a Hermione, mas não valia a pena correr o risco. Os feiticeiros menores de idade não tinham autorização para usar magia fora da escola. Harry não contara isto aos Dursleys, pois sabia que era o medo de que ele os transformasse a todos em baratas que os impedia de o fecharem à chave no armário debaixo das escadas, juntamente com a varinha e a vassoura. Nas primeiras semanas, Harry divertira-se a murmurar baixinho palavras sem sentido e a ver Dudley sair disparado do quarto, tão rápido quanto as suas pernas gordas lhe permitiam. Mas o silêncio prolongado de Ron e Hermione tinham-no feito sentir-se tão longe

do mundo da magia que até divertir-se à custa de Dudley perdera o interesse. E, agora, Ron e Hermione tinham-se esquecido do seu aniversário.

Quanto não daria ele por uma mensagem de Hogwarts de qualquer feiticeiro ou feiticeira! Quase ficaria satisfeito com um sinal do seu feroz inimigo, Draco Malfoy, só para ter a certeza de que tudo aquilo não fora apenas um sonho...

Não que tudo durante o ano em Hogwarts tivesse sido divertido. Mesmo no fim do último período, Harry confrontara-se nem mais nem menos do que com Lord Voldemort, em pessoa. Voldemort podia ser uma sombra do que fora em tempos, mas continuava a espalhar o terror, ainda astuto, ainda determinado a recuperar o poder. Harry escapara uma segunda vez às suas garras, mas fora por um triz e mesmo agora, algumas semanas decorridas, acordava de noite encharcado em suores frios, perguntando-se onde estaria Voldemort, relembrando o seu rosto lívido, os seus olhos completamente loucos...

Harry sentou-se subitamente, direito como um fuso, no banco do jardim. Tinha estado a olhar distraído para a sebe e a sebe estava a olhar para ele. Dois enormes olhos verdes surgiram por entre a folhagem.

Pôs-se de pé no momento em que uma voz zombeteira flutuava pelo relvado.

— Eu sei que dia é hoje — cantarolava Dudley, bamboleando-se enquanto se aproximava.

Os olhos enormes piscaram e desapareceram.

— O quê? — perguntou Harry sem afastar o olhar do lugar onde eles estavam.

— Eu sei que dia é hoje — repetiu, chegando junto dele.

— Ainda bem — disse Harry. — Aprendeste finalmente os dias da semana.

— Hoje é o dia dos teus anos — troçou Dudley. — Por que é que não recebeste nenhuma carta? Não tens amigos nesse lugar esquisito?

— É melhor não deixares a tua mãe ouvir-te falar da minha escola — disse Harry calmamente.

Dudley puxou as calças que estavam a escorregar-lhe pelo gordo rabo abaixo.

— Por que estás a olhar para a sebe? — perguntou, curioso.

— Estou a pensar nas palavras que deverei pronunciar para lhe pegar fogo — disse Harry.

Dudley recuou de imediato com um olhar de pânico na cara rechonchuda.

— Tu não p-p-odes, o pai disse que não podias fazer magia ou corria contigo daqui de casa e não tens mais nenhum lugar para onde ir, não tens amigos que te convidem...

— *Jiggery pokery!* — entoou Harry com voz firme. — *Hocus pocus... squiggly wiggly...*

— Maaaaaãe! — gritou Dudley, tropeçando nos pés, enquanto se precipitava para dentro de casa. — Maaaaãe, ele vai fazer aquela coisa!

Harry pagou duramente aquele momento de gozo.

Como não aconteceu nada de mal nem a Dudley nem à sebe, a tia Petúnia percebeu que ele não fizera magia nenhuma, mas, mesmo assim, Harry teve de se baixar quando ela lhe deu uma forte pancada na cabeça com a frigideira cheia de detergente. A seguir, distribuiu-lhe trabalho e o castigo de só voltar a comer quando tivesse acabado tudo.

Enquanto Dudley andava a flamar, olhando para o ar e comendo gelados, Harry limpou as janelas, lavou o carro, aparou a relva, adubou os canteiros, podou e regou as rosas e pintou de novo o banco do jardim. O Sol ardia lá em cima, queimando-lhe a parte de trás do pescoço. Harry sabia que não devia ter provocado Dudley, mas ele dissera precisamente aquilo que ele próprio pensava... talvez não tivesse amigos em Hogwarts.

«Deviam ver agora o famoso Harry Potter», pensou amargamente, enquanto espalhava adubo nos canteiros, as costas a doerem-lhe e o suor a escorrer-lhe pelo rosto.

Eram sete e meia da tarde quando, por fim, exausto, ouviu a tia Petúnia a chamá-lo.

— Anda para dentro e passa por cima dos jornais.

Harry entrou satisfeito na cozinha fresca, que rebrilhava. Sobre o frigorífico estava o bolo da noite: um enorme monte de natas cobertas de violetas de açúcar. A carne de porco assava no forno.

— Come depressa, os Mason devem estar a chegar! — exclamou bruscamente a tia Petúnia, apontando para duas fatias de pão e uma de queijo que estavam em cima da mesa da cozinha. Ela já tinha posto um vestido de cerimónia cor de salmão.

Harry lavou as mãos e comeu aquele triste jantar. Mal tinha terminado, a tia Petúnia tirou-lhe o prato.

— Lá para cima, rápido!

Ao passar pela porta da sala, Harry vislumbrou o tio Vernon e Dudley de *smoking* e laço. Tinha acabado de chegar ao cimo das escadas, quando a campainha da porta tocou e a cara do tio Vernon apareceu no patamar. — Lembra-te, rapaz, um ruído que seja...

Harry entrou no quarto em bicos dos pés, fechou a porta e virou-se para

se deixar cair sobre a cama.

O problema é que estava alguém lá sentado.

Título original: Harry Potter and the Philosopher's Stone

Tradução do inglês por Isabel Fraga

Revisão de texto de Isabel Nunes

Todos os direitos reservados; nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer meio, quer seja eletrónico, mecânico, fotocópia ou outro, sem a autorização prévia da editora

Esta edição digital foi publicada pela primeira vez pela Pottermore Limited em 2015

Publicado pela primeira vez em papel em Portugal em 1999 por Editorial Presença

Copyright © J.K. Rowling 1997

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 1999

Imagem da capa: Olly Moss © Pottermore Limited 2015

Harry Potter characters, names and related indicia are trademarks of and © Warner Bros. Ent.

O direito moral do autor foi reivindicado

ISBN 978-1-78110-307-4